

O CÓDIGO VERNE

O SEGREDO DOS ANUNNAKI, DA ATLANTIDA E DA
VERDADEIRA FORMA DA TERRA, REVELADO



JESÚS CEDIEL



O CÓDIGO VERNE

O segredo dos Anunnaki, Atlântida e a verdadeira forma
da Terra, revelado

JESUS CEDIEL

JCM PRODUCTIONS

Copyright © 2023 by Jesús Cediél

ISBN: 9798394837333

All rights reserved.

No portion of this book may be reproduced in any form without written permission from the publisher or author, except as permitted by U.S. copyright law.

"Não acredite em nada... mantenha-se sempre alerta à possibilidade de que o que você acredita como certo possa não ser, assim como o que você não acredita como certo possa ser... mas que essa atitude não te impeça de permanecer imóvel e te impeça de tomar decisões e ações na vida."

J. Cediél

"Diga à tua mente: não apenas estarei te observando, sem me identificar contigo... também mudarei a tua natureza para que não fiques deprimido(a) e sejas feliz."

J. Cediél

Para o meu pai e a minha mãe

J. Cediél

Contents

[NAS NOTÍCIAS](#)

[EXTRATO DE MEU DIÁRIO PESSOAL](#)

[CAPÍTULO I](#)

SOBRE MITOS E CIÊNCIA

[CAPÍTULO II](#)

O TAMANHO É IMPORTANTE

[CAPÍTULO III](#)

A HISTÓRIA COMEÇA EM SUMER: A ORIGEM DA CIVILIZAÇÃO

[CAPÍTULO IV](#)

TUDO ISSO VEIO DO CÉU

[CAPÍTULO V](#)

A ORIGEM DO SISTEMA SOLAR

[CAPÍTULO VI](#)

A MÃE DE TODAS AS CIÊNCIAS: ASTROLOGIA SUMÉRIA

[CAPÍTULO VII](#)

O SER HUMANO ENTRA EM CENA

[CAPÍTULO VIII](#)

E OS DEUSES CRIARAM O HOMEM À SUA IMAGEM E SEMELHANÇA

[CAPÍTULO IX](#)

O PARAÍSO NA TERRA E A SEGUNDA MANIPULAÇÃO GENÉTICA. PÂNICO NO ÉDEN

[CAPÍTULO X](#)

TEMPOS PRÉ-HISTÓRICOS

[CAPÍTULO XI](#)

OPERAÇÃO EXTERMÍNIO

[CAPÍTULO XII](#)

VIAGEM AO CENTRO DA TERRA. AS ÁGUAS DO DILÚVIO VIERAM DO INTERIOR DA TERRA

[CAPÍTULO XIII](#)

O MISTÉRIO DA ATLÂNTIDA DESVENDADO

[CAPÍTULO XIV](#)

EM BUSCA DA IMORTALIDADE

CAPÍTULO XV

A ERA DE AQUÁRIO: UMA CIÊNCIA MAIS MÍSTICA E UMA
RELIGIÃO MAIS CIENTÍFICA

APÊNDICE A

MATRIZ, UM MUNDO DE ILUSÃO. O CARREGADOR DE ÁGUA E
O DESPERTAR DE MAYA

APÊNDICE B

ESTAÇÃO FINAL: O SOL

APÊNDICE C

CHAVES PARA O DESPERTAR.

NAS NOTÍCIAS

NA SEGUNDA-FEIRA, 26 DE abril de 2010, a Europa Press noticiou uma conferência de imprensa com a presença do astrofísico britânico Stephen Hawking na Universidade de Potsdam. Nela, o famoso cientista apresentou uma nova série para o canal de televisão Discovery chamada In the Universe with Stephen Hawking.

Nessa série, Hawking afirma que os extraterrestres "certamente existem", embora aconselhe os humanos a evitar o contato com eles. O professor

também disse que é perfeitamente racional supor a existência de vida inteligente em outros lugares do Universo, embora ele avise que os alienígenas provavelmente invadirão a Terra para fornecer recursos e depois partirão. Em sua opinião, se os extraterrestres visitassem a Terra, o resultado seria semelhante ao da chegada de Cristóvão Colombo à América, um encontro do qual os nativos do continente americano não foram os que mais se beneficiaram.

O professor acredita que, em vez de tentar ativamente se comunicar com seres alienígenas, os humanos deveriam fazer todo o possível para evitar o contato. Em sua opinião, as pessoas só precisam olhar para si mesmas para perceber como um organismo inteligente pode se transformar em algo não muito desejável de se conhecer.

Stephen Hawking, nessas reflexões, está sugerindo possibilidades futuras com base em seu conhecimento matemático e científico atual, mas o que você pensaria se o que Hawking sugere que pode acontecer no futuro fosse algo que já aconteceu no passado da história humana?

Bem, essa possível incursão de alienígenas na Terra para fornecer recursos e depois partir, com um resultado para seus habitantes semelhante ao que aconteceu com os aborígenes americanos quando Colombo descobriu o novo continente, foi exatamente o que aconteceu nos tempos antigos.

Bem-vindo ao CÓDIGO VERNE...

EXTRATO DE MEU DIÁRIO PESSOAL

Há vários dias estou ausente do que se tornou meu compromisso habitual de fim de dia com meu diário, mas devo dizer que, desta vez, minha ausência é mais do que justificada em decorrência dos eventos que se desenrolaram nos últimos dias e que descreverei agora.

Na quarta-feira de manhã, levantei-me um pouco mais cedo do que o normal, pois estava enfrentando uma viagem de certa magnitude.

Apressadamente, fiz uma pequena mala de mão com roupas esportivas e uma muda de roupa íntima, além dos meus itens de higiene pessoal habituais. Às 8 horas da manhã, já estava ao volante. Uma paisagem com pouca vegetação me acompanhou durante quase toda a viagem. Com o passar do tempo, a vegetação esparsa deu lugar a uma ausência total de vegetação. Por mais de uma hora, dirigi por estradas solitárias no cenário desértico das encostas sul da cordilheira de Alto Rey.

Finalmente, cheguei a um lugar onde a estrada asfaltada não existia mais. A paisagem era pontilhada por prédios em ruínas, os restos das instalações de mineração que um dia fizeram da região uma área próspera. Reconheci o galpão de ferramentas que marcou o início de minha jornada a pé. Estacionei o carro sob um alpendre improvisado, ao lado de uma pequena carroça velha e enferrujada, uma lembrança de tempos passados. Peguei um caminho de areia e, depois de mais ou menos cem metros, outro que levava à direita, até o desfiladeiro do rio, que atravesssei caminhando ao lado de algumas belas cercas de pedra, projetadas para o gado. Nesse ponto, o caminho se transformou em uma trilha e exigia calçados adequados. Felizmente, eu tinha minhas botas de caminhada comigo.

Por cerca de três quartos de hora, subi por pequenas trilhas que, em algumas seções, não existiam. À medida que subia, a paisagem do vale ao fundo era vista em toda a sua beleza. Essa visão de águia só aumentou a sensação sublime de que a experiência que estava por vir seria especial.

De repente, camuflado entre a paisagem rochosa, apareceu um prédio de tamanho médio. Era o local combinado onde Don Joaquín estava me esperando. Fui até a porta da casa e, usando a aldrava circular de bronze, bati com força no portão. Não se passaram mais de 15 segundos quando uma senhora de certa idade, que chamarei de Ofelia, abriu a porta e, com um olhar imperturbável e um aceno de mão, indicou-me que entrasse.

- Espere um pouco, Don Joaquín logo estará com você.

Poderíamos definir Don Joaquín como um ser muito especial que alternava o trabalho de cultivar sua terra com sua faceta de curandeiro e mestre espiritual. O contato me foi dado pelo Marquês de Braciél durante minha

última visita ao seu escritório na Plaza de los Cubos, em Madri. O Marquês é um conhecido espiritualista e vidente no mundo esotérico de Madri e dizem que colabora com a polícia em alguns casos de desaparecimento. Foi ele quem me propôs essa experiência. Suas palavras ainda ecoam em minha mente: "Todos têm uma missão a cumprir nesta existência. Posso ver nos olhos do seu gato o que está por vir, mas não vou lhe dizer. Algumas pessoas têm a possibilidade de ver por si mesmas, e esse é o seu caso. Quando isso acontece, não devemos interferir em suas visões. Vou lhe dar um número de telefone para que você possa ligar para essa pessoa e ir falar com ela por mim. Ele sabe o que tem de fazer. Confie nele".

Meus pensamentos foram subitamente interrompidos quando um homem muito pequeno, com um olhar aguçado e um nariz aquilino, apareceu na sala. Ele se dirigiu a mim gentilmente:

- Olá, Jesus. Diego me disse que você viria hoje. As outras pessoas já estão lá dentro. Venha comigo, por favor.

Ele disse isso enquanto fazia um gesto com a mão para seguir em frente. Eu o segui. Passamos por um corredor e depois descemos algumas escadas que levavam a uma espécie de sala cujas paredes eram formadas pelas rochas da própria cadeia de montanhas.

Lá pude ver duas pessoas que estavam sentadas e que se levantaram para me cumprimentar. Devi, uma mulher de trinta e poucos anos, com um olhar fascinante e traços venusianos, cujas formas sinuosas e sensuais podiam ser adivinhadas sob aquele vestido amplo. Ela me cumprimentou com os habituais dois beijos no rosto, o que me permitiu ver seu gosto requintado na escolha de perfumes. Miguel, um homem de certa idade, mas cheio de energia, foi a outra pessoa que me cumprimentou com um aperto de mão e um murmúrio inaudível:

- Como está indo?

Depois de fazer as apresentações, Don Joaquín se dirigiu aos três, adotando um tom de certa solenidade:

- Todos vocês estão aqui por recomendação de alguém. Não é fácil estar aqui. Vocês foram escolhidos por algum motivo que ainda não conhecem... mas que lhes será revelado nestes dias.

- Há algumas regras que vocês devem respeitar como se sua vida dependesse disso. A partir deste momento e até que saiam desta casa, vocês não poderão se falar em hipótese alguma. E comigo, somente quando instruídos a fazê-lo. Nem com Ana, a mulher que os recebeu. Entendam isso como um retiro silencioso.

- Em seus quartos há um sino. Quando ele tocar, vocês deverão vir para este lugar onde estamos agora. Vocês se levantarão ao nascer do sol e realizarão um ritual especialmente projetado para absorver sua energia. Todos os dias, você caminhará uma distância de aproximadamente 20 km por essas montanhas, seguindo uma rota pela qual eu o guiarei pessoalmente. Você também terá de realizar, três vezes ao dia, exercícios de respiração que lhe mostrarei. Você também praticará três períodos de internalização psíquica todos os dias. O ritual solar matinal, você também terá de realizá-lo todos os dias ao pôr do sol. E repito, tudo isso em absoluto silêncio. Se alguém quebrar o silêncio, mesmo que seja uma única vez, será convidado a deixar o local. Não haverá retorno.

- Hoje você receberá uma dieta especial. Amanhã e depois você estará em jejum. Você pode beber a quantidade de água que desejar. No sábado, entrará em contato com o mediador.

- E agora Ophelia o levará aos seus aposentos. Em uma hora, nos encontraremos aqui. Espero que sua estadia aqui seja proveitosa.

E ele nos mostrou as escadas de volta para a casa. Os quartos eram confortáveis, mas não luxuosos, como era de se esperar em um lugar tão remoto e rústico. Depois de uma hora, voltamos ao local da reunião e Don Joaquín nos falou mais detalhadamente sobre o que iríamos fazer. Ele nos deu uma demonstração prática dos exercícios de respiração e depois fomos almoçar. À tarde, fizemos uma de nossas caminhadas diárias. Foram mais de cinco horas que tiveram um efeito calmante em nossa noite de sono.

Os dois dias seguintes continuaram com o tom que Don Joaquín havia nos indicado em nossa chegada. A atividade física foi combinada com descanso, respiração, meditação e alguns outros exercícios que levariam muito tempo para serem discutidos. A proibição de falar não impediu, mas, pelo contrário, aumentou nossos níveis de comunicação não verbal. As repetidas e intensas trocas de olhares com Devi tinham um significado profundo do qual ambos estávamos cientes. Eu era atormentado por vários pensamentos, alguns deles bastante perversos. Don Joaquín havia nos proibido de falar um com o outro, mas seria considerado uma violação das regras fazer sexo em silêncio absoluto?

Quando chegou o sábado, não só a falta de comida não me enfraqueceu, como também me senti mais forte e mais ativo, e minha percepção das coisas estava mais aguçada. As cores pareciam mais intensas e eu apreciava suas nuances com mais clareza. Minha audição e olfato também pareciam estar despertando de um longo sono. Eu podia sentir o cheiro do perfume de Devi no meu quarto, com a porta fechada, enquanto ela estava em seu quarto no outro extremo do corredor. A partir da segunda noite, pude perceber que o sono noturno estava ficando muito mais leve. Algo estava mudando.

Naquela tarde de sábado, tivemos que tomar um banho com plantas purificadoras. O vapor começou a inundar a sala e pude sentir o cheiro profundo das ervas aromáticas. Don Joaquín colocou uma lona plástica sobre o vapor, arrumou alguns bancos de madeira e, depois de ordenar que nos despíssemos, cada um de nós se acomodou dentro do recipiente de madeira, ao mesmo tempo em que a abertura superior foi fechada com uma espécie de portinhola. Era o banho de limpeza. Enquanto realizávamos os exercícios de interiorização que havíamos aprendido, nossos corpos suavam e suavam. Don Joaquín nos dizia quando deveríamos sair e quando deveríamos entrar novamente. Os minutos se transformaram em horas. Calculo que tenham se passado cerca de cinco horas quando, finalmente, Don Joaquín falou conosco:

- Agora você receberá o mediador. O mediador é um espírito da Natureza que o colocará em contato com os níveis mais elevados da consciência cósmica. Para fazer isso, embora possa parecer contraditório, ele o ajudará a

fazer uma jornada pelo seu próprio inconsciente. Tornar consciente o inconsciente, esse é o segredo. Cada um de vocês receberá as respostas certas para perguntas que nem sequer foram feitas, essa é a Lei.

- A bebida que você vai ingerir é amarga, mas intoxicante, e os efeitos serão lembrados com extrema doçura nos próximos anos. Ninguém sabe com que experiência ou visão o mediador decidirá colocá-lo em contato. Seja o que for, é exatamente o que você precisa, mesmo que não entenda a princípio. Deixe-se levar porque seu poder é grande, e resistir a ele só atrapalhará a experiência. Se sentir vontade de vomitar, use os baldes colocados em seus quartos.

- Agora, beba o que eu lhe oferecer e depois vá para o seu quarto, deixando a porta aberta, para que possa deitar na cama, relaxar e fazer os exercícios de respiração que já conhece. O resto está por vir. Eu cuidarei de seus sonhos.

As palavras enigmáticas de Don Joaquín estavam envoltas em ternura e bondade, de modo que todos nos sentimos muito seguros.

Depois de beber a mistura, fomos para nossos quartos. Nós três nos olhamos fixamente. A doçura nos olhos de Devi contrastava com o amargor da bebida que havíamos acabado de ingerir.

Prometia ser uma noite muito quente. Deitei-me na cama, completamente nu. Comecei a contar as batidas do meu coração, criando o ritmo de respiração que Dom Joaquín havia nos ensinado. Inspirei, prendi a respiração, expirei... várias e várias vezes. A percepção dos batimentos estava muito presente, mas, em algum momento, não me lembro, o batimento cardíaco deixou de ser o centro da minha atenção e comecei a ver círculos e formas geométricas, preto e branco, e piscando; depois, cores brilhantes indo da esquerda para a direita, para cima e para baixo, e girando. Depois, rostos vindo em minha direção... e então escuridão e silêncio.

De repente, uma espiral de luzes coloridas começou a dançar ao meu redor. Uma visão sem limites se abriu, toda iluminada, serena e alegre. E depois de vê-la, eu me apaixonei por ela. Senti tudo se desdobrar instantaneamente

diante de mim. Vi minha mãe falecida me olhando e sorrindo gentilmente para mim. Foi um sentimento de extrema alegria que me inundou.

Novamente rostos desconhecidos que iam e vinham. Rostos que iam e vinham... mas que pareciam os mesmos...

Inesperadamente, vi uma figura humana diante de mim. Ele tinha um rosto afável, uma testa larga com cabelos brancos desgrenhados, barba e bigode grisalhos. Sua expressão era paternal e gentil, o que me deu uma sensação de calma. Ele olhou para mim com um sorriso enigmático e paternalista.

"Você não sabe quem eu sou?", disse ele, sem mover os lábios, apenas com o olhar.

E, no entanto, ele o ouviu... embora não tenha falado.

"E então, senti que a expressão enigmática dizia: "Você me conhece, mas não se lembra. Deixe-me chegar mais perto. E pense em seu aniversário de quinze anos".

Ou seria mais correto dizer que estabelecemos uma comunicação telepática?

Meu aniversário de 15 anos? E um turbilhão de imagens vívidas começou a girar ao meu redor. Meus amigos mais queridos daquela época rindo e cantando. Presentes. Poesias. Canções. E um livro...

De repente, eu sabia quem estava diante de mim. Eu sabia com quem estava falando. Sim, era ele... inconfundível, em seu traje do século XIX. Eu tinha diante de mim o mestre da ficção científica do século XIX: Júlio Verne.

"Você é mesmo Verne?", pensei, e adivinhando meu pensamento, ele apenas balançou a cabeça afirmativamente.

Foi então que ele se aproximou e, com um aceno de mão, fez um gesto para que eu o seguisse.

O que aconteceu em seguida ainda é confuso para mim. Ouvi um som alto e intenso, semelhante ao som que os aviões fazem ao aterrissar em um aeroporto. Em seguida, senti como se estivesse cheio de luz. Ao mesmo tempo, experimentei um estado de grande paz interior, amor e gratidão. Parecia que o tempo havia parado. As cores estavam ficando cada vez mais intensas, os sons estavam ficando mais altos e havia muita luz, muita luz...

Comecei a ver imagens de planetas se movendo pelo espaço. Imagens do início dos tempos. Era como uma tela de cinema, mas em quatro dimensões. Eu estava dentro do filme, podia tocá-lo, podia vê-lo, podia sentir seu cheiro... mas não sentia medo. Eu me senti protegido pelo misterioso companheiro.

Visões incríveis se desenrolaram diante de mim. Vi planetas vivos conversando uns com os outros. Eles estavam sorrindo, gritando e brigando. Vi uma colisão furiosa entre dois deles, enquanto os demais torciam por eles. Era emocionante e real, colorido e sonoro... e, apesar da violência que emanava, estranhamente, isso me trouxe paz e tranquilidade.

Depois, comecei a ver muitas naves espaciais viajando em velocidades impossíveis.

Ouvi uma grande explosão.

Homens fugindo, com muito medo. Mulheres gritando. E atrás deles, personagens gigantes e alados com expressões ferozes.

E uma grande onda que invadiu e esmagou tudo.

E depois da tempestade, a calmaria. O sol apareceu.

Também vi um navio atracando em um porto como nunca tinha visto antes. Ele passou por uma espécie de cachoeira gigante na qual se desenhava um arco-íris de cores desconhecidas. Em seguida, o navio estava navegando em um canal ladeado por belos jardins e círculos de água. contei até sete portões no canal.

Naquele momento, percebi que o personagem misterioso que estava me guiando nessa jornada estava sorrindo para mim com cumplicidade. Eu estava começando a entender... sem precisar de palavras.

"Chegou a hora de um certo conhecimento oculto ser revelado à humanidade. Vocês foram escolhidos para iniciar sua disseminação. A era de Aquário que se aproxima trará certas mudanças revolucionárias para a sociedade como um todo. Para que essa mudança ocorra em um futuro próximo, é necessário que a sociedade saiba o que realmente aconteceu no passado, para que não viva mais em um mundo ilusório. Atualmente, as pessoas criaram um bezerro de ouro com duas cabeças: a ciência e a Internet. Elas acreditam que a ciência avançou tanto que sabem tudo sobre tudo e não têm dúvidas de que o que lhes é oferecido é autêntico. No entanto, não percebem que foram enganados. São como as crianças de Hamelin, hipnotizadas pelo som enfeitiçante da estranha música que sai da flauta do encantador, que as leva a caminhar e cantar com alegria, sem suspeitar que as espera o penhasco sobre as águas do rio Weser, onde se afogam."

Novamente fui invadido por um turbilhão de cores laranja e dourado que penetrou em meu corpo.

E pude observar seres estranhos manipulando formas semelhantes a macacos. Uma cobra lutando com um carneiro. E explosões tremendas. E gritos...

"Leia novamente o livro que lhe foi dado em seu aniversário de 15 anos. Leia as dedicatórias escritas para você por seus amigos na época. O livro o inspirará e eu estarei por trás dele, guiando sua caneta.

Você me conhece por Júlio Verne, embora eu também tenha sido conhecido por outros nomes em outras épocas e lugares. Na Grécia antiga, eu era um farol para a humanidade".

Então, vi a imagem do personagem misterioso que me acompanhava até aquele momento se desvanecer e se transformar. A barba cresceu, enquanto a testa se estreitou e o cabelo ficou mais curto e liso. O terno cinza deu

lugar a uma ampla túnica branca. E eu o vi discursando em um pátio, entre colunas dóricas, enquanto um grupo de pessoas o ouvia com atenção extasiada.

Em seguida, sua imagem desapareceu entre as colunas e a multidão. Procurei por ele em toda a praça. Havia uma multidão enorme. Procurei suas feições em cada pessoa, mas não o encontrei. Eu estava agitado porque não queria perdê-lo, mas parecia que ele havia desaparecido para nunca mais voltar.

De repente, senti uma lufada de ar fresco em minha testa e ouvi uma voz sussurrando para mim:

- Não se preocupe, tudo correu bem.

Vi Don Joaquín ao meu lado. Eu sabia que ele tinha acabado de sair da viagem.

- Você está inconsciente há mais de 12 horas", disse ele, colocando um pano úmido na minha testa.

- A tigela, como você pode ver, está completamente limpa. Você não vomitou nenhuma vez. Isso acontece muito raramente. Parabéns, você está limpo. Beba este chá que preparei e descanse um pouco.

Algumas horas depois, Dom Joaquín nos reuniu, dessa vez na varanda da casa. Lá ele nos disse suas últimas palavras e se despediu de nós:

- O que foi revelado a você pode não ter significado agora, mas garanto que terá significado quando chegar a hora. Uma vez que você tenha feito contato com o mediador, ele nunca o deixará. Desejo-lhe uma jornada pacífica de volta aos seus deveres mundanos e que a luz esteja com você.

Acabo de voltar para casa. São as primeiras horas da manhã, mas me encontro tão acordado e com uma infinidade de imagens que assaltam

minha mente. Será que todas essas imagens vívidas foram apenas fruto de minha imaginação?

Algo havia acontecido que mudou minha relação com a vida e com o universo. Eu podia sentir que fazia parte do todo. Eu entendia sem usar a razão. Sentia que existia em todos os momentos e em todos os lugares. Experimentei a unidade com tudo ao meu redor.

Além disso, sei que tenho algo a fazer. Amanhã começarei a reler o livro que ganhei de presente de aniversário de 15 anos.

CAPÍTULO I

SOBRE MITOS E CIÊNCIA

Os cientistas de hoje pensam profundamente e não claramente. É preciso ser sensato para pensar com clareza, mas é possível pensar profundamente mesmo se for insano.

Nikola Tesla (1856-1943), físico sérvio.

O DICIONÁRIO DA REAL Academia Espanhola define a palavra "mito" como uma narrativa maravilhosa que se passa fora do tempo histórico e apresenta personagens de caráter divino ou heroico. Os mitos das civilizações e culturas antigas são geralmente desprezados pelos cientistas. Para citar um exemplo bem conhecido, a existência de um Grande Dilúvio é descartada como uma mera fábula, ao mesmo tempo em que se ignora o grande número de contos existentes em todo o mundo, todos eles com uma mensagem comum: a existência de um cataclismo que praticamente varreu a humanidade da face da Terra em tempos pré-históricos. Entretanto, devemos nos perguntar: o Grande Dilúvio realmente aconteceu? E, em caso

afirmativo, existiu uma civilização antes dos tempos historicamente reconhecidos?

A tese do Dilúvio não é considerada intelectualmente correta e respeitável pela ciência oficial. Mas será que a comunidade científica está sendo imparcial e objetiva, está agindo de acordo com princípios científicos rigorosos e está fazendo tudo o que afirma fazer ao conduzir pesquisas usando o método científico?

Ao longo da história humana, a ciência tem dado mais importância às suas teorias do que aos fatos que deveriam validá-las. No entanto, são os fatos que dão origem às teorias que os explicam, e não o contrário, pois o surgimento de novos dados e fatos pode mudar as teorias que eram consideradas verdadeiras. É aí que surge o problema, pois esses novos dados são frequentemente ignorados pelos acadêmicos. A ciência chama esses fatos e dados que não corroboram a teoria oficial de "outliers" ou "evidências que não se encaixam". Michael Cremo e Richard Thomson, em seu livro *Forbidden Archaeology* (Arqueologia Proibida), nos dizem que foi exatamente isso que aconteceu com alguns dos fatos e descobertas arqueológicas dos últimos 150 anos que contradizem as teorias oficialmente aceitas pela comunidade científica mundial.

Ocorre a "filtragem do conhecimento", um processo pelo qual o pesquisador fixa sua atenção exclusivamente nos dados que são favoráveis à sua tese. Como consequência, o pesquisador só encontra os resultados e as conclusões que estão de acordo com sua tese, com a qual ele se identifica a tal ponto que perde a objetividade, ignorando os dados que são contrários à ideia ou à teoria que ele busca validar. De uma forma simples, pode-se dizer que esse pesquisador só vê o que quer ver. Essa é uma característica fundamental da natureza humana, e não podemos nos esquecer de que os cientistas são seres humanos, portanto a grande maioria tende a eliminar dados e evidências que não se encaixam no paradigma dominante em um determinado momento da história. Os arqueólogos veem na análise de suas descobertas um quadro coerente, mas essa coerência se deve ao fato de que eles descartam as pistas e descobertas que não se encaixam em seu modelo preestabelecido.

O experimentador que não sabe o que está procurando não entenderá o que encontra.

Claude Bernard (1813-1878), fisiologista francês

Isso é fácil de ver se observarmos a história da ciência de um ponto de vista retrospectivo. Sempre foi assim e o mesmo processo sempre se repetiu de forma cíclica. No início, há um paradigma ou teoria científica dominante que é aceito pela grande maioria dos cientistas ou pensadores. Posteriormente, surgem alguns pesquisadores ou pensadores que contradizem a versão oficial, amplamente aceita e estendida, o que provoca uma força reacionária por parte da comunidade contra os recém-chegados, gerando um grande desagrado para estes últimos. Com o passar do tempo, o número de defensores da nova teoria, que inicialmente eram poucos, aumentará até que, em um determinado momento, eles atinjam uma massa crítica suficiente para derrubar a teoria dominante. A despeito do que possa parecer, uma nova verdade científica não costuma se impor por convencer seus oponentes, mas sim porque esses oponentes desaparecem e são substituídos por uma nova geração de cientistas ou pensadores que simpatizam com a nova verdade desde o início até que, finalmente, ela acaba se impondo como o novo paradigma científico dominante.

Mais tarde, a história dirá que os pioneiros estavam à frente de seu tempo, mas, como se pode ver, no final, tudo se resume a uma mera questão numérica, ao número de pessoas que são a favor ou contra uma teoria, como se a busca pelo conhecimento e pela verdade pudesse ser reduzida a um mero procedimento de votação e majorias numéricas. No final, não parece que a maioria dos cientistas aja de maneira muito científica, mas sim sujeita a lutas geracionais contínuas por poder e influência.

A verdade nunca triunfa, seus oponentes simplesmente morrem.

Max Planck (1858-1947), físico alemão.

Como um dos muitos exemplos, podemos ilustrar a situação da física no final do século XIX. Naquela época, a física se orgulhava de ser uma

disciplina científica estável e madura, com apenas alguns detalhes a serem concluídos. Lord Kelvin disse em 1900: *"Não há mais nada a ser descoberto no campo da física no momento. Tudo o que está faltando são medições cada vez mais precisas"*. Cinco anos mais tarde, Albert Einstein publicou sua pesquisa sobre a relatividade especial, estabelecendo um conjunto simples de postulados que iam além da mecânica newtoniana, que havia sido usada como referência para descrever a força e o movimento nos últimos duzentos anos.

No início do século XXI, a situação nos círculos acadêmicos não mudou. Fatos e dados que contradizem o paradigma dominante não são discutidos, nem são mostrados abertamente à sociedade para debate. Chega-se à situação em que as pessoas com certa formação científica ou acadêmica nem sequer têm conhecimento desses fatos e dados, pois eles não são ensinados nas instituições educacionais oficiais. Além disso, os pesquisadores que persistem em uma linha contrária à oficial, mesmo mostrando dados incontestáveis, muitas vezes são estigmatizados e marginalizados pela comunidade acadêmica, na qual reina o pensamento único dominante, em muitos casos arruinando suas carreiras profissionais.

Como é que sendo as crianças tão inteligentes, a maioria dos adultos é tão burra? Deve ser resultado da educação.

Alexandre Dumas (filho) Dramaturgo francês (1824-1895)

Agora, ninguém deve pensar que estou falando de uma conspiração deliberada, no sentido de um grupo de pessoas que se reúne em uma sala de reuniões e decide sobre um plano estruturado para enganar as pessoas. Em vez disso, trata-se de algo não premeditado e inconsciente que acontece automaticamente na sociedade em geral e na comunidade acadêmica em particular. Essa rede de filtragem depende de mecanismos de transmissão humanos, pessoas treinadas academicamente que poderíamos descrever como "hipnotizadores hipnotizados", bem como da mídia, cuja missão inconsciente é manter o intelecto daqueles que formam a comunidade em um sono pacífico e permitir que apenas as ideias consideradas verdades sejam transmitidas, sem incentivar o despertar do livre pensador (consulte os apêndices A e C).

A essa situação de sono hipnótico coletivo, devemos acrescentar a tendência atual, cada vez mais acentuada, de especialização dos cientistas e acadêmicos, que tem como consequência uma carência cada vez mais acentuada de pesquisadores capazes de integrar as diferentes especialidades em um trabalho multidisciplinar que permita uma visão mais global e abrangente. Por esse motivo, há um número cada vez maior de cientistas que, apesar de possuírem um alto grau de erudição em uma área específica, não conseguem ver a situação como um todo. Parafraseando Danny Kaye, cantor e comediante americano, pode-se dizer que "há pesquisadores que sabem cada vez mais sobre cada vez menos, até que acabam sabendo tudo sobre nada e nada sobre tudo".

Vale mais saber alguma coisa de tudo, do que saber tudo de apenas uma coisa.

Blaise Pascal (1623-1662), cientista e filósofo francês

A visão oficial da história, adotada nos círculos acadêmicos, baseia-se na crença de que a civilização, juntamente com os seres humanos, alcançou níveis maiores de organização, harmonia e conhecimento por meio de sua evolução ao longo do tempo. De acordo com essa suposição, quanto mais recuamos no tempo histórico, maior é a desorganização e menor é o conhecimento que encontramos. No entanto, o que encontrei em minha pesquisa foi exatamente o oposto: quanto mais eu recuava à antiguidade remota, mais harmonia e conhecimento havia, o que parecia ir contra toda a lógica e desafiava os paradigmas estabelecidos da história.

Vamos dar uma olhada em alguns pequenos exemplos que corroboram o que foi dito acima. Atualmente, os livros acadêmicos retratam Nicolau Copérnico como estando à frente de seu tempo no século XVI, atribuindo a ele a descoberta de que a Terra é um planeta que gira em sua órbita ao redor do Sol. O que não é dito é que ele baseou isso no estudo de conceitos astronômicos seculares que postulavam que a Terra não era plana, mas esférica. Os mesmos escritos que Cristóvão Colombo havia estudado e usado para sua descoberta do continente americano e que se baseavam nas antigas tradições gregas e romanas. Copérnico estudou em detalhes os trabalhos dos astrônomos gregos Hiparco e Aristarco de Samos. Esse

último, já no século III a.C., explicava os movimentos dos planetas posicionando o Sol no centro e não a Terra. Hiparco de Nicéia, diretor da Biblioteca de Alexandria, no século II a.C., tinha uma compreensão perfeita do fenômeno astronômico conhecido hoje como "precessão dos equinócios", que só pode ser explicado sabendo-se que a Terra é esférica. É curioso que os astrônomos do século III a.C. tivessem um conhecimento técnico melhor do que os astrônomos do ano 400 ou 1500 d.C. Portanto, Copérnico apenas redescobriu o conceito heliocêntrico que já era conhecido pelos gregos. Mas os gregos foram os primeiros repositórios desse conhecimento ou eles também foram inspirados por fontes mais antigas?

Outro pequeno exemplo. Em 1996, a revista científica britânica Nature surpreendeu com a publicação de um artigo que descrevia um método para clonar um número ilimitado de ovelhas a partir de um único óvulo fertilizado. A ovelha Dolly havia alcançado o estrelato e a clonagem não era mais uma fantasia dos livros de ficção, mas uma alternativa científica muito real. Os próprios editores, uma semana depois, escreveram um editorial no qual discutiam a iminente revolução na biologia reprodutiva e nas tecnologias genéticas, bem como o impacto que ela teria na sociedade, e no qual diziam, entre outras coisas

O poder crescente da genética molecular nos confronta com a perspectiva futura de poder mudar a natureza de nossa espécie.

Os anais da ciência descreveram como, pela primeira vez na história da humanidade, uma equipe de cientistas liderada por Ian Wilmut e Keith Campbell alcançou um grande avanço científico com a clonagem da ovelha Dolly no Instituto Roslin. Isso é considerado um ponto de virada, pois, pela primeira vez, os cientistas tiveram controle total sobre o que estavam criando, com a técnica sendo aplicável a outros mamíferos e, assim, aproximando-se cada vez mais da clonagem humana. No entanto, eles acreditam que o desenvolvimento final só será alcançado em combinação com os avanços na engenharia genética, que permitirão que os genes sejam alterados à vontade, levando-nos totalmente à era dos animais projetados sob medida pelo projetista. Mas o que você pensaria se, como no caso de

Copérnico acima, esses cientistas também não tivessem sido os primeiros na história a conhecer e usar técnicas de clonagem e reprodução assistida?

Nos últimos quinhentos anos, a ciência vem redescobrando e reinventando conceitos antigos. Neste livro, falarei sobre todos eles, sobre a penicilina antes de Fleming, sobre as viagens aéreas antes dos irmãos Wright, sobre o mapeamento antigo e altamente preciso de lugares na Terra que acabaram de ser descobertos no século XX, sobre o genoma humano antes de Craig Venter, sobre a clonagem antes da ovelha Dolly, sobre explosões nucleares antes de Hiroshima e Nagasaki e sobre explosões nucleares antes de Hiroshima e Nagasaki, de clonagem antes da ovelha Dolly, de explosões nucleares antes de Hiroshima e Nagasaki, da busca pela imortalidade antes da Geron Corporation e de uma série de "antes de agora", muito rebuscados e inconcebíveis o suficiente para serem verdadeiros.

Há muitas perguntas e enigmas, mas nunca antes encontramos um conjunto tão rigoroso de evidências para defender suas respostas não convencionais. Infelizmente, poucos estudiosos são capazes de excluir seus preconceitos quando iniciam sua análise, e somente aqueles que não excluem nenhuma possibilidade, por mais estranha ou contraditória que possa parecer, agem de maneira genuinamente científica. O oposto disso é deixar-se levar por crenças, o que é respeitável, mas nada científico.

Escrever este livro foi certamente ousado de minha parte, mas ousar lê-lo não será menos ousado. Caro leitor, se você se sente confortável com a crença aceita de que os seres humanos evoluíram lenta e pacificamente do estado de homens das cavernas ignorantes para o homem sofisticado e moderno da grande metrópole do século XXI, este livro não é para você. Mas se, apesar da advertência, você decidir continuar a lê-lo, convido-o a pensar na possibilidade de que o mundo e sua história não sejam como lhe foi contado e a se preparar para se surpreender com o que está prestes a ler.

Lembre-se de que nas origens de cada lenda, tradição ou mito há um fato verdadeiro e real, um substrato que foi posteriormente deformado, embelezado e sublimado pela imaginação popular em um lento processo de transmissão por meio de sucessivas gerações. Desprezar as tradições antigas e o folclore popular é a maneira mais simples de nos distanciarmos de um

conhecimento que é reservado apenas àqueles que demonstram respeito suficiente por eles e que possuem a coragem necessária para empreender seu estudo sem preconceitos ou complexos. Se você for um desses últimos, sem dúvida gostará de ler as páginas a seguir. Se, por outro lado, não se sentir forte o suficiente para romper velhos padrões e abrir sua mente a tal ponto, aconselho-o a não continuar lendo este livro.

CAPÍTULO II

O TAMANHO É IMPORTANTE

Mesmo que você esteja em uma minoria de um, a verdade ainda é a verdade.

Gandhi (1869-1948), pensador hindu.

AO LONGO DE SUA existência, o ser humano sempre possuiu um sentimento inato de transcendência espiritual, uma força interior que o impele à busca do conhecimento perdido, à recuperação da unidade original com sua essência espiritual. Por meio de vários meios, como religião, ioga, filosofia ou ciência moderna, o homem tentou, com maior ou menor sucesso, encontrar um significado para sua vida e sua posição no Cosmos.

Embora sejam sistemas diferentes, o objetivo essencial de todos eles é sempre o mesmo, como pode ser visto ao analisarmos suas origens etimológicas. A palavra religião vem do latim religare, que significa "ligar novamente, unir". A palavra ioga significa "união, unir". A palavra filosofia

pode ser traduzida como "amor à sabedoria ou ao conhecimento", enquanto a palavra "ciência", etimologicamente, vem do latim *scire*, que significa "conhecimento". De uma perspectiva ampla, há um denominador comum em todos esses caminhos e, se transcendermos a linguagem e suas conotações semânticas, veremos que o homem é, afinal de contas, um buscador do conhecimento perdido.

Em pleno século 21, uma nova forma de religião está surgindo com força em todo o mundo e nas sociedades ocidentais em particular. Essa nova forma de religião, que é chamada de "ciência" ou "conhecimento científico", está fazendo com que as religiões antigas batam em retirada. O homem se sente forte e orgulhoso porque, pela primeira vez em sua história, o conhecimento não lhe é dado pela mão e graça de Deus, mas como consequência de seus próprios esforços e pesquisas. Não há lugar para o conhecimento revelado, outrora respeitado e reverenciado. O conhecimento objetivo e racional prevalece. E certamente pode-se dizer que muito progresso foi feito nesse sentido nos últimos tempos.

Quando se fala em avanços científicos, uma das coisas de que o *Homo sapiens* moderno mais se orgulha é, sem dúvida, seu sistema de medidas. Um sistema preciso e confiável levado a extremos infinitesimais. Hoje em dia, distâncias e tempos podem ser medidos com tanta precisão que beira a perfeição. E todo mundo o entende e o utiliza, com todos os benefícios que isso traz.

Mas a história nos diz que esse nem sempre foi o caso. Até pouco mais de dois séculos atrás, as medidas não eram tão precisas como são hoje. Cada país, e dentro de cada país, cada condado e, às vezes, cada vilarejo, tinha seu próprio sistema de medidas. Não havia padrões exatos e universais, de modo que um viajante hipotético que cruzasse a Europa de norte a sul teria que mudar não apenas o idioma e as moedas, mas também as medidas, já que uma libra na Inglaterra não era a mesma que em Paris, Berlim ou Madri. A confusão chegou a tal ponto que medidas diferentes eram chamadas pelo mesmo nome. Como as moedas eram cunhadas com pesos e tamanhos diferentes em cada lugar, quando se viajava para uma região ou país diferente, a primeira coisa a fazer ao chegar era pesar a quantidade de ouro contida na moeda para saber qual era o seu valor. Como resultado, os

cambistas ganhavam muito dinheiro, determinando o valor das moedas e fornecendo o troco ao comerciante estrangeiro.

Os franceses também não escaparam dessa situação. A França é um dos estados mais antigos do continente europeu, embora só tenha aparecido com esse nome na Idade Média, em uma data difícil de especificar. Ela já havia formado uma unidade administrativa nos anos do Império Romano, um pouco maior do que é hoje, com o nome de "Gália". A queda do Império Romano levou à fragmentação do território em pequenos estados que, mais tarde, na Idade Média, como resultado de conquistas e uniões dinásticas, foram reunidos na forma que conhecemos hoje como França.

O resultado, como no resto da Europa, foi uma verdadeira confusão de unidades de comprimento, peso e volume que coexistiam em toda a geografia do novo estado. Um exemplo do caos e da arbitrariedade do sistema francês de medição da época é o toise, sua principal unidade de comprimento, que equivalia a seis pés de rei, e que originalmente se originou na Idade Média como a distância entre o dedão do pé do monarca e seu calcanhar. No início do século XVIII, essa medida foi definida como "quatro palmos" ou, em outras palavras, a largura dos quatro dedos mais longos da mão direita, colocados juntos em uma mesa. É fácil imaginar comerciantes astutos medindo com a mão mais fina para dar menos por mais dinheiro, e as fortunas que alguns deles acumularam sem escrúpulos naquela época. Com relação a volumes e medidas de líquidos, a situação era ainda pior. Um bichet, a medida usada para comercializar os grãos da colheita, variava de 20 a 40 litros, dependendo da região.

O problema de traduzir as medições de um país para outro era comum e, compreensivelmente, impedia a comunicação tranquila entre pesquisadores de diferentes países, o que tinha um efeito prejudicial sobre o avanço da ciência. Há muito tempo, os cientistas emergentes vinham tentando fazer algo a respeito, mas não era dada muita atenção a isso.

Em 1670, Jean Picard, um padre francês que havia acabado de medir pela primeira vez a distância entre dois meridianos, propôs à *Académie des Sciences* (Academia de Ciências) a adoção de uma medida chamada virga, que era equivalente a uma fração do meridiano da Terra. No ano seguinte,

entretanto, ele propôs adotar como nova unidade de medida o comprimento percorrido por um pêndulo em um segundo de tempo, iniciando assim uma corrida entre os dois sistemas para definir uma unidade universal de medida.

O primeiro a definir o conceito de um "pêndulo de segundos" foi Galileu. Mais tarde, Newton calculou que um pêndulo a 45 graus de latitude, oscilando livremente de uma extremidade à outra, percorreria um comprimento de 39,14912 polegadas. Na época de Picard, já se sabia que a força da gravidade, que influenciava o resultado, não era a mesma dependendo da latitude em que o pêndulo era colocado, por isso foram considerados locais diferentes, embora tudo indique que os astrônomos franceses, em um acesso de chauvinismo, estavam inclinados a colocar o chamado pêndulo dos segundos em Paris.

No século 18, com o surgimento de aparelhos astronômicos mais precisos, as propostas continuaram, enquanto a *Académie des Sciences* ainda estava indecisa sobre o sistema a ser usado para a criação da nova unidade de medida, se deveria ser baseada no uso de frações do meridiano da Terra ou do pêndulo. O dia 14 de julho de 1789 e a tomada da Bastilha desencadearam a revolução que mudaria a história para sempre. O sistema de medições também sofreu com o efeito revolucionário. A Assembléia Constituinte Francesa criou uma comissão composta por cientistas brilhantes para estudar um novo sistema métrico. O relatório produzido e apresentado decidiu, embora não de forma unânime, abandonar o conceito do pêndulo de segundos para a determinação da nova medida linear, pois não havia nenhum cronômetro que pudesse medir um segundo de tempo com total precisão. Assim, o pêndulo de segundos foi mantido na câmara para o caso de a nova unidade de comprimento ser perdida.

Um sistema baseado na medição de um meridiano terrestre foi adotado como método prioritário. Obviamente, não se pensou nem por um momento na possibilidade de medir todo o meridiano da Terra em uma época em que alcançar os polos era pura ficção. A distância entre as cidades de Dunquerque, ao norte de Paris, e Barcelona, na Espanha, foi medida, pois com nove graus e meio bem medidos, o comprimento total do meridiano poderia ser calculado. A nova unidade de medida chamada "metro" foi

estabelecida como um décimo milionésimo do quadrante do meridiano, ou um quadragésimo milionésimo da circunferência polar da Terra.

A partir do relatório, ficou claro que havia muito pouca diferença entre os dois sistemas em uso: o sistema de segundos do pêndulo e o sistema de medição do meridiano. De fato, o metro corrigido com o sistema de pêndulo de segundos passou a existir oficialmente em 10 de dezembro de 1799. Depois que o comprimento do metro foi estabelecido, a maior unidade linear de 1.000 metros foi chamada de quilômetro, e um milésimo de metro foi chamado de milímetro. A partir disso, eles derivaram as unidades de capacidade e massa. Para isso, eles tomaram um décimo de metro (10 cm) como o lado de um cubo e o encheram com água destilada, chamando o volume ocupado de litro e o peso contido de quilo. A comissão oficial tinha um padrão oficial de metro feito de platina e um cilindro pesando um quilograma, que foram mantidos nos Arquivos da República, até serem substituídos em 1889 por dois mais precisos feitos de platina e irídio, que serviram como padrão internacional até serem substituídos por novos métodos científicos.

Atualmente, o metro é definido como a distância que a luz percorre no vácuo em $1/299.792.458$ de um segundo. Atualmente, existem instrumentos para medir esses eventos minúsculos, mas a realidade é que, por trás de uma definição tão sofisticada, ainda existe o pêndulo primitivo de segundos. Parece que estamos diante dos últimos avanços resultantes da evolução das sociedades e civilizações humanas, mas e se as coisas não fossem como parecem ser? E se esse conhecimento já fosse conhecido por civilizações anteriores à nossa?

Para responder a essas perguntas, convido-o a fazer uma pequena viagem no tempo até o final do século XIX. Ernest de Sarzec, um funcionário do consulado francês, tinha grande interesse em arte oriental e havia visitado muitos sítios arqueológicos durante seu tempo nas terras do Nilo, embora não tivesse experiência como escavador. Quando foi enviado para Basra, no Golfo Pérsico, em 1877, um lugar muito tranquilo naquela época, ele teve a oportunidade de passar muito tempo comprando placas de argila de antiquários locais, até que finalmente decidiu escavar na área da antiga cidade de Lagash. As escavações logo renderam tijolos, paredes, templos,

placas de argila e estátuas. Sarzec logo percebeu que havia descoberto uma civilização mesopotâmica mais antiga do que as já conhecidas babilônica e assíria, localizada geograficamente mais ao norte e, embora não fosse um arqueólogo profissional, devemos a ele a descoberta que comprovou a existência da civilização suméria, até então conhecida apenas por referências escritas nas tábuas cuneiformes babilônicas.



Figura 2.1 Uma das estátuas do rei Gudea encontradas por Sarzec em suas escavações.

Entre os objetos encontrados por Sarzec estavam duas estátuas de diorito do rei Gudea, segurando uma tábua sobre os joelhos que retrata a planta de um templo, enquanto ao lado há uma régua cuidadosamente graduada representando "meio Kush" com um valor de 24,97 cm. Em geral, concorda-se que o Kush ou "côvado de cevada" era a principal unidade de medida linear dos sumérios. Embora não haja restos suficientes disponíveis para estudo, podemos ter certeza de que o "Kush duplo" está muito próximo do metro moderno. Com base nos dados encontrados, podemos concluir que o Kush tinha um valor de 49,94 cm, e o Kush duplo amplamente utilizado teria, de acordo com o professor Livio Stecchini, um valor de 99,88 cm, o que sustenta a tese de que os sumérios já conheciam o metro como unidade de medida há seis mil anos. Será que isso é mera coincidência ou existe uma explicação?

O Kush ou "cotovelo de cevada" era composto de 180 se ou "grãos de cevada", ou 30 shu-si ou "mãos" de 6 se cada. Os pesquisadores Christopher Knight e Alan Butler decidiram testar se o que os sumérios diziam tinha alguma verdade ou se não tinha fundamento e não passava de fantasia. Como eles contam em seu livro *The First Civilisation (A Primeira Civilização)*, como o grão de cevada não parecia ter mudado desde a época da Suméria, eles decidiram realizar um experimento muito simples. Colocaram vários grãos de cevada enfileirados, lado a lado, em uma fita adesiva transparente graduada, para ver quanto mediam, e observaram que, se colocassem os grãos tocando ponta a ponta, caberiam muito menos do que os 180 grãos que compõem um côvado de cevada, mas, se os colocassem lado a lado, a surpresa era que, em média, caberiam cerca de 180 grãos em uma unidade de medida de um Kush. Parecia que o que os sumérios diziam tinha de ser levado a sério.

Decidi ir além para ver se a medida usada pelos sumérios era casual ou, ao contrário, se devia a um conhecimento mais profundo. Assim, a partir dos resultados obtidos por Knight e Butler, continuei minha pesquisa e observei que, se o Kush era composto de 180 grãos de cevada, o Kush duplo, uma medida muito próxima do metro, seria composto de 360 grãos de cevada,

um número que coincide com os graus da circunferência da Terra. Todo mundo sabe que, embora 360 graus sejam os graus da circunferência da Terra, a Terra leva 365 dias para dar uma volta ao redor do Sol. Decidi extrapolar o valor do Kush duplo sumério de 360 grãos de cevada e adicionar os grãos correspondentes aos dias do ano, em uma operação simples que resultou no seguinte valor.

Double Kush (360 Körner)	99,88 cm
Double Kush (365,25 Körner)	100,01 cm

Surpreendentemente, o resultado ficou a apenas um milésimo de milímetro do metro moderno. Simples coincidência?

Voltando às investigações de Knight e Butler, eles decidiram aplicar os princípios do pêndulo de segundos à unidade de medida chamada de Kush duplo. A ideia era descobrir por quanto tempo um pêndulo de comprimento igual a um Kush duplo oscilaria.

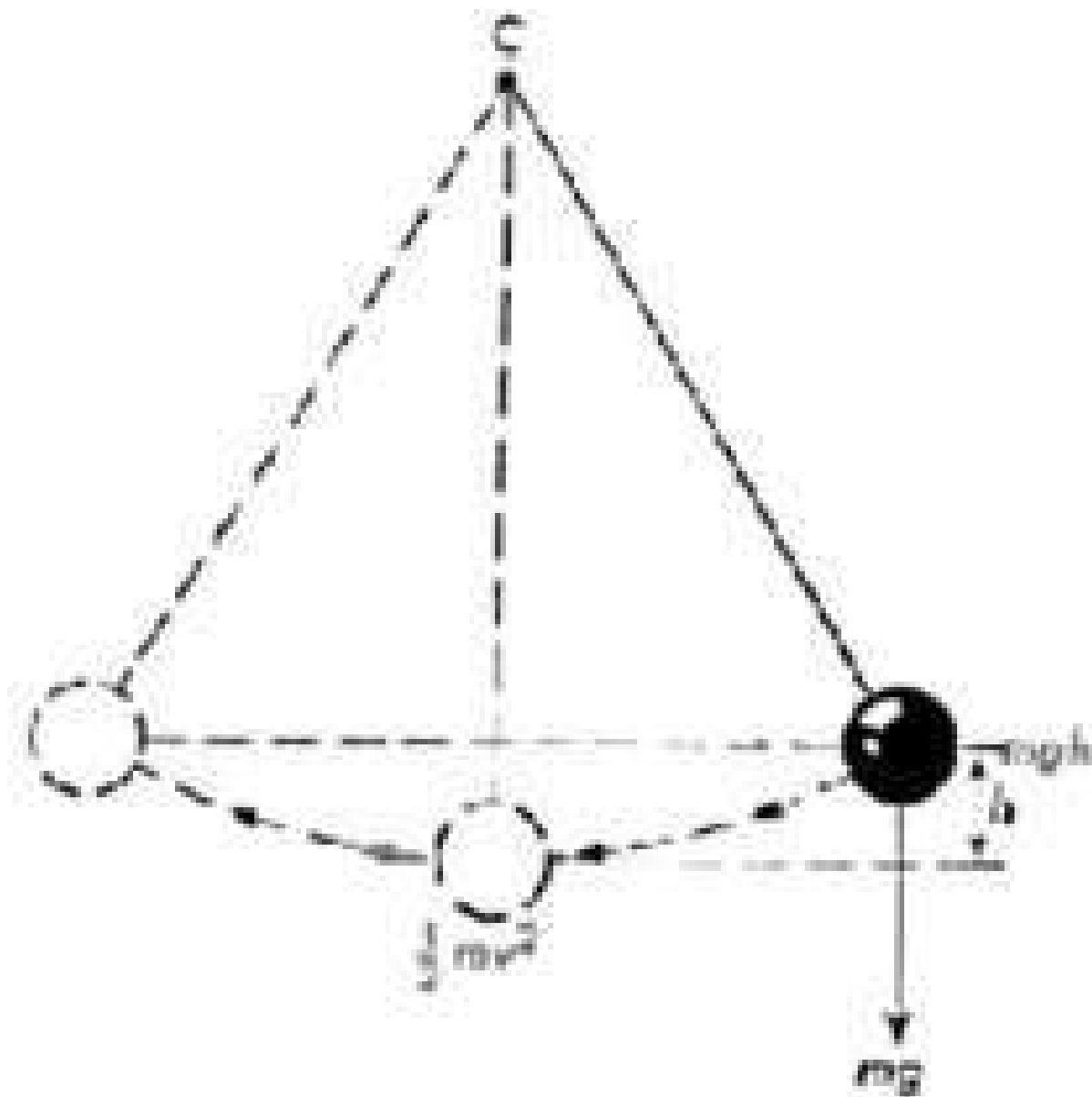


Figura 2.2 Diagrama do mecanismo do pêndulo

Vou abrir um pequeno parêntese para que você possa entender a importância de fazer experiências com o pêndulo de segundos. Quando olhamos para um relógio tradicional, o aspecto mais importante de seu mecanismo é o pêndulo em movimento, sendo que a bobina ou o motor elétrico nada mais é do que a fonte de energia que faz o pêndulo oscilar da esquerda para a direita. Entretanto, o tempo que o pêndulo leva para oscilar é determinado por dois fatores. O primeiro é a massa da Terra, daí as

variações dependendo da latitude em que o experimento é realizado. O segundo fator que determina o tempo de oscilação é o comprimento do pêndulo. E aí vem a surpresa, já que os experimentos de Knight e Butler medindo o duplo Kush com um pêndulo de longitude deram o resultado de 1,003 segundo. Um valor que está a apenas 3 milésimos de segundo do segundo moderno é mais do que apenas uma coincidência.

Assim, a unidade de medida linear usada pelos sumérios, o Kush, e o segundo, tornam-se dois lados da mesma moeda. Como resultado dessa simbiose, encontramos um segundo de tempo incrivelmente próximo ao que usamos hoje e uma medida de comprimento que, para todos os fins práticos, é igual ao metro moderno. Compreender esse fenômeno é de vital importância, pois os físicos aceitam que o tempo e o espaço são expressões diferentes da mesma coisa. Algo que os sumérios parecem ter conhecido há cerca de seis mil anos.

Se formos mais a fundo, com base na pesquisa realizada, devemos nos perguntar se uma das propriedades fundamentais do Universo já era conhecida nos tempos antigos: a velocidade com que a luz viaja. A luz viaja no vácuo a 299.792.458 metros por segundo, ou 600.305.283 Kush por segundo, que é um número muito redondo para o sistema sexagesimal usado pelos sumérios. Vejamos a velocidade com que a Terra orbita o Sol. A circunferência da órbita descrita por nosso planeta é de 938.900.000.000.000.000 metros e leva 365,2596425 dias para ser completada. Isso faz com que ele viaje 59.573,8 Kush por segundo, outro número suspeitamente redondo para um sistema sexagesimal, praticamente 60.000 Kush por segundo. Além disso, esse valor é exatamente um décimo de milésimo da velocidade da luz, evidência de uma proporção da base decimal/sexagesimal usada pelos sumérios de forma combinada que corresponde incrivelmente bem às medições modernas.

Por outro lado, a luz do Sol leva 8 minutos e 19 segundos para chegar à Terra, ou seja, 499 segundos. Dissemos que a Terra gira em torno do Sol a uma velocidade de 59.537,8 Kush por segundo, praticamente 60.000 Kush. Se multiplicarmos esse valor por 499, os segundos que um raio de luz solar leva para chegar à Terra, teremos um resultado de 29.709.362 ou 29.940.00 Kush (dependendo se tomamos 59.537 ou 60.000 Kush), um número que

curiosamente coincide com um décimo da velocidade da luz expressa em metros.

Tudo isso sem levar em conta que não temos certeza de que o segundo usado pelos sumérios era exatamente o que usamos hoje, de modo que uma diferença de oito décimos de milésimo torna a coincidência não exata. São muitas coincidências. O segundo e o Kush dão a impressão de que são mais do que meras conceitualizações matemáticas e que se baseiam em realidades profundas do planeta Terra, do sistema solar e do universo. Portanto, é razoável pensar que os sumérios conheciam a massa da Terra, sua velocidade orbital ao redor do Sol e até mesmo a velocidade da luz, o que os levou a projetar unidades de medida que relacionavam essas variáveis entre si.

Como era possível que esse povo misterioso, recém-saído do período paleolítico, já tivesse um domínio matemático de conceitos modernos como o metro, o segundo ou até mesmo a velocidade da luz? Algo não se encaixava na explicação oficial que eles estavam nos dando sobre como a história havia se desenvolvido. Havia coincidências demais para não levantar suspeitas. A chave para a investigação parecia estar em um povo de origem desconhecida que subitamente entrou para a história.

CAPÍTULO III

A HISTÓRIA COMEÇA EM SUMER: A ORIGEM DA CIVILIZAÇÃO

A ciência que a humanidade tem em um determinado momento depende do que a humanidade é naquele momento.

Georg Simmel (1858-1918), Sociólogo e filósofo alemão

NA ESPANHA, EMBORA SEJA verdade que temos especialistas do porte do professor Federico Lara Peinado, o conhecimento do mundo mesopotâmico é muito limitado, a ponto de podermos dizer que é quase inexistente. Nos países anglo-saxões, mais avançados em termos de pesquisa e com maior tradição na área, a civilização da "terra entre o Tigre e o Eufrates" e, especificamente, o povo sumério, há muito tempo recebeu o lugar que merece por seus próprios méritos.

Apesar de todas as descobertas feitas nos últimos dois séculos, para a maioria das pessoas instruídas, e até mesmo para muitos historiadores, o Egito ainda é considerado o berço da civilização. Essa ainda é a visão predominante e o Egito está na moda, embora, como todas as modas, essa visão careça de rigor argumentativo e tenha apenas a força da dinâmica das meias-verdades repetidas ad nauseam pela mídia.

Manter esse ponto de vista tem sido anacrônico há anos e, do ponto de vista histórico-científico, não é rigoroso nem verdadeiro. As modas são estabelecidas na sociedade por eventos que causam impacto, e assim as grandes descobertas feitas no Vale do Nilo, desde a incursão de um ícone histórico como Napoleão Bonaparte até eventos atraentes como as descobertas de Lord Carnarvon e Howard Carter, que deram origem à tão divulgada maldição de Tutancâmon, conseguiram deslumbrar a sociedade ocidental, conseguiram deslumbrar a sociedade ocidental, portanto, quando se tratou de tentar identificar o momento em que a humanidade deu o passo decisivo da pré-história para a civilização, tudo parecia nos levar ao Egito.

Pouquíssimas pessoas estão cientes dos avanços na história antiga que foram feitos nos últimos cem anos. Descobertas menos espetaculares do que as que estamos acostumados a ver nas notícias do Egito, mas, sem dúvida, mais importantes para a compreensão de nossas origens. No início do século XX, o nome da Suméria havia caído no esquecimento absoluto, até mesmo um estudioso da estatura de G. Maspero, em sua História Antiga dos Povos do Oriente Clássico, não disse uma única palavra sobre os sumérios.

Foi somente em 1956, quando Samuel Noah Kramer publicou seu livro *History Begins in Sumer*, que alguém se atreveu a contradizer abertamente as ideias predominantes. Ele causou grande impacto e deve-se reconhecer que sua contribuição teve grande mérito, mas, infelizmente, embora hoje o povo sumério esteja entre os mais conhecidos, esse conhecimento não conseguiu penetrar apenas em pequenos grupos de estudiosos, e a opinião pública em geral permaneceu hipnotizada pelo atraente passado faraônico do antigo Egito, de modo que, meio século depois, não é fácil encontrar pessoas que sirvam de correia de transmissão para as descobertas feitas

sobre a civilização suméria e, acima de tudo, para sua mensagem essencial: que a civilização e a história começam na Suméria.

O termo "civilização" refere-se a um grau mais elevado de desenvolvimento e organização da sociedade humana. As civilizações são caracterizadas, diferentemente das culturas e sociedades tribais, pela predominância de um modelo de vida urbano, com um desenvolvimento da agricultura que implica um estilo de vida sedentário e um sistema econômico complexo baseado na comercialização de excedentes, bem como uma divisão do trabalho e um poder político bem diferenciado, entre outras características. Do ponto de vista historicista, o homem se torna civilizado quando abandona o nomadismo e começa a viver em cidades; surge o homo urbanitas.

A Bíblia registra o início da civilização nos versículos seguintes de Gênesis, em que Senaar é o nome hebraico para Suméria, e o termo cidade aparece pela primeira vez, bem como marcas mesopotâmicas precisas, como a forma como faziam seus tijolos e construíam seus edifícios.

*E aconteceu que, enquanto viajavam para o leste,
encontrou uma planície na região de Senaar
e lá se estabeleceram.*

E disseram uns aos outros:

Venha, vamos fazer tijolos e colocá-los no fogo.

*E o tijolo serviu como uma pedra,
e o betume serviu como argamassa.*

E disseram: Vinde, edifiquemos uma cidade para nós.

(Gênesis 11, 2-4)

Quando falamos da Suméria, estamos nos referindo à primeira civilização conhecida no planeta Terra, antes da egípcia e também antes da civilização proto-indiana do Vale do Indo. Ela também é anterior à civilização mais antiga da China e às civilizações asteca, maia e inca do continente americano. Na Suméria, não estamos mais lidando com uma simples cultura pré-histórica, mas com a civilização em sua mais alta expressão, com a

riqueza e a complexidade que isso implica: organização social e política, vida urbana e estados, instituições, códigos de obrigações e direitos, um sistema organizado de produção de alimentos e roupas, um sistema comercial e meios de pagamento para trocas, o desenvolvimento de formas superiores de arte e conhecimento científico e, o mais importante, a criação de um sistema de comunicação que marcará um antes e um depois, um sistema de representação gráfica de uma linguagem, a escrita, que permite que o conhecimento seja fixado e propagado. Bem, todos esses sistemas de organização humana, que só podem ser diferenciados dos sistemas atuais por uma questão de grau, já estavam em vigor no quarto milênio a.C. na Suméria, uma região localizada na Mesopotâmia, na planície entre o Tigre e o Eufrates, no atual Iraque.

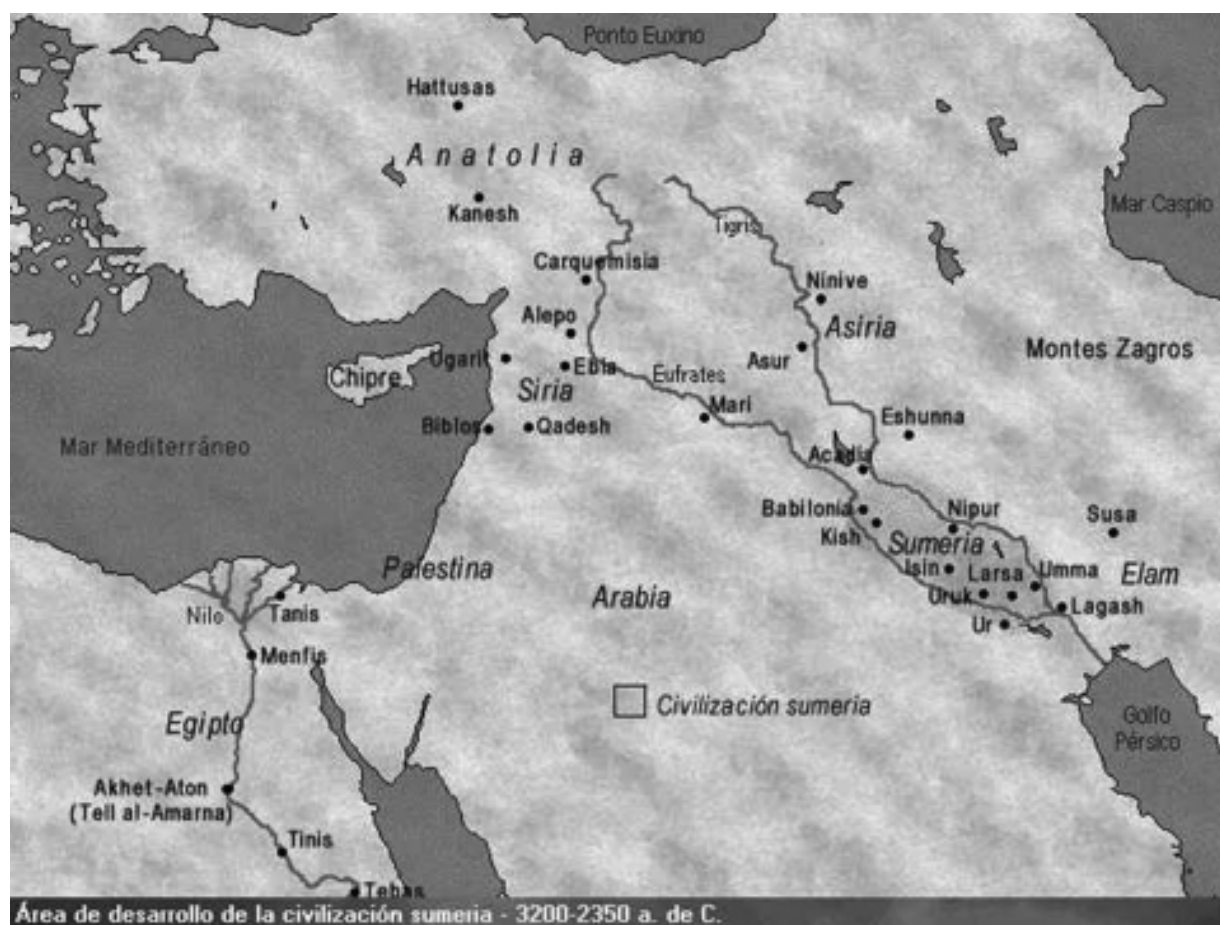


Figura 3.1 Mapa da Mesopotâmia.

Sim, quando falamos da Suméria, estamos falando da primeira civilização do planeta e, conseqüentemente, também estamos nos referindo à origem de todos ou quase todos os conceitos e invenções essenciais de nossa civilização atual. Não entenderemos o verdadeiro impacto do que aconteceu na Suméria se não apreciarmos em toda a sua grandeza a surpreendente mudança pela qual a humanidade passou. Da noite para o dia, o homem deixou de ser um sobrevivente, preocupado apenas em atender às suas necessidades básicas, para se tornar um avançado matemático, metalúrgico, astronômico e astrológico, com formas superiores de arte, medicina e outros ramos do conhecimento.

A Suméria foi o local de nascimento da primeira escrita no final do quarto milênio. Os escribas sumérios imprimiam seus pictogramas em tábuas de argila úmida com um estilete, produzindo caracteres em forma de cunha ou cuneiformes, daí o termo "escrita cuneiforme". Essas placas eram então secas e endurecidas pelo calor em fornos, câmaras termicamente isoladas como fornos. A única coisa que mudou foi o meio usado, mas o salto qualitativo e revolucionário que a criação da escrita representou não foi dado desde então pela humanidade. Ela representa a passagem da pré-história para a história. É essencial reconhecer o papel desempenhado pela escrita no desenvolvimento do conhecimento da história. Quando uma civilização antiga desaparece e há uma ruptura entre nós e a tradição viva, tudo o que sabemos sobre ela se resume a seus próprios testemunhos escritos. Os arqueólogos encontraram tantas tábuas de argila na antiga Mesopotâmia que muitas delas permanecem em pilhas aguardando tradução, portanto, embora muito seja conhecido, o futuro reserva ainda mais surpresas.

É por meio da escrita nessas tábuas de argila que Samuel Noah Kramer examina vários aspectos do povo sumério, listando uma série de inovações históricas, incluindo: as primeiras escolas, o primeiro parlamento, o primeiro historiador, a primeira redução de impostos, a primeira sentença judicial, a primeira farmacopeia, o primeiro almanaque do fazendeiro, a primeira cosmologia, os primeiros debates literários, o primeiro plágio literário, os primeiros catálogos de bibliotecas, o primeiro sistema de irrigação e assim por diante.

A roda, uma invenção aparentemente simples, tem sido essencial para o transporte e para a evolução de máquinas de todos os tipos, desde carruagens primitivas, moinhos, rodas de oleiro, etc., até automóveis modernos, aviões e engrenagens em várias máquinas. Ele também se originou na antiga Suméria.

Eles tinham um sistema jurídico muito semelhante ao nosso, com leis que protegiam os fracos e os desempregados, penalidades para os criminosos, bem como um sistema de juízes com poderes muito modernos.

No campo da medicina, os sumérios desfrutaram de um nível muito alto e científico desde o início, como pode ser visto pela forma como ela era organizada e pelo enorme número de tabletas encontrados na seção médica da biblioteca de Assurbanipal em Nínive, onde podemos ver livros sobre higiene, o uso de álcool como desinfetante e procedimentos cirúrgicos avançados, incluindo aqueles usados para a remoção de cataratas. Em uma nota curiosa, também encontramos um vaso de cerâmica da época do príncipe Gudea na cidade de Lagash, onde podemos ver duas serpentes enroladas em torno de uma haste, um símbolo do conhecimento médico, que mais tarde ficou conhecido na Grécia como "o caduceu de Mercúrio" e que continua a ser usado até hoje como um ícone em assuntos relacionados à farmacologia e à medicina.

As técnicas de construção também eram muito avançadas desde o início e eles construíam casas, palácios, templos, zigurates e muros usando tijolos de barro ou adobe, incorporando, em épocas posteriores, tijolos esmaltados, ricos em cal e óxido férrico, queimados até ficarem vitrificados.

Os sumérios se tornaram grandes especialistas no domínio das tecnologias de fundição, para as quais conseguiam atingir temperaturas de mais de 800 graus em fornos, e seu domínio das técnicas de liga metálica, um procedimento que consiste em combinar quimicamente diferentes metais dentro de um forno, era ainda mais surpreendente. Eles chegaram a produzir o primeiro bronze da história da humanidade por meio da liga de cobre e estanho, embora deva ser dito que na Mesopotâmia não havia grandes quantidades deste último, o que acrescenta mais uma reviravolta ao mistério.

O primeiro navio e a tecnologia naval também se originaram com esse povo enigmático, e até mesmo a popular cerveja foi inventada pelos sumérios, embora tenham sido os egípcios os primeiros a adaptá-la a uma forma semelhante à que desfrutamos hoje.

O conhecimento obtido em matemática e astronomia merece um capítulo à parte. É evidente que eles já sabiam que a Terra girava em torno do Sol, embora esse conhecimento tenha sido esquecido mais tarde na história. Devemos aos sumérios a divisão do firmamento em três faixas: norte ou "o caminho de Enlil", central ou "o caminho de Anu" e sul ou "o caminho de Ea". O conceito de astronomia esférica, o círculo de 360 graus, o eixo celestial como uma extensão do eixo terrestre, os polos, a eclíptica, os equinócios, os solstícios, o zênite, o horizonte e outros termos astronômicos surgiram da noite para o dia na Suméria.

Os sumérios criaram o primeiro sistema matemático conhecido que, ao contrário do nosso sistema decimal atual, na base 10, era um sistema sexagesimal, na base 6. Em muitos aspectos, o sistema sexagesimal é superior ao sistema decimal usado atualmente, e é o único perfeito para cálculos geométricos e astronomia, uma ciência prioritária para a civilização suméria. E não vamos pensar que a influência foi mínima, pois, para dar um exemplo, o sistema matemático criado na Suméria é a origem de nossos sistemas modernos de medição de tempo, que transformam uma hora em 60 minutos, um minuto em 60 segundos, um dia em 24 horas e 12 meses em um ano.

A matemática e a astronomia sumérias não eram pseudociências infantis, e livros poderiam ser escritos sobre o conhecimento desses assuntos que esse povo alcançou da noite para o dia. A título de curiosidade, há a chamada Série Khorsabad, na qual há duas esculturas de Gudea: O Arquiteto do Plano e O Arquiteto com uma Régua, nas quais são aplicadas proporções antropomórficas relacionadas ao chamado "número de ouro", posteriormente atribuído a Euclides no século I a.C.

A matemática desenvolvida na Suméria era uma ciência com correspondências especiais à ordem celestial, uma aritmética projetada para entender o cosmo como um ser vivo. Para os sumérios, a matemática e os

complicados cálculos astronômicos eram a base de outro de seus ramos de conhecimento, a astrologia, uma ciência tão desprezada hoje em dia porque o conhecimento essencial foi perdido. Encontramos uma tábua escrita por um astrólogo, datada de 2300 a.C., que trata de um presságio sobre o fundador da dinastia de Akkad, com base na posição do planeta Vênus e em um eclipse da lua.

*O rei de Acádia morre e seus súditos estão a salvo.
O poder do rei de Acádia enfraquecerá, seus súditos
prosperarão.*

Esse eclipse parece ter coincidido com a morte de Naram-Sin, neto do rei Sargão de Akkad. O que é importante observar é que, mesmo nos manuscritos astrológicos mais antigos que foram descobertos e chegaram até nós, é feita referência frequente a textos anteriores que datam de tempos ainda mais remotos. Os astrólogos sumérios faziam suas previsões com base em tábuas que não existiam mais, o que significa que o período sumério não deve ser considerado como o período do início da astrologia, mas sim como o mais antigo vestígio histórico de astrologia que possuímos.

Os sumérios já conheciam o zodíaco, que foi criado pela divisão do círculo de 360 graus que a Terra forma ao viajar ao redor do Sol durante o período de um ano em doze partes iguais de 30 graus, os doze signos zodiacais. Os nomes sumérios originais são análogos aos modernos e não deixam dúvidas quanto à sua origem. É surpreendente que eles já conhecessem o grande ciclo de precessão de 25.920 anos, que eles dividiam em doze períodos ou eras astrológicas de 2.160 anos cada. Mais tarde, esse conhecimento astronômico se espalhou por toda a Índia, dando origem à divisão purânica hindu do tempo em Yugas, Manvantaras e Kalpas.

O calendário mais antigo conhecido, o calendário de Nippur, combinava a divisão do ano solar (dois solstícios e dois equinócios) com os movimentos lunares. Esse calendário foi usado posteriormente pelos acádios, babilônios, assírios e outros povos, e sabemos sua data de início, 3760 a.C., porque é usado pelos judeus atualmente.

Mas a influência dessa civilização primitiva vai muito além, pois o crente fervoroso que lê o Gênesis bíblico, que contém os nomes dos primeiros homens, de Adão a Noé, não imagina que esse relato sagrado é a memória desbotada de uma fonte original anterior, o sumério, e que se refere aos dez reis que reinaram desde a vinda dos deuses até o Dilúvio, um período que durou 432.000 anos, ou 120 sars. Assim como o Noé da Bíblia, o último desses reis foi o herói do épico do Dilúvio; em sumério, ele foi chamado de Ziusudra, os babilônios mais tarde o chamaram de Utnapishtim, os acadianos de Atrahasis e Berosus, o astrólogo-sacerdote caldeu, helenizou o termo sumério para Xisuthros. De tudo isso, podemos tirar apenas uma conclusão incontestável: o relato do Dilúvio bíblico é nada mais nada menos que um mito sumério incorporado pelos hebreus em seu livro sagrado.

Como se pode ver, o grau de refinamento científico e cultural alcançado pela civilização suméria é da mais alta ordem, o que levanta uma série de questões sobre a origem desse progresso e conhecimento. Não há registros históricos que mostrem uma evolução lenta e constante de tal conhecimento, mas, ao contrário, há evidências de que ele surgiu rápida e inesperadamente, de fontes desconhecidas, como se tivesse caído repentinamente do céu....

CAPÍTULO IV

TUDO ISSO VEIO DO CÉU

No início, a terra, o céu e o mar estavam juntos, confundidos em uma massa comum; depois, como resultado de uma grave distensão, eles foram separados uns dos outros.

Argonautica de Apolônio de Rhodes, século III a.C.

O POLÊMICO ANTROPÓLOGO E africanista francês Marcel Griaule, em 1931, graças à aprovação de uma nova lei que permitia o financiamento do governo, organizou a expedição Dakar-Djibouti com a intenção de coletar máscaras tribais africanas para o Musée d'Ethnographie (Museu Etnográfico) em Paris. A missão durou 22 meses e cobriu 15 países do continente negro. Durante essa viagem, ele teve a sorte de conhecer Ogotemmeli, um caçador Dogon idoso, cego porque seu rifle havia explodido, que fez uma série de revelações surpreendentes, fruto das quais Griaule escreveu mais tarde o livro *God of Water* (Deus da Água). Os

Dogon são um grupo étnico que vive atualmente na república africana de Mali, perto do rio Níger e da falha de Bandiagara. Suas tradições religiosas e culturais são ancestrais. Eles são fósseis vivos, e o estudo de seus costumes e tradições nos leva a centenas de anos no passado.

O que surpreendeu Griaule foi o fato de que esses povos primitivos adoravam a estrela Sirius e falavam em suas tradições milenares sobre a existência de Sirius B, que eles chamavam de Po Tolo. Quando retornou à França, o antropólogo investigou o que se sabia sobre Sirius B e ficou perplexo, pois muito pouco era conhecido. Sirius é uma estrela conhecida desde a antiguidade e os egípcios marcavam o início das enchentes do Nilo com certas posições da luminária no firmamento, após sua primeira aparição visível no horizonte oriental antes do nascer do sol (ascensão helíaca).

Em 1844, o astrônomo alemão Friedrich Bessel aventou a possibilidade de que Sirius pudesse ser um sistema binário com dois sóis, atribuindo as irregularidades em sua órbita à presença de uma companheira menos luminosa e, portanto, invisível aos olhos humanos. Foi somente em 1862 que o americano Alvan Clark finalmente conseguiu ver a companheira de Sirius usando um telescópio refrator com uma lente de 47 cm de diâmetro, Sirius B tinha acabado de nascer. Na verdade, Sirius B não é invisível, mas sua luminosidade é 10.000 vezes menor do que a de Sirius A, por isso é eclipsada por esta última. Foi somente em 1970 que Irving Lindenblad, do Observatório Naval de Washington, obteve a primeira imagem fotografada de Sirius B. Hoje sabemos que ela é uma anã branca, um pequeno remanescente estelar. Entretanto, ela já era conhecida pelos Dogon quando Griaule esteve em suas terras na primeira metade do século XX.

Em 1943, Griaule foi nomeado professor na Sorbonne, onde criou a primeira cadeira de etnologia na história da França, mas sua mente ainda estava cativada pelos Dogon, então, em 1946, ele retornou ao Mali, acompanhado por Germaine Dieterlen, também etnóloga e secretária da Société des Africanistes-Musée de l'Homme (Sociedade Africanista do Museu do Homem) em Paris. Os dois continuam suas pesquisas. Quatro anos depois, os etnólogos publicaram sua pesquisa em um artigo intitulado A Sudanese Syrian System (Um sistema sírio sudanês), atualmente no

Musée de l'Homme (Museu do Homem) em Paris. Nesse trabalho, que passou praticamente despercebido pela mídia acadêmica, os pesquisadores fazem eco às informações fornecidas por Ogotemmeli, e os desenhos simples e impressionantes feitos pelos Dogon do sistema Sirius podem ser vistos. No artigo, eles reconhecem que não há explicação para esse conhecimento, pois se trata de um povo sem telescópios e instrumentos ópticos. No entanto, eles sabiam da existência de uma estrela que é impossível de ser vista a olho nu e que a ciência só descobriu em meados do século XIX.

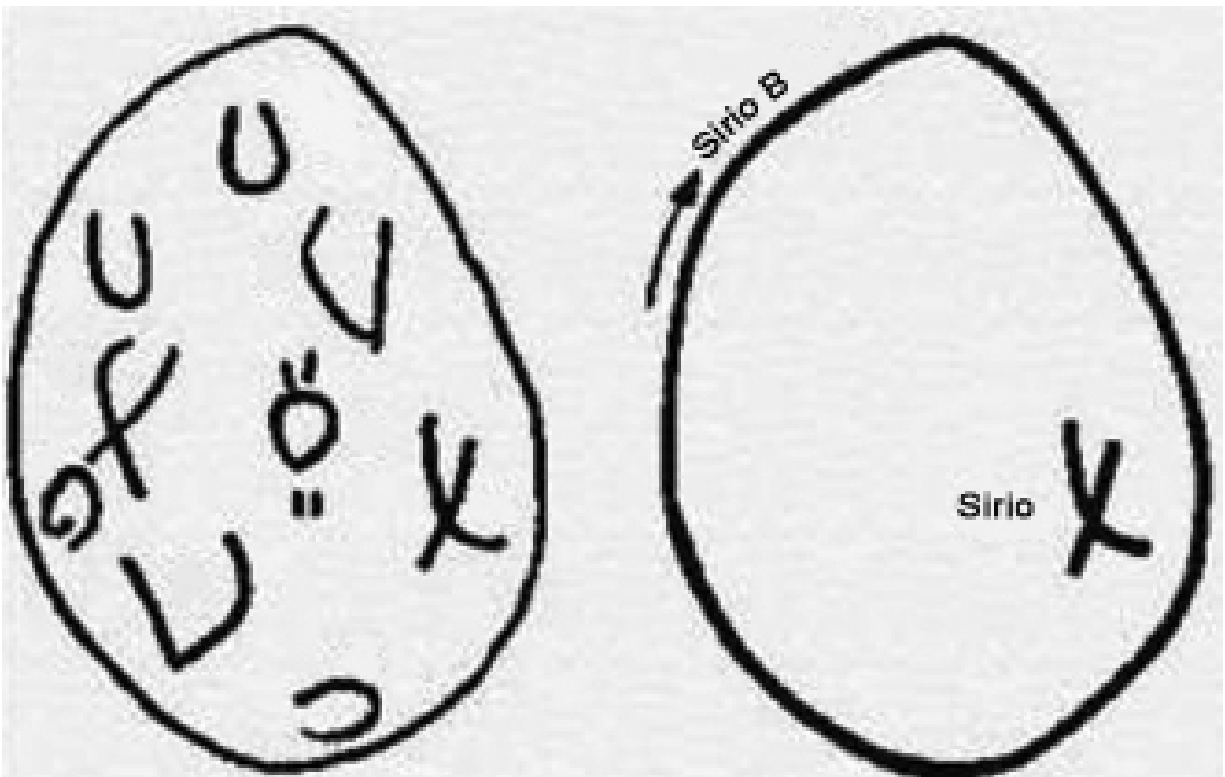


Figura 4.1 O Sistema Sirius, de acordo com os Dogon

Griaule e Dieterlen relatam que os Dogon sabiam que Sirius B levava 50 anos para orbitar Sirius A, razão pela qual eles celebravam um festival chamado sigui, a cada 50 anos, relacionado a esse processo. Hoje sabemos que Sirius B tem um período orbital que coincide com o apresentado pelos Dogon em suas tradições.

Como se isso não bastasse, os Dogon descreveram uma terceira companheira que chamaram de Emme Ya e que, segundo eles, também leva 50 anos para completar uma órbita ao redor de Sirius A. Estaríamos falando de Sirius C. Esse ponto, por enquanto, não foi corroborado pela ciência oficial, apesar das contínuas pesquisas feitas a esse respeito e, de acordo com alguns astrônomos, em nível matemático, sua existência é intuída. O tempo dará e tirará as razões. Mas se a descoberta de Sirius B foi complicada, quão difícil será localizar Sirius C.

O fato surpreendente é que esse pequeno grupo étnico africano possuía uma rica mitologia que incluía um incrível conhecimento astronômico para uma cultura tribal que nem sequer tinha um sistema de escrita codificado. Antes mesmo que qualquer astrônomo especulasse sobre a possível existência de Sirius C, eles afirmavam que se tratava de uma estrela tripla. Como os Dogon sabiam, de acordo com uma tradição que se perdeu nas brumas do tempo, da existência de Sirius B, e estavam cientes de sua invisibilidade ao olho humano? A resposta é perturbadora, pois, de acordo com a própria tradição ancestral dos Dogon, esse conhecimento foi transmitido a eles pelos Nommos, deuses anfíbios que vieram do céu em um barco voador.

De acordo com Robert Temple, em seu livro *The Mystery of Sirius* (O mistério de Sirius), como o conhecimento astronômico dos Dogon não veio dos astrônomos modernos, é muito provável que esse conhecimento tenha sido transmitido a eles nos tempos antigos, antes de migrarem para seu atual território, Mali, na África subsaariana. Temple levanta a hipótese de que esse conhecimento foi transmitido aos Dogon pelos egípcios, para quem Sirius era a estrela mais importante do firmamento e que eles identificavam com a deusa Ísis. Temple escreve:

Os Dogon tinham em seu poder informações sobre o sistema estelar de Sirius que eram tão incríveis que me senti compelido a investigá-las. Após sete anos de trabalho, em 1974, os resultados me levaram a mostrar que as informações mantidas pelos Dogon têm, na verdade, mais de cinco mil anos, pois já estavam em posse dos antigos egípcios em tempos pré-dinásticos, antes de 3200 a.C.

É bem possível que os Dogon tenham recebido dos egípcios seu conhecimento sobre a estrela Sirius, mas de quem os egípcios obtiveram esse conhecimento? Minha pesquisa me levou à conclusão de que os egípcios adotaram sua ciência dos povos que habitavam o fértil crescente mesopotâmico, que, por sua vez, atuaram como uma correia de transmissão do conhecimento original com o qual os sumérios apareceram na história.

O capítulo anterior apresentou um esboço geral das conquistas da primeira das civilizações históricas do mundo. Não há nada de fictício nessa longa lista de invenções, incluindo astronomia e astrologia, que os sumérios já usavam há seis mil anos. Qualquer pessoa que queira dedicar algum tempo para ler sobre esses povos pode acessar os mesmos dados. Tudo isso é ensinado nos círculos acadêmicos. O que não é feito, no entanto, é uma reflexão adequada sobre isso, nem mesmo fazendo as perguntas relevantes ou formulando as explicações e hipóteses mais estranhas para encaixar os fatos no paradigma histórico oficial.

Se os Dogon disseram que o conhecimento foi transmitido a eles pelos nommos, vejamos o que os próprios sumérios dizem sobre tudo isso nos escritos que chegaram até nós; e embora a ciência oficial interprete esses escritos como mitos e lendas sem base real, é muito interessante lê-los com uma mente aberta e objetiva. Os sumérios são muito claros quanto a isso: todo o conhecimento e aprendizado de que desfrutavam lhes foram dados pela graça dos deuses, os anunnaki, um termo que se traduz literalmente como "os seguidores de Anu" ou "aqueles que vieram do céu para a Terra". No livro de Gênesis, na Bíblia, eles são chamados de vários nomes, como "os anaquins", "os elhains" ou "os nefilins".

Quem eram os Anunnaki e de onde eles vieram?

Milhares de textos e ilustrações encontrados tratam de astronomia: listas de estrelas e constelações e suas localizações, bem como manuais para observá-las. Na verdade, a estrela Sirius era conhecida nos textos cuneiformes babilônicos como Kak-Si-Di (brilhante como cobre), "a estrela flecha", "aquela que aponta o caminho".

Vamos começar com um pequeno exercício de fonética. Qual país atual tem um nome diretamente relacionado à estrela de Sirius? E qual império antigo tem um nome que o relaciona diretamente a essa estrela? Você perceberá rapidamente que o país de que estamos falando é a atual Síria e o império é o Assírio. Síria vem da palavra Assíria, provavelmente da palavra acadiana assur. É um país na costa leste do Mar Mediterrâneo que faz fronteira com a Turquia e o Iraque, entre outros países. A Síria já foi o centro de uma importante civilização semita em torno das cidades de Ebla e Ugarit, a primeira famosa por seus arquivos de mais de 20.000 tabuletas cuneiformes em sumério e eblaita, uma variante linguística do semita oriental. Na antiguidade, foi uma terra de passagem para os impérios sumério, assírio, babilônico, hitita, egípcio e outros.

Portanto, há uma grande variedade de povos que habitaram a área. Mas gostaríamos de nos concentrar em um deles. Os arameus, também chamados de siríacos (atenção aos detalhes), eram uma tribo semita nômade que habitava a região de Aram-Naaraim, um nome hebraico traduzido como "Aram dos dois rios". Esses dois rios não são explicitamente nomeados na Bíblia, embora seja comumente aceito que o primeiro era o curso superior do Eufrates. A Bíblia grega ou Septuaginta usa uma tradução mais precisa do termo como "Mesopotâmia da Síria" e também "rios da Síria". É um fato estabelecido que o historiador Josefo se refere aos súditos do rei Chusham de Aram-Naharaim como "assírios". Portanto, todas as evidências históricas apontam para o fato de que os arameus habitavam partes da Síria, especificamente a região dominada pelos assírios da antiga Assíria (em árabe, a estrela síria é conhecida como Ash-shira).

E qual é o papel dos arameus em tudo isso? A resposta é concisa e esclarecedora. Para os arameus, o termo nephila se referia especialmente à constelação de Órion, de modo que os nefilins do Antigo Testamento teriam vindo dessa constelação. Próxima a Órion está Sirius, na constelação de Canis Maior (o Grande Cão), e é a estrela mais brilhante visível da Terra. Sirius é conhecida desde a antiguidade por vários nomes, como "a estrela do cachorro" ou o intrigante nome "a estrela flecha", a estrela que aponta e indica o caminho a seguir.

Em resumo, por um lado, temos coincidências fonéticas muito óbvias, únicas em todo o planeta, que relacionam a Síria e os assírios à estrela de Sirius. Por outro lado, temos um povo, o aramaico (siríaco), que habitava a mesma área e cujos termos idiomáticos também relacionam os nefilins a Órion e Sirius. A tudo isso devemos acrescentar que os assírios eram um povo contemporâneo e herdeiros do conhecimento sumério, portanto, há uma clara relação entre a estrela Sirius, Órion e a antiga Mesopotâmia.

Mais uma vez, a linha de pesquisa me direcionou para o antigo crescente fértil, onde arameus e assírios, envolvidos em um jogo linguístico de consequências imprevisíveis, formaram a base de um triângulo mágico cujo vértice superior apontava para a primeira civilização da área: os sumérios. É inquestionável que Sirius era conhecido pelos povos que habitavam a antiga Mesopotâmia. Mas será que eles, como os Dogon, sabiam da existência de Sirius A, B e C? A esse respeito, é muito revelador que o antigo termo iraniano para Sirius seja Tistrya, uma palavra que se origina da palavra sânscrita Tri-stri (três estrelas). De onde os antigos asiáticos tiraram a ideia em comum com os Dogon de que Sirius era um sistema estelar composto por três estrelas, algo que ainda hoje não foi corroborado pela ciência?

Uma fonte adicional para todo o mistério é fornecida pela chamada Estela Naram-sin, que explicarei a seguir. A estela é um monumento, geralmente monolítico, com inscrições, que podem ter caráter comemorativo, religioso, funerário ou geográfico. Em meados do século 24 a.C., outro povo semita, os acádios, conseguiu unir todo o território da Mesopotâmia em um império que chegava até o Mar Mediterrâneo. Sua expansão começou com o reinado de Sargão, o Grande, atingindo seu auge com um de seus netos, o rei Naram-Sin (2254-2218 a.C.). A Estela de Naram-Sin, catalogada como SB00004, atualmente no Museu do Louvre, em Paris, é um exemplo interessante de sua atividade guerreira. Essa estela, erguida na cidade de Sippar para comemorar a vitória sobre os lulubitas, é um bloco de arenito com cerca de dois metros de altura e constitui, do ponto de vista artístico, o apogeu do relevo acádio.

Naram-Sin, acompanhado por alguns de seus guerreiros que usam a insígnia real, é retratado subindo uma montanha. Seus inimigos caem da montanha, são esmagados ou imploram por misericórdia. A característica mais

marcante são as duas estrelas no topo da estela, embora um terceiro corpo celeste possa ser visto, embora esteja um pouco danificado. Qual é o significado desses três sóis no topo do relevo? É óbvio que não se trata de uma representação do sol, indicando que a cena se passa durante o dia e não à noite, mas sim de uma mensagem astronômica oculta.

Devido à minha formação como astrólogo, quando olhei para o relevo e vi a figura do monarca com um capacete com chifres, minha intuição me levou diretamente ao signo de Touro, especificamente à era astrológica de Touro. Pensei na possibilidade de que os três sóis se referissem a Sirius A, B e C, e que o artista estivesse indicando sua localização no signo de Touro no ano em que a estela foi feita. Na tradição astrológica, Sirius é considerada uma estrela fixa, ao contrário dos signos zodiacais que se movem devido ao fenômeno da precessão dos equinócios, portanto, aparentemente, as estrelas fixas se movem no zodíaco. Eu sabia que Sirius estava atualmente posicionada no 12º grau do signo de Câncer. Então, recorri às efemérides para corroborar a posição exata da estrela no ano 2.254-2218 a.C., que é quando o evento histórico é datado, e surpresa...

Sirius, naquele exato momento, estava em torno do 12º grau de Touro! Não podia ser mera coincidência, era um alvo em todo o centro. A possibilidade de que os três sóis colocados na parte superior do relevo se referissem às três estrelas de Sirius A, B e C ganhou muitos pontos.

Por outro lado, encontrei uma relação matemática reveladora entre as distâncias de Sirius ao sistema solar e a distância da Terra ao Sol, que reproduzo abaixo. Sirius está a 8,6 anos-luz de distância do sistema solar, ou 4.520.160 minutos-luz. A Terra está a 8 minutos-luz e 19 segundos-luz de distância do Sol. Se dividirmos a distância de Sirius ao sistema solar pela distância da Terra ao Sol, o resultado será 542.636 minutos-luz, ou aproximadamente 376 dias-luz. Isso fornece uma relação numérica entre o tempo que a Terra leva para dar uma volta ao redor do Sol (365,25 dias) e a distância de Sirius do sistema solar (376 dias-luz). Tantas sincronicidades misteriosas que, embora separadamente inconclusivas, quando consideradas em conjunto, sugeriam que eu estava no limiar de um enigma transcendente. Senti a mesma empolgação de quando você começa a juntar

as primeiras peças de um quebra-cabeça e vê que tudo parece começar a fazer sentido.



Figura 4.2 Estela Naram-Sin

Tendo chegado a esse ponto, devemos nos perguntar: qual é a relação entre Sirius e Órion? Os antigos egípcios demonstravam grande veneração pela "Estrela do Cão", que eles conheciam como Sirius, localizada na

constelação de Can Major. Mas essa não era a única estrela que eles veneravam. De acordo com a mitologia egípcia, os deuses descendiam da constelação de Órion e de Sirius, a estrela mais brilhante do céu. Os antigos egípcios acreditavam que Ísis e Osíris eram seres em forma humana que vieram de Sirius (Ísis) e Órion (Osíris), e que eles eram a origem da raça humana.

Como podemos ver da Terra, a constelação de Órion é uma das constelações mais proeminentes no céu noturno e tem sido adorada por culturas antigas em todo o mundo. Para os gregos, Órion era um de seus semideuses, representado como um homem. De acordo com a mitologia grega, Orion era um gigante com poderes sobre-humanos, um caçador astuto que, acompanhado de seu fiel cão, Sirius, matava animais com uma maça de bronze inquebrável. A parte mais reconhecível da constelação são suas três grandes estrelas: Alnitak, Alnilam e Mintaka, que formam o chamado "cinturão de Órion".

No meio do deserto da Núbia, pesquisadores encontraram o que pode ser o mais antigo complexo megalítico apontando para Órion. No sul do Egito, a mais de 800 quilômetros da moderna cidade do Cairo, em uma planície inóspita no leste do deserto do Saara, encontra-se um misterioso sítio arqueológico chamado Nabta Playa, cerca de 1.000 anos mais antigo que Stonehenge. Ele foi descoberto por um grupo de cientistas liderados pelo antropólogo Fred Wendorf em 1974, e os pesquisadores acreditam que as pedras megalíticas espalhadas pela área faziam parte de um centro ritual pertencente a uma civilização que se desenvolveu entre 6.400 e 3400 a.C., imediatamente antes da civilização egípcia, de acordo com a cronologia oficial. Não se tratava de um assentamento, mas de um centro cerimonial. Uma das peças centrais é um círculo que foi chamado de "o Ministonehenge do deserto".

Durante várias décadas, essa estrutura de pedra e sua relação com o cinturão de Órion intrigaram os arqueólogos. Os construtores de Nabta Playa tinham um profundo conhecimento de astrofísica e matemática, bem como um conhecimento avançado das constelações. Robert Bauval e o astrofísico Thomas Brophy estudaram a configuração desse monumento megalítico por mais de dez anos. Em seu livro, *Black Genesis*, eles sugerem que se trata de

uma espécie de observatório astronômico, um calendário com quatro pares de pedras semelhantes a portões, uma de frente para a outra: um par orientado no sentido norte-sul e o segundo par no sentido nordeste-sudoeste, no qual os círculos de pedra formam um mapa estelar em escala. As seis pedras centrais e suas diferentes inclinações também fariam parte do observatório. Brophy acredita que três dessas pedras estão relacionadas ao cinturão de Órion e as outras três ao ombro de Órion e à estrela principal. Ele afirma que, em 4.900 a.C., essas três pedras centrais se alinharam perfeitamente com as três estrelas mais brilhantes da constelação de Órion, que formam o cinturão. Será que essas pedras realmente se alinharam com o cinturão de Órion durante o solstício de verão daquela época? E, se sim, como nossos ancestrais poderiam ter construído um mapa tão avançado dessa constelação? Os habitantes de Nabta Playa desapareceram misteriosamente por volta de 3.400 a.C., e alguns acreditam que eles migraram para a região do Vale do Nilo, onde a civilização egípcia surgiu mais tarde, no quarto milênio a.C.

O conhecimento astronômico usado em Nabta Playa é o mesmo usado nas pirâmides egípcias. Por que a localização de Órion era tão importante para os egípcios? A história de Ísis e Osíris é uma das lendas mais importantes de toda a mitologia egípcia, embora não haja uma reconstrução exata. Osíris era um deus soberano que concedeu a civilização aos homens. Seth, sentindo inveja, assassinou seu irmão, persuadindo-o a se colocar em um sarcófago, que ele fechou e jogou no Nilo. Ísis, sua esposa e irmã, conseguiu resgatar seu corpo, copulou com ele e, mais tarde, deu à luz Hórus. Seth, ao saber disso, fica furioso e encontra Osíris e divide seu corpo em "quatorze partes", que serão jogadas mais uma vez no rio sagrado dos egípcios. Com esse ato, Seth quer impedir a mumificação ritual do corpo de seu irmão, impedindo que o espírito de Osíris retorne ao seu corpo. Ísis recuperará do Nilo treze dos fragmentos do cadáver de seu amado deus, mas jamais encontrará a décima quarta peça, o falo, símbolo da procriação; uma alegoria altamente sugestiva de nossa condição de "filhos de Órion".

Os Textos das Pirâmides Egípcias, esculpidos nas paredes das pirâmides que datam de 2400 a.C., falam do Faraó egípcio Unis, o último da 5ª Dinastia, que governou por trinta anos, antes de finalmente fazer sua última

viagem ao sistema estelar de Órion. Será que o Faraó Unis realmente viajou para o espaço, como afirmam os Textos das Pirâmides?

Uma coisa a se ter em mente é a "teoria da correlação de Órion" proposta por Robert Bauval e Adrian Gilbert em seu livro *The Orion Mystery*, que sugere que as três pirâmides de Gizé são uma réplica "exata" das estrelas Alnitak, Alnilam e Mintaka no Cinturão de Órion ("As Três Marias"). O fato é que a ligação entre Sirius e Órion, pelo menos do ponto de vista astronômico, é inegável. Os egípcios sabiam que Órion se perdia atrás do horizonte uma hora antes de Sirius (conhecido como Sothis pelos egípcios), o que também serviu de referência para o estabelecimento do calendário Sothic. Nesse calendário, o ano começa com a ascensão helicoidal de Sirius. A ascensão heliaca de uma estrela ocorre anualmente quando ela se torna visível no horizonte leste, pouco antes do nascer do sol, após um período de tempo em que não esteve visível.

Teotihuacan (a cidade dos deuses) está localizada a 56 quilômetros da Cidade do México. A construção dessa cidade é atribuída a uma raça de gigantes chamada Quinametzin, que povoou o mundo na era anterior. Diz-se que em 3.114 a.C., os deuses desceram do céu para participar de uma convenção em Teotihuacan. Assim como as pirâmides de Gizé, as pirâmides de Teotihuacan também parecem estar alinhadas com o cinturão de Órion.

Os maias chamavam Orion de Ak' Ek' ou "Estrela Tartaruga". Orion é retratado no Códice de Madri como uma tartaruga com o glifo tres tun ("pedra") em suas costas. E no Popol Vuh, o livro da criação maia, Órion é visto como o primeiro pai, Hun Hunahpú, "o deus do milho".

Foi mera coincidência o fato de egípcios, astecas, maias ou gregos adorarem a mesma constelação? Esses monumentos foram construídos para comemorar algum evento extraordinário para a humanidade?

Vamos voltar para onde tudo começou, para as fontes originais do mistério, para o berço da civilização. Tudo o que sabemos sobre a história da Babilônia é graças às escavações e ao fato de termos conseguido decifrar um grande número de textos cuneiformes. Por esse motivo, sabemos que os babilônios tinham um conceito de vida muito religioso. Por isso, eles

adoravam os deuses dos planetas das diferentes constelações. Poderíamos dizer que era uma religião celestial. Em 1840, no norte do Iraque, em Mosul, uma equipe de arqueólogos do Museu Britânico descobriu milhares de tábuas de argila escritas durante o século 7 a.C. Entre as tábuas encontradas, havia duas relíquias misteriosas, hoje conhecidas como Catálogos de Estrelas da Babilônia. As traduções do texto antigo indicavam que essas tábuas descreviam movimentos precisos de vários corpos celestes, constelações que deram origem ao que hoje é conhecido como zodíaco. Os Catálogos de Estrelas da Babilônia são uma extensa compilação de informações astronômicas, com equações matemáticas extremamente precisas. O mais surpreendente são as distâncias entre os planetas, o que causa perplexidade entre arqueólogos e pesquisadores que não conseguem responder à pergunta de como uma civilização do passado poderia ter tido acesso a esse tipo de conhecimento. Teria sido oferecido a eles por seres extraterrestres que eles chamavam de deuses?

Como em muitas outras culturas e civilizações da antiguidade, os babilônios já conheciam Órion, a quem chamavam de Sipazi Anna, traduzido como "o pastor de Anu" ou "o pastor dos céus". Os babilônios se referem a ela como a guia leal dos céus. Os catálogos de estrelas babilônicos eram guias interestelares?

A esse respeito, vale lembrar que há um baixo-relevo de Órion na forma de um pássaro, e ele também era chamado de mensageiro. Na rocha, há uma imagem de um pássaro atrás do guia e sua posição pode indicar que ele trazia e levava mensagens da Terra para Órion. Então, as perguntas são: como eles fizeram isso, tudo isso deve ser entendido simbolicamente, é possível que seja algum tipo de dispositivo de comunicação interestelar, os Catálogos de Estrelas da Babilônia eram mapas de comunicação interestelar, os deuses babilônicos eram realmente mensageiros extraterrestres de Órion e, em caso afirmativo, como eles fizeram isso, é possível que os deuses babilônicos fossem realmente mensageiros extraterrestres de Órion?

A Mesopotâmia, o berço da civilização, foi o primeiro lugar onde alienígenas antigos chegaram para dar origem à primeira civilização do planeta: a suméria. Se observarmos os hieróglifos sumérios, os hieróglifos

egípcios e as lendas maias, o que veremos, repetidamente, é a mesma história contada de forma diferente, em diferentes idiomas: seres das estrelas vieram ao nosso planeta e, assim, nossa civilização foi gerada.

As civilizações antigas apontam o cinturão de Órion como o portal da vida. Quando os maias, os egípcios e todas essas culturas se referem ao início e ao fim da vida, sempre o relacionam ao cinturão de Órion. Os astrônomos modernos se referem à nebulosa de Órion como M42, mas eles a conheciam na antiguidade, milhares de anos antes de a astronomia moderna inventar telescópios como o Hubble. Órion é uma área onde nascem estrelas a tal ponto que os astrônomos se referem a ela como um "berçário estelar gigante". Orion poderia ter algo a ver com a origem da vida em nosso planeta? Nossos ancestrais sabiam que Órion estava localizado no coração da galáxia e achavam que as respostas para muitas perguntas poderiam ser encontradas lá. O sistema estelar de Órion representa a origem e o destino final da humanidade, de onde viemos e para onde estamos indo?

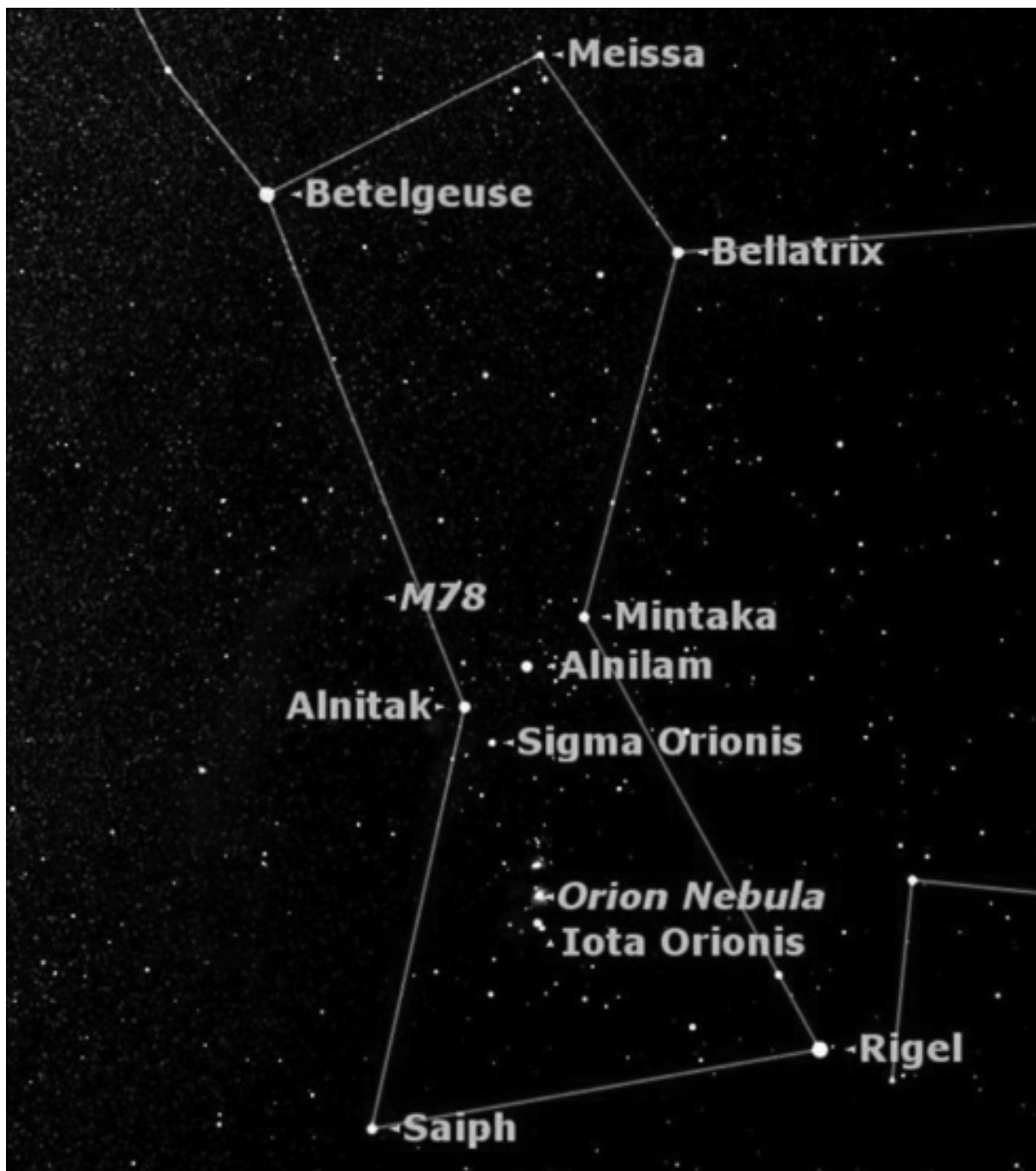


Figura 4.3 Sistema Orion



Figura 4.4 Praia de Nabta

A ideia de que civilizações extraterrestres avançadas vindas das estrelas visitaram a Terra em tempos antigos e interagiram em maior ou menor grau com certas culturas, ajudando-as a realizar grandes obras e influenciando o progresso humano, não é nova e está presente em certos círculos pelo menos desde a era vitoriana. Mas o conceito não se tornou popular até a década de 1960, por meio das obras de autores como Erich Von Daniken, que marcaram um antes e um depois. Daniken foi o grande divulgador da hipótese de que, em um passado remoto, fomos visitados por seres extraterrestres de outro planeta, embora, posteriormente, muitos autores, com maior ou menor sucesso, tenham se aproveitado do hype gerado pelo hoteleiro suíço. Entretanto, devemos a Zecharia Sitchin, brilhante estudioso e incansável escritor, em seu primeiro livro, *The Twelfth Planet*, o desenvolvimento de suas teses magistrais com uma profundidade até então desconhecida.

Voltemos ao povo misterioso do qual surgiu a civilização. Que explicação os sumérios deram para a origem de seu conhecimento? Os sumérios, assim como os dogons, afirmam em seus escritos que tudo o que sabiam lhes foi ensinado por seres das estrelas, a quem chamavam de deuses, um termo que, na época em que foi cunhado, não tinha as conotações religiosas que tem hoje. Embora agora esteja na moda menosprezar os escritos míticos antigos como contos de fadas infantis, essa é, no entanto, a explicação mais plausível de todas. Isso explicaria por que, sem deixar qualquer vestígio de uma linha evolutiva, ciências totalmente desenvolvidas como a astronomia, a medicina ou a matemática surgiram da noite para o dia. Da mesma forma que, quando somos pequenos, vamos à escola e o professor nos ensina trigonometria ou equações de segundo grau, o conhecimento foi concedido e não adquirido por nossa própria pesquisa. Isso é o que os próprios protagonistas da história dizem em seus escritos, mesmo que os críticos tentem distorcê-lo. Por que deveríamos acusar os sumérios de terem escrito bobagens? Algum dos que pensam assim estava lá na época para afirmar categoricamente que, em seus escritos, os sumérios queriam dizer algo diametralmente oposto ao que realmente disseram?

O homem moderno é cético em relação a qualquer coisa que esteja fora dos limites do que o pensamento científico atual considera apropriado. O pensador sumério, por outro lado, estava convencido de que seu conceito das coisas estava correto, pois ele sabia como o universo foi criado e como funcionava. E sabemos a razão pela qual eles estavam tão seguros e convencidos de seu conhecimento, que nada mais era do que o fato de ele ter sido dado a eles pelos deuses, seres sobre-humanos e imortais que, em sumério, eram chamados de dingir (deuses do céu), com os quais eles tinham um relacionamento especial e familiar. Entretanto, é curioso notar que os deuses anunnaki eram representados em formas humanas, e seus sentimentos, pensamentos e ações também eram reduzidos à escala humana. Os deuses, como os humanos, comiam, bebiam, casavam-se, tinham família e estavam sujeitos a todos os tipos de fraquezas e paixões humanas. Eles eram iguais aos humanos, exceto por seus poderes sobre-humanos e imortalidade. Os sumérios também não encontraram nenhuma contradição entre a semelhança humana e sua imortalidade, ou que, apesar de sua imortalidade, os deuses precisavam ser alimentados, podiam adoecer, ser feridos e até morrer (veremos mais adiante que os deuses não eram

imortais, mas desfrutavam de extrema longevidade). Tudo isso eles contemplavam com a naturalidade do que descreviam como uma relação real e cotidiana de coexistência com os deuses, uma tese que hoje parece desprovida de qualquer lógica e sentido.

Para ilustrar esse último ponto, cito abaixo uma das histórias traduzidas por Samuel Noah Kramer em seu livro *Sumerian Mythology* (Mitologia Suméria), de 1944, que foi posteriormente corrigido e aprimorado por Thorkild Jacobsen. O relato diz que, em uma época anterior à criação do homem, a cidade de Nippur era habitada pelos deuses. Lá vivia a jovem deusa Ninlil com sua mãe, Nunbarshegunu, que, vendo que o deus supremo Enlil era um bom partido para casar com sua filha, decidiu preparar para ela uma das armadilhas mais simples e antigas, mas que sempre funciona. Ela aconselhou sua filha a seguir estas instruções.

*"Na onda pura, mulher, banhe-se na onda pura.
Ninlil, siga pela margem do rio Nunbirdu,
o ser de olhos brilhantes, o Senhor, o ser de olhos
brilhantes,
o Grande Monte, Pai Enlil, o ser com olhos brilhantes, o
verá,
o pastor que decide os destinos, o ser com olhos brilhantes
verá você,
Ele a abraçará e a beijará."*

Ninlil seguiu à risca as instruções que sua mãe lhe dera e foi até o local do rio onde sabia que Enlil passaria, para que, ao vê-la se banhando, pudesse despertar o desejo sexual dele.

*O Grande Monte, Pai Enlil, o ser com olhos brilhantes a
viu,
o pastor que decide os destinos, o ser com olhos brilhantes a
viu,*

*O Senhor lhe falou de amor, mas ela recusou:
'Minha vagina é muito pequena e não conhece a cópula,
meus lábios são muito pequenos e não sabem beijar...'*

Enlil e Ninlil. Procriação.

O resultado final da armadilha de sedução planejada pelas duas mulheres foi que Enlil forçou o jovem Ninlil a satisfazer seus desejos sexuais gerando o deus da lua Sin, o que lhe causou muitos problemas com os próprios deuses, que consideraram o ato imoral e punível.

Não foram encontrados registros, relatos e histórias de deuses mais antigos do que os da Suméria. Se enumerarmos esses deuses, a lista chega a centenas, mas no momento em que os classificamos, percebemos que não se trata de um totum revolutum sem sentido. Nem todos os deuses que compunham o panteão sumério tinham a mesma importância, nem a mesma classificação. Havia deuses encarregados da picareta ou da enxada, bem como deuses encarregados de moldar tijolos, encarregados de fossos e diques; e havia também grandes deuses que governavam a Terra e o Céu. Havia toda uma hierarquia na qual cada um tinha uma função com determinados atributos e responsabilidades, comparável à organização política e social existente entre os homens.

Por analogia, seria de se esperar que um deus supremo, reconhecido por todos os outros como seu soberano ou rei, liderasse um sistema de governo, a monarquia, que era o sistema em uso em seu planeta antes de sua chegada e que, desde o momento em que ele foi trazido à Terra, na mais remota Antiguidade, sobreviveu até os dias atuais. O governo dos deuses Anunnaki se reunia na forma de uma assembléia presidida pelo monarca. A assembléia, como um senado moderno, consistia de cinquenta grandes deuses e sete deuses supremos, além dos quatro deuses reais. Esse sistema de monarquia parlamentar foi adotado mais tarde pelos primeiros governantes da civilização suméria nos tempos históricos. Pode ser surpreendente o fato de que, já em 3000 a.C., o primeiro parlamento conhecido até hoje tenha se reunido na cidade de Uruk em uma sessão solene extraordinária para discutir se entraria em guerra com a cidade de Kish ou se permaneceria em paz e aceitaria a subjugação, reconhecendo seu

soberano. O Parlamento era composto, como nos sistemas democráticos modernos, por duas câmaras: um Senado ou Assembléia de Anciãos e uma Câmara Baixa composta por cidadãos com capacidade de portar armas.

*Senhor Gilgamesh perante os anciãos de sua cidade,
abordou o assunto e pediu o seu conselho:
Não nos submetamos à casa de Kish, ataquemo-los com as
nossas armas.
A assembleia dos anciãos da cidade
respondeu a Gilgamesh: 'Vamos nos submeter à casa de
Kish',
Não vamos atacá-los com nossas armas!
Gilgamesh, o senhor de Kullab, que realizou atos heróicos
para a deusa Innana,
não aceitou em seu coração as palavras dos anciãos de sua
cidade.
Pela segunda vez, Gilgamesh, o senhor de Kullab,
levou o assunto aos combatentes da cidade e pediu o seu
conselho:
Não se submetam à casa de Kish, ataquem-na com nossas
armas!
A assembleia reunida dos combatentes da cidade
respondeu a Gilgamesh: Não se submeta à casa de Kish.
Vamos atacá-los com nossas armas!
Então, Gilgamesh, o senhor de Kullab,
perante este conselho de combatentes de sua cidade,
sentiu seu coração alegrar-se e sua alma iluminar-se.*

Gilgamesh e Aga.

No topo dessa família de deuses estava An (Anu nos textos babilônicos e assírios), o deus do céu, o governante do planeta de onde vieram os Anunnaki, literalmente os seguidores de Anu. A cidade onde Anu tinha seu templo ou residência quando visitava a Terra era Uruk. Ele era, portanto, o rei supremo de todos os Anunnaki, os que viviam em seu planeta e os que estavam na Terra. Depois de Anu, vieram seus filhos Ea (Enki) e Enlil, e

sua filha Ninhursag (Nintu ou Ninmah), formando o grupo dos quatro deuses reais.

Ea, também conhecido pelo nome de Enki, é o senhor (En) da Terra (Ki), um título que ele recebe por seus méritos de ter comandado a primeira expedição Anunnaki à Terra, tendo feito o primeiro assentamento e construído a cidade de Eridu após sua chegada. Enki é o deus que detém a tecnologia do misterioso me (armas poderosas condensadas na forma de objetos como joias ou ornamentos), portador da sabedoria, das artes e do conhecimento dessa civilização, o que permitiu a colonização do planeta, bem como a criação do homem. Enki era o filho primogênito de Anu, mas devido às leis especiais de sucessão existentes em seu planeta, Enlil, seu meio-irmão, tornou-se o "príncipe do Céu", herdeiro e sucessor da coroa, bem como o "senhor das ordens", a mais alta autoridade da expedição Anunnaki na Terra, acima do próprio Enki. Os textos descrevem Enlil como o rei de todos os países, e os soberanos se vangloriavam de ter recebido a realeza dele. Era Enlil quem pronunciava o nome do rei e lhe concedia seu cetro.

*Céu, do qual Enlil é o Príncipe;
Terra, da qual ele é o Grande;
Os Anunnaki, dos quais ele é o deus sublime.
Quando, em sua majestade, ele decreta os destinos,
nenhum deus se atreve a olhar para ele.*

Hino a Enlil

Enki foi o primeiro filho de Anu, fruto do relacionamento do monarca com uma concubina e não com sua consorte oficial, sua meia-irmã Antu, enquanto Enlil nasceu mais tarde, mas era filho do rei e da rainha e, portanto, o herdeiro legal do trono. Os Anunnaki tinham regras de sucessão dinástica baseadas em linhagens sanguíneas, sistemas sofisticados de descendência cujo objetivo era manter a pureza dos genes que compõem o DNA, distinguindo entre o DNA geral, transmitido por ambos os pais, e o DNA mitocondrial, que só é transmitido de mãe para filha. É por isso que o papel da mãe é tão importante e, embora a transmissão sempre ocorra por meio da linha masculina, é comum que o filho primogênito seja o próximo

na linha de sucessão, a menos que um filho nasça posteriormente com uma meia-irmã (filha do mesmo pai, mas de mãe diferente), que se torna herdeira e sucessora legal, como foi o caso de Enlil. Enki não viu com bons olhos o roubo da coroa, nem a perda do poder na Terra, um lugar que havia sido colonizado por ele com muito trabalho e esforço.

Enki tinha uma profunda simpatia pela humanidade, não por acaso ele a criou, enquanto Enlil tolerava os humanos como um mal necessário para o bem-estar dos deuses, chegando a detestá-los e a organizar um plano para exterminar a humanidade. Enki estava encarregado dos assuntos da Terra. Enlil estabeleceu as linhas gerais do plano, enquanto Enki, fértil em recursos, combinando ousadia e sabedoria em doses ideais, ficou encarregado dos detalhes de sua execução.

Os desentendimentos entre Enki e Enlil, bem como as futuras rivalidades de seus clãs familiares, serão a chave para entender os eventos que se desenrolarão na Terra e que foram tão decisivos para o destino da humanidade. Uma situação que os textos bíblicos apagaram com um golpe de caneta em favor da doutrina monoteísta judaico-cristã, mas que os textos originais da Mesopotâmia descrevem em grande detalhe e que será objeto de análise nos próximos capítulos.

Ninhursagh aparece, dependendo da época e do local, sob diferentes e variados nomes, incluindo Nintu (a senhora do nascimento), Ninmah, Belit-Ili, Dingirmah, Aruru ou Damkina. Ela era uma deusa da fertilidade, uma conhecedora dos segredos da ciência biológica, e foi ela quem ajudou Enki no processo de criação do ser humano.

Os sumérios tinham textos que falavam sobre o sistema solar, a relação dos planetas que o compunham, sua ordem, sua distância e até mesmo sua aparência. Já mencionei que os sumérios sabiam que a Terra girava em torno do Sol e fazia parte de um sistema planetário. Eles também sabiam que o sistema solar era composto por uma série de planetas: Mercúrio, Marte, Vênus, Júpiter e Saturno; sabiam da existência de alguns que a ciência oficial não descobriu até relativamente pouco tempo, como Urano, Netuno e Plutão; e até mesmo atestam a existência de um planeta ainda não

descoberto pelos cientistas atuais, que eles chamavam de Nibiru, o planeta da encruzilhada, e que terá um papel determinante em toda essa história.

Foi Sitchin quem divulgou a seguinte ilustração que representa o sistema solar, catalogada sob o número VA/243 no Vorderasiatisches Museum (Museu do Oriente Médio) em Berlim, que tem pelo menos 4.500 anos de idade. Trata-se de um selo cilíndrico, um precursor das modernas prensas de impressão. O artista gravou a representação desejada na pedra, invertida, como um negativo, que depois foi impresso em positivo quando foi rolado sobre a argila úmida.

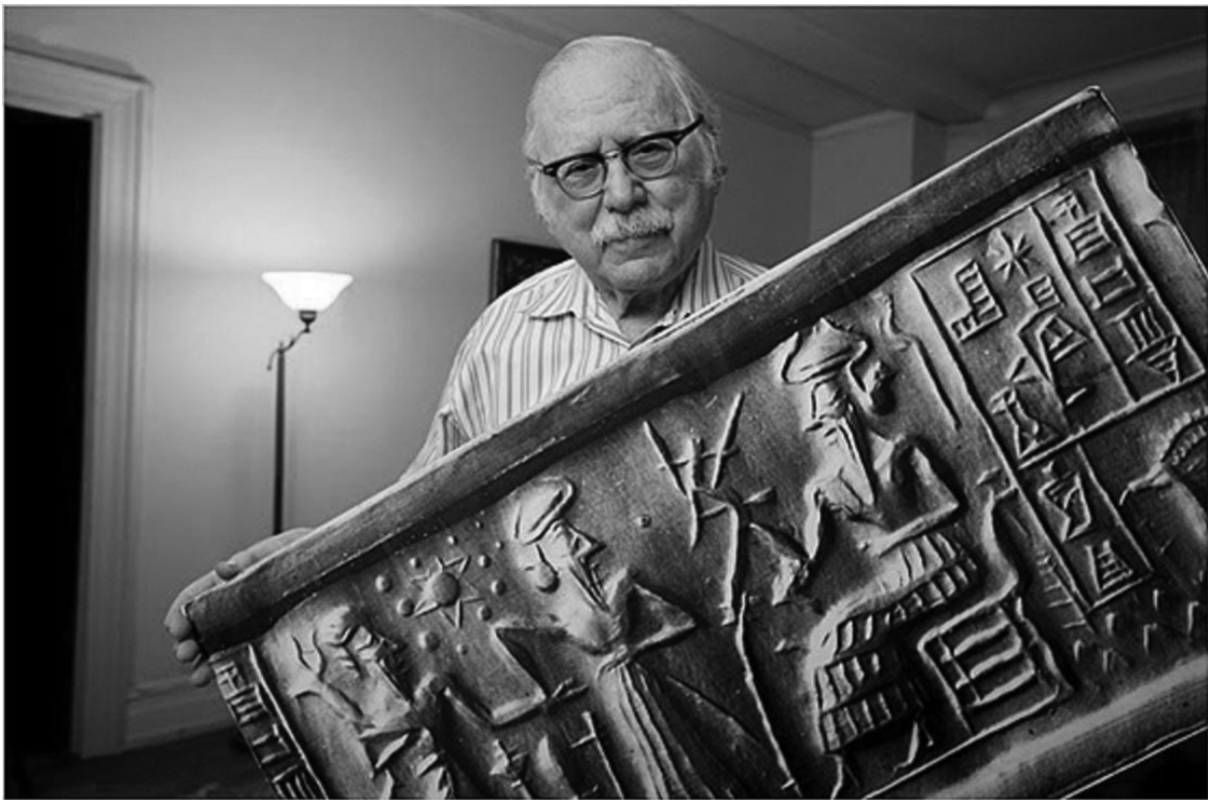


Figura 4.5 Zecharia Sitchin



Figura 4.6 VA/243

Observando o detalhe do lado superior esquerdo desse relevo, encontramos uma representação do sistema solar, na qual o Sol é claramente visto no centro, cercado pelos planetas que compõem o sistema solar. Deve-se enfatizar que é o Sol que está no centro da representação e não a Terra, o que indica que já na antiguidade remota havia um conhecimento tão preciso do sistema solar e de como a Terra, assim como os outros planetas, girava em torno do Sol, conhecimento que a humanidade perdeu ao longo dos séculos a ponto de ser considerado revolucionário e herético no ano de 1543, quando Nicolau Copérnico morreu e seus seguidores publicaram seu trabalho no qual ele postulava sua teoria heliocêntrica. Se analisarmos o relevo em detalhes, observaremos uma representação do nosso sistema solar com todos e cada um dos planetas que conhecemos hoje, com seus tamanhos relativos e sua distância do Sol. Esses dados estão de acordo com o conhecimento atual.

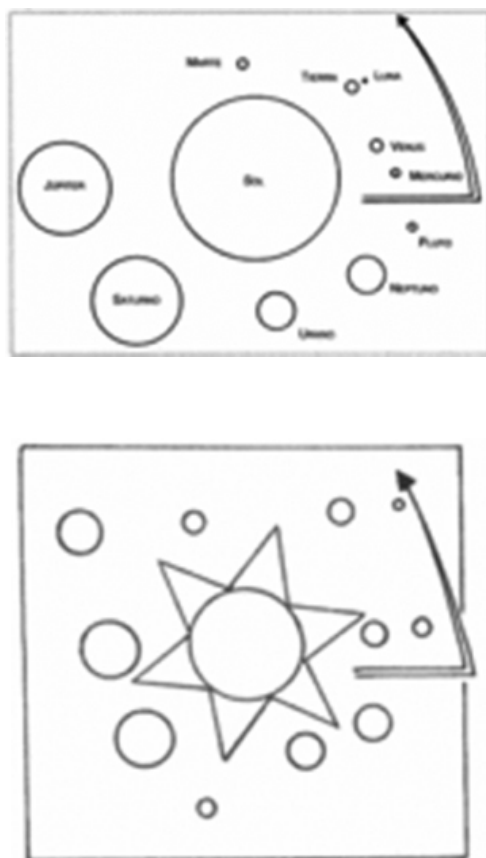


Figura 4.7. Diagrama comparando a representação VA/243 do sistema solar com a estabelecida pela ciência moderna.

Mas há algumas diferenças em relação à doutrina científica predominante no momento. A primeira tem a ver com Plutão e a controvérsia que o persegue desde sua descoberta em 1930. Desde então, muitos astrônomos têm especulado que esse planeta pode ter sido originalmente um satélite de outro planeta, e alguns até apontam Netuno como tal planeta. Mais recentemente, há uma disputa contínua sobre se Plutão deve continuar a ser considerado um planeta ou ser reclassificado como um asteroide do cinturão de Kuiper, ou simplesmente como um planeta anão. Em 2006, a União Astronômica Internacional (IAU) argumentou que Plutão não pode ser classificado como planeta porque é muito pequeno para poder traçar sua própria órbita, na verdade cruzando a de Netuno, e anunciou que Plutão deveria ser reclassificado como um planeta anão, como Ceres ou Xena. De acordo com isso, o sistema solar consistiria em 8 mundos e 5 planetas anões (muitos outros aparecerão no futuro de acordo com esse critério da IAU).

No entanto, embora a IAU tenha votado pela desclassificação de Plutão como planeta, apenas 424 dos 10.000 astrônomos profissionais de todo o mundo puderam votar. Como se pode ver, a controvérsia não é unânime, pois há um número considerável de astrônomos que parecem não concordar com essas classificações confusas. De acordo com a resolução 5A da Assembleia Geral da IAU, há quatro condições que um corpo deve atender para ser chamado de planeta:

1. Ele deve orbitar uma estrela (o Sol, nesse caso).
2. Ter uma massa considerável.
3. Formato relativamente esférico; e
4. Limpar a vizinhança de sua órbita.

A mesma resolução define um planeta anão com as seguintes características:

1. Está em órbita ao redor do Sol.
2. Ele tem massa suficiente para que sua própria gravidade supere a força do corpo rígido, de modo que adquira equilíbrio hidrostático (formato quase esférico).
3. Não é um satélite de um planeta ou outro corpo não estelar.
4. Não limpou a vizinhança de sua órbita.

Não está claro para vários astrônomos se Plutão preenche as condições de ter massa suficiente ou se é pequeno demais para limpar gravitacionalmente a vizinhança de sua própria órbita, já que sua vizinhança não é clara; na verdade, seus arredores são um enxame de objetos gelados, um dos quais, Éris, é maior do que o próprio Plutão. Nada parece ser certo sobre Plutão, e é por isso que a singularidade do relevo VA/243 é tão relevante e marca um

desvio do que tem sido o modelo astronômico estabelecido da composição do nosso sistema solar até agora.

Na representação VA/243, Plutão não é mostrado depois de Netuno, mas entre Saturno e Urano, o que é lógico do ponto de vista sumério, já que, de acordo com a cosmologia deles, Plutão era um satélite de Saturno, que gradualmente se libertou de Saturno e, por fim, alcançou seu próprio destino, ou seja, sua própria órbita ao redor do sol. Essa concepção de Plutão e suas origens, mesmo nos tempos antigos, revela um conhecimento extremamente preciso e um alto grau de compreensão dos processos que levaram à formação do sistema solar, bem como a existência, mesmo naquela época, de algumas teorias muito avançadas. A existência de teorias astrofísicas altamente avançadas que postulavam que um satélite poderia se tornar um planeta ou que um planeta poderia acabar agindo como uma lua, algo que os astrônomos modernos há muito deixaram de especular, graças às observações feitas pelas missões espaciais Pioneer e Voyager.

É realmente empolgante ver como muitas das descobertas modernas em cosmologia e astrofísica são meramente redescobertas de conhecimentos que já existiam na antiguidade; e não apenas isso, mas observar como esse conhecimento do passado mítico fornece explicações coerentes para muitos fenômenos que a ciência moderna ainda nem começou a desvendar, como veremos a seguir.

A segunda diferença que podemos ver no relevo que representa o sistema solar, de acordo com os sumérios, se o compararmos com o desenho hipotético que a ciência atual faria, tem a ver com a representação de um planeta desconhecido, maior que a Terra, mas menor que Júpiter, que fornecerá a resposta para muitas perguntas sobre as origens do nosso planeta. Podemos imaginar a posição de um grande planeta no espaço vazio entre Marte e Júpiter. Atualmente, os cientistas não têm evidências da existência de nenhum planeta orbitando nessa posição, mas os antigos textos sumérios insistem nisso e o chamam de Nibiru, o planeta da encruzilhada. Que mistérios estão por trás desse planeta e do significado de seu nome?

CAPÍTULO V

A ORIGEM DO SISTEMA SOLAR

Quantas coisas foram negadas em um dia, mas se tornaram realidades no dia seguinte.

Júlio Verne (1828-1905), escritor francês

A DESCOBERTA DA FASCINANTE civilização mesopotâmica é devida à competição árdua, originada no meio do século XIX, entre arqueólogos franceses e ingleses, o que, por um lado, deu origem à assiriologia como ciência e, por outro, enriqueceu diversos museus com as valiosas descobertas encontradas na região. Entre outros e com menção especial, está a grande coleção de textos da Biblioteca Real de Nínive, que não é outra senão a Biblioteca de Assurbanípal, atualmente guardada no British Museum, em Londres. Nesta história, de um lado temos o Museu Britânico e, de outro, uma figura não muito conhecida fora dos círculos arqueológicos, a de George Smith. Quem era George Smith?

George Smith era um jovem que trabalhava como funcionário no Museu Britânico. Na verdade, aos 14 anos de idade, ele era gravador de cédulas, mas seu interesse pela Bíblia e seu fascínio pelas fabulosas descobertas trazidas das missões assírias o levaram a entrar na difícil arte de ler e interpretar as centenas de tábuas cuneiformes do Great Russell Street Museum de Londres. Como especialista e assiriologista de sucesso, Smith fez o que provavelmente foi sua maior e mais importante descoberta em 1872. Em um dos fragmentos dos tabletes descobertos em Nínive, ele encontrou uma versão assíria do Grande Dilúvio. Quando o anúncio da descoberta se tornou oficial, despertou um interesse incomum na sociedade britânica para financiar uma nova expedição arqueológica, com a intenção de encontrar os fragmentos restantes da história. Até mesmo o jornal londrino *The Daily Telegraph* ofereceu 1.000 guinéus com a condição de que o próprio George Smith liderasse a expedição.

A nova aventura começou no ano seguinte, em Nínive, e o tão esperado sonho se tornou realidade: em apenas uma semana, apareceu um fragmento que milagrosamente completava o relato assírio do Dilúvio, que recebeu o nome de *Epopéia de Atra Hasis*. Mais tarde, ele encontrou "as tábuas da criação", conhecidas como *The Creation Epic* (*A Epopeia da Criação*), o que levou à publicação, em 1876, de sua obra-prima, *The Chaldean Genesis* (*O Gênesis Caldeu*), na qual ele apresentou evidências dos paralelos entre a história babilônica e o Gênesis bíblico.

Mais tarde, em 1902, L. W. King continuou esse estudo com a publicação de sua obra *The Seven Tablets of Creation* (*As Sete Tábuas da Criação*), na qual o paralelo entre os chamados sete dias da criação mencionados no Gênesis bíblico e o relato mesopotâmico, dividido em sete tábuas de argila, é claramente estabelecido. Enquanto a *Epopeia da Criação* babilônica é dividida em sete fragmentos ou tábuas, das quais as seis primeiras relatam o processo de criação e a sétima é inteiramente dedicada à exaltação do deus nacional Marduk, o Gênesis bíblico divide a criação em sete dias, seis dos quais tratam da obra divina, deixando o sétimo dia para o descanso e a glorificação do Criador Supremo.

Qualquer conhecedor da história antiga sabe que a Assíria deve sua herança cultural à Babilônia, e a Babilônia, por sua vez, deve sua fantástica herança

cultural e intelectual à civilização suméria. Assim, quando falamos da Epopéia da Criação, embora ela seja um todo unitário centrado na exaltação do deus babilônico Marduk, as partes que compõem seu conjunto literário sem dúvida derivam de um protótipo sumério anterior. O mesmo parece ter acontecido com o relato bíblico. Abraão pertencia a uma família real-sacerdotal da cidade suméria de Ur e, portanto, estava a par de certos segredos. Seus descendentes compilaram e abreviaram a história, dando-lhe, por sua vez, um caráter marcadamente monoteísta, embora, como veremos mais adiante, eles não tenham feito com que todos os traços originais desaparecessem dos escritos.

O Enuma Elish, nome pelo qual o poema também é conhecido, em homenagem às duas primeiras palavras com as quais a narrativa começa ("Quando nas alturas"), era um texto obrigatório para os sacerdotes e estudiosos da época, pois tinha de ser recitado anualmente por ocasião dos festivais de Ano Novo, no início da primavera, bem como em outras ocasiões importantes. Ele consiste em sete cantos distintos em sete tábuas de argila, variando em comprimento de 139 versos na terceira tábua a 167 na sexta tábua, em um total de aproximadamente 1.100 versos.

Nesta pesquisa, parto da premissa de que nem o texto original da Mesopotâmia nem o texto bíblico posterior são mitos alegóricos sem qualquer base real, uma tese também defendida por alguns outros pesquisadores da área. Pelo contrário, esses textos, escritos por iniciados e para iniciados, escondem uma cosmogonia científica muito avançada, descrevendo a formação do nosso sistema solar sob as formas metafóricas de um poema que narra uma batalha entre deuses, um termo que esconde, nesse caso, o duplo significado de "planeta" ou "satélite".

A ciência oficial não concede a esses textos nada mais do que o caráter de mito primitivo, pois parte do falso postulado de que aqueles que os escreveram estavam em um nível primitivo de conhecimento e desenvolvimento cultural, apesar de essa afirmação não ter nada de científico, e este trabalho fornece fatos comprovados que apontam para o contrário. O paradigma não científico, atualmente dominante nos círculos acadêmicos, pressupõe que a evolução da história da humanidade e, portanto, do conhecimento, é linear e sempre ascendente. Por essa razão,

eles deduzem que é materialmente impossível que os sumérios, há 6.000 anos, conhecessem estrelas, planetas e fatos que foram praticamente descobertos ontem pela ciência. No entanto, se eles olhassem com cuidado, de forma crítica e científica, perceberiam que há muitas peças que não se encaixam no castelo de cartas que eles construíram, que é chamado de "explicação oficial da história".

Por exemplo, a palavra "deuses" desperta suspeita e aversão entre os pesquisadores, mas isso não é nada mais nada menos do que um simples problema de terminologia, um reflexo condicionado do subconsciente, como aqueles sofridos pelos cães de Ivan Pavlov quando, ao ouvirem a campainha, secretam saliva. Mas, nesse caso, trata-se de um problema religioso-cultural. O buscador da verdade, o portador do verdadeiro espírito científico, deve transcender a semântica das palavras, o véu ilusório de maya que esconde o conhecimento. Depois dessas reflexões, volto à linha central do assunto em questão.

A descoberta de fragmentos de uma versão suméria mais antiga do Enuma Elish convenceu os estudiosos de que o Épico da Criação era originalmente um texto sumério, no qual o nome original de Nibiru foi posteriormente substituído pelo nome do deus babilônico Marduk. Ele explica como o sistema solar foi formado, a origem de cada um de seus planetas, com menção especial à formação da Terra e da Lua. Também explica como surgiram o cinturão de asteroides e os cometas e termina com um relato do que aconteceu no planeta azul sobre a gênese de como o homem e a civilização humana surgiram.

*Quando o céu acima ainda não tinha sido nomeado,
E lá embaixo, o continente ainda não havia sido
mencionado
por um nome.*

Enuma Elish

É assim que o poema começa, onde a expressão "not having been named" ou "not having a name" significa que ele ainda não existia, e é por isso que

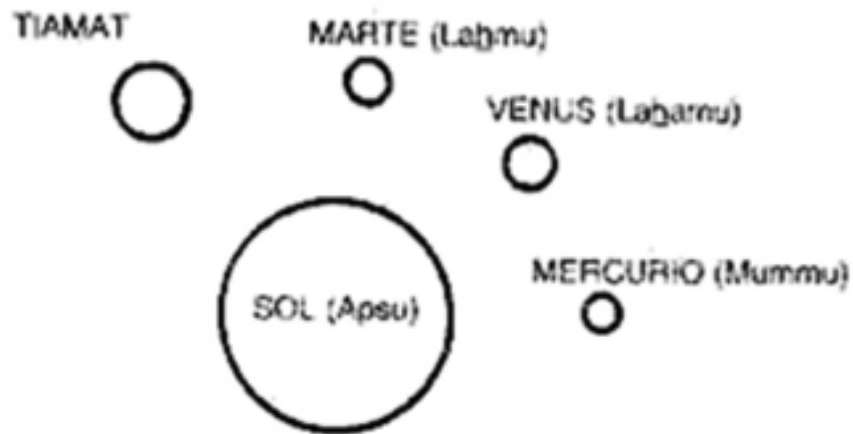
o início da história nos leva de volta, cronologicamente, para muito antes da origem do nosso planeta. Os deuses (os planetas) ainda não existiam, nem tinham um destino (órbita fixa).

*Naquela época, nenhum dos deuses havia aparecido ainda,
nem foram nomeados por nomes,
ou definir qualquer destino.*

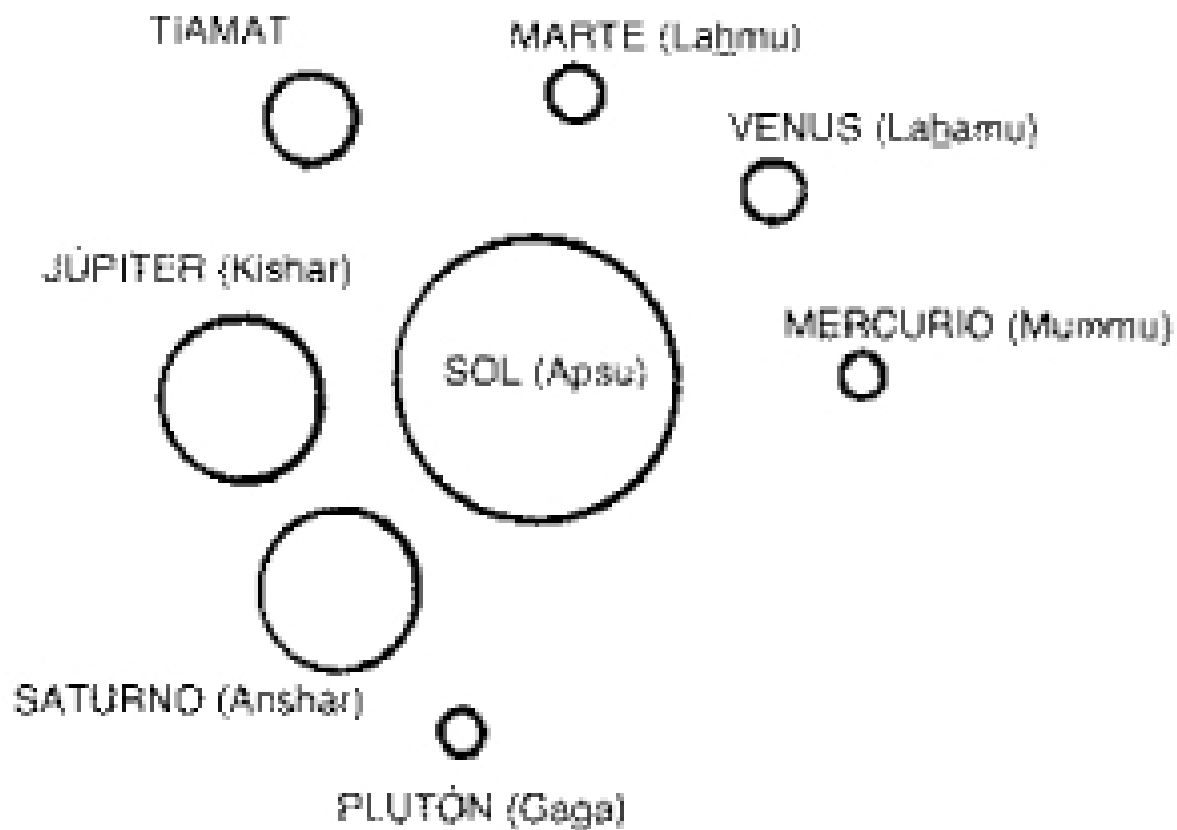
Enuma Elish

Mais adiante, ele relata o que aconteceu durante a infância do sistema solar. No início, havia apenas o Sol (Apsu, "aquele que existe desde o início"), que mais tarde foi acompanhado por Mercúrio (Mum.Mu, "aquele que nasceu") e Tiamat ("a donzela da vida"), um planeta que desempenhará um papel decisivo no futuro da Terra e da humanidade.

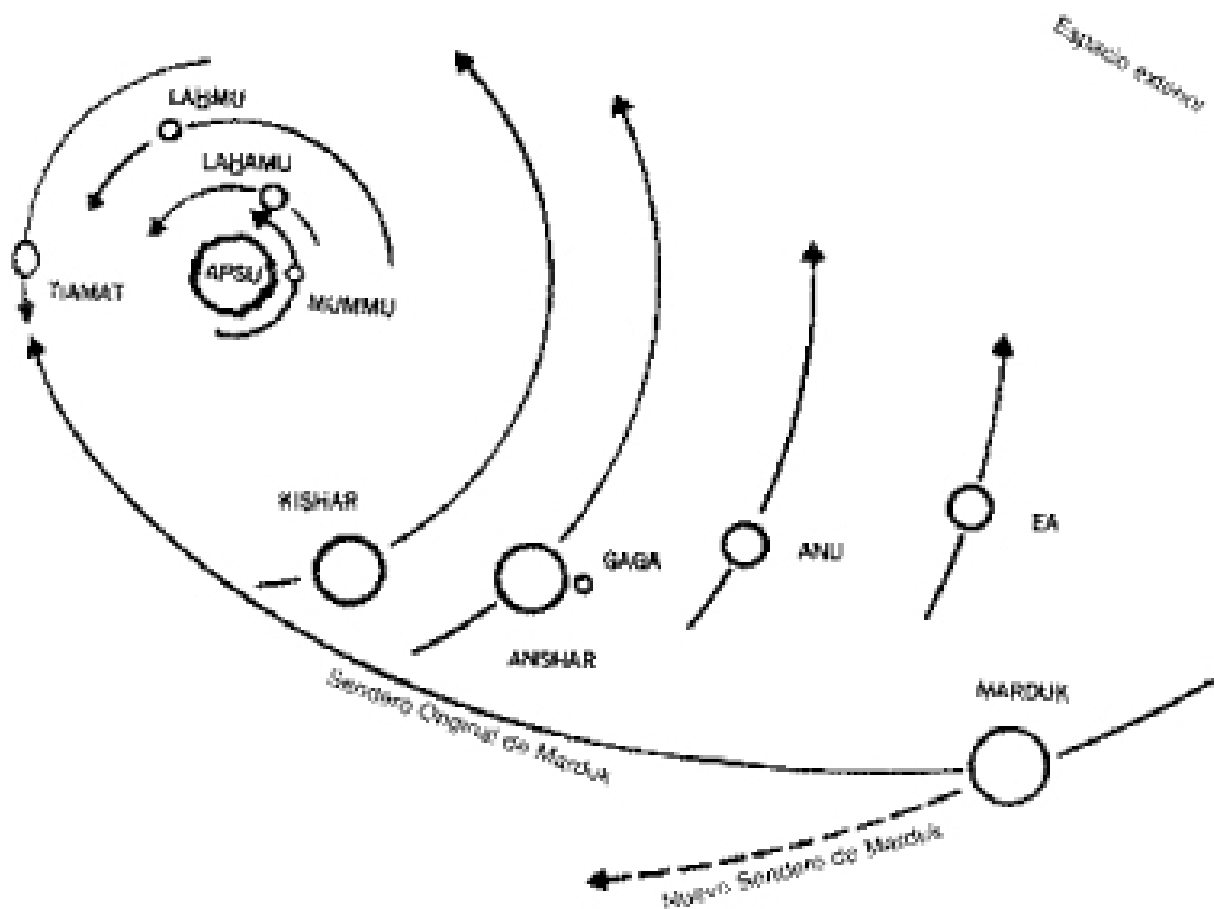
Mais tarde, o grupo se expandiu com o nascimento de um par de planetas internos, Marte (Lahmu) e Vênus (Lahamu).



O par de planetas gigantes, Júpiter (Kishar) e Saturno (Anshar), acrescentou um número maior de membros ao sistema solar.



Finalmente, Urano (Anu) e Netuno (Ea) apareceram, em órbitas mais distantes.



Nesse sistema solar juvenil, as órbitas (destinos) dos planetas (os deuses) ainda estavam em um estado de instabilidade. Tiamat, que tinha onze satélites girando em torno de si, exercia e estava sujeito a todos os tipos de forças gravitacionais, seja com os dois planetas mais próximos do núcleo solar: Marte e Vênus; seja com os dois planetas gigantes vizinhos externos: Júpiter e Saturno, o que causava não poucos problemas e tensões entre seus membros.

*Esses deuses irmãos concordavam entre si,
e irritavam Tiamat quando se mexiam,
pois perturbavam o interior de Tiamat com seus jogos.
Com sua folia, eles perturbaram o alto dos céus.*

Enuma Elish

De acordo com a história, em algum momento, um planeta invasor apareceu. Os sumérios o chamavam de Nibiru e os babilônios de Marduk, em homenagem ao seu deus nacional. Esse planeta veio do espaço sideral, mas, ao se aproximar do sistema solar, começou a ser atraído pelas forças gravitacionais dos planetas mais distantes do Sol, especialmente Netuno (Ea), o mais externo de todos.

*Ea, o todo-abrangente,
descreve seu plano.*

Enuma Elish

O planeta cruzado, Nibiru/Marduk, é descrito como tendo um porte imponente, majestoso e impressionante. Ele carregava seus próprios satélites (quatro em número), embora mais tarde, devido ao jogo de atrações gravitacionais, mais três serão incorporados ao passar perto dos planetas externos que compunham o sistema solar. Nos versículos seguintes, é apresentada uma descrição do que aconteceu, enquanto expressões como "os olhos" e "os ouvidos" são usadas com o significado de "satélites".

*Sua divindade de outro tipo é muito mais sublime.
Ele os supera em tudo, suas formas são inéditas,
admiráveis.
Impossível de imaginar, insuportável de assistir.
Quatro são seus olhos e quatro são suas orelhas.
Quatro orelhas cresceram, e seus olhos, o mesmo número.*

Enuma Elish

Dessa forma, Nibiru foi atraído para o sistema solar. Ele passou perto de Netuno e, mais tarde, de Urano, o que causou todos os tipos de fenômenos astrofísicos que gradualmente transformariam os dois planetas em seus satélites atuais. Nesse processo, Nibiru incorporou em sua órbita mais três satélites que anteriormente orbitavam Netuno e Urano, totalizando sete.

Posteriormente, o planeta invasor se moveu mais para dentro do sistema planetário, atraído pelos campos gravitacionais gerados por Saturno e Júpiter. Quando o planeta cruzado se aproximou de Saturno, dois eventos decisivos ocorreram: a trajetória orbital de Nibiru mudou para sempre, enquanto o principal satélite de Saturno, Ga.Ga, que mais tarde se tornaria Plutão, se afastou da órbita de Saturno e acabou com sua órbita peculiar na situação que ocupa hoje.

A nova órbita (destino excepcional) de Nibiru o direcionou irrevogavelmente na direção de Tiamat.

*Sim, sou eu,
Sou eu que tenho que vingar você:
Que precisa derrotar Tiamat,
para salvá-lo,
reunir o conselho,
e me conceda um destino excepcional.*

Enuma Elish

O planeta do crossover, preso em sua nova trajetória orbital, protegido por seus sete satélites (Winds) como uma guarda prussiana, prepara-se para cumprir seu destino.

*E tendo dado total liberdade a esses ventos,
que ele havia criado em número de sete,
correu atrás dele,
para interromper o interior de Tiamat.*

Enuma Elish

O próximo ato da Epopéia da Criação leva ao momento inevitável em que Nibiru/Marduk se aproximam tanto de Tiamat que as forças da gravitação e do magnetismo entram em ação, produzindo colisões entre seus respectivos satélites (Ventos) e impactando os satélites de Nibiru na própria Tiamat, com consequentes danos a Tiamat.

*Então eles entraram em conflito,
Tiamat e Marduk, o Sábio dos deuses,
estavam travados em combate.
E eles se encontraram no meio da confusão!
Mas o Senhor estendeu sua rede,
o envolve,
e lança o Vento Maligno contra ele,
que a pega por trás.*

Enuma Elish

Esse foi o fim de Tiamat e de seus onze satélites, que foram ejetados de sua órbita, alguns ficando presos no campo gravitacional (a teia) de Nibiru. Apenas Kingu permaneceu em órbita de Tiamat, embora como um satélite morto.

*Quando o Capitão,
tinha dado morte a Tiamat,
suas tropas se desmembraram,
seu estado-maior se dissolveu,
enquanto os deuses, seus aliados,
seus seguidores,
assustados e trêmulos,
deram meia-volta,
e levantaram acampamento,
para salvar suas vidas,
mas estavam cercados por todos os lados,
sem possibilidade de escapar,
Ele, então, os cerca,
e quebra suas armas.
Presos na rede,
imobilizados na armadilha,
acuados em um extremo,
cheios de gemidos,
sofreram seu castigo,*

*detidos na prisão.
No que diz respeito a essas onze criaturas,
as rodeadas de espanto.*

Enuma Elish

De acordo com Sitchin, após essa colisão, e uma vez preso na órbita do sol, Nibiru acabou cruzando com Tiamat novamente para dar o golpe final de misericórdia.

Esses eventos narrados no Épico da Criação Caldeu têm sua correlação nos primeiros versos do relato da criação do Gênesis hebraico, onde "o céu" se refere a um lugar específico no sistema solar, o cinturão de asteroides. Reproduzo aqui o texto original em hebraico.

*Veha'arets hayetah tohu vavohu vechoshech al-peney Tehom
veruach Elhoim merachefet al-peneyhamayim
(Gênesis 1, 1-2 no original em hebraico)*

Na tradução posterior, palavras importantes foram omitidas do texto hebraico, cuja ausência altera o significado. Acima, reproduzo o texto original em hebraico, sublinhando em negrito as palavras que foram omitidas na tradução moderna. Na reprodução abaixo, incluo as palavras originais, em hebraico, acima do texto traduzido.

*No princípio, Elhoim criou os céus e a Terra.
A Terra estava sem forma e vazia, e as trevas cobriam a face
do Tehom.*

(Gênesis 1:1-2)

Aqui Elhoim tem o significado de deuses planetários e Tehom, oficialmente traduzido como "o Abismo", na verdade se refere a Tiamat. Por outro lado, o Gênesis adota a cosmogonia mesopotâmica somente a partir do momento em que a Terra se separa do Céu (o cinturão de asteroides). Os mitos

sumérios corroboram o que é dito no primeiro capítulo de Gênesis: que em algum momento antes de se separarem, a Terra e o Céu estavam unidos.

*Quando o Céu se afastou da Terra,
quando a Terra se separou do Céu.*

Gilgamesh, Enkidu e o Inferno.

O Enuma Elish narra de forma épica, como se fossem pessoas de carne e osso, os movimentos dos planetas do sistema solar desde seus primórdios até o ato final em que ocorre a colisão entre Tiamat e Nibiru, momento a partir do qual o sistema solar adquire sua conformação atual. Foi nessa colisão que Tiamat se dividiu em duas partes, uma que manteve sua aparência esférica e planetária, conhecida hoje como a Terra, e a outra parte, completamente fragmentada e despedaçada, se tornaria o firmamento (os céus), repleto de cometas e formando o cinturão de asteroides.

Vamos nos afastar um pouco dos mitos antigos e dar uma olhada no assunto de um ponto de vista mais contemporâneo. O chamado cinturão de asteroides é uma região do sistema solar, localizada entre as órbitas de Marte e Júpiter, que cobre uma área de cerca de 550 milhões de quilômetros e abriga mais de 600.000 asteroides. Assim como aconteceu com a descoberta de Netuno e Plutão, os asteroides foram inicialmente intuídos teoricamente. O astrônomo alemão Johann D. Titus, já em 1776, estava convencido da existência de um planeta entre Marte e Júpiter, uma hipótese posteriormente refinada por Johann Elert Bode, que deu origem à conhecida Lei de Bode-Titus. Mais tarde, em 1801, Giuseppe Piazzi descobriu um corpo celeste batizado de Ceres, mas que não se encaixava no modelo proposto porque seu tamanho era menor do que o esperado, 952 quilômetros de diâmetro, para o planeta que supostamente ocuparia a área. De acordo com relatos, Ceres foi descoberto e depois perdido, mas o astrônomo alemão Heinrich Olbers o localizou novamente no ano seguinte na posição prevista pelo grande matemático Carl Friedrich Gauss. Além disso, Olbers descobriu e nomeou o segundo maior asteroide, Pallas, com um diâmetro de 532 quilômetros, e levantou a hipótese de que os asteroides eram fragmentos de um antigo planeta que explodiu e recebeu o nome de Phaethon, em homenagem ao mito grego.

A lei de Bode-Titus, que previu a existência de um corpo planetário na área ocupada pelo cinturão de asteroides, baseia-se nos cálculos totalmente empíricos de um astrônomo que, com as distâncias dos planetas em relação ao Sol anotadas em uma tabela, brincou com diferentes séries numéricas e descobriu que uma série específica se encaixava na estrutura do sistema solar. A reformulação moderna da lei é muito mais precisa e as semelhanças com a realidade podem ser vistas na tabela a seguir, em que as distâncias dos diferentes planetas em relação ao Sol são medidas em unidades astronômicas (UA).

Planeta	n	Bode	Realidade
Mercúrio	-	0,4	0,39
Vênus	0	0,7	0,72
Terra	1	1	1
Marte		1,6	1,52
Asteroides		2,8	2,8
Júpiter		5,2	5,2
Saturno	5	10	9,54
Urano		19,6	19,2
Netuno	-	-	30,1
Plutão		38,8	39,4

A concordância é impressionante na distância de todos os planetas em relação ao Sol, incluindo a área ocupada pelos asteroides, com exceção de Netuno. Em um exame mais detalhado, observa-se que, assim como Netuno está em um lugar onde não deveria haver nada, Plutão ocupa (quase precisamente: 39,4 UA quando deveria estar a 38,8 UA) o lugar que a lei

previu para Netuno. Como é possível que a Lei de Bode tenha sido perfeitamente cumprida até Urano (englobando o quinto planeta inexistente e seus asteroides) e depois disso tenha começado a falhar? Por que Plutão ocupa o lugar que Netuno deveria ter ocupado?

Durante grande parte do século XIX, todo o século XX e o início do século atual, astrônomos de todo o mundo têm detectado perturbações nas órbitas dos planetas exteriores (Urano, Netuno, Plutão). Alguns astrônomos têm certeza de que somente a existência de outro grande corpo celeste que fazia parte do nosso sistema solar poderia causar e explicar essas perturbações: a existência de um décimo planeta, não o asteroide Sedna, mas um enorme planeta que parece estar causando flutuações na órbita de Plutão. O próximo número na série de Bode é 77,2 UA. Se seguirmos a Lei de Titus-Bode, o corpo celeste em questão, também chamado de Planeta X, estaria a incríveis 77 UA de distância. Mais uma vez, os avanços da ciência astronômica moderna parecem estar comprovando a veracidade do conhecimento que os sumérios nos legaram nos tempos antigos sobre o misterioso Planeta X e o papel que ele desempenhou na formação da Terra, que surgiu das cinzas de Tiamat.

Outro dos mistérios insondáveis da ciência, apesar da grande quantidade de dados, continua sendo os cometas. Esses planetesimais, alguns dos quais têm dezenas de quilômetros de diâmetro, são compostos de água, metano, amônia, ferro, magnésio e silicatos em estado congelado, devido às baixas temperaturas nos locais distantes de onde vêm, principalmente a nuvem de Oort, localizada entre 50.000 e 100.000 UA do Sol, e o cinturão de Kuiper, localizado além da órbita de Netuno. A maioria desses corpos celestes descreve órbitas altamente elípticas, o que faz com que eles se aproximem do Sol e, conseqüentemente, tenham de suportar temperaturas mais altas devido à ação dos fótons provenientes da estrela do Sol, o chamado vento solar. O efeito disso é que os materiais que compõem o cometa se aquecem e sublimam, mudando diretamente de sólido para gasoso, ou seja, de gelo para gás. Os gases resultantes são projetados para trás, formando a cauda do cometa, que pode ter milhões de quilômetros de comprimento. Quando a Terra passa pela órbita de um cometa, esses fragmentos entram na atmosfera da Terra, formando as espetaculares chuvas de estrelas cadentes. Na passagem do cometa Halley em 1910, sua cauda atingiu quase 30

milhões de quilômetros. O tempo de vida de um cometa geralmente tem em média cerca de duas mil passagens perto do Sol antes de sublimar completamente e perecer.

Um aspecto muito curioso e ainda inexplicável das órbitas dos cometas é sua direção oposta ao movimento orbital dos planetas no sistema solar. Os cometas se movem no sentido horário, enquanto os planetas descrevem um movimento anti-horário. Além disso, suas órbitas ao redor do Sol têm planos ou inclinações diferentes. Embora a maioria dos astrônomos acredite que o sistema solar tenha permanecido essencialmente inalterado desde sua formação, Tom Van Flandern, um astrônomo americano falecido recentemente, claramente favorece a hipótese de um planeta que explodiu na área onde o cinturão de asteroides está localizado atualmente para explicar a formação dos cometas e sua direção orbital anti-horária.

Isso está começando a soar como a história da criação da Mesopotâmia. Zecharia Sitchin postulou que foi a direção orbital de Nibiru, contrária à do restante dos planetas, que gerou a direção em que os cometas orbitam: quando Nibiru passou, os satélites de Tiamat sofreram fortes impactos que os fizeram se fragmentar em pequenos corpos planetários (deuses), que foram empurrados para novas órbitas (destinos), com movimentos contrários aos dos planetas do sistema solar (virando as costas).

*Depois que Tiamat, a capitã, estava morta,
seu banda foi destruída, sua tropa se dispersou;
todos os deuses, seus auxiliares, que estavam ao seu lado,
trêmulos de terror, viraram suas costas de um lado para o
outro, na tentativa de salvar e preservar suas vidas.*

Enuma Elish

Além de oferecer uma nova perspectiva, a teoria de Van Flander foi distinguida pela previsão de que muitos asteroides e cometas teriam satélites, algo que parece estar se provando verdadeiro com as últimas descobertas. Em 23 de julho de 1995, o cometa Hale-Bopp foi descoberto por dois astrônomos amadores. Em 26 de setembro, a NASA tirou uma foto

do cometa com o Telescópio Espacial Hubble. Em 15 de dezembro de 1995, um comunicado de imprensa emitido pela Meta Research analisou a fotografia, afirmando que "o chamado corpo ejetado do núcleo do cometa", de acordo com o comunicado de imprensa da NASA, era provavelmente um satélite do núcleo do cometa em uma órbita estável.

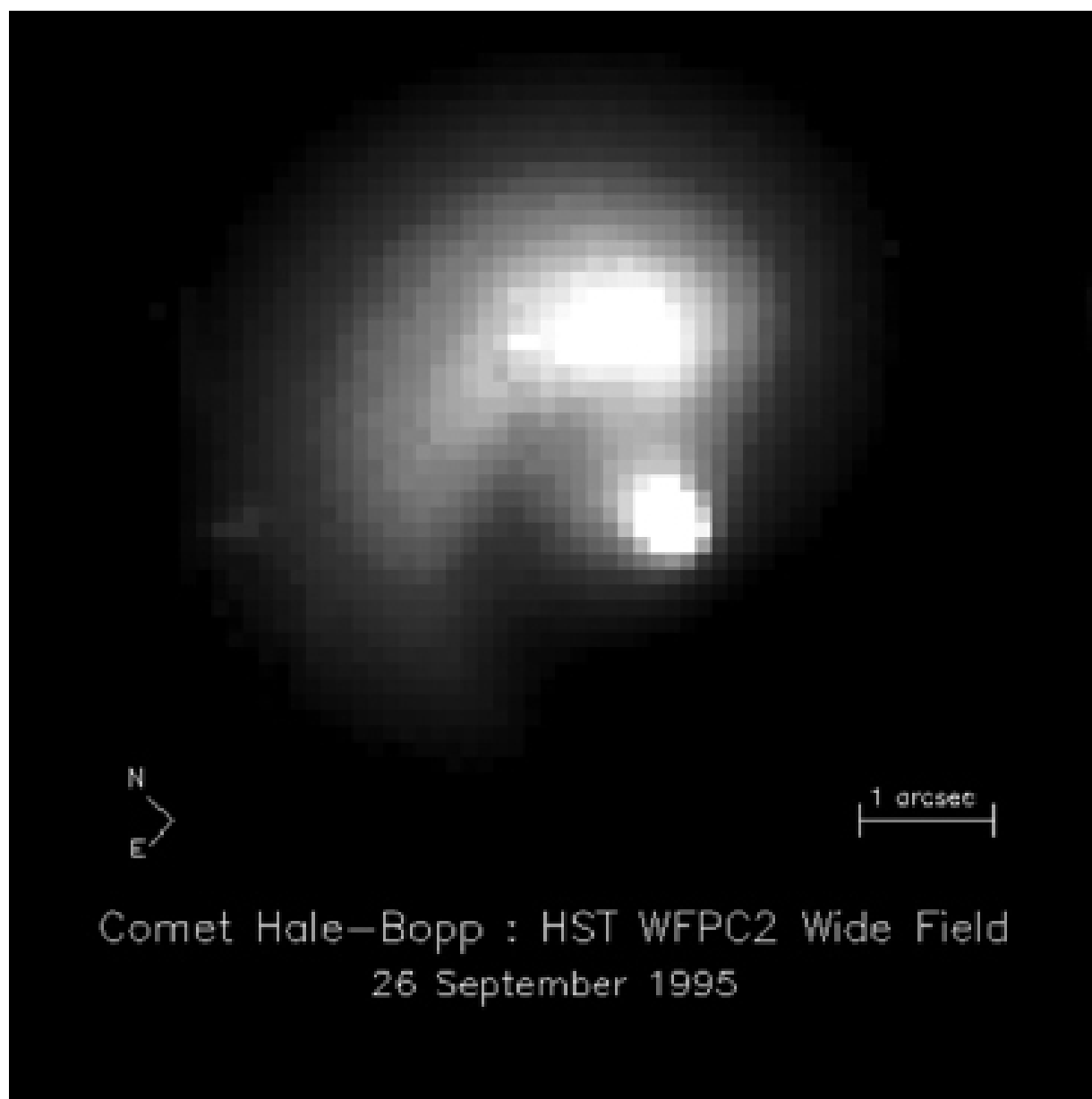


Figura 5.1 Imagem do Telescópio Espacial Hubble do cometa Hale-Bopp

Outro caso semelhante é o do asteroide Eros; após investigações fotográficas em 2000, o astrônomo Andrew Cheng apresentou evidências de que o asteroide se originou da destruição de um corpo planetário que se desintegrou em algum momento. Em uma coletiva de imprensa da NASA, Cheng explicou que ainda se sabe pouco para determinar o tamanho do corpo planetário que deu origem ao asteroide, mas apresentou evidências a favor da teoria do planeta explosivo, incluindo a existência de camadas geológicas no asteroide que não poderiam ter se desenvolvido diretamente sobre ele, uma vez que sua velocidade de escape é muito baixa, bem como uma diferenciação de sua composição química com a consequente separação de elementos pesados e leves, algo normalmente associado a planetas. Mas vamos voltar aos mitos da antiguidade...

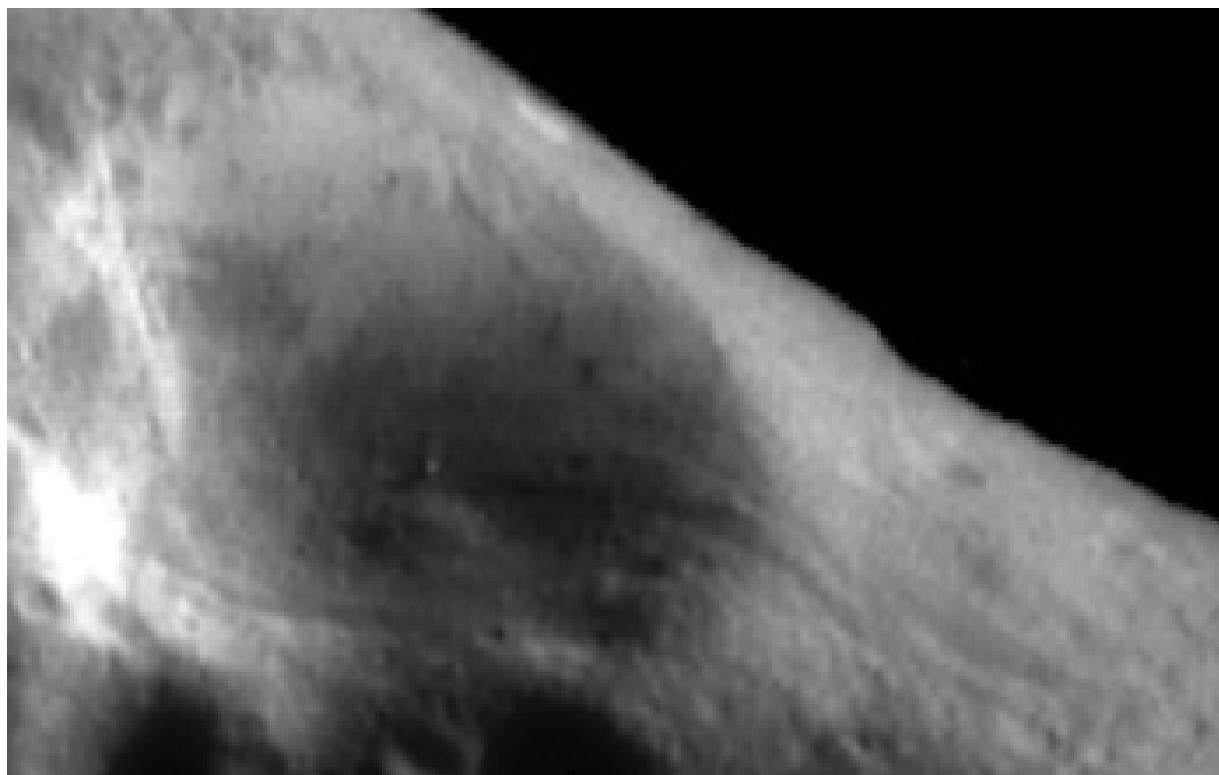


Figura 5.2 Imagem de uma cratera na superfície de Eros

Para entender a natureza do planeta Terra, é essencial conhecer a estrutura de Tiamat, conhecida como Nammu na versão suméria da história. Sua natureza era aquática. Era o planeta das águas.

"No princípio, antes que o Céu e a Terra tivessem sequer um nome, existia Nammu, a água, o oceano infinito, a deusa que dá a vida."

O antigo Tiamat/Nammu, transformado na Terra, com um tamanho menor como consequência da colisão, mudou sua órbita e manteve apenas um de seus satélites: a Lua (Kingu). A Terra reteve grande parte da água carregada pelo Tiamat/Nammu original (o monstro aquoso), embora outra parte dessa água tenha ido parar no céu, onde ocorreram vários fenômenos de condensação. Esse processo está claramente refletido nos versículos do Gênesis, onde é feita uma diferenciação entre as águas superiores e as águas inferiores, separadas pelo Raki'a, uma expressão que se traduz como firmamento, mas cuja transcrição literal é "a pulseira em relevo"; diferenciando, assim, a água que permanece no novo planeta da água que é lançada por ocasião da colisão. Atualmente, sabe-se que muitos asteroides têm água congelada. Sabe-se também que planetas como Júpiter e seus satélites, Saturno, Urano e Netuno são abundantes em água congelada, e que as luas dos planetas exteriores contêm grandes reservatórios de água.

E Deus fez o firmamento, separando as águas debaixo do firmamento das águas acima do firmamento. E Deus chamou ao firmamento de Céus.

(Gênesis 1:7-8)

Os cientistas se perguntam se a água da Terra sempre esteve aqui ou se veio do espaço. De acordo com o astrônomo Humberto Campins, pesquisador-chefe do grupo de Ciências Planetárias da Universidade da Flórida Central, nos EUA, uma das indicações de que a água da Terra vem do espaço é que "a composição molecular da água da Terra é semelhante à da água de asteroides e cometas". Esse fato sobre a semelhança molecular entre a água da Terra e a água congelada encontrada em cometas e asteroides apoia ainda mais a hipótese de um passado comum entre a Terra e os asteroides espalhados pelo cinturão.

O que os astrônomos deveriam estar se perguntando é se parte da água que estava na Terra poderia ter ido parar nesses asteroides e cometas e não o contrário. A razão pela qual os astrônomos pensam que a Terra deve ter sido originalmente um lugar feito de matéria muito seca e que a água veio de fora baseia-se na observação empírica que mostra que os asteroides e planetas se afastam do Sol e sua composição de água é maior, razão pela qual, dada a distância entre a Terra e o Sol, a água não deveria ser tão abundante em nosso planeta. O que eles não consideram é a possibilidade de que o que era o planeta Terra (Tiamat/Nammu) estivesse originalmente localizado a uma distância maior do Sol do que está hoje, exatamente na área do cinturão de asteroides, o que lhe permitiria ter uma boa quantidade de água, mesmo que estivesse em estado congelado, como de fato está nos asteroides que ocupam essa posição e que têm água com a mesma composição molecular da Terra. Posteriormente, a Terra, como relatam os textos mesopotâmicos, abandonou sua órbita anterior em favor da atual, o que explicaria por que o estado original da água na forma de gelo se descongelou devido à ação de temperaturas mais altas, dada sua maior proximidade com o Sol, na nova localização.

A Terra, após o violento impacto, estava se remodelando e recuperando uma forma esférica por meio da ação de forças gravitacionais e cinéticas, ao mesmo tempo em que ocorria um processo de reestruturação e ordenação de seus elementos, em especial a água e a terra.

Então Deus disse:

*Que as águas debaixo dos céus se reúnam em um só lugar,
e que apareça a porção seca.*

*E assim aconteceu, as águas debaixo dos céus se ajuntaram
em seus lugares, e apareceu a porção seca; e Deus chamou
à porção seca de terra,
e à reunião das águas chamou mares.*

(Gênesis 1:9-10)

De acordo com os versículos bíblicos, ocorreu um processo de separação da terra e da água na Terra; dos mares e da plataforma continental, que até então eram indiferenciados. De fato, graças à pesquisa por satélite sobre a

estrutura dos diferentes planetas do sistema solar, sabemos que a Terra é o único planeta em que há uma distinção entre oceanos e continentes.

Do ponto de vista geológico, a Terra é dividida em uma série de camadas, entre as quais está a "crosta", a camada mais superficial, que, por sua vez, é formada por placas que flutuam sobre o "manto", uma camada de materiais quentes e pastosos que, às vezes, saem por uma rachadura ou vulcão. Outro enigma surge quando observamos que a espessura da crosta terrestre varia de 5 quilômetros no fundo do mar a 65 quilômetros nas áreas montanhosas da plataforma continental, e que cada uma tem uma idade diferente: a crosta oceânica tem cerca de 200 milhões de anos, enquanto a crosta continental tem pelo menos 4 bilhões de anos. Ao mesmo tempo, a espessura da crosta terrestre é muito menor do que deveria ser em relação à sua massa, como demonstraram estudos em outros planetas. Como explicamos a existência de uma crosta composta por partes de diferentes idades e espessuras?

Os planetas são entidades vivas, um pensamento que os antigos já contemplavam e que hoje está sendo parcialmente resgatado pelas correntes ecológicas, de modo que podemos fazer um paralelo comparativo entre um planeta e um ser humano. O ser humano tem uma camada externa, a pele, que é o primeiro contato físico do organismo com seu exterior, protegendo-o e regulando as relações de troca entre os ambientes interno e externo. Da mesma forma, um planeta tem uma crosta planetária que, em nível geológico, desempenha funções semelhantes às desempenhadas pela pele no corpo físico do homem. Continuando com o símile, surge a seguinte pergunta: como poderia ser explicado o fato de a pele do corpo de uma pessoa ser composta de partes com diferentes estruturas moleculares e diferentes idades biológicas? A explicação mais óbvia é que algum evento traumático deve ter acontecido com esse organismo em algum momento, o que teria produzido cicatrizes e o crescimento do tecido, levando a uma reestruturação celular do tecido epidérmico.

Pois bem, a parte da crosta terrestre onde se encontram os oceanos parece ter se rompido em algum momento da história geológica do planeta e depois voltado a crescer, na forma de uma fina camada de material sólido e sedimentos, seguindo um processo semelhante ao de quando uma ferida no corpo de uma pessoa se fecha, o sangue coagula e a pele volta a crescer.

Essa ideia seria consistente com a hipótese de que a Terra, em determinado momento, sofreu uma forte colisão que fraturou a crosta planetária no local do impacto, o que fez com que as águas fluíssem para a área onde ocorreu a fissura, com a terra emergindo no lado oposto e produzindo, de fato, uma separação entre a terra e as águas, como aponta o Gênesis.

O fato de a terra ter surgido em uma parte do globo, separada das águas que estariam localizadas na outra parte do planeta, está de acordo com a teoria da "deriva dos continentes" formulada no início do século XX pelo geofísico alemão Alfred Wegener. Em 1915, ele publicou sua obra *The Origin of Continents and Oceans* (A origem dos continentes e oceanos), na qual teorizou que, originalmente, havia apenas um único e enorme continente, que mais tarde se fragmentou nos continentes atuais, que se deslocaram como navios à deriva. Em edições posteriores, ele chamou esse continente original de Pangéia, que significa "todas as terras", e o vasto oceano que o cercava de Panthalassa, que significa "todos os mares". Curiosas semelhanças de expressão com os textos antigos, agora os versos do Gênesis não são tão enigmáticos nem tão incoerentes.

Wegener extraiu evidências de diferentes campos nos anos seguintes, embora a comunidade científica em geral rejeitasse e ridicularizasse, como de costume, teorias tão ousadas. Foi somente na década de 1950 que, devido a uma série de eventos, a teoria foi reavivada e sua descendente direta, a "tectônica de placas", hoje a tese predominante nos círculos científicos, foi retomada.

Acredita-se que a Pangéia tenha se formado no final do período Permiano, há cerca de 250 milhões de anos, uma data que coincide com a idade de 200 milhões de anos atribuída à crosta oceânica, demonstrando novamente uma ligação temporal na formação da terra e dos mares. Seja como for, há cerca de 250 milhões de anos, algo aconteceu que transformou violentamente a estrutura do planeta Terra, como pode ser visto em uma análise das cicatrizes resultantes.

Durante o período Mesozóico, a Pangéia se dividiu. Primeiro, ela se dividiu em duas massas continentais: Laurásia, ao norte, e Gondwana, ao sul. Posteriormente, há cerca de 135 milhões de anos, a América começou a se

separar da Eurásia e da África, com a formação do Oceano Atlântico. Dessa forma, o continente original começou a se separar, assim como o oceano único se transformou em diferentes mares e oceanos conectados uns aos outros.



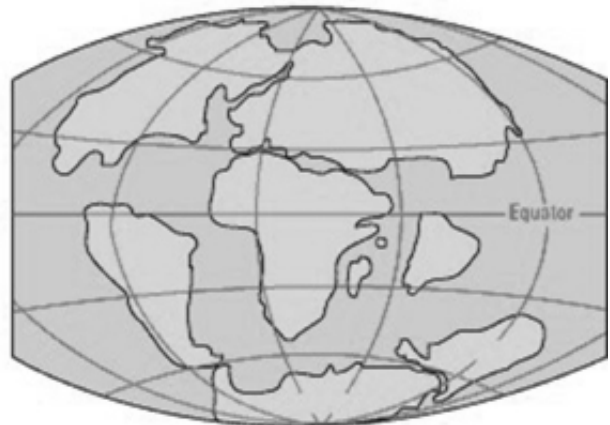
PERMIAN
225 million



TRIASSIC
200 million



JURASSIC
135 million



CRETACEOUS
65 million



ACTUALIDAD

O que emerge de toda essa pesquisa, bem como de uma leitura cuidadosa das histórias míticas dos povos da antiguidade, é a existência de um denominador comum que sempre aparece em todas elas: o elemento água.

Nas origens de todas as tradições, há sempre as águas primordiais, o caos do qual brota a vida. Algo que não deve nos surpreender quando observamos que a natureza da Terra primordial (Tiamat/Nammu) era essencialmente aquosa e não terrena, como descrito pelos sumérios.

Os maias, do outro lado do planeta, descrevem de forma muito semelhante a composição da Terra em suas origens. O Popol Vuh, ou Livro do Conselho, é uma compilação de várias lendas de Quiché, uma tribo do sul da Guatemala que pertence à grande família maia. Ele passou a ser chamado de "a bíblia dos Quiché Maya" e, como tal, fornece uma explicação das origens do mundo e da civilização. O texto vem de uma tradição oral muito antiga e não há nenhuma versão escrita original conhecida, que se supõe ser um livro de pinturas e hieróglifos que os sacerdotes usavam para transmitir ao povo o conhecimento das origens de sua raça e religião. A compilação escrita mais antiga que temos é datada de meados do século XVI. Vejamos o que ele diz em seus primeiros versos.

*Este é o relato de como tudo estava suspenso, tudo calmo,
em silêncio;
Tudo imóvel, em silêncio e vazio todo o espaço do céu.
Não havia um único homem, um único animal, ave, peixe,
caranguejo, madeira, pedra, caverna, abismo, grama, selva.
Só existia o céu.
A face da terra não se via; só existia o mar limitado, todo o
espaço do céu.
Não havia nada reunido, tudo estava invisível,
tudo permanecia imóvel no céu.
Nada estava construído. Só existia a água limitada,
apenas o mar tranquilo, solitário, limitado. Nada existia,
apenas a quietude, o silêncio, nas trevas, na noite.
Somente os Construtores, os Formadores, os Dominadores,
os Poderosos do Céu, os Procriadores, os Geradores,
estavam sobre a água, espalhando luz.*

Continuando, um pouco mais adiante, com uma descrição dos fatos de grande simplicidade, mas de grande força expressiva.

*Então as montanhas emergiram das águas:
imediatamente surgiram as grandes montanhas.*

Todas as mitologias do planeta concordam com esses aspectos da formação da Terra, o que não é estranho, pois todas as tradições vêm, direta ou indiretamente, dos mitos sumérios originais, que, como já mencionado, receberam todo esse conhecimento, que em muitos casos a ciência moderna está redescobrimdo, das mãos de seres extraterrestres do espaço. Isso é algo que a ciência oficial, apesar das inúmeras evidências a seu favor, não quer admitir de forma alguma.

Por que alguém disposto a aceitar a possibilidade de que o homem possa um dia viajar para outro planeta acha tão difícil aceitar que alguém de outro planeta possa ter vindo ao nosso no passado?

CAPÍTULO VI

A MÃE DE TODAS AS CIÊNCIAS: ASTROLOGIA SUMÉRIA

A matemática é o alfabeto com o qual Deus escreveu o Universo.

Galileu Galilei (1564-1642), físico e astrônomo italiano

UM DOS CONHECIMENTOS MAIS antigos, dos mais velados e menos compreendidos pela ciência oficial é, sem dúvida, a astrologia, a ponto de haver um desconhecimento generalizado sobre os detalhes dessa ciência hermética, sendo na maioria das vezes associada de maneira equivocada e pejorativa com as práticas de charlatões e pessoas de pouca confiança. A astrologia se fundamenta em um dos princípios herméticos, o da correspondência, postulado por Hermes Trismegisto, a quem se atribui a autoria do misterioso Kybalion.

Como acima, assim abaixo; como abaixo, assim acima.

Kybalion

De acordo com esse princípio fundamental da ciência perdida de Hermes, o hermetismo, existe uma relação de correspondência entre os movimentos dos astros e das estrelas acima no Céu e os processos da vida e dos destinos humanos abaixo na Terra. Essa relação pode ser entendida como um processo de sincronicidade entre dois mundos aparentemente separados que fazem parte de um todo indissolúvel.

Os gregos, os egípcios, os hindus e os chineses, além de pequenas contribuições individuais, receberam o conhecimento fundamental da astrologia caldeia. Entretanto, não foram os caldeus, os babilônios ou os assírios os guardiões originais desse conhecimento, mas, mais uma vez, temos de voltar aos sumérios para encontrar os primeiros registros escritos da ciência astrológica e astronômica. Os sumérios, como já vimos, sabiam da existência de todos os planetas do sistema solar e tinham uma matemática astronômica muito precisa que lhes permitia calcular as posições das estrelas no firmamento.

O Enuma Anu Enlil, uma coleção de cerca de 70 tábuas descobertas em Nínive, na biblioteca do rei babilônico Assurbanipal, há muito tempo é considerado o livro de ensinamentos astrológicos mais antigo do mundo, contendo um grande número de observações astronômicas e astrológicas, dados sobre os movimentos do sol e da lua e regras de previsão. Quando seu conteúdo foi decifrado, descobriu-se que ele continha 21 anos de observações astronômicas do planeta Vênus (Tábua 63 do Enuma Anu Enlil). Nas palavras do próprio Assurbanipal, essa era a peça de sua coleção da qual ele mais se orgulhava. Os especialistas estimam que a maioria dos escritos data do início do período babilônico do rei Amizaduga (1518-1516 a.C.).

Entretanto, há dois tablets na coleção conhecida como série mul.apin, que são réplicas fiéis de textos sumérios mais antigos do ano 2340 a.C., de acordo com cálculos feitos por Werner Papke com base em observações dos horários em que determinadas estrelas apareciam no horizonte ao

amanhecer. Elas descrevem os movimentos do sol, da lua e dos planetas, bem como 33 constelações, com 66 estrelas individuais. Tanto essas tábuas quanto a Epopéia de Gilgamesh coincidem na determinação das posições planetárias no ano 2340 a.C. Com esse trabalho meticuloso, podemos saber, de forma exata, a posição das estrelas na época da Suméria, como eles dividiam o céu em constelações e como as interpretavam para seus presságios.

Os sumérios dividiram o céu em três caminhos paralelos ao equador celestial: o caminho de Anu, o caminho de Ea e o caminho de Enlil. Eles dividiram o círculo de 360 graus que a Terra forma ao viajar ao redor do Sol durante um ano em doze partes iguais de 30 graus, os signos zodiacais, e deram a ele o nome de "o caminho da Lua", que serpenteava pelas diferentes faixas ou caminhos. Os signos zodiacais do verão estavam no caminho de Enlil, os signos do inverno no caminho de Ea e os signos da primavera e do outono no caminho de Anu.

Os nomes que os sumérios usavam para nomear os signos do zodíaco são claramente análogos aos modernos, mostrando claramente a origem e a evolução desses conceitos. Embora 17 ou 18 constelações apareçam nessas tábuas, elas foram agrupadas dentro da estrutura zodiacal de 12 signos, já que o atual signo de Gêmeos foi diferenciado em quatro constelações e o de Peixes em duas. O primeiro signo do zodíaco era Lu.chun.ga e lhe foi atribuído o mesmo significado do atual signo de primavera, Áries. A tabela a seguir ilustra as 17 constelações que aparecem, bem como seus significados e a relação com os signos zodiacais, que é mais do que evidente.

Constelação (sumério)	Tradução	Constelação atual
Lu-chun-ga	O diarista	Áries
Mul-mul	As estrelas	Plêiades
Gud-an-na	O touro azul claro	Touro
Sipa-zi-an-na	O pastor celestial	Órion
Su-gi	O ancestral	Perseu
Gam/Zubi	A enxada	Parte de Auriga
Mas-tab-ba-gal-gal-gal	Os grandes gêmeos	Gêmeos
Al-lul	O caranguejo	Câncer
Ur-gu-la	O leão	Leo
Ab-sin	O pico	Virgem
Zi-ba-ni-tum	O saldo	Libra
Gir-tab	O escorpião	Escorpião
Pa-bil-sag	O arqueiro	Sagitário
Suhur-mash	O bode	Capricórnio
Ziz-a / Gu-la	O gigante	Aquário
Sim-mah	As caudas dos peixes	Pegasi, α Equulei e parte de Peixes
A-nu-ni-tu	A senhora no céu	Parte de Peixes

A discussão sobre se o número de constelações na tábua mul.apin é 17 ou 18 deve-se ao fato de que, na frente das constelações Sim-mah e A-nu-ni-tu, há as palavras kun mes Zibati mes, que significam "as caudas", de modo que alguns estudiosos acham que se trata de outra constelação.



Figura 6.1 Baixo-relevo mesopotâmico com representações zodiacais

No mesmo local, na biblioteca de Assurbanipal, o arqueólogo vitoriano Henri Layard encontrou, no século XIX, uma tabuleta circular de argila com textos cuneiformes, catalogada como K-8538, que está depositada na seção de antiguidades assírias e babilônicas do Museu Britânico, em Londres. Essa peça, medindo apenas 13 centímetros de diâmetro, como muitas outras tábuas encontradas no mesmo local, é, de acordo com especialistas, uma cópia assíria de um original muito mais antigo de origem suméria. Ela chama a atenção por sua forma circular e pelas figuras geométricas incluídas em cada uma das oito seções diferentes em que o disco é dividido, bem como pela existência de setas e triângulos que provavelmente representam estrelas de maior magnitude, linhas que unem estrelas, indicando suas posições por buracos impressos na superfície, diagramas e até mesmo uma curva elipsoidal que se acredita não ser conhecida na antiguidade. Algumas das anotações adicionadas pelo escriba dão nomes de estrelas ou constelações; outras se referem a posições

específicas na esfera, dando até mesmo medidas das dimensões de algumas das figuras representadas.

Tudo isso fez com que, quando foi apresentada à Academia Real Britânica de Astronomia em 1880, fosse considerada "o mais enigmático dos documentos mesopotâmicos", devido ao fato de ser completamente diferente do restante das milhares e milhares de tábuas encontradas em terras mesopotâmicas. No entanto, não há dúvida de que o que está representado nessa tábua são as posições das estrelas e constelações, embora a divisão do círculo seja feita em oito seções e não em doze, como é comum na prática astrológica.

No entanto, em fragmentos remanescentes de outros planisférios assírios, como o catalogado como K-14943, com apenas 6 centímetros de diâmetro, já podemos ver a divisão do círculo em doze seções, bem como uma lista de 36 estrelas associadas a essas divisões, em clara alusão aos signos zodiacais e ao que na linguagem astrológica é chamado de "decanatos". As estrelas são representadas por pequenos círculos, alguns dos quais com pequenos orifícios centrais, ou na forma de estrelas de seis pontas. Assim, por exemplo, a primeira estrela do mês de Tebet aparece como K.u e a terceira estrela de Marcheswan é representada como Lugal.



Figura 6.2 K-8538 - Tabuleta cuneiforme circular descoberta em Nínive

ASSYRIAN PLANISPHERES.

K. 14943 + 81-7-27, 94.

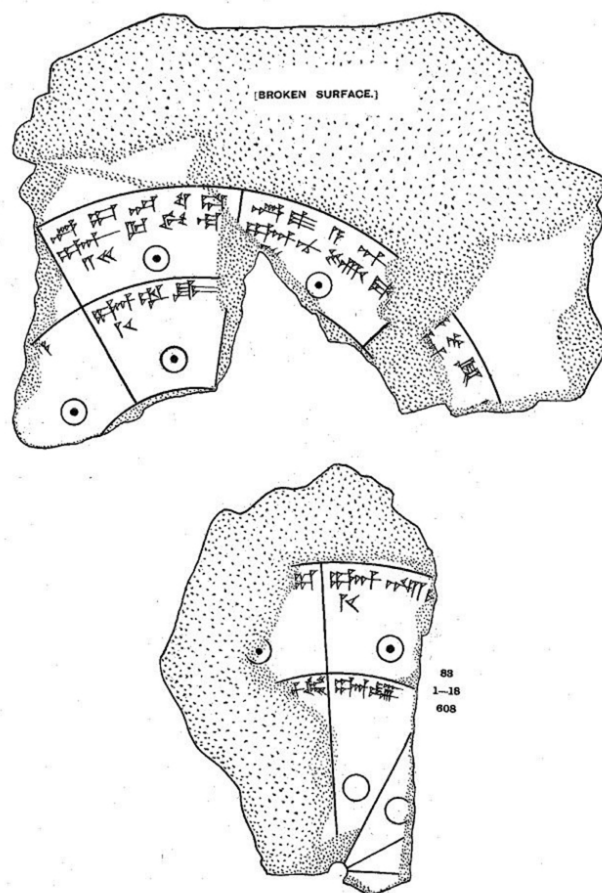


Figura 6.3 K-14943 Fragmento de um planisfério assírio descoberto em Nínive

Mais tarde, essa divisão zodiacal será, por um lado, incorporada às culturas egípcia e grega, de onde chegará até os dias atuais, e, por outro lado, se espalhará para o Oriente, de onde surgirão vários sistemas, como a astrologia védica hindu. Deve-se notar que esse conhecimento astronômico e astrológico que os sumérios tinham, em vez de avançar, regrediu com o passar dos anos. Tanto é assim que, dois mil anos depois, os romanos consideravam verdade algo impensável para os sumérios: que a Terra era

plana e que estava localizada no centro do Universo, tendo que esperar até o surgimento de Copérnico para redescobrir o que já era óbvio na Antiguidade, muito provavelmente com base no Zohar, a obra fundamental da Cabala judaica, que por sua vez foi inspirada em conhecimentos mais antigos da Mesopotâmia.

*A Terra inteira gira, gira como uma esfera.
Quando um lado está para baixo, o outro está para cima.
Quando está claro em um lado, está escuro no outro,
Quando é dia para um, é noite para o outro.*

O Zohar

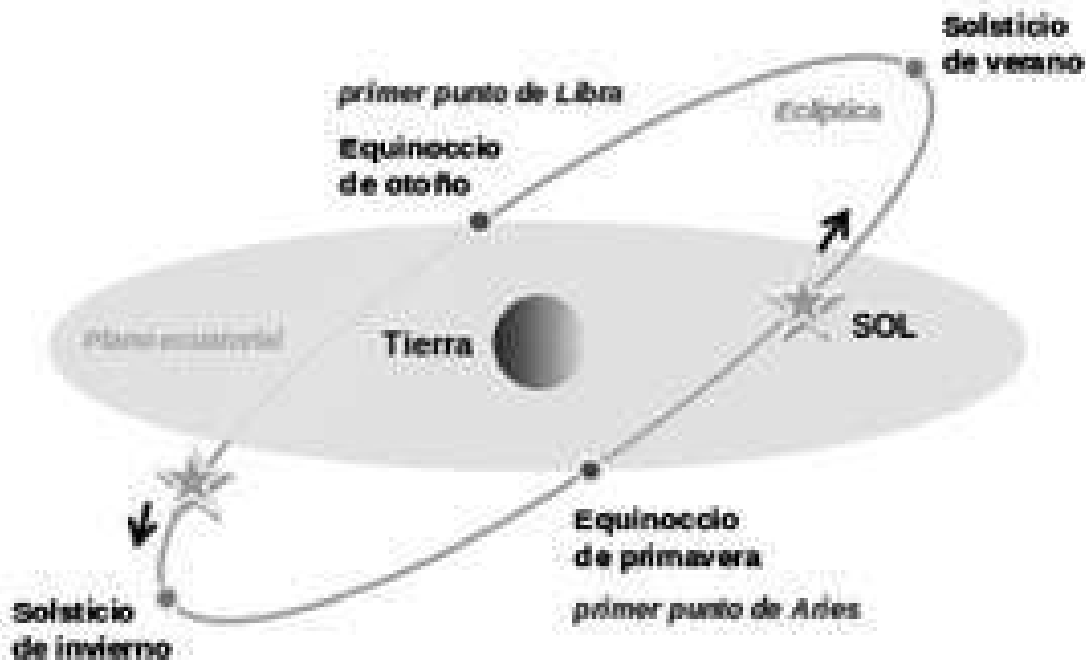
Os astrônomos sumérios baseavam seu zodíaco exclusivamente nos signos, o que indica o grau de maturidade alcançado pela astronomia. Eles foram capazes de estabelecer coordenadas de posição na abóbada celeste de acordo com a eclíptica, ou seja, o nível de inclinação do eixo da Terra em relação à órbita ao redor do Sol ($23^{\circ} 27'$). Mas, por trás de concepções astronômicas tão avançadas que permitiram a elaboração de um zodíaco composto por doze signos, surge uma pergunta: Qual é a verdadeira origem da ciência astrológica que os sumérios desfrutavam há pelo menos 5.000 anos? Para responder a essa pergunta, devemos nos aprofundar um pouco mais nos fundamentos astronômicos sobre os quais a astrologia foi construída.

A Terra tem dois movimentos: um de rotação em seu próprio eixo e outro de translação ao redor do Sol. O primeiro dura cerca de 24 horas e o segundo, cerca de 365 dias. Nesse movimento orbital da Terra em torno do Sol, o Sol parece nascer a cada dia do ano em um grau diferente do caminho da Lua ou cinturão zodiacal, de modo que, nesse movimento aparente, o Sol passa pelos doze signos do zodíaco, à razão de um por mês, até completar os 360 graus, quando então a jornada começa novamente. Isso acontece todos os anos de forma cíclica. Entretanto, acontece que a Terra, em seu movimento orbital ao redor do Sol, quando completa o círculo anual, não retorna exatamente ao mesmo ponto de onde partiu há um ano. Há um pequeno atraso que podemos quantificar em um grau para cada 72 anos. Esse fenômeno é chamado de "precessão dos equinócios".

Levando-se em conta que o zodíaco é dividido em doze signos de 30 graus cada, podemos observar que são necessários 2.160 anos ($72 \text{ anos} \times 30 \text{ graus}$) para que o nascer do Sol no dia do equinócio vernal passe de um signo zodiacal para o imediatamente anterior, por exemplo, de Peixes para Aquário, formando assim as chamadas eras astrológicas. E, da mesma forma, são necessários 25.920 anos ($2.160 \text{ anos} \times 12 \text{ signos}$) para completar o grande ciclo de precessão pelo qual a Terra retorna à mesma posição inicial e o Sol, portanto, nasce no dia do equinócio, no mesmo grau do zodíaco.

A precessão dos equinócios é um fenômeno que se enquadra na mecânica celeste e não é fácil de explicar nem de entender, mas é essencial desenvolvê-lo de forma básica para compreender a magnitude do enigma que estamos enfrentando. Dito isso, surgem várias perguntas: se são necessários 72 anos para verificar uma diferença de 1 grau e 2.160 anos para verificar uma mudança de era zodiacal, como é possível que um ser humano que vive 80 anos, dos quais no máximo 50 ou 60 são dedicados ao estudo, consiga perceber um fenômeno de tamanha magnitude e dificuldade?

Se acrescentarmos a isso o fato de que os processos científicos como os conhecemos hoje, que consistem em passar informações de geração em geração de acordo com canais objetivos de experimentação e observação, não existiam no Paleolítico, de acordo com os relatos dos historiadores, então só há uma maneira de interpretar como, em tempos tão primitivos, os sumérios já desfrutavam desse sofisticado conhecimento científico. Uma simples dedução nos leva a concluir que, se eles não o obtiveram por meio de seu próprio trabalho e experimentação, então ele teve que chegar a eles por meios externos, e esse raciocínio, mais uma vez, coincide com a explicação que os próprios sumérios dão sobre como chegaram a possuir esse conhecimento: os deuses transmitiram a eles conhecimentos astronômicos e astrológicos, entre muitos outros.



Os sumérios, tanto na época histórica quanto na época pré-diluviana, usavam esse conhecimento das eras astrológicas como um relógio, como um mecanismo de datação cronológica, para que pudessem datar e datar eventos importantes da história. Por exemplo, há escritos que datam o Dilúvio na era de Leão. Se fizermos um cálculo, do momento atual em que estamos, prestes a entrar na era de Aquário, até a era de Leão, observaremos que há seis eras de diferença (6 vezes 2.160) ou 12.960 anos, de modo que uma primeira aproximação poderia ser feita para datar o Dilúvio por volta de 10.800 a.C., quando começa a era de Leão. Na linguagem astrológica, as eras zodiacais seriam os ponteiros do relógio que marcam as horas; outros ponteiros teriam de ser usados para marcar os minutos e segundos, datando os eventos com mais precisão.

Os sumérios tinham o primeiro sistema matemático conhecido na história, que, diferentemente do nosso sistema decimal, na base 10, era um sistema sexagesimal, na base 6. Enquanto no sistema decimal a contagem começa de 1 a 100, no sistema sexagesimal começa de 1 a 60, o que completa um gesh. Assim, quando dizemos 100, os sumérios diziam 60, ou quando dizemos 200, eles diziam 120. Esse sistema permitia que eles fizessem todos os tipos de operações matemáticas e é muito superior ao sistema decimal no que se refere a cálculos astronômicos, que era, sem dúvida, o

que mais importava para eles. O sistema sexagesimal mostra uma estreita relação com o ciclo de precessão que detalhamos. Esse sistema fazia uso de uma alternância bastante incomum entre 6 e 10, começando com 6 (6 vezes 10), seguido por 10 (10 vezes 60), depois 6 (6 vezes 600) e assim por diante.

1, 10, 60, 600, 3.600, 36.000, 216.000, 2.160.000, 12.960.000

O sistema sexagesimal usado pelos sumérios dava ênfase especial ao número 12.960.000. Qual foi a razão pela qual nos textos sumérios há numerações de tais magnitudes, que curiosamente coincidem com o número de 500 grandes anos, também conhecidos como ciclos equinociais ou anos platônicos?



Figura 6.5 Diagrama do ano platônico.

A existência de todo esse conhecimento na antiguidade é tão incrível que os estudiosos preferem ignorá-lo para não ter que responder à incômoda pergunta de como as civilizações mais antigas da Terra, especialmente os sumérios, conseguiram obtê-lo, sem evidências históricas que demonstrem a existência de um processo de evolução e amadurecimento intelectual. Acima de tudo, levando em conta que a astronomia moderna aceita a existência desses períodos conforme calculados pelos antigos sumérios, mas

não há nenhum cientista hoje, nem em épocas anteriores, que tenha sido capaz de confirmar por meio de observação pessoal a mudança de um ciclo de precessão para outro. Que mensagem os sumérios estão nos enviando da antiguidade remota com um número matemático tão preciso e de magnitude tão grande como 12.960.000?

Outro número que parece ser de vital importância em toda essa história é o número 432.000. De acordo com The Sumerian Royal List, 432.000 é o número de anos que se passaram entre a chegada dos Anunnaki à Terra e o Dilúvio. O conhecimento astronômico, astrológico e matemático sumério chegou ao subcontinente indiano por meio das sucessivas migrações dos povos arianos que beberam nas fontes culturais hititas, de modo que mergulhar na tradição védica nos fará perceber a importância do sistema sexagesimal sumério e desse número. O número 432.000 é de grande importância na tradição hindu. Ele é o número de sílabas que compõem o Rigveda, o livro sagrado no qual são narradas as histórias de seus deuses. Na Índia, esse número está associado aos Yugas ou ciclos cósmicos da Terra e da humanidade. O grande Yuga ou Manvantara, um dia de Brahma, é um período de atividade no universo, em oposição ao Pralaya ou período de descanso ou dissolução. Cada Manvantara é uma medida de tempo cósmico que é dividida em quatro Yugas ou Idades, cujas extensões cronológicas são uma expressão do número 432.000. Há a Idade de Ouro ou Krita Yuga (4 x 432.000 anos), a Idade do Conhecimento ou Treta Yuga (3 x 432.000 anos), a Idade do Sacrifício ou Dvapara Yuga (2 x 432.000 anos) e a atual Idade das Trevas ou Kali Yuga (432.000 anos), totalizando 4.320.000 anos.

4.320.000.000 de anos constituem um ciclo de mil Manvantaras ou, em outras palavras, um Eon ou Kalpa, embora, de acordo com a tradição hindu, existam Kalpas de diferentes tamanhos. O assunto é vasto e poderiam ser escritos livros sobre ele, mas isso não deve nos afastar do tema central deste livro.

O que é realmente importante em tudo isso é perceber que, em tempos tão antigos, havia povos que já lidavam com números do tempo cósmico de tal magnitude que estão além de nossa compreensão humana e para os quais a astrofísica atual não tem, por enquanto, nenhum significado essencial. Por fim, relembrar a frase do calendário hindu que afirma que, aos olhos de

Brahma, mil ciclos são apenas um único dia, deve nos fazer refletir sobre a pequenez da parte conhecida como história humana e nos permitir olhar para o passado com outros olhos, mais humildes e com certo grau de reverência pelo desconhecido.

O conhecimento astrológico e astronômico sumério foi transmitido aos povos vizinhos e, mais tarde, da Babilônia para as terras do Nilo, onde a divisão zodiacal em doze signos foi adotada. É interessante dar uma olhada de perto na antiga capital do Alto Egito, Dendera, localizada a cerca de 70 quilômetros ao norte de Luxor. Lá você encontrará o famoso templo da deusa Hathor, repleto de significados e mistérios astrológicos, incluindo relevos de pedra chamados de Lâmpadas de Dendera, que Erich von Daniken afirma serem representações de lâmpadas movidas a eletricidade. O número de criptas é doze, um número que não precisa de explicação, mesmo para aqueles que não conhecem o assunto. Mas as mais relevantes são, sem dúvida, os dois zodíacos encontrados.

Um deles é o chamado Zodíaco de Dendera, um baixo-relevo esculpido no teto do pronaos ou pórtico de entrada de uma câmara dedicada ao deus Osíris. Ele foi descoberto durante a campanha napoleônica no Egito em 1799 e, em 1802, Vivant Denon publicou vários desenhos do zodíaco em seu livro *Journey to Lower and Upper Egypt* (Viagem ao Baixo e Alto Egito), o que provocou grande controvérsia sobre se era um zodíaco ou um planisfério, Louis Charles Antoine Desaix, também membro da expedição, decidiu providenciar para que o zodíaco fosse extraído por um mestre pedreiro e enviado à França em 1821 e, um ano depois, foi colocado na *Bibliothèque Royal* (Biblioteca Real) em Paris. Em 1964, foi transferido para o *Musée du Louvre* (Museu do Louvre), onde se encontra atualmente. Jean Francois Champollion datou o relevo do período greco-romano, embora muitos estudiosos acreditem que seja uma réplica de imagens encontradas em um templo muito mais antigo. Na verdade, a imagem indica as posições dos equinócios em um período muito anterior àquele em que foi datada. Ela é sustentada por doze divindades (os signos), oito ajoelhadas e quatro em pé (os pontos cardeais). O círculo zodiacal é dividido em 12 signos de 30 graus cada, que, por sua vez, são divididos em três decanatos de 10 graus cada, perfazendo um total de 36.

Além das constelações zodiacais e puramente egípcias, há também representações dos cinco planetas visíveis a olho nu, facilmente reconhecíveis no planisfério porque são identificados por seus nomes em caracteres hieroglíficos. Se olharmos com atenção, observaremos que a eclíptica de Dendera não é como as que encontramos nos planisférios modernos, mas que ela se interrompe em Câncer para continuar novamente de forma regular de Leão em diante; essa peculiaridade foi atribuída a problemas de espaço, uma explicação que, embora plausível, também é discutível.



Figura 6.6 O Zodíaco de Dendera

O outro zodíaco, muito menos conhecido, é iluminado com cores harmoniosas em sua composição, ocupando uma faixa retangular ao longo do teto do salão hipostilo. Não há texto em nenhum deles, portanto é óbvio

que algo está faltando nas imagens hieroglíficas, mas não há dúvida de que os egípcios conheciam os signos do zodíaco, bem como vários conhecimentos astronômicos, incluindo a precessão dos equinócios e a precessão dos signos zodiacais.



Figura 6.7 Zodíaco retangular do Templo de Hathor em Dendera

Albert Slosman, PhD em matemática e colaborador da NASA nos projetos Pioneer em Júpiter e Saturno, sugere que todos os fundamentos da astrologia e da astronomia egípcias têm origem em Dendera. Slosman afirma que há um papiro do escriba do faraó Quéops no Museu do Cairo que declara que ele, Quéops, fez a terceira reconstrução do templo de Dendera seguindo os mesmos planos usados pelos seguidores de Hórus, o que apóia a tese de que o zodíaco de Dendera é uma réplica de outro trabalho mais antigo.

Por ordem de Khufu, o templo da Dama do Céu em Dendera será reconstruído pela terceira vez, no mesmo local e de acordo com os planos elaborados pelos sucessores de Hórus, em peles de gazela e guardados nos arquivos do rei...

A ciência astrológica egípcia baseia-se no sistema sexagesimal (embora também conhecessem o sistema decimal) que os sumérios utilizavam, sendo o círculo o modelo onde se manifesta a eternidade sem fim, já que tudo recomeça quando voltamos ao ponto de partida, um conceito muito

profundo que estabelece a imortalidade. Assim como na Suméria, a astrologia e a astronomia andavam de mãos dadas com a matemática, o ramo do conhecimento que mais se desenvolveu no antigo Egito, como pode ser visto na tábua de Ajmin ou na leitura detalhada do Papiro de Ahmes, também conhecido como Papiro de Rhind, em homenagem ao seu descobridor, no qual se pode ver um sistema altamente avançado de cálculo de frações. A geometria atingiu um grau de perfeição muito sofisticado, como pode ser visto nas proporções usadas em suas construções piramidais.

Os sacerdotes egípcios, assim como os mesopotâmicos, usavam o conhecimento da precessão equinocial e das eras astrológicas para datar eventos históricos. Um bom exemplo disso é a Paleta de Narmer, uma placa de ardósia de 64 centímetros de largura por 45 centímetros de altura, encontrada em 1898 no templo de Hórus em Hierakompolis, que, de acordo com todos os estudiosos, comemora a unificação do Alto e Baixo Egito em uma única unidade política e o início dos períodos dinásticos. Parece haver concordância entre os historiadores quanto à data dessa unificação, que eles datam de cerca de 3.000 a.C. Se observarmos a frente e o verso da paleta, veremos vários símbolos astrológicos, inseridos com a intenção de enquadrar esse evento durante a era de Touro, que durou aproximadamente de 4.320 a.C. a 2.160 a.C.

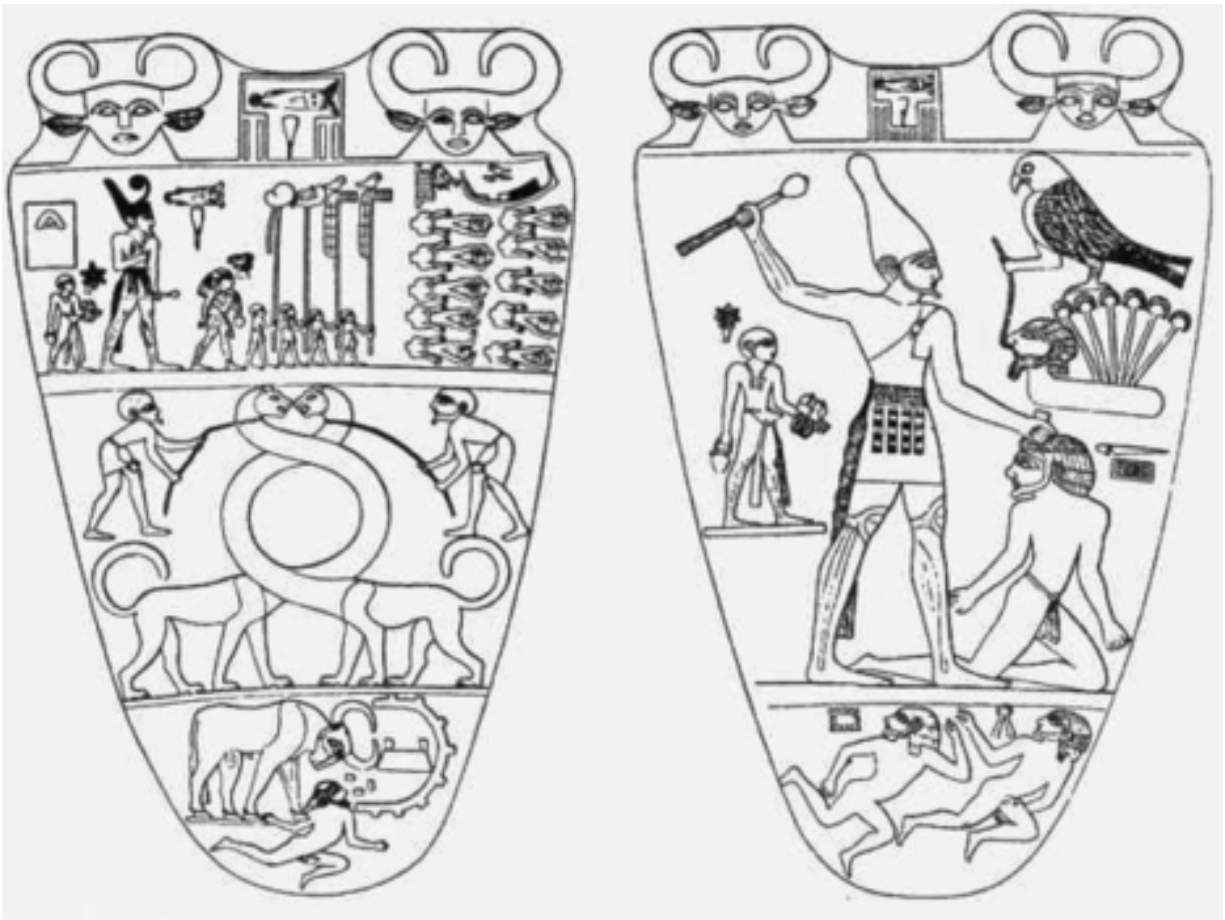


Figura 6.8 Paleta Narmer

A etnologia é uma ciência que estuda os povos atuais que mantêm comportamentos e estruturas sociais comparáveis aos das culturas pré-históricas que desapareceram. A partir do estudo desses povos primitivos atuais, ao projetar o comportamento do presente no passado, os pesquisadores inferem, por analogia, aspectos do comportamento das comunidades paleolíticas. Mas como é possível que ainda hoje existam povos primitivos africanos, australianos e neozelandeses, entre outros, que não conhecem a escrita, pois não deram o salto do Paleolítico para o Neolítico ao longo dos séculos? Se o processo pelo qual o homem passou do paleolítico (o mesmo estado em que se encontram esses povos primitivos atuais) para a construção de cidades, a posse da escrita e o desenvolvimento de sistemas astronômicos precisos na antiguidade mesopotâmica, de um dia para o outro, tivesse sido gradual e evolutivo, seria necessário perguntar: Por que esses povos primitivos atuais não experimentaram o mesmo

processo de avanço tecnológico que os sumérios experimentaram, em um espaço de tempo tão curto, mas, ao contrário, permaneceram estagnados por séculos? Por que eles não experimentaram nem mesmo um mínimo de progresso tecnológico?

Mais uma vez, percebemos que o conhecimento matemático e astronômico de tamanha sofisticação, magnitude e escopo não foi provavelmente adquirido pela mera evolução daqueles caçadores da idade da pedra com vidas extremamente curtas, em que a sobrevivência, e não a observação das estrelas, era o objetivo principal. A hipótese mais plausível é, sem dúvida, que um elemento exógeno tenha surgido, o que é relatado repetidamente nas mitologias mesopotâmica e egípcia, entre outras. Por que o homem de hoje está tão determinado a não ouvir a voz dos próprios homens da antiguidade?

CAPÍTULO VII

O SER HUMANO ENTRA EM CENA

Aqueles que não conseguem atacar o pensamento atacam o pensador.

Paul Valery (1871-1945), filósofo francês.

NO INÍCIO DO SÉCULO XXI, a disputa dialética entre evolucionistas e criacionistas parece ter atingido um nível de intensidade sem precedentes. As proposições evolucionistas estão em conflito com teorias criacionistas que já pareciam sepultadas e provenientes de um passado mais retrógrado. Isso está ocorrendo no seio de uma das sociedades mais avançadas tecnologicamente do planeta, os Estados Unidos da América do Norte, onde surge o chamado "criacionismo científico", promovido por grupos religiosos do país como uma reação ao pensamento dominante ao longo do século passado, o qual explicava a origem do ser humano com base na teoria da evolução de Charles Darwin. Esses grupos veem essa teoria como

uma ameaça a seus conceitos religiosos e morais, incluindo a existência de um ser superior, Deus, que criou o Universo e, portanto, o homem.

O criacionismo científico usa uma linha de argumentação baseada em evidências de que, se a teoria evolucionária tem falhas e fraquezas, ou não pode explicar alguns fatos, como é realmente o caso, então o criacionismo está comprovadamente correto. Seus argumentos pressupõem que há apenas duas opções: criacionismo ou evolucionismo darwiniano. Os criacionistas científicos têm usado os recentes debates internos entre os evolucionistas como pretexto para afirmar que o darwinismo está prestes a desaparecer como paradigma dominante, deixando sua posição como a única alternativa razoável.

Do outro lado do argumento estão aqueles que viram nas teorias evolucionistas a prova científica de que a origem do Universo e do homem pode ser explicada sem a necessidade de recorrer a um Deus criador, uma noção que eles consideram ter sido superada pelos avanços científicos, sendo os seres humanos, de acordo com esses postulados, nada mais do que um produto da evolução aleatória da matéria, e os valores humanos algo casual e relativo.

A tempestade, longe de diminuir, chegou às universidades e faculdades americanas, e uma forte controvérsia surgiu em relação aos ensinamentos dados aos alunos em matérias técnicas e científicas como biologia, com a controvérsia atingindo seu clímax na interpretação de quando e como o homem apareceu na Terra.

Muito antes do início das pesquisas paleoantropológicas na África, alguns pensadores da Grécia Clássica e, mais tarde, Charles Darwin, em 1871, em seu livro *A origem do homem*, propuseram esse continente como o lugar mais provável para localizar a origem dos seres humanos, já que lá, por um lado, estavam seus parentes mais próximos (chimpanzé e gorila) e, por outro, as condições climáticas mais favoráveis para o desenvolvimento da vida humana. Desde então, importantes descobertas foram feitas, embora os registros fósseis que vieram à tona sejam uma expressão mínima do total, por isso é normal que as discussões paleoantropológicas sejam intermináveis e irreconciliáveis.

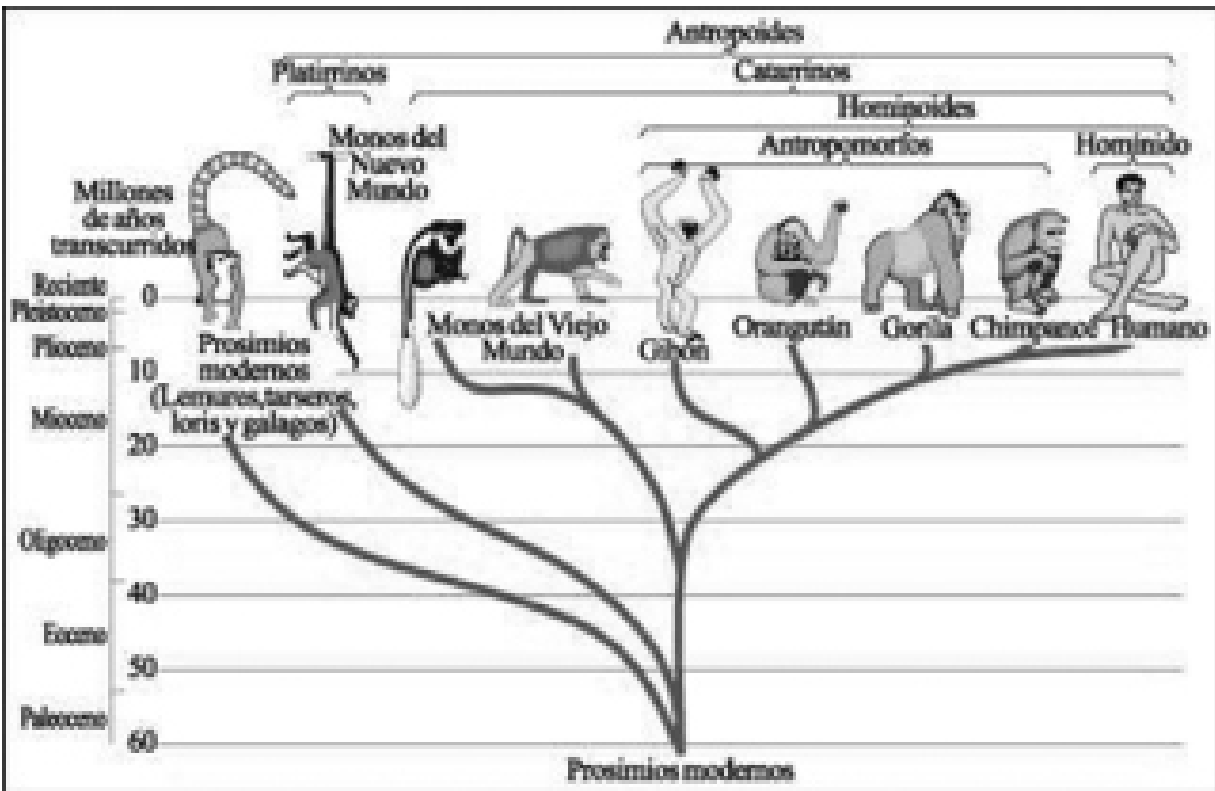


Figura 7.1 A árvore genealógica dos primatas

As primeiras descobertas de fósseis africanos, na década de 1920, do *Australopithecus* (macaco do sul) geraram entusiasmo, mas não foram aceitas pela comunidade científica até a década de 1950, devido à aparência dos restos encontrados, que estavam mais próximos dos primatas, embora seus dentes fossem mais parecidos com os humanos e bípedes.

Há algumas décadas, a classificação de gêneros e espécies do ramo humano e pré-humano parecia ter finalmente chegado a uma conclusão lógica, mas a situação atual, longe de ser simplificada, está se tornando mais complicada a cada novo achado fóssil. Pensava-se que o *Ramaphitecus*, um primata fóssil datado de 12 milhões de anos atrás, já havia se separado da linhagem dos grandes símios e era um ancestral direto dos seres humanos, mas no início dos anos 80, aplicando técnicas de análise filogenética, concluiu-se que o *Ramaphitecus* era um ancestral direto do orangotango e não da linhagem humana, o que tornou possível estabelecer com bastante precisão quando os homínídeos divergiram dos símios há cerca de 4 milhões de anos.

Atualmente, conclui-se que *Australophitecus* é o gênero imediatamente anterior ao puramente humano, já separado da linhagem dos grandes símios, com a primeira espécie, *Australopithecus anamensis*, datada de 4 milhões de anos atrás, com alguns ossos encontrados no Quênia. Mais tarde, encontramos uma espécie que durou até pouco menos de 3 milhões de anos atrás, o *Australophitecus afarensis*, cujos restos mortais foram encontrados na Etiópia e na Tanzânia, com um espécime muito popularizado pela mídia, a pequena Lucy. Apesar de seu crânio pequeno, semelhante ao de um macaco, a curvatura da mandíbula e dos dentes é semelhante à dos humanos, e sua pélvis e pernas são quase idênticas às atuais. A curvatura dos ossos de seus pés e seus braços longos sugerem uma adaptação para subir em árvores. Outros restos fósseis do mesmo período foram encontrados no Quênia e no Chade que parecem ser variantes e foram denominados *Kenyanthropus platyops* e *Australopithecus bahrelghazali*.

A próxima espécie que conhecemos, graças a uma amostra abundante e representativa de ossos descoberta na África do Sul, é o *Australophitecus africanus*. As datas aproximadas estão entre 3 e 2 milhões de anos atrás e, embora alguns autores sejam favoráveis à união dessa espécie com o *Afarensis*, as diferenças geográficas e cronológicas e, acima de tudo, os caracteres mais próximos dos humanos (dentes e arco mandibular menos arcaicos do que o anterior, maior altura e capacidade craniana) fazem com que a maioria dos pesquisadores a considere uma espécie diferente. Também é coeva de outra espécie chamada *Australophitecus garhi*, encontrada na Etiópia e datada de cerca de 2,5 milhões de anos atrás.

O próximo na lista é o *Australophitecus robustus*, que se distingue por seu aparelho mastigatório maior. Parece muito provável que as três espécies conhecidas estejam relacionadas entre si (*robustus* na África do Sul e *boisei* na África Oriental, entre 2 e 1 milhão de anos atrás, e o mais antigo *aethiopicus* na Etiópia, entre 2,6 e 2,3 milhões de anos atrás). O que mais chama a atenção em relação ao *Australopithecus robustus* é o fato de eles terem sido contemporâneos das primeiras espécies de hominídeos, apresentando um cenário intrigante de várias espécies relativamente semelhantes vivendo próximas umas das outras por centenas de milhares de anos.

Nesse momento, há aproximadamente 2,5 milhões de anos, começaram a surgir as espécies classificadas na linhagem humana (hominídeos), todas com dentes pequenos, crânios grandes e bipedalismo obrigatório. O *Homo habilis* e o *Homo rudolfensis* são as espécies mais antigas (entre 2,4 e 1,5 milhão de anos) e, embora alguns estudiosos os considerem pertencentes ao gênero *Australopithecus*, algumas mudanças importantes, como cérebro maior, rosto menos proeminente, dentes menores e bipedalismo perfeito, tornam aconselhável incluí-los no gênero humano. A maioria dos primeiros seres humanos encontrados em Olduvai (Tanzânia), nos lagos Malawi (Malawi) e Turkana (Quênia) e, com alguma hesitação, na África do Sul, é classificada na espécie *habilis*, assim denominada porque lhes foi atribuída a capacidade de fabricar ferramentas, embora um dos crânios mais conhecidos de Turkana, KNM-ER 1470, que tem uma curiosa mistura de caracteres primitivos, como dentes maiores, com caracteres avançados, como maior capacidade craniana, foi classificado por alguns autores como uma espécie distinta, *rudolfensis*, em homenagem ao Lago Rudolph, hoje chamado Turkana.

Antes do desaparecimento das duas espécies anteriores, um novo tipo de ser humano surgiu há 1,8 milhão de anos, o *Homo erectus*, do qual foram encontrados sítios na África Oriental, em ambas as margens do Lago Turkana e na África do Sul. Ele esteve presente até cerca de 300.000 anos atrás. Desde o seu surgimento, as características morfológicas do *erectus* eram mais modernas do que as do *habilis*: maior capacidade craniana, muito robusto, mais alto em estatura (o esqueleto do menino de Turkana media 168 centímetros, apesar de ter apenas doze anos de idade), menos prognatismo com um rosto menos protuberante e um nariz mais pronunciado; no entanto, sua cabeça ainda era baixa e alongada e as sobrancelhas (o arco superciliar) eram muito proeminentes. Fósseis de *erectus* também foram encontrados na ilha de Java e na China (homem de Pequim), o que gerou divergências entre os pesquisadores quanto à designação de um ou de outro, reservando, de forma mais ou menos generalizada, a denominação *Homo ergaster* para os fósseis africanos e *Homo erectus* para os fósseis asiáticos.

De qualquer forma, está claro que ambos divergiram da linhagem australopitecina e já estavam mais próximos dos humanos do que dos

anteriores *habilis* e *rudolfensis*. O fóssil, catalogado como KNM-WT 15000 ou criança de Turkana, corresponde a um homínídeo que morreu entre onze e doze anos atrás, há 1,6 milhão de anos, e sua fisionomia nos lembra mais os altos pastores que hoje povoam o vale do alto Nilo do que sua ancestral, a pequena Lucy, que não ultrapassa um metro de altura. O encurtamento dos braços revela o abandono definitivo das árvores como habitat, com um bipedalismo já perfeito que o tornava perfeitamente capaz de percorrer longas distâncias, o que levou às primeiras migrações para fora da África, embora não se saiba se houve um desejo consciente de expansão ou se faz parte dos processos migratórios biológicos que afetam outras espécies.

Posteriormente, restos mortais descobertos na Europa e na África, datados de pouco mais de 500.000 anos atrás, revelaram que mudanças morfológicas em direção a novas espécies começaram a ocorrer por volta dessa época, às quais foram dados nomes diferentes. Foi novamente na África que ocorreram as pressões seletivas necessárias para essas mudanças evolutivas. Encontramos restos mortais na África do Sul, Zâmbia, Tanzânia e Etiópia que mostram um volume maior de crânio (1.200 a 1.300 centímetros cúbicos), crânio frontal mais largo, bochechas e parte posterior do occipital mais largas e sobranceiras mais arqueadas. Os estudiosos deram a esses restos mortais diferentes designações, incluindo *Homo rhodesiensis*, com características anatômicas avançadas que permitem que sejam relacionados ao *Homo heidelbergensis* e ao *Homo neanderthalensis*, ao mesmo tempo em que possuem certas características que apontam para o *Homo sapiens*, razão pela qual muitos pesquisadores os consideraram nossos ancestrais mais imediatos. As classificações modernas passaram a incluir todos eles dentro da espécie *Homo heidelbergensis*, pois essa foi a designação mais antiga, que vem da descoberta da mandíbula de Mauer, perto de Heidelberg (Alemanha). De acordo com Phillip Rightmire, tanto os neandertais quanto os cro-magnons ou *Homo sapiens* descendem da espécie *heidelbergensis*/ *rhodesiensis*.

Farei uma breve pausa para refletir sobre as pesquisas na área. As classificações do reino animal foram realizadas com base na anatomia comparativa, ou seja, o estudo das semelhanças e diferenças observadas nos órgãos, músculos e esqueletos de diferentes espécies, o que nos permite reconstruir a história evolutiva até certo ponto. Mas é preciso dizer que

essas comparações não são precisas. Foi então que alguns pesquisadores decidiram usar a genética para comparar espécies diferentes. Hoje, acredita-se que as conclusões tiradas das análises genéticas sejam muito precisas, o que certamente aconteceria se o conhecimento do universo dos genes fosse completo, mas deve-se observar que o conhecimento nesse campo ainda é incipiente, apesar da imagem de falso triunfalismo que nos é transmitida diariamente pela mídia. As conclusões derivadas dessas análises genéticas, longe de serem verdades inabaláveis, devem ser tomadas com cautela, pois são questionadas a cada dia por novos dados e avanços da genética, um ramo da ciência que ainda guarda um bom número de mistérios para seus estudiosos.

Aqui está um exemplo claro disso. O raciocínio científico é que quanto mais próximas duas espécies estiverem uma da outra, mais estruturas moleculares elas compartilham em seu genoma. A comunidade científica, com base em estudos genéticos realizados nos últimos anos, havia aceitado como verdade inabalável que os seres humanos e seus parentes vivos mais próximos, os chimpanzés, diferiam em apenas 1,24% de suas sequências de DNA. Entretanto, uma equipe internacional coordenada por Tomas Marques-Bonet, do Instituto de Biologia Evolutiva de Barcelona, Espanha (um centro de pesquisa conjunto da Universidade Pompeu Fabra e do Centro Nacional de Pesquisa da Espanha), publicou recentemente seus estudos na revista *Nature* em fevereiro de 2009, concluindo que essa estimativa estava incorreta e que, na realidade, o número de diferenças pode ser até dez vezes maior. Ele observa como eram imprecisas as conclusões baseadas em evidências genéticas anteriores. Nesse estudo, foi constatado que todas as espécies de primatas, inclusive os seres humanos, têm um grande número de fragmentos exclusivos em seu genoma. De acordo com os autores, a chave para essa descoberta foi o estudo de duplicações de grandes fragmentos de DNA repetidos em todo o genoma. Até agora, essa parte do genoma era ignorada, pois era extremamente difícil individualizá-la do restante do DNA, embora há muito se suspeitasse que sua presença fosse importante. Como os autores destacam, as diferenças que haviam sido trabalhadas até agora eram mudanças (mutações) nas sequências do genoma compartilhadas por todos os primatas, mas as diferenças estudadas pelos pesquisadores do Institute of Evolutionary Biology são exclusivas de cada espécie. A equipe internacional estudou sistematicamente as duplicações

segmentares em todo o genoma de quatro espécies de primatas: macacos, orangotangos, chimpanzés e humanos. Isso possibilitou não apenas produzir o primeiro catálogo específico de espécies dessas regiões do genoma, mas também quantificar muito melhor as diferenças entre as espécies e entender em que ponto da evolução elas surgiram. Essas seriam diferenças radicais em alguns dos livros que compõem a biblioteca genética de cada espécie.

Voltando ao tema central, sobre a origem de nossa espécie, o *Homo sapiens*, há muito tempo existem dois modelos opostos: o primeiro sustenta uma origem regional múltipla, na qual os seres humanos atuais foram formados, mais ou menos independentemente, a partir de suas formas pré-humanas em diferentes regiões do planeta (*erectus* na Ásia, *ergaster* na África, *neanderthalensis* na Europa etc.), enquanto a segunda teoria, conhecida como "Jardim do Éden" ou Fora da África, postula uma origem única para todas as populações humanas atuais em uma área específica da África e, em seguida, espalhadas por todo o planeta.), enquanto a segunda teoria, conhecida como "Jardim do Éden" ou Fora da África, postula uma origem única de todas as populações humanas atuais, em uma área específica da África, e depois se espalhou por todo o planeta.

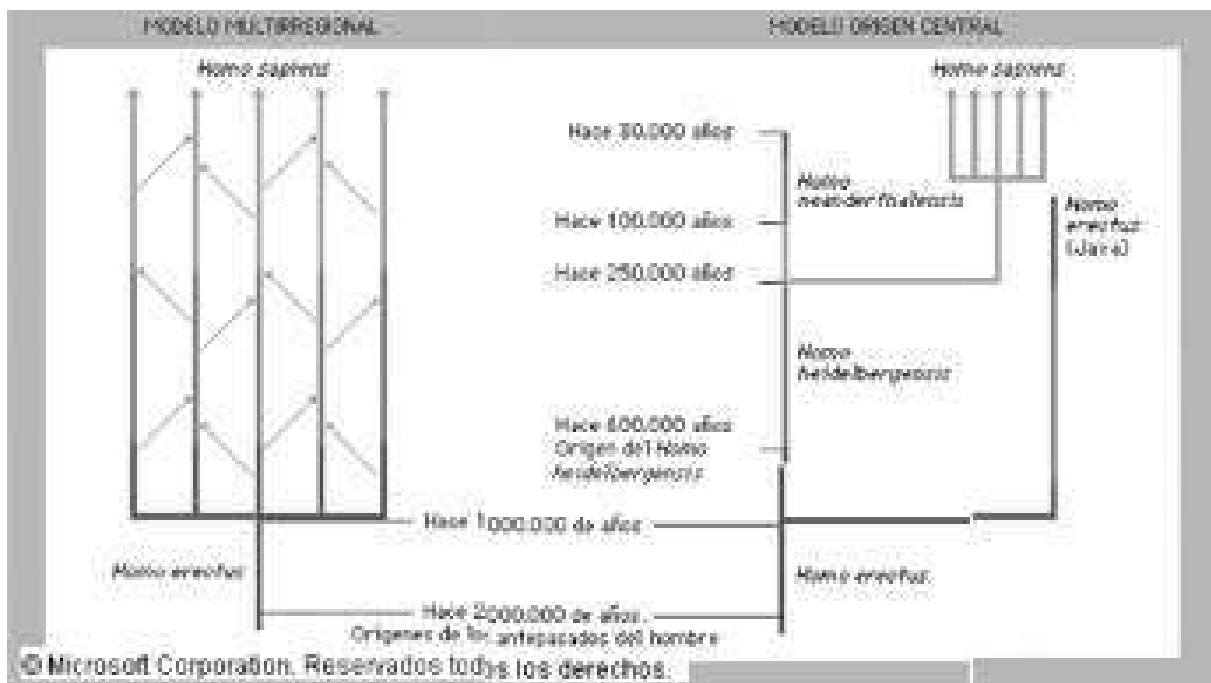


Figura 7.2 Os dois modelos que explicam a origem do *Homo sapiens*

O primeiro modelo, chamado de modelo do candelabro, deve responder à questão de como é possível que populações tão distantes geograficamente umas das outras e com um número tão pequeno de membros tenham conseguido manter a unidade biológica necessária para chegar aos seres humanos de hoje.

Em relação ao segundo modelo, pesquisas genéticas recentes produziram dados reveladores. A informação genética de um indivíduo é encontrada principalmente no DNA localizado no núcleo de suas células. No entanto, há também o chamado DNA mitocondrial, que se encontra dentro das mitocôndrias do citoplasma e não no núcleo da célula, com a particularidade de que esse último só é transmitido pela linha materna. Sua análise permite identificar o ancestral comum de uma espécie, a chamada "Eva mitocondrial". Esses estudos mostram que todo o DNA humano provém de uma única sequência original, localizada na África e que remonta a cerca de 200.000 anos. Isso não significa que essa Eva humana era a fêmea mais antiga da espécie, mas sim a fêmea mais antiga com descendentes vivos atualmente. Outras Evas tiveram descendentes, mas sua linhagem não teve a sorte de chegar aos dias de hoje. Assim como o DNA mitocondrial é transmitido apenas de geração em geração entre as fêmeas, os pesquisadores mergulharam no DNA que é transmitido exclusivamente pela linha paterna, que é encontrado no cromossomo Y. Os resultados desses estudos levaram à conclusão de que o homem com o cromossomo Y mais antigo, o Adão cromossômico, também viveu na África.

Essa segunda hipótese tem um fato importante a seu favor: os neandertais europeus tinham apenas cerca de 110.000 anos de idade e eram muito diferentes de nós para terem tido tempo de se tornar sapiens em um espaço de tempo tão curto. A esse respeito, fósseis da Palestina, no Oriente Próximo, foram datados com precisão e descobriu-se que os mais parecidos com os neandertais (Kebara, Tabun) viveram lá cerca de 40.000 anos mais tarde do que os mais parecidos com os humanos (Sokhul, Qafzeh), o que é exatamente o oposto do que deveria ter acontecido se eles fossem nossos ancestrais. Os cerca de doze restos mortais encontrados em Qafzeh datam de cerca de 100.000 anos atrás e são a evidência mais antiga do Homo sapiens sapiens no Oriente Próximo. Os dados arqueológicos mostram que

os sapiens deixaram o local entre 50.000 e 80.000 anos atrás, depois disso o local foi ocupado pelos neandertais até o retorno dos cro-magnons.

A discussão sobre se os neandertais pertencem à nossa linhagem vem agitando as águas da paleoantropologia há 150 anos, quando sua existência foi reconhecida pela primeira vez. O que sabemos sobre eles? A maioria dos paleoantropólogos concorda que sua origem remota é do *Homo heidelbergensis* (assim como do sapiens) e que o homem de Neandertal é uma espécie diferente da nossa. Mas será que ele é realmente uma espécie diferente da nossa?

No verão de 2009, pesquisadores do Conselho Nacional de Pesquisa da Espanha (CSIC), em colaboração com o Instituto Max Planck da Alemanha e a Universidade de Oviedo, tornaram públicos estudos que recuperaram o genoma completo do DNA mitocondrial de cinco neandertais, um da caverna de Sidrón (Espanha), outro do sítio de Vindija (Croácia), dois de Feldhofer (Alemanha) e um de Mezmaiskaya (Rússia). Para realizar esse estudo, os pesquisadores usaram novas técnicas de ultra-sequenciamento maciço, que permitem o estudo de milhões de sequências de DNA de ossos antigos. Nesse caso, a análise dos cinco genomas leva à conclusão de que o passado materno comum de todos os genomas mitocondriais do Neandertal (110.000 anos atrás) é mais recente do que o do *Homo sapiens sapiens* moderno (150.000 anos atrás), o que parece provar que eles não eram nossos ancestrais.

Embora essas datas sejam mais recentes do que as obtidas com modelos anteriores baseados em registros fósseis, os resultados indicam que as diferenças genéticas entre os neandertais são menores do que as diferenças entre os próprios humanos modernos, e ainda menores do que as encontradas atualmente nas populações europeias. Por exemplo, os genomas dos indivíduos de Feldhofer e Vindija são idênticos, apesar de estarem a mil quilômetros de distância. Isso só pode acontecer se a diversidade da espécie for muito baixa.

Descobriu-se também que as diferenças com o genoma mitocondrial humano eram da ordem de três vezes maiores do que as diferenças médias dentro da própria espécie humana atual, embora menos da metade daquelas

entre nós e os chimpanzés. A conclusão foi que os Cro-Magnons e os Neandertais eram duas espécies diferentes que compartilhavam um ancestral comum, embora deva ser dito que essas conclusões não levam em conta as sequências genéticas recentes que apontam para uma diferença maior entre humanos e chimpanzés, que poderia ser de até 10% em vez de 1%. Como se pode ver, as coisas estão longe de ser claras, nem a última palavra foi dita sobre o assunto.

Quem eram os neandertais, como viviam e por que foram extintos? Há duas hipóteses sobre sua cronologia: uma que traça suas origens entre 250.000 e 200.000 anos atrás e outra que remonta a apenas 120.000 anos. Eles são chamados de a outra humanidade e constituíram um grupo humano que viveu principalmente na Europa e na Ásia Ocidental, sendo extintos por razões desconhecidas há cerca de 30.000 a 40.000 anos. Eles foram descritos como brutos pré-históricos, mas não eram brutos nem estúpidos. Eles foram caricaturados em uma extensão inimaginável, talvez para colocar os humanos em uma posição agradavelmente superior que nos permite sentir seguros ao contemplar a enorme distância que nos separa deles.

Desde aquelas representações deles como seres peludos, ferozes e semelhantes a macacos, sua imagem mudou à medida que os preconceitos sobre seu status humano foram diluídos. Fisicamente, eles eram muito fortes, de pele clara e com cabeça maior, queixo recuado e testa para trás, mas não podemos dizer que eram muito diferentes dos *homo sapiens* ou Cro-Magnons de sua época. Eles eram organizados em pequenos grupos de caçadores-coletores e não há evidências que sugiram que praticavam uma caça menos organizada socialmente do que os *sapiens*.

Eles tinham estruturas de relacionamento familiar e social dentro do grupo, levando uma vida nômade de acordo com o ritmo dos ciclos da natureza. Há muitas evidências de que os neandertais mantinham relações sociais baseadas no respeito ao indivíduo e em valores de solidariedade com os membros mais fracos do grupo. Eles usavam ossos, madeira, peles e pedras para construir suas moradias, em cavernas ou ao ar livre. E eram mestres entalhadores de pedra, desenvolvendo a chamada técnica de *levallois*, o que

significava que o artesão tinha de desenvolver esquemas mentais bem estruturados para sua execução.

Também foram encontrados sepultamentos de 60.000 anos atrás, nos quais os mortos recebiam um enxoval, o que indica uma capacidade de abstração dos sentimentos humanos e religiosos. Alguns autores apontaram que esse comportamento se devia a uma imitação do que eles viam os sapiens fazendo, com quem dividiram o palco por muito tempo, mas não há base científica para essa afirmação, pois ninguém estava lá naquela época pré-histórica para ver quem estava imitando quem.

Alguns pesquisadores argumentam que a atividade artística é a principal diferença entre os neandertais e os sapiens. É verdade que muitas das propostas artísticas desenvolvidas pelos neandertais são discutíveis, mas sabemos que eles estavam familiarizados com o uso de corantes e tinham interesse em colecionar objetos como pedras de cores vivas, fósseis e outros fragmentos minerais. De fato, há cerca de 37.000 anos, quando compartilhavam a mesma cena com os sapiens, já se sabe que eles tinham objetos perfurados em osso e marfim usados como pingentes com uma clara intenção de ornamentação, mas mais uma vez foi sugerido que eles estavam imitando o comportamento dos sapiens.

Parece que os neandertais, aos olhos da maioria dos pesquisadores, só conseguiam obter traços humanos imitando inconscientemente seus superiores sapiens, os humanos reais. Mesmo de um ponto de vista acadêmico, a arte é definida como um fenômeno puramente humano, que teve sua expressão no chamado período Paleolítico Superior, que é o período imediatamente após o desaparecimento dos Neandertais.

Entretanto, devemos nos perguntar se estamos fazendo as comparações corretas, pois durante o período de cerca de 12.000 anos em que os neandertais e os sapiens compartilharam o habitat europeu, embora seja verdade que os neandertais não desenvolveram a expressão artística que os sapiens desenvolveriam 20.000 anos depois, não é menos verdade que os próprios sapiens não desenvolveram essa expressão artística no mesmo período em que ambos viveram juntos. Isso levanta a questão do que teria acontecido se os neandertais não tivessem desaparecido e, em vez disso,

tivessem vivido 20.000 anos depois no mesmo habitat que os sapiens. Será que eles também teriam desenvolvido esses níveis de expressão artística refletidos nas paredes das cavernas?

Não se pode comparar períodos cronológicos diferentes. Seria o mesmo que pensar que o homem da Idade Média, do ponto de vista paleoantropológico, não possuía a inteligência para desenvolver sistemas complexos de computação, simplesmente porque não há registros de computadores pessoais naquela época, quando é óbvio que o que lhe faltou foi o acúmulo do conhecimento necessário, que foi desenvolvido nos séculos seguintes, para finalmente concluir no surgimento da ciência da computação. Alguém pode ter certeza de que os neandertais, em 20.000 anos, não teriam alcançado os mesmos níveis de expressão artística que os sapiens?

A capacidade dos seres humanos de se relacionarem entre si por meio do uso de um sistema de comunicação sonora altamente estruturado e especializado sempre foi considerada um elemento diferenciador que marcou a fronteira entre o Homo sapiens e o restante dos habitantes do planeta. Mas será que os neandertais falavam e tinham uma linguagem articulada? Até recentemente, supunha-se que a estrutura de seu aparelho fonador não permitia a articulação de sons de vogais, mas a descoberta de um osso hióide neandertal (que conecta a laringe aos músculos da língua) idêntico ao do sapiens, juntamente com a descoberta nos heidelbergensis (ancestrais imediatos dos neandertais e sapiens) de Atapuerca de um sistema auditivo semelhante ao nosso, bem como os estudos genéticos da caverna Sidrón, que mostram que os neandertais e os sapiens compartilhavam o gene FOXP2, relacionado à fala e à linguagem, tornam muito plausível a hipótese de que a fala e a existência de um código linguístico também eram usadas pelos neandertais.

Em relação aos estudos sobre o sistema auditivo, em 2004, uma equipe de cientistas analisou fósseis da Sima de los Huesos em Atapuerca (Espanha) pertencentes a indivíduos do gênero Homo que viveram há 400.000 anos. Para isso, a equipe contou com especialistas em 3D para reconstruir os ossos do ouvido dos fósseis e determinar se eles eram capazes de ouvir nas mesmas frequências auditivas que os humanos modernos, o que significaria que eles eram capazes de ter uma linguagem articulada tão complexa

quanto a dos humanos. O paleontólogo e professor Ignacio Martínez afirmou que os indivíduos de Sima ouviam como os humanos modernos e, portanto, provavelmente falavam. Ao contrário, a mesma equipe de cientistas, ao realizar o mesmo tipo de estudo de capacidade auditiva em hominídeos dos tipos *Australopithecus* e *Paranthropus* que viveram há 2 milhões de anos, obteve um resultado que indicava que a capacidade auditiva desses hominídeos era mais semelhante à dos chimpanzés e que, portanto, sua linguagem não poderia ser tão complexa ou articulada quanto a nossa.

O grande mistério é: o que aconteceu com os neandertais e por que eles desapareceram sem deixar rastros? De acordo com os paleoantropólogos, os neandertais eram os senhores da Europa, mas há cerca de 50.000 anos o *Homo sapiens sapiens* chegou em diferentes ondas migratórias da África, e as duas espécies viveram juntas no mesmo espaço geográfico por nada menos que 12.000 anos. Os contatos podem ter incluído momentos de hostilidade e relações próximas. Em Lagar Velho, Portugal, foram encontrados restos do que poderia ser um exemplo de hibridização entre as duas espécies: uma criança sapiens que, anos após o desaparecimento dos neandertais, mantém algumas características anatômicas que só encontramos nesses últimos. Houve contato sexual entre as duas espécies? Se sim, o sangue neandertal poderia, de alguma forma, estar correndo nas veias dos sapiens? Eles desapareceram sem deixar vestígios ou seus descendentes estão simplesmente vivos entre nós? Não sabemos o que aconteceu, mas devemos estar preparados para as respostas mais incomuns.

A história evolutiva dos seres humanos está longe de ser uma simples ramificação da árvore da vida até o ser humano atual. Todas as evidências apontam para o fato de que as espécies humanas que habitaram a Terra cruzaram umas com as outras, dando origem a vários híbridos. Em 2014, as revistas *Nature* e *Science* publicaram simultaneamente uma descoberta a esse respeito. A primeira publicou um estudo realizado por uma equipe de geneticistas da Harvard Medical School, e a segunda, outro estudo de Benjamin Vernot e Joshua Akey, da Universidade de Washington, no qual se afirmava que os neandertais cruzaram com os cro-magnons, sendo os humanos modernos o resultado desse processo. Por meio de um estudo genômico de populações humanas, foi possível verificar que há partes do

genoma humano atual que vêm dos neandertais, entre 20 e 30%. Parece que o homem moderno preserva mais DNA de Neandertal do que se pensava anteriormente...

A maioria dos pesquisadores considera que os neandertais e os sapiens são duas espécies diferentes, algo que depende mais de catalogação do que de diferenças reais, mas sabemos com certeza que tanto os neandertais quanto os cro-magnons vieram do mesmo tronco comum, o *Homo heidelbergensis*, do qual se separaram e tomaram caminhos diferentes, embora seu nível de inteligência e comportamento fossem semelhantes. Os pesquisadores têm certeza de que os sapiens não são descendentes dos neandertais, mas e se tivesse acontecido algo aparentemente tão absurdo como os neandertais serem descendentes dos cro-magnons, apenas para eventualmente desaparecerem? Ou mesmo não desaparecer e estar entre nós sem que saibamos de sua existência... O fato é que ambas as espécies surgiram há aproximadamente 200.000 a 300.000 anos, da noite para o dia, e o tempo revelará novas surpresas.

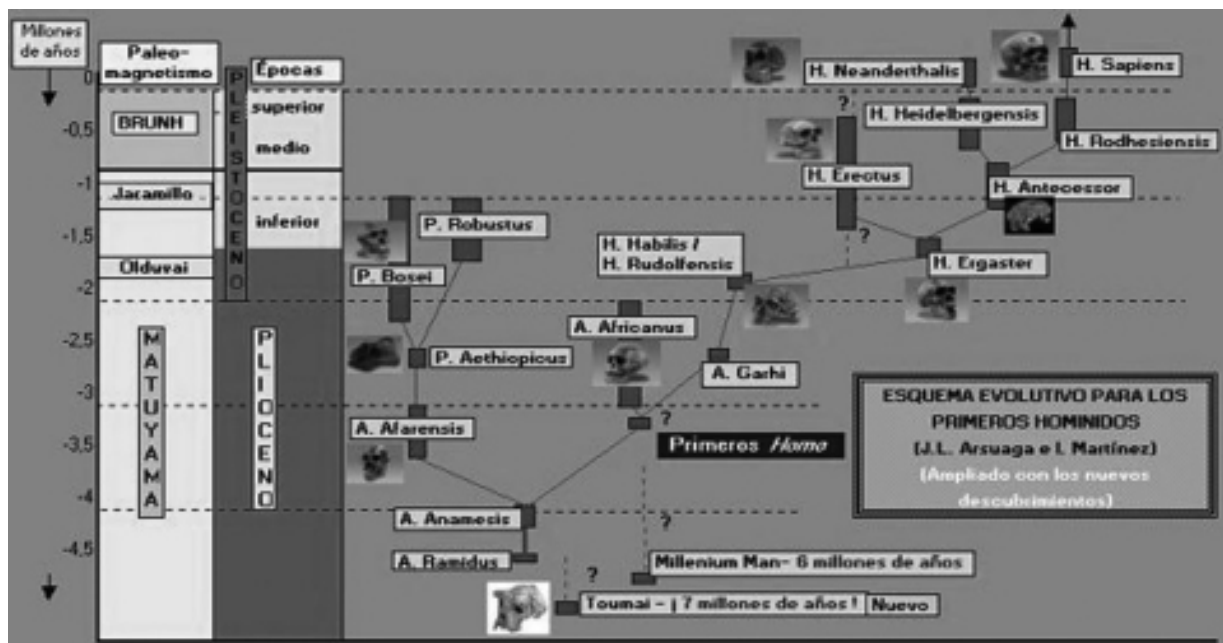


Figura 7.3 Esquema evolutivo dos primeiros hominídeos

As teorias antropológicas modernas sobre a origem do homem, baseadas na evolução e na seleção natural, não conseguem explicar muitas

características e aspectos do Homo sapiens. Como é possível que os sapiens tenham evoluído em inteligência e conhecimento nos últimos milhões de anos, enquanto seus primos próximos, os macacos, permaneceram evolutivamente estagnados? A resposta cientificamente aceita é que, em um determinado momento da evolução, os hominídeos se tornaram bípedes, o que lhes deu dois braços que eles usavam para utilizar ferramentas, resultando em um processo de feedback no nível do cérebro que permitiu o desenvolvimento de faculdades mentais. É verdade que testes científicos com ratos mostraram que eles desenvolvem maior massa cerebral quando estão ativos do que quando estão em repouso; e que, quando enjaulados, os que desenvolvem maior massa cerebral são os que têm brinquedos dentro e não os que têm uma gaiola vazia. Mas isso é uma coisa, e outra bem diferente é eles deixarem de ser ratos e se tornarem outro tipo de animal. Além disso, na natureza podemos ver exemplos de animais que são altamente habilidosos no manuseio de ferramentas e, ainda assim, não alcançaram a inteligência que o homem alcançou, contradizendo e invalidando esse argumento.

Por exemplo, o abutre egípcio joga pedras para quebrar ovos de avestruz, e a lontra marinha na costa do Pacífico dos EUA usa uma pedra para martelar seu alimento das rochas, enquanto outra pedra é usada como bigorna para abrir a casca. Os chimpanzés também fazem e usam ferramentas simples, mas não observamos nenhuma mudança substancial em seu nível de inteligência. A teoria da evolução pode explicar as mudanças na organização das espécies, mas essas mudanças ocorrem de forma lenta e gradual, não da noite para o dia, como no caso do homem. Por que os hominídeos se tornaram inteligentes e os chimpanzés não?

Se a ciência oferece um quadro tremendamente confuso das origens dos seres humanos modernos, isso se deve ao fato de que nem os antropólogos nem os arqueólogos sabem ao certo o que aconteceu. O surgimento do Homo sapiens é um mistério, por enquanto indecifrável e, do ponto de vista do cálculo de probabilidade, é quase impossível. Os registros mostram que, após milhões de anos de progresso mínimo com ferramentas e implementos de pedra, o Homo sapiens surgiu repentinamente há cerca de 250.000 anos, com o dobro da capacidade craniana e a habilidade de falar, para continuar, por razões ainda inexplicáveis, a viver de forma primitiva até cerca de

30.000 anos atrás, quando passou por uma mudança para o comportamento moderno. Por volta de 12.000 anos atrás, ele havia se espalhado pelo mundo e conhecia a agricultura. Há 7.000 anos, criou as primeiras grandes civilizações e hoje está iniciando sua corrida espacial pela vastidão do sistema solar.

Todos esses dados apontam na direção oposta à teoria evolucionária que evoca processos lentos e graduais de transformação nas espécies, sugerindo talvez um milhão de anos para que os hominídeos mais avançados passassem das ferramentas líticas para o uso de outros materiais e dezenas de milhões de anos para dominar a matemática, a química, a astrofísica e as viagens espaciais nas profundezas do sistema solar.

O fato é que a teoria da evolução, como fato científico, e a teoria da criação divina estão em dois planos diferentes, mas não acho que deva haver uma alternativa excludente de uma em detrimento da outra, como se fossem duas posições irreconciliáveis. Afinal de contas, a evolução e a criação (revolução) são os dois extremos de uma linha comum, diferentes gradações e medidas da mesma escala ou processo. A revolução nada mais é do que uma evolução acelerada no tempo ou, em outras palavras, um processo que ocorre em um período de tempo consideravelmente mais curto do que aquele ao qual estamos acostumados pela evolução natural. Por que não abrir uma nova avenida de pesquisa que admita, de forma matizada, a coexistência da evolução com a criação divina?

CAPÍTULO VIII

E OS DEUSES CRIARAM O HOMEM À SUA IMAGEM E SEMELHANÇA

*Um cientista deve ter a liberdade de levantar qualquer
questão, duvidar de qualquer afirmação e corrigir erros.*

Robert Oppenheimer (1904-1967), físico americano

A NARRATIVA PRESENTE NA Bíblia sobre a criação do ser humano é sem dúvida o ponto culminante do debate entre criacionistas e evolucionistas. Os criacionistas defendem que os seres humanos foram criados pela vontade e graça de Deus, e não que chegamos ao estado atual por meio de um processo evolutivo lento a partir de formas de vida que nos antecederam. É o momento de nos imergirmos completamente nos textos mais antigos escritos pelo ser humano. Vamos ver o que é dito a respeito nos versículos bíblicos do Gênesis, tão cheios de segredos quanto de contradições.

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.

Gênesis 1, 26

Nessa versão traduzida, alguns elementos desapareceram, o que dificulta o esclarecimento da questão em questão. No original hebraico, no lugar da palavra Deus, encontramos a palavra Elhoim, cujo significado literal é "deuses", e é muito interessante que o escriba, sem dúvida deliberadamente, tenha usado a palavra no plural, quando poderia ter usado o singular, ou seja, El, se realmente quisesse se referir a um único Deus. Reproduzo abaixo o original em hebraico.

*Vayomer Elhoim na`aseh adam betsalmenu kidemutenu
veyirdu bidegat hayam*

Na tradução, talvez por um descuido, embora o termo "deuses" seja substituído por "deus", o tradutor não elimina a concordância gramatical do verbo na frase seguinte, mantendo também o uso do pronome possessivo correspondente no plural ("*façamos a humanidade à nossa imagem e semelhança*"). Alguns estudiosos tentam justificar esse fato dizendo que, na antiguidade, era costume que grandes personalidades usassem o plural maiúsculo para se referir a si mesmas. Essa é uma tentativa infantil de justificativa, sem fundamento, quando se observa a escrita hebraica original e, como veremos mais adiante, quando se estuda em detalhes os textos mesopotâmicos nos quais o Gênesis bíblico foi inspirado.

Qual é o segredo por trás do uso da palavra Elhoim? É possível que houvesse mais de um deus na época da criação? Seja qual for a resposta, os Elhoim estão de volta à história e, como eu disse nos capítulos anteriores, será obrigatório ver o que os textos mesopotâmicos, mais antigos que a Bíblia e livres de qualquer correção posterior, têm a dizer. Mas isso será feito depois de termos nos aprofundado um pouco mais nos textos bíblicos. Há muitas mensagens contraditórias no Livro de Gênesis da Bíblia. Vejamos o versículo a seguir, ao qual voltaremos mais tarde, devido às muitas implicações que podem ser extraídas de sua leitura.

*Quando a humanidade começou a se multiplicar na face da terra, nasceram-lhes filhas, vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram belas, que tomaram dentre eles para mulheres que amavam muito. Então Yahweh disse: "Meu espírito não permanecerá para sempre no homem, pois ele é apenas carne; que seus dias sejam cento e vinte anos. Os **nefilins** existiam na Terra naquela época (e depois), quando os filhos de Deus se uniram às filhas dos homens e elas lhes deram filhos, os gigantes vieram à Terra: esses são os heróis (em hebraico, "os **gueborim**"), da antiguidade, homens famosos.*

(Gênesis 6, 1- 4)

O que o escriba quer dizer quando diferencia entre "os filhos de Deus" e "as filhas dos homens"? Quem eram os nefilins e quem eram os geborins? A antiga Israel tinha apenas um Deus, então de onde vieram os filhos de Deus, os nefilins? Os gigantes também são mencionados pela primeira vez. Os gigantes estão presentes em todas as mitologias, tanto orientais quanto ocidentais. Que tipo de seres eram esses gigantes?

A ideia de que esses "filhos de Deus" eram anjos materializados que se relacionavam com mulheres era aceita e difundida na época do judaísmo helenizado, como se vê na versão grega da Septuaginta, que substitui a expressão "filhos de Deus" por "anjos". As fontes orientais de Qumran concordam com esse fato. Os estudiosos sabem que os autores do Livro de Gênesis se basearam em textos muito mais antigos e detalhados originários da civilização suméria, por isso é interessante e enriquecedor poder voltar e ver o que eles tinham a dizer sobre essas questões que são tão relevantes para a nossa sociedade do século XXI. Esses textos deixam claro que a criação do homem foi obra dos Anunnaki, dos Nephilim, dos Anakim ou dos Elhoim, que são apenas nomes diferentes usados para identificar seres extraterrestres que vieram de outro planeta para colonizar a Terra em seu

próprio benefício. Mas não vou me adiantar e vamos dar uma olhada passo a passo no que esses relatos antigos dizem.

O Poema de Atrahasis ou "do homem muito sábio", conhecido nos círculos técnicos como Enuma ilu awilum, ficou conhecido no final do século XIX, graças, mais uma vez, a George Smith, em uma versão muito reduzida e um tanto confusa, como evidenciado pelo fato de que, por muito tempo, pensou-se que o verso da tábua era o lado da frente. Foi somente em 1956 que o assiriólogo dinamarquês J. Laessoe, juntando esses fragmentos a outros, colocou a situação em ordem, estabelecendo que estávamos lidando com a mais antiga gênese conhecida, cobrindo toda a história da humanidade, desde o momento em que o homem foi criado, passando pelo Dilúvio e, finalmente, até o início dos chamados tempos históricos. Embora passagens inteiras do poema tenham se perdido, W.G. Lambert, em colaboração com A.R. Millard, publicou, em 1969, Atrahasis. The Babylonian Account of the Flood, que é a reconstrução mais completa e detalhada da história até hoje.

Os Anunnaki, seres de outro planeta, vieram à Terra e viram que ela tinha riqueza mineral e produção agrícola, então decidiram trabalhar para cultivá-la e extrair minerais. Isso foi muito antes de os humanos entrarem em cena. Aconteceu que, em um determinado momento, os viajantes espaciais, devido à dureza das condições de trabalho que sofriam, se rebelaram e se amotinaram, e seus gritos chegaram até os portões da casa de seu grande chefe, Enlil, o que desencadeou uma série de eventos de grande significado para nós, terráqueos.

A história começa descrevendo em linguagem quase jornalística, em sua concretude, ritmo e realismo, a situação em que esses seres se encontravam, antes da existência do homem, quando tinham que cavar canais, construir diques, cultivar e colher a terra.

*Quando os deuses desempenhavam o papel de homens,
Eles tinham que trabalhar e estavam ocupados:
Sua tarefa era considerável,
seu trabalho árduo, sua labuta sem fim.*

Posteriormente, eles enfatizaram a dureza do trabalho e o tempo em que suportaram essas árduas condições de trabalho.

Eles contaram os anos trabalhados.

Por dois mil e quinhentos anos ou mais,

Eles haviam suportado esse pesado fardo dia e noite.

Isso provocou a rebelião dos trabalhadores, que, destruindo suas ferramentas de trabalho, se revoltaram em uma atitude ameaçadora em frente à porta da casa onde vivia a autoridade máxima, Enlil.

Vamos falar com nosso chefe,

Para nos livrar de um fardo tão pesado.

Enlil, o chefe encarregado, diante da situação criada pela insubordinação dos trabalhadores, convocou uma reunião ou Grande Conselho, com o objetivo de encontrar uma solução para o problema. O Conselho contou com a presença dos grandes líderes, além de Anu e Enki. Na reunião, Nuska, o braço direito de Enlil, recebeu a ordem de fazer uma mediação para descobrir por que os trabalhadores anunnaki haviam se rebelado e sitiado a casa. Ao retornar, após dialogar com os amotinados, Nuska expressou aos presentes na Assembléia as queixas dos trabalhadores sobre as duras condições de trabalho a que eram submetidos.

Enlil, um amante da disciplina, exigiu uma punição exemplar para que a situação nunca mais se repetisse, mas Anu, o governante, foi mais compreensivo com a situação dos trabalhadores.

Mas Anu abriu a boca,

e se dirige aos deuses, seus irmãos:

Por que os culpamos?

Sua tarefa era pesada, seu trabalho infinito.

É nesse momento que Ea (Enki) toma a palavra para se dirigir à Assembléia e formula uma possível solução para o problema, propondo aliviar o fardo insuportável dos trabalhadores Anunnaki criando um "trabalhador da terra" que cuidará do trabalho que os deuses têm feito até agora. Para isso, ele se aproveita da presença de Ninti (Belet-ili).

*Mas existe um remédio para esta situação,
uma vez que Belet-ili, a matriz, está aqui,
que ela fabrique um protótipo de homem,
será ele quem carregará o jugo dos deuses,
quem carregará o jugo dos Igigu,
será o homem quem carregará o seu trabalho.*

A Assembléia recebeu com genuíno entusiasmo a proposta de Enki de criar um trabalhador terreno, um adamu, termo que sem dúvida foi a inspiração para o nome bíblico Adão. Para nossos ancestrais, essa era a solução para a libertação do trabalho e o início da sociedade de lazer. No entanto, surgiram perguntas e dúvidas entre os presentes sobre a viabilidade do projeto de criar um ser vivo especialmente projetado para fazer o trabalho que esses seres de outro planeta não desejavam mais fazer. Quão inteligente esse ser deveria se tornar? O trabalhador teria de ser inteligente o suficiente para receber ordens e manusear as ferramentas usadas por eles.

Ninti, então, aceita a proposta da Assembléia, enquanto acena para Enki para ajudá-lo na tarefa.

*Mas Nintu, após abrir a boca,
responde aos grandes deuses:
Não posso fazer isso sozinha, por conta própria;
mas com a ajuda de Enki,
a operação é viável,
somente ele pode purificar tudo:
Que ele me forneça a argila e eu a executarei.*

Durante todo esse processo, a intervenção de Nammu, esposa de Anu e mãe de Enki, também não faltou, de modo que esta última superou qualquer relutância que pudesse ter tido em realizar a operação. A esse respeito, há duas tábuas com conteúdo idêntico, uma de Nipur, pertencente ao Museu da Universidade da Filadélfia, e outra comprada em uma loja de antiguidades e pertencente ao Louvre, que lançam luz sobre os eventos que ocorreram. Nelas vemos que, enquanto Enki está descansando, Nammu o informa, mais uma vez, sobre a situação angustiante que os deuses estão sofrendo, intercedendo para que ele realize o que foi proposto na Assembleia.

*Oh, meu filho, levanta-te da tua cama e faz o que é sensato:
Treina os modeladores para que possam produzir suas
réplicas!*

Poema de Enki e Ninmah

A resposta de Enki oferece a solução para o mistério da criação do homem, integrando as posições conflitantes e aparentemente antagônicas dos criacionistas e evolucionistas, pois ele explica que o homem não foi criado por Deus a partir do nada, nem foi o resultado de uma evolução lenta.

*Ó minha mãe, a criatura cujo nome você disse existe,
fixa nela a imagem dos deuses,
Amasse o coração com a argila na superfície do Apsu.
Os bons e excelentes modeladores engrossarão essa argila!*

Poema de Enki e Ninmah

Nessas quatro linhas está a chave do enigma: como uma nova criatura poderia se tornar física, mental e emocionalmente uma réplica dos deuses? Como o homem foi criado à imagem e semelhança deles? Com base em uma criatura já existente no ecossistema terrestre: um homínídeo (o adama, o barro, a terra), Enki decidiu aplicar as mudanças genéticas necessárias (para fixar nele a imagem dos deuses) para melhorar sua inteligência e, assim, criar um novo ser (o Adão, o terrestre) de tal forma que ele pudesse assumir as tarefas que até então eram exclusivas dos deuses.

O Gênesis hebraico, como em outras tradições, fala de um Deus oleiro que, a partir de um "pedaço de barro", criou o homem, que é uma compilação incompleta e menos detalhada das fontes originais da Mesopotâmia. É muito importante observar o jogo de palavras que ocorre, cujos significados, sem dúvida, escondem uma mensagem de vital importância. Por um lado, há Adão: o humano, o terrestre; e, por outro, Adama: solo arável e argiloso.

*Então Elhoim formou Adão do pó da terra,
soprou em seu nariz um sopro de vida,
e o homem se tornou um ser vivo.*

(Gênesis 2, 7)

Que Enki sabia da existência desses hominídeos, dos quais falei no capítulo anterior, não há dúvida, como está documentado nos registros escritos que chegaram até nós. Enki, sempre ávido por novos conhecimentos, tinha o perfil científico adequado e a curiosidade necessária para se interessar por todos os tipos de seres que compunham a fauna terrestre, entre os quais estavam esses macacos em forma humana. Na Epopéia de Gilgamesh, esse ancestral dos humanos, esse pó da terra, o Adama, é descrito nos versos a seguir.

*Seu corpo está todo coberto de pelos,
seus cabelos são como os de uma mulher,
espessas como a Nisaba, que brotam suas madeixas;
Ele não conhece os seres humanos, nem conhece um país
civilizado,
e está vestido como o deus Sumuqan.
Como as gazelas, ele se alimenta de grama,
com os rebanhos tomando água nos bebedouros,
com animais selvagens, seu coração se deleita em beber.*

A possibilidade de domesticar o Homo erectus, ergaster ou heidelbergensis por meio de um processo de reprodução e seleção geracional teve de ser

descartada devido ao seu grau de selvageria, bem como ao seu grau de inteligência, o que dificultava transformá-lo em um animal de trabalho dócil que servisse aos interesses de seus senhores. Ao mesmo tempo, essa criatura tinha de ser adaptada de forma a ser capaz de realizar certos trabalhos, para os quais precisava de um cérebro suficientemente desenvolvido para ser capaz de realizar certas tarefas, manipular instrumentos com destreza e entender as ordens que lhe eram dadas. Em uma palavra, ele precisava de um ajuste fino de sua inteligência para torná-lo um lulu amelu (trabalhador misto). Enki deve ter visto a solução para o problema imediatamente: a marca genética dos Anunnaki tinha de ser impressa nesse ser por meio de processos de manipulação genética. Ele decidiu criar um híbrido anunnaki/Homo erectus.

Enki e Ninti puseram-se a trabalhar e elaboraram um plano para projetar um ser que originalmente começaria como um "servo dos deuses", a fim de resolver uma situação em que não havia Adão para cultivar a terra. De acordo com os próprios escritos dos sumérios que chegaram até nós, os deuses consideravam o homem um mal necessário cuja função era a de um servo ou escravo que facilitava seus desejos. Os deuses eram mestres antipáticos e cruéis que consideravam os seres humanos como crianças indisciplinadas, que não tinham mais importância do que animais de estimação, para serem governados com mão de ferro e sem muita consideração.

O fato de o homem ter sido criado para servir aos deuses não era uma ideia estranha na antiguidade. A divindade era "Senhor", "Soberano" e "Rei", e a palavra normalmente traduzida como adoração é avod (trabalho), portanto, o homem antigo não adorava seu deus da forma como é entendido hoje, mas trabalhava para ele.

Para o homem moderno do século XXI, essa ideia também não deve ser extravagante, se ele conseguir se desvincular de fatores puramente culturais e religiosos em sua análise. Afinal, a intenção dos humanos de hoje ainda é a mesma dos deuses antigos, evitar o trabalho pesado. Os avanços tecnológicos na robótica já estão começando a ser visíveis e, dentro de alguns anos, os robôs se tornarão os servos dos humanos para fazer os trabalhos menos agradáveis. Em breve, haverá máquinas que realizarão

tarefas que atualmente só estão disponíveis para os humanos. É o que sugerem Erik Brynjolfsson e Andrew McAfee em seu recente livro *The second machine Age* (A segunda era das máquinas), um ensaio sobre as oportunidades e os perigos que aguardam a segunda Revolução Industrial, a era dos robôs, que provocou um debate acalorado nos Estados Unidos. A controvérsia está começando a ser popularizada pela mídia por meio de séries de televisão de ficção científica, como a britânico-americana *Humans* e a sueca *Real Humans*, que exploram de forma aberta e sem preconceitos o impacto social que o uso da robótica para fins domésticos terá em um futuro próximo.

A palavra "robô", popularizada pelo dramaturgo Karel Capek em 1920, vem das palavras tchecas *robota* (trabalho forçado) e *rabota* (servidão), possuindo com incrível precisão os mesmos significados que o termo "homem" tinha na antiguidade. Esses robôs estão sendo desenvolvidos de acordo com as mesmas vias de processamento neural humano, ao mesmo tempo em que recebem uma aparência humana para torná-los agradáveis aos olhos, de modo que poderíamos dizer que eles são feitos à imagem e semelhança de seus criadores. Será que estamos, de alguma forma, repetindo algo que aconteceu há milhares de anos? Alguns até ousam arriscar que, em algum momento no futuro, haverá uma rebelião de robôs que forçará os humanos a lutar por sua liberdade e exterminar esses autômatos.

De acordo com Daniel Wilson, PhD em robótica pelo Instituto de Robótica da Universidade Carnegie Mellon e pesquisador da Microsoft no Centro de Pesquisa de Palo Alto (PARC), essa hipótese não é de todo rebuscada, dado o progresso que está sendo feito na inteligência artificial, chegando até mesmo a propor algumas medidas para criar uma resistência eficaz contra uma futura rebelião de robôs. Os cinéfilos devem se lembrar da série de filmes *Terminator*, que retrata um futuro em que as máquinas atingem um grau de consciência tal que são capazes de tomar decisões como se rebelar contra os humanos. Algo que, embora seguindo outros caminhos tecnológicos e com outros protagonistas, já aconteceu em um passado distante, como veremos mais adiante. E o fato é que os ciclos da história se repetem. Mas não vamos nos precipitar e voltar ao assunto em questão.

Para executar o plano, Enki pede ao Conselho que use um jovem deus Anunnaki, especificamente o incitador da rebelião. Ele pede para poder misturar seu sangue, seu código genético, com o barro da terra e, assim, criar os primeiros homens.

*Que me sea entregado
a um de seus irmãos,
esse terá que perecer,
para que assim possam ser formados os homens*

Enuma Elish

*Com sua carne e seu sangue,
Nintu misturará a argila;
Dessa forma, o deus e o homem estarão associados,
reunidos na argila,
e a partir deste momento estaremos ociosos.*

Atrahasis

Esse era o plano original, corroborado pelos ensinamentos de todas as religiões em toda a extensão da geografia planetária, que beberam das fontes antigas e originais desse conhecimento, embora cada uma delas tenha modificado ou variado aspectos mais ou menos essenciais em benefício de seus interesses ideológicos. No caso do cristianismo, para defender uma doutrina monoteísta que postula a existência de um único Deus, ele mutilou as referências originais a diferentes deuses ou seres, embora seus escritos contenham muitas inconsistências a esse respeito. Ao mesmo tempo, ele optou por novos nomes para esses seres, como "anjos", aos quais a doutrina cristã dá um caráter marcante de serem imateriais e incorpóreos. Embora essa característica de imaterialidade atribuída aos anjos, como também será visto no devido tempo, é mais do que questionável quando os próprios textos bíblicos são analisados, onde o leitor desapaixonado e crítico verá que esses anjos aparecem aos nossos olhos como seres de carne e osso com um corpo físico tão material quanto o nosso.



Figura 8.1 Baixo-relevo da Mesopotâmia representando quimeras em um estado pré-humano estado pré-humano

Esses seres das estrelas distantes possuíam conhecimento tecnológico suficiente para realizar a tarefa de criar um novo ser. Pelo que se depreende das fontes originais, essa deve ter sido a primeira vez que eles empreenderam tal aventura, dado o entusiasmo que gerou entre os membros da Assembleia e as repetidas tentativas infrutíferas que tiveram de ser feitas até que o protótipo do ser desejado fosse alcançado com sucesso. Quando Berosus, um sacerdote babilônico, escreveu para os gregos sobre a cosmogonia mesopotâmica e as histórias da criação, ele falou de um estágio pré-humano no qual os seres humanos coexistiam, nascidos com duas e quatro asas, com chifres ou com órgãos masculinos e femininos ao mesmo tempo. Ele também fala de um homem de duas cabeças e descreve uma besta, chamada Oannes, cujo corpo tinha a forma de um peixe e que tinha uma cabeça humana sob a cabeça do peixe, enquanto carregava pés humanos em vez de uma cauda.

Apareceram homens, alguns dos quais tinham duas asas, outros com quatro, e alguns com duas faces. Tinham um corpo com duas cabeças; uma de homem, a outra de mulher; e também ambos os órgãos sexuais, de homem e de mulher. Outras figuras humanas estavam providas de patas e chifres de cabra; algumas com cascos de cavalo; enquanto outras tinham corpo de cavalo, mas o torso, braços e cabeça de homem, como centauros. Corpos de touro com

cabeças humanas. Cães com quatro corpos e caudas de peixe. Cavalos, também, com cabeças de cachorro; homens e outros animais com cabeças e corpos de cavalo e caudas de peixe. Resumindo, havia criaturas nas quais se combinavam as extremidades de outras espécies animais.

A Lenda da Criação segundo Beroso e Damascio

As esfinges egípcias, animais com cabeça humana, bem como os monstros da mitologia grega, incluindo o famoso Minotauro (metade homem, metade touro), querem transmitir uma mensagem, hoje velada, sobre aquele período ancestral em que esses deuses ou seres extraterrestres se dedicaram à experimentação genética, resultando em todos os tipos de organismos mistos ou "quimeras", até o final do século passado, sobre esse período ancestral em que esses deuses ou seres extraterrestres se dedicaram à experimentação genética, resultando em todos os tipos de organismos mistos ou "quimeras", até que finalmente conseguiram criar o ser vivo que se tornaria o que hoje é o Homo sapiens sapiens. Os textos sumérios ilustram com detalhes curiosos o que aconteceu, dando uma explicação para a existência desses seres anormais.

*Ninmah fez uma mulher incapaz de dar à luz,
Enki, ao ver esta mulher incapaz de dar à luz,
decidiu seu destino e a destinou a viver no gineceu.
Ela criou um ser desprovido de órgão masculino,
desprovido de órgão feminino.
Enki, ao ver este ser desprovido de órgão masculino,
desprovido de órgão feminino,
decidiu que seu destino seria o de preceder o rei.*

Enki e Ninmah

Os escritos também falam de outras tentativas de Enki e de como ele cria uma criatura fraca de corpo e fraca de espírito, pedindo ajuda a Ninmah (Ninti), mas sem sucesso. Ela fala com a criatura criada, mas ela não responde, oferece-lhe pão, mas não o pega. Ela não consegue ficar de pé nem se sentar, nem dobrar os joelhos.

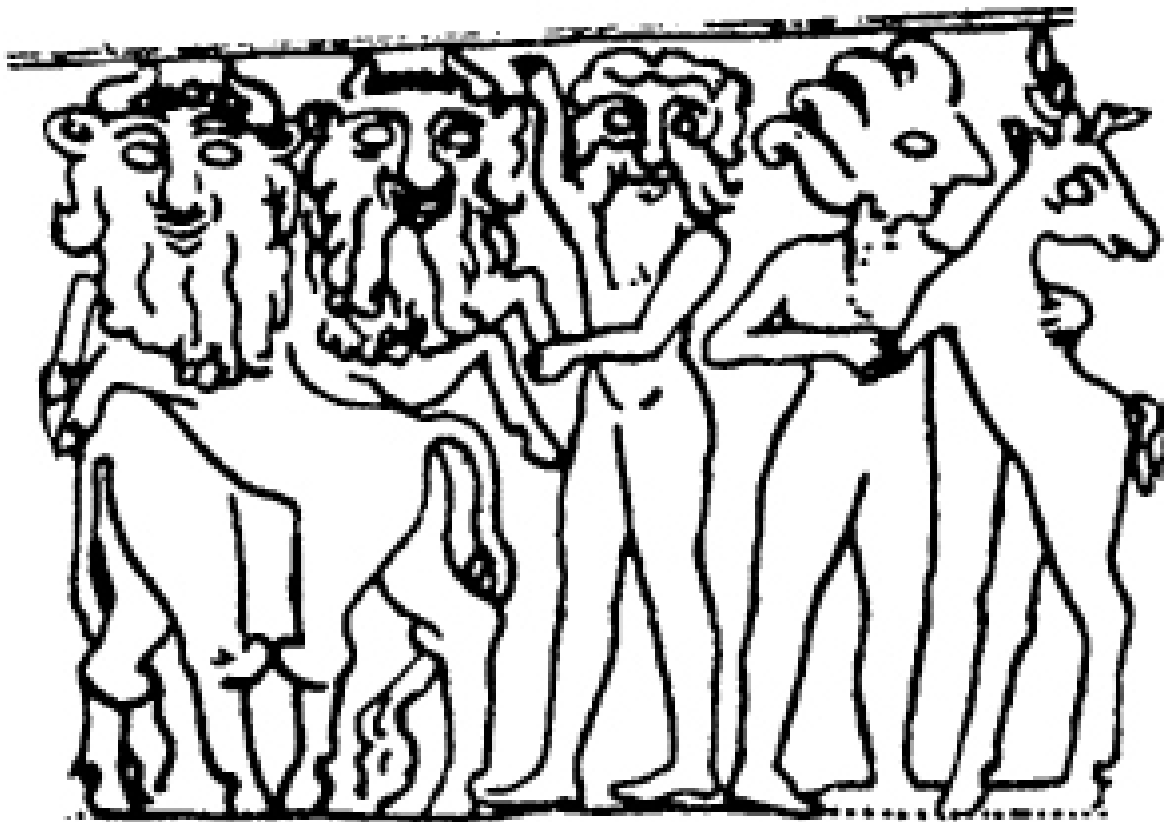


Figura 8.2 Baixo-relevo da Mesopotâmia representando quimeras em um estado pré-humano em um estado pré-humano

O Popol Vuh, o Livro do Conselho dos Índios Quiché, da grande família maia, corrobora o fato de que o homem foi uma criação dos Poderosos dos céus.

E os Mestres Gigantes falaram, assim como os Senhores, os Poderosos do Céu: É hora de nos concentrarmos novamente nos sinais do nosso homem construído, do nosso homem formado, como nosso suporte, nosso nutridor, nosso invocador, nosso comemorador. Fazei, então, que sejamos invocados, que sejamos adorados, que sejamos comemorados, pelo homem construído, o homem formado, o homem manequim, o homem moldado.

No entanto, por trás dessa aparente simplicidade, há um grande mistério: como uma nova criatura se tornou física, emocional e mentalmente uma réplica do nefilim? Qual foi o processo usado para criar o homem? Podemos imaginar, à luz das histórias e do conhecimento atual sobre reprodução assistida, clonagem e células-tronco, como a sequência de eventos se desenrolou. O relato hebraico do Gênesis sobre a criação conta, em linguagem bastante descritiva, como Eva, a fêmea da espécie, foi criada a partir de uma costela de Adão por meio de cirurgia, mesmo sob anestesia.

*Então, Yahweh Deus fez cair sobre o homem um profundo sono;
E enquanto ele dormia, tomou uma de suas costelas,
fechando o lugar com carne,
e da costela que havia tirado do homem, Deus formou a mulher,
e a apresentou ao homem.*

(Gênesis 2, 21-22)

O processo descrito aqui pode parecer inconsistente com a maneira pela qual narrei os eventos da criação do homem, mas quando se investiga o significado das palavras, as peças do quebra-cabeça, longe de serem desconexas, se encaixam perfeitamente. Samuel Noah Kramer ressalta que o nome Eva significa "aquela que tem vida" ou "cheia de vida", sugerindo que o relato bíblico de sua origem a partir de uma costela de Adão provavelmente vem da palavra suméria TI, que significa tanto "vida" quanto "costela". Deve ficar claro que Enki e Ninti trabalharam na criação do lulu amelu (o misto) em um lugar que, na língua acadiana, é chamado de Bit Shimti (lugar onde o sopro da vida é concedido), o que sugere um laboratório equipado com os meios para realizar trabalhos de engenharia genética. Um olhar mais atento às diferentes partes que compõem a palavra SHI.IM.TI, de acordo com Sitchin, revela diferentes significados entrelaçados entre si: vida, argila, útero, costela. Como a versão original mesopotâmica na qual o Gênesis compilou sua narrativa ainda não foi encontrada, não podemos ter certeza de quais significados seus compiladores escolheram, embora pareça claro que todos eles apareceram misturados de uma forma ou de outra e não da forma mais precisa.



Figura 8.3 Baixo-relevo da Mesopotâmia representando o processo de criação do ser humano

Os escritos antigos indicam que alguns seres do espaço, depois de algum tempo, decidiram criar um servo para fazer o trabalho e a tarefa que eles não queriam fazer. Assim começa o primeiro capítulo, no qual é narrado o nascimento do homem. Os episódios seguintes da verdadeira história da humanidade são ainda mais emocionantes...

CAPÍTULO IX

O PARAÍSO NA TERRA E A SEGUNDA MANIPULAÇÃO GENÉTICA. PÂNICO NO ÉDEN

A verdadeira questão não é se as máquinas pensam, mas se os seres humanos pensam.

Frederic Burrhus Skinner, (1904-1990) psicólogo americano

O CAPÍTULO RELACIONADO AO Paraíso terrestre é um dos mais misteriosos e ao mesmo tempo mais transcendentais para o destino da futura humanidade. Rios de tinta foram escritos sobre o assunto, embora na maioria das vezes os fatos tenham sido adaptados às interpretações religiosamente corretas, em vez de optar por uma busca imparcial da verdade objetiva.

O Paraíso terrestre é o nome popularmente atribuído, na tradição cristã, ao Jardim do Éden: um lugar onde nossos primeiros pais, Adão e Eva, tinham tudo e não conheciam a dor, a fome e a morte, até que foram expulsos dele por desobedecerem a Deus ao cometerem o chamado pecado original de comer o fruto proibido da árvore do conhecimento do bem e do mal. Deus deixou o Paraíso fora do alcance de Adão e Eva, mas também o tornou inacessível à humanidade. Após esse incidente, os seres humanos nunca mais desfrutariam do Jardim até o Dia do Juízo Final, quando as almas dos justos e virtuosos se reuniriam com Deus em Seu Paraíso Celestial. Pelo menos é o que diz a doutrina oficial da Igreja Católica, embora tudo isso não seja tão claro nem tão simples como se afirma.

O Paraíso terrestre realmente existiu ou foi apenas um mito religioso sem fundamentos materiais? E se de fato existiu, onde estava localizado? Para podermos responder a essas perguntas com algum rigor, precisamos fazer uma pequena pausa para elucidar o valor histórico que as fontes escritas bíblicas podem ter. Por muito tempo, críticos e estudiosos argumentaram que os escritores bíblicos inventaram ou exageraram os nomes de pessoas e cidades mencionados na Bíblia, mas as descobertas arqueológicas, uma após a outra, têm provado que os escritos bíblicos estão certos.

Os principais estudiosos afirmaram que o rei Sargão da Assíria, cujo nome aparece no livro de Isaías 20:1, nunca existiu. Entretanto, em 1843, o palácio de Sargão II foi descoberto perto da cidade iraquiana de Korsabad, e ele é hoje um dos reis assírios mais conhecidos. A Assíria, que já foi um poderoso império, é mencionada com frequência na Bíblia, e os achados arqueológicos mostram a exatidão dos escritos. Por exemplo, escavações em Nínive descobriram uma placa esculpida do palácio de Senaqueribe mostrando guerreiros assírios levando os judeus cativos após a queda de Laquis em 732 a.C., registrada em 2 Reis 18:13-15. Da mesma forma, as crônicas de Senaqueribe, também encontradas em Nínive, narram sua campanha militar durante o reinado de Ezequias, rei de Judá, mencionando-o pelo nome. Senaqueribe se vangloria de suas muitas vitórias, mas não faz qualquer menção à captura de Jerusalém, o que é consistente com o registro bíblico de que esse rei sofreu uma grande derrota nas mãos de Deus em sua vizinhança. Após essa humilhação, a Bíblia registra que Senaqueribe retornou a Nínive, onde foi traído e morto por seus filhos (Isaías 37:33,38).

O registro de seu assassinato aparece em um par de inscrições assírias. Outras inscrições cuneiformes assírias também mencionam os nomes bíblicos de Acaz e Manesés, reis de Judá, e Onri, Jeú, Jeoás, Manaém e Hossea, reis de Israel.

Outro exemplo é encontrado no trabalho arqueológico nas ruínas da antiga cidade da Babilônia, que trouxe à luz cerca de 300 tábuas escritas em caracteres cuneiformes que datam do reinado de Nabucodonosor. Entre os muitos nomes que aparecem está o de Yaukin, rei da terra de Yahud, uma referência a Jeoaquim, rei da terra de Judá, que foi deportado para a Babilônia com toda a sua família quando Nabucodonosor conquistou Jerusalém pela primeira vez em 617 a.C. (2 Reis 24:11-15).

Os críticos afirmam que os hebreus não tinham alfabeto algum, embora a Bíblia indique o contrário em Números 5:23, Josué 24:26 e Isaías 10:19. No entanto, em 2005, uma cidade hebraica do século X a.C. foi descoberta em Tel Zavit, Israel, onde os arqueólogos encontraram uma pedra calcária gravada com um alfabeto arcaico que torna razoável supor que os hebreus daquela época já conheciam a escrita e eram capazes de escrever e registrar sua própria história.

Por fim, e para não demorar muito, podemos ler o que a New Encyclopaedia Britannica tem a dizer sobre a controvérsia em questão:

A crítica arqueológica tende a provar que os detalhes históricos típicos até mesmo dos períodos mais antigos são confiáveis e a rejeitar a teoria de que os relatos do Pentateuco (os primeiros livros do Antigo Testamento) são simplesmente um reflexo de um período posterior.

Há evidências suficientes de que os escritos bíblicos não são relatos fantasiosos sem fundamento, mas, pelo contrário, provaram seu profundo valor histórico, com base nas descobertas arqueológicas que foram feitas. Chegou a hora, portanto, de ver o que as fontes hebraicas têm a dizer sobre o assunto do Paraíso terrestre. O Gênesis começa com uma descrição geral

da situação, relatando a existência de um jardim plantado artificialmente a leste de um ponto de referência desconhecido.

Então, Yahweh Deus plantou um jardim no Éden, no Oriente,
e ali colocou o homem que Ele formou.
E Yahweh Deus fez com que todas as variedades de plantas e animais crescessem nele a partir da terra, com árvores belas à vista e de bom sabor, e, no meio do jardim, a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal.

(Gênesis 2, 8-9)

O relato de Gênesis continua com uma descrição muito mais precisa, na qual se refere a dados geográficos mais específicos.

*Um rio saía do Éden e regava o jardim,
e, a partir daí, dividiu-se em quatro braços.
O primeiro foi chamado de Pison e é o que circunda toda a terra de Evila,
onde há abundância de ouro, ouro muito fino, além de bedelium e ágata.
E o segundo é chamado de Goijon, e é o que circunda toda a terra de Cuxe.
O terceiro é chamado de Tigre e corre a leste da Assíria.
O quarto é o Eufrates.*

(Gênesis 2, 10-14)

Dois dos rios, o Eufrates e o Tigre, mais uma vez chamam nossa atenção para uma área muito específica e conhecida, a Mesopotâmia, que literalmente significa "a terra entre os rios". Os dois rios nascem nas Montanhas Taurus, no planalto da Anatólia, no leste da Turquia, e correm, às vezes juntos e, em outros momentos, consideravelmente separados, pelo atual Iraque, desaguando no Golfo Pérsico. Dessa forma, pode-se dizer que

temos uma área delimitada para localizar o local do Éden, que deve estar situado na Mesopotâmia ou não muito longe dela, na área das cabeceiras dos dois rios.

O objetivo é localizar os outros dois rios mencionados na Bíblia, o Pissoon e o Jinn, o que não será uma tarefa fácil, obrigando-nos a adotar diferentes hipóteses de trabalho. Atualmente, não há vestígios dos outros dois rios mencionados na Bíblia, que coincidem em uma área mais ou menos próxima às cabeceiras do Eufrates e do Tigre, portanto, pode-se pensar que, devido a mudanças geológicas e climáticas que produziram uma desertificação da área ao longo do tempo, ambos os rios desapareceram.

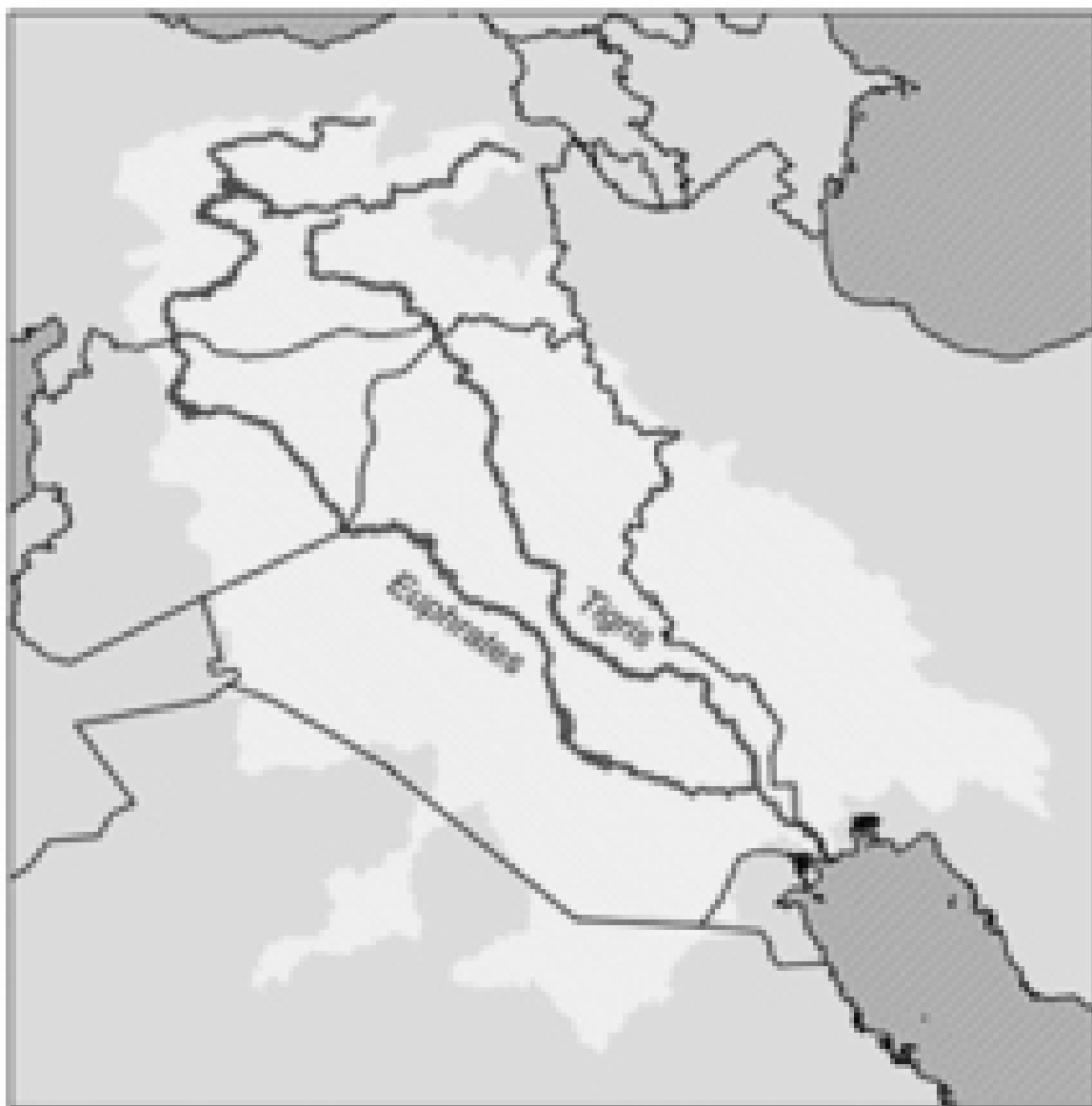


Figura 9.1 O Tigre e o Eufrates

Com relação ao terceiro rio, o Guíjon, encontramos várias referências, a primeira ao reino de Cush, que identifica partes da Etiópia, e onde o Nilo Azul é assim chamado, e a segunda ao rio Karun, que começa sua peregrinação no sudoeste do Irã e, depois de fazer uma grande curva para o norte, termina nas proximidades do Tigre e do Eufrates, no Golfo Pérsico. Entretanto, essas identificações podem ser errôneas, o que levaria a uma interpretação falsa.

Cush ou Kush pode se referir a um reino chamado de Kusu nas inscrições assírias. Era a terra dos Kushai, situada no norte da Síria, de onde se originou a excelente raça de cavalos Kushai. George Smith, o assiriologista inglês, em seu *Chaldean History of Genesis*, sugere que o pai de Ninrode, o construtor da Torre de Babel, era de Cush e que isso pode ser uma alusão às terras de Kusu. Ninrode é uma figura lendária do folclore armênio, intimamente ligado ao patriarca Abraão, cuja cidade natal era Edessa, a moderna Sanliurfa, localizada a apenas 13 quilômetros de Gobekli Tepe, um lugar que será importante nesta história.

Por outro lado, sabemos que o reino da Armênia, no século I a.C., era famoso por seus cavalos, o que permite concluir que a terra de Kusu, de onde vieram os cavalos Kusai, deve ter sido situada nas terras altas da Armênia, o que faria sentido se o rio Guijon fosse o rio Araxes, o Aras moderno. Não está clara a origem do nome "Guijon", embora deva ser observado que, durante a invasão árabe do Cáucaso no século VIII, ele era conhecido como Gaihun, e os dicionários persas do século XIX se referiam ao rio Araxes como Jichon-Aras. O rio Aras nasce nas montanhas Bin-Gol, assim como um braço do Eufrates. Ele flui para o leste, passando pela base do Monte Ararat, juntando-se ao Rio Kur, antes de desaguar no Mar Cáspio.

Em relação ao quarto rio, o Pison, a realidade é que a terra de Evila é totalmente desconhecida, e o texto bíblico poderia estar citando a terra de um personagem chamado Evila, como faz Gênesis, onde ele é citado junto com Ninrode, especificando que ambos são filhos de Cush (Gênesis 10:9). Se esses nomes se referem, como é possível, a reinos específicos e seus fundadores, então a possibilidade de que Cush seja um sinônimo da terra de Kusu, o antigo nome da Armênia, significa que é aí que devemos procurar pistas sobre o rio Pison. Reforçando esse último argumento estão os escritos do historiador grego Estrabão que, em sua obra *Geografia*, uma enciclopédia que reúne todo o conhecimento geográfico do século I, deixa claro que a Armênia era bem conhecida por suas minas de ouro e, em seu Livro 11, ele fala das minas de Syspirtis, perto da cidade de Caballa.

Outra pista muito interessante, a ser acrescentada à busca pela identidade do rio Pison, vem da antiga Igreja Assíria do Oriente, conhecida como Igreja Nestoriana, que reconhece o Grande Zab, um afluente do Tigre, como o rio

Pison. A informação vem de uma região remota no sopé das Montanhas Zagros, no sudeste da Turquia, na fronteira com o Irã e o Iraque, onde a autoridade máxima da Igreja Nestoriana assinava suas cartas "da minha cela acima do rio no Jardim do Éden". Essas indicações não devem ser consideradas levianamente, pois a Igreja Assíria é uma das mais antigas da região, datando do século I. O Grande Zab nasce nas montanhas do sudeste da Turquia e corre por 425 quilômetros no Iraque antes de desaguar no rio Tigre.

De tudo isso, pode-se tirar uma conclusão: que o Jardim do Éden não era um lugar imaginário ou fictício e que deve ter sido situado no Oriente Próximo, em algum lugar no crescente fértil, em dois locais possíveis. O primeiro seria na área das cabeceiras do Eufrates e do Tigre no leste da Turquia, se acreditarmos na Bíblia. O segundo local possível, de acordo com a tese de Sitchin e muitos outros, que interpretam a Bíblia como significando que os rios convergiram no Éden e não que se originaram lá, seria na área da foz do Eufrates, do Tigre, do Karun e possivelmente do quarto rio atualmente seco que cruza a Península Arábica.

Pessoalmente, estou inclinado a localizar o Éden em uma área não muito distante das cabeceiras dos rios Eufrates e Tigre. Por que localizar o Jardim do Éden nessa área? Por um lado, como já aconteceu em outras ocasiões, não seria a primeira vez que descobertas arqueológicas finalmente provariam que a Bíblia estava certa. Por outro lado, a descrição dos quatro rios indica que o Jardim do Éden estaria localizado na Armênia histórica. Deve-se acrescentar que os estudiosos armênios tentaram por muitos anos convencer o resto do mundo de que o local físico do Paraíso Terrestre estava localizado em sua terra natal. Suas teses muitas vezes passaram despercebidas no Ocidente, porque seus trabalhos de pesquisa geralmente são escritos em russo armênio, um idioma que poucos não armênios sabem ler.

No Ocidente, poucas pessoas acreditam que o Paraíso Terrestre poderia ter uma localização material e muito menos concluem que as cabeceiras dos quatro rios poderiam ser o local do Jardim, mas Marmaduke Carver, um reitor de Harthill, South Yorkshire, já no século XVII, em sua fascinante obra intitulada *A Discourse of the Terrestrial Paradise, Aiming at a More*

Probable Discovery of the True Situation of That Happy Place of Our First Parents Habitation (Um discurso sobre o Paraíso Terrestre, visando a uma descoberta mais provável da verdadeira situação daquele feliz lugar de habitação de nossos primeiros pais), já postulava essa possibilidade. A obra foi publicada postumamente e, embora o local exato do sepultamento de seu autor não tenha sido preservado, conhecemos a versão do epitáfio que foi colocado em sua lápide, que transcrevo a seguir.

Leitor, se você é piedoso e valoriza o conhecimento, deve saber que sob esta lápide jaz um tesouro, Marmaduke Carver, ex-reitor da Igreja de Harthill, mas bem versado... em Cronologia e Geografia, um linguista meticuloso, um bom orador, o homem que... indicou ao mundo o lugar certo do Paraíso Terrestre (em sua morte)... Traduzido neste dia de agosto de 1665.

Andrew Collins, em seu livro *Gobekli Tepe: Genesis of the Gods*, faz um relato detalhado de sua pesquisa sobre a vida e o trabalho do clérigo.

A única coisa que poderia acontecer é que ele encontraria na biblioteca da York Minster duas das únicas cópias existentes em todo o país...

Carver inicia o manuscrito com a intenção de dispersar o pensamento gerado por Martinho Lutero, que declarou que o Jardim do Éden era uma mera utopia. Ele continua combatendo a teoria de que o Paraíso está localizado na área onde o Tigre e o Eufrates convergem na baixa Mesopotâmia, uma visão defendida não apenas pelos reformadores calvinistas, mas também pelo Papa e pelos católicos. Em seguida, ele faz uma exposição escolástica, finalmente localizando o Éden em um lugar na Armênia, que hoje faz parte do leste da Turquia.

De forma significativa, ele explora evidências antigas que sugerem que o Eufrates, o Tigre e o Araxes provêm da mesma fonte original. De acordo

com Carver, havia uma única fonte localizada nas florestas armênias, nas proximidades do lago conhecido na antiguidade como Thonitis ou Thospites, também Arianias ou Arsissa. Todos esses nomes estão associados ao atual Lago Van, a maior piscina de água da Turquia, localizada no extremo leste do país. Carver cita a crença de vários escritores clássicos, incluindo Estrabão e Plínio, de que uma espécie de proto-rio, a verdadeira fonte do Tigre, emergiu de uma fonte primordial que mais tarde despejou suas águas no atual Lago Van, fazendo isso de forma tão torrencial que não se misturou com as águas nitrosas do lago.

Mais tarde, o proto-Tigris reapareceu além da extremidade sudoeste do lago, para se esconder novamente na forma de uma caverna subterrânea e, por fim, reapareceu no lado sul das montanhas Taurus orientais, na antiga província armênia de Sophene. Essa última parte é conhecida hoje como o local de nascimento do Tigre. Carver acreditava firmemente que foi dessa fonte primordial, que ele identificou como a verdadeira fonte do Tigre, que se originaram os quatro rios do Paraíso Terrestre. Por fim, ele conclui seu trabalho propondo um lugar para localizar o Éden entre Sophene e as verdadeiras fontes do Tigre. A mitologia sumério-acadiana corrobora a tese de Carver, afirmando que tanto o Tigre quanto o Eufrates se originaram em uma fonte subterrânea primordial de água que é a origem de todas as águas doces e que eles chamavam de Apsu.

Neste ponto, vale a pena mencionar um fato ocorrido em 1995. Em um local no extremo leste da Turquia, muito próximo ao Iraque e à Síria, um fazendeiro turco descobriu vestígios arqueológicos que, mais uma vez, reescreverão os conceitos e as cronologias que os especialistas acreditavam estar solidamente estabelecidos sobre a história da humanidade. O local se chama Gobekli Tepe (Monte do Umbigo) e a datação arqueológica de um belo templo com incríveis esculturas de cervos, javalis, cobras, figuras humanas e cachoeiras mostra uma idade de 12.000 anos, em plena Idade da Pedra, quando o homem supostamente usava peles e ainda não conhecia a escrita, a roda, a agricultura e a cerâmica. Esse recinto sagrado é, sem dúvida, o mais antigo dos conhecidos até hoje, um lugar onde já viviam sacerdotes e onde cultos de sacrifício eram realizados no calor de esplêndidas fogueiras. Como uma sociedade que não conhecia a agricultura foi capaz de construir um templo tão incrível e esculpir figuras tão

maravilhosas? Será que os textos sumérios que falam de eventos que ocorreram antes do dilúvio estão certos?

Um dos fatos mais intrigantes e intrigantes é que o templo foi deliberadamente enterrado em 8.000 a.C., o que teria sido, sem dúvida, uma tarefa ciclópica para os homens das cavernas. Eles devem ter levado dezenas de anos para empilhar todas aquelas toneladas de terra para cobrir todas aquelas esculturas e pedras megalíticas. Como eles fizeram isso, e por que, são perguntas que as escavações em andamento poderão responder um dia. Com apenas uma pequena parte do local descoberta após duas décadas de escavação e pesquisa na região em um estágio muito inicial, o que torna muito possível que amanhã alguém encontre algo muito mais espetacular, Gobekli Tepe continua sendo um mistério que o tempo irá desvendar.

Fernan Buruk, um historiador turco, diz que Gobekli Tepe é o local onde Adão e Eva foram colocados, enquanto Klaus Schmidt, membro do Instituto Arqueológico Alemão, acrescenta: "Acredito que aqui nos deparamos com a primeira representação dos deuses".



Figura 9.2 Gobekli Tepe

De acordo com o egiptólogo britânico David Rohl em seu livro *Legend: The Genesis of Civilisation*, o Paraíso Terrestre estava localizado às margens do Lago Urmia, não muito longe de Gobekli Tepe. O Monte Navel pode estar nos dando pistas sobre a localização do mítico Éden, embora, se acreditarmos nos textos sumérios, ele tenha sido construído há muito mais tempo do que a datação de suas ruínas sugere, há 12.000 anos.

Para os estudiosos, o relato do que aconteceu no Jardim do Éden nada mais é do que uma alegoria mítica ou um relato de eventos imaginários, na melhor das hipóteses com significados religiosos ou filosóficos, ocorridos em algum lugar inexistente na geografia da Terra. Mas e se não fosse assim? E se a Bíblia estivesse certa, mais uma vez, e em um lugar chamado Éden, localizado perto da nascente dos rios Tigre e Eufrates, um pomar ou jardim com inúmeras árvores frutíferas tivesse sido criado artificialmente? E se for verdade que o recém-criado ser humano, Adão, foi levado a esse lugar para ser encarregado de cuidar do jardim e colher seus frutos? Quem foram os construtores dessa série de santuários de pedra circulares e retangulares e o que os motivou a fazer isso tão cedo após a última era glacial? As tradições desses primeiros construtores foram preservadas posteriormente pelos descendentes de Abraão na terra santa, onde inspiraram histórias de anjos traficando seres humanos e raptando suas esposas, em textos religiosos como O Livro de Enoque ou Gênesis?

As respostas podem ser encontradas nas montanhas pré-históricas próximas de Tell Idris, pois seu próprio nome indica que Idris é o nome árabe do patriarca antediluviano Enoque, o tataravô de Noé. O Livro de Enoque conta como Enoque, enquanto descansava em sua cama, foi visitado por dois seres estranhos e de aparência angelical, os Vigias, que o convidaram para uma viagem fantástica pelos céus. Em um ponto da história, Enoque vê uma prisão onde 200 anjos estão aprisionados, e o patriarca pergunta qual é o motivo da superlotação. A resposta que lhe é dada é que esses 200 anjos desobedeceram às leis celestiais, descendo entre os seres humanos e tomando mulheres para seu prazer. A consequência disso foi o nascimento dos semideuses, conforme explicado em um capítulo anterior.

A palavra "Éden" é frequentemente usada como sinônimo de "paraíso", mas, a rigor, o termo "paraíso" se refere originalmente a um belo jardim, enquanto "Éden" é uma palavra de origem acadiana, que tem sido interpretada na maioria dos textos como se referindo a um lugar puro e natural. A palavra, por sua vez, vem do termo sumério E.DIN, que significa "o lugar onde vivem os justos, os puros, os divinos (E)" (DIN). Dessa forma, os escritos estão falando de um jardim ou paraíso localizado em uma área geográfica real, chamada EDEN, o lugar onde os DINs habitam, também chamado de DIN.GIR, termos com os quais se faz referência à divindade, aos deuses, aos anunnaki, ao elhoim bíblico.

Um dos eventos que será decisivo para o destino da humanidade e para as futuras relações do homem com seus criadores ocorre no Jardim do Éden, onde o ser humano desempenhava suas funções como servo dos deuses, longe do lugar onde havia sido criado. Os textos sumérios fornecem a chave para entender, mais uma vez, aspectos que a Bíblia, em sua ânsia de eliminar os deuses no plural, nos impede de ver com clareza.

Para entender isso, é preciso ter em mente a rivalidade entre Enki, o criador geneticamente modificado da humanidade, e Enlil, o comandante supremo de toda a colônia de seres extraterrestres na Terra. Era uma luta pelo poder entre dois meio-irmãos, um dos quais, Enlil, tinha sido o beneficiário das leis de sucessão de seu reino, o que resultou no fato de o poder estar em suas mãos. No entanto, Enki, por ser quem era e por ter comandado a primeira expedição aos assentamentos na Terra, desfrutava de um poder muito grande, embora se ressentisse do que considerava uma injustiça.

Enlil era caracterizado por uma personalidade rígida, amante da ordem e da disciplina, e não tinha nenhuma simpatia pelos humanos, que ele via como um mal necessário. Enki, no entanto, era um cientista brilhante, um conhecedor dos diferentes ramos do conhecimento e, ao mesmo tempo, tinha grande afeição pelos seres humanos, que considerava, não sem razão, como seus filhos. A partir da interpretação adequada desses dados, de fontes mais antigas, nas quais os escritos bíblicos sobre a criação foram inspirados, serão obtidas conclusões que, sem dúvida, derrubarão certos dogmas de fé estabelecidos desde tempos imemoriais.

É no Jardim do Éden que Enki dará uma reviravolta na história com sua decisão de aperfeiçoar o ser que havia criado, por meio de uma série de mudanças genéticas. Até aquele momento, o lulu amelu, o misto, o produto da mistura de uma espécie extraterrestre e um Homo erectus, era um ser híbrido e, como tal, incapaz de se reproduzir entre si. Ao mesmo tempo, seu grau de inteligência e consciência era limitado e adaptado para ser acrítico, fiel e satisfazer as necessidades dos deuses, assim como um animal de estimação pode fazer conosco hoje.

*Ambos estavam nus, o homem e sua esposa,
sem ter vergonha disso.*

(Gênesis 2,25)

Os motivos que levaram Enki a realizar a segunda manipulação genética do lulu amelu são desconhecidos, mas é fácil imaginar que sua decisão tenha sido influenciada por fatores como o amor de todo artista por aperfeiçoar seu trabalho, bem como o desejo de protegê-lo do que ele considerava abuso ou maus-tratos por parte de Enlil, com quem, além disso, ele não tinha a melhor das relações. Assim, Enki, o brilhante conhecedor dos mistérios da vida, o que hoje seria um biólogo, começa a trabalhar. O Gênesis conta como.

Mas a serpente, o mais astuto de todos os animais do campo,

disse à mulher: "É verdade que Deus disse: 'Não comam de nenhuma árvore do jardim'?"

A mulher respondeu à serpente: "Podemos comer do fruto das árvores do jardim,

mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: 'Não comam dele e não toquem nele, para que não morram'."

A serpente disse à mulher: "Vocês não morrerão de jeito nenhum. Pelo contrário, Deus sabe que no dia em que comerem desse fruto, seus olhos se abrirão e vocês serão como Deus, conhecendo o bem e o mal."

(Gênesis 3, 1-5)

Parece evidente que a serpente não era uma serpente, pois ela podia falar com a mulher, algo impossível para um réptil. Da mesma forma, a serpente não lhe causava medo algum; pelo contrário, inspirava confiança nela e possuía autoridade suficiente sobre ela para induzi-la a seguir seus conselhos, ousando até mesmo desafiar o todo-poderoso Deus bíblico. Então, se ela não era uma serpente, quem era ela? Tenho certeza, caro leitor, que você já deve ter adivinhado que era Enki, conhecido pelos sumérios como "o deus serpente".

É hora de voltar ao Monte Navel para traçar a rota das cobras. Ao visitar Gobekli Tepe, vale a pena observar que há uma superabundância de relevos referentes a serpentes por toda parte, mas entre todos eles há um que é mais impressionante e surpreendente. Trata-se de um pequeno relevo em pedra-sabão, com apenas quatro centímetros de altura, gravado com dois símbolos com profundas conotações bíblicas: uma árvore e uma cobra. Deve-se acrescentar que muito perto de Gobekli Tepe vivem os yazidis, um povo para o qual a serpente é reverenciada e cujos membros têm a reputação de serem adoradores do demônio, embora isso, diga-se de passagem, seja uma interpretação tendenciosa de sua adoração a Melek Taus. Simbolismos curiosos se misturaram: a árvore, a cobra, o demônio... e nada mais, nada menos que 12.000 anos atrás.

O culto à serpente como animal sagrado é muito difundido em todo o mundo entre os povos da antiguidade. Os astecas do México, na Lenda dos Sóis, contam a criação do homem pelo deus Quetzalcoatl, a serpente emplumada (quetzal, "penas" e coatl, "serpente"), que foi ajudado em sua tarefa por Cihuacoatl, a mulher-serpente; e nas cidades astecas de Teotihuacán e Tenochtitlán, os motivos decorativos baseados em serpentes predominam em toda parte.

Outro povo mesoamericano, os maias, também adorava a serpente emplumada sob o nome do deus Kukulcan (Kukul, "pena" e Kan, "serpente"), que é mencionado no Popol Vuh como um deus criador. Deve-se observar que, na península de Yucatán, há uma linhagem hereditária de

sacerdotes que deliberadamente deforma a cabeça de seus filhos, de modo que eles assumam a forma da cabeça alongada de uma serpente, para que possam ser escolhidos para professar o sacerdócio do "povo da serpente". Algo semelhante pode ter ocorrido no passado remoto em Tell Arpachiyah, no norte do Iraque, no que se acredita ter sido um centro ritualístico de elite, onde foram encontrados crânios humanos deformados.

Hermes na Grécia, Thoth ou Theuti no Egito e Mercúrio em Roma são os nomes pelos quais o deus sumério Enki era conhecido. Todos eles são representados, em suas diferentes mitologias, como deuses da sabedoria e do conhecimento, e o "Caduceu de Mercúrio" ou "Caduceu de Hermes", formado por duas serpentes enroladas, é bem conhecido como um símbolo da medicina moderna.

No palácio de Knossos, em Creta, onde se desenvolveu a civilização minoica, famosa por seu rei Minos e pela lenda do Minotauro, encontramos pequenas estatuetas altamente realistas em homenagem à "deusa das serpentes", que assimilam o culto da serpente ao da deusa-mãe.



Figura 9.3 Estatuetas representando "a deusa das serpentes". Palácio de Knossos, Creta.

Na Península Ibérica, que em um determinado momento de sua proto-história recebeu dos gregos o expressivo nome de Ophiussa, terra das serpentes, há muitos testemunhos que relacionam a serpente a diferentes práticas sagradas, como a escultura de calcário A Sacerdotisa Serpente de Porcuna, em Jaén. A escultura está em um estado de conservação com muitas deficiências, apesar de podermos ver como a mulher de aparência majestosa carrega uma serpente submissa em suas costas.

Vale a pena mencionar a existência de um antigo e estranho dístico popular galego coletado pelo pesquisador López Cuevillas, que diz que as cobras, quando envelheciam, iam para a Babilônia, onde ficavam deitadas longitudinalmente e cheias de musgo, assumindo a aparência de um tronco de árvore derrubado. O dístico também sugere que a serpente, como qualquer ser humano, quando envelhecia e sentia que sua morte se aproximava, voltava ao seu local de origem, ao seu lar... à Babilônia.

Tudo isso, de acordo com os antigos textos mesopotâmicos, faz muito sentido, já que a serpente era associada ao deus Enki e seu clã familiar, sendo seu filho Marduk o deus supremo da Babilônia. Como os povos celtas da Galícia conheceram a relação entre a bandeira da serpente e sua origem em terras mesopotâmicas?

Há muitos outros exemplos de povos e lugares que adoram a serpente como um animal benéfico. Os relatos mais antigos relatam que a serpente era associada ao deus Enki e ao clã de sua família, embora não forneçam a resposta para a pergunta de por que eles adotaram tal bandeira. Por que, então, a serpente é associada ao Diabo nos escritos bíblicos? Os teólogos cristãos deveriam explicar, se a serpente é satânica, por que sua imagem ainda é usada hoje como um ícone da medicina e da cura em todo o mundo.

Nesse ponto, é preciso considerar como a história humana foi escrita. Os escritores que escreveram e narraram aspectos da história tinham seu próprio ponto de vista sobre o que aconteceu. Esse era o ponto de vista daqueles que venceram as guerras, pois os que as perderam não tinham o

direito de acrescentar nada à versão oficial da história, escrita pelos vencedores. Qualquer guerra pode ser revisada, mas se olharmos para uma das mais importantes e mais próximas no tempo, a Segunda Guerra Mundial, veremos que a Alemanha foi a grande perdedora e os EUA, o grande vencedor. É fácil perceber que os livros didáticos de história não poupam elogios ao bloco vencedor.

Mas se Hitler tivesse vencido a guerra, os livros de história diriam a mesma coisa? Certamente, seriam completamente diferentes, descreveriam outros fatos e até dariam justificativas muito boas para o abominável extermínio do povo judeu pelos nazistas, assim como os americanos seriam demonizados por terem provocado um holocausto nuclear em Hiroshima e Nagasaki. A história teria sido escrita de forma diferente e os mocinhos e bandidos do filme teriam sido diferentes. Quero deixar claro que essa reflexão meramente intelectual não implica em nenhum tipo de simpatia ou justificativa para o comportamento bárbaro que ocorreu. Sempre foi assim, os vencedores são aqueles que escreveram a versão oficial da história. Com esse pensamento em mente, e levando em conta a rivalidade que existia entre Enki (a serpente) e Enlil, dentro do poder dos Anunnaki, será muito mais fácil entender por que aqueles que escreveram a Bíblia demonizaram o outro lado.

O Gênesis hebraico é a adaptação à doutrina cristã de um livro escrito por seguidores de Enlil, no qual ele é mencionado por outro nome (Yahweh), como o único e supremo Deus, da mesma forma que na Suméria ele era considerado o supremo dos deuses, mas não o único. Esse fato fará a diferença, pois na Bíblia as referências a outros deuses são eliminadas, na medida do possível, em prol de sua concepção monoteísta de um único Deus. Assim, por ocasião da rivalidade entre Enlil e Enki, devemos exclusivamente à Bíblia e a desenvolvimentos teológicos posteriores a associação da serpente com o mal e o Diabo, quando está claro que, até o advento do cristianismo, a serpente sempre foi um sinal favorável, porque ela representava Enki, o deus que havia criado a humanidade e que, como veremos mais tarde, havia salvado a humanidade do extermínio por um dilúvio secretamente planejado por Enlil, em uma versão suméria muito mais coerente do que a versão bíblica de um Deus que decide exterminar a humanidade e depois se arrepende.



Figura 9.4 Baixo-relevo egípcio com figuras de serpentes

Mais uma vez, estamos sendo informados de algo muito diferente do que realmente aconteceu, uma conspiração maquiavélica criada para impedir que a humanidade siga as orientações daqueles que realmente estavam tentando ajudá-la em sua evolução e que, ao contrário, foram identificados com os aspectos mais sombrios e negativos da religião, como o Diabo e o mal. Quando, na realidade, foi Enki, aquele que incentivou o homem a comer o fruto proibido (por Enlil) da árvore do conhecimento do bem e do mal, que ajudou o homem a dar um salto evolutivo que Enlil não queria que acontecesse, por medo de perder o controle e o domínio sobre seu servo humano. Foi Enki quem ajudou o homem a dar o salto genético que lhe permitiu reproduzir-se sexualmente, e não aquele que o fez cair em um pecado original inexistente, fruto da imaginação, e que nenhum estudioso do assunto pode definir e especificar em que de fato consistia.

Assim, o clã Enlilita dominante, em seus escritos, exaltava seu deus Enlil e, logicamente, condenava as ações de seu rival Enki, o verdadeiro benfeitor da humanidade, a quem foi dada uma imagem desprezível e maligna: a do inimigo público número um, Satanás. Esses escritos, já distorcidos em si mesmos, foram adotados pela tradição cristã e transformados em seus próprios pelos teólogos, que, sem o conhecimento original, os distorceram

ainda mais, dando origem a certos dogmas de fé, sem qualquer base de argumentação, que sobrevivem até hoje em meio à sociedade moderna.

Além disso, o próprio livro de Gênesis deixa bem claro que o deus chamado Yahweh (Enlil) foi quem mentiu, enquanto a serpente, Enki, disse a verdade, como foi corroborado posteriormente. Yahweh havia dito a Adão e Eva que, se comessem o fruto proibido, morreriam, ao que a serpente respondeu que isso não era verdade, que Yahweh os estava enganando para que não o comessem e não pudessem alcançar a mesma sabedoria que ele. Os eventos que se seguiram deram razão à serpente e deixaram Javé como um mau jogador de pôquer, já que Adão e Eva não morreram e foram expulsos do Jardim do Éden, devido ao pânico que as mudanças no ser humano primordial produziram em Javé e seus seguidores. Reproduzo novamente, para a conveniência do leitor, os versículos em que a serpente fala.

*Não, não morrereis, porque Deus sabe que no dia em que
dele comerdes,
seus olhos se abrirão e vocês serão como Deus,
conhecedores do bem.
e o mal.*

(Gênesis 3, 4-5)

As palavras da serpente, bem como suas sábias previsões, são, um pouco mais adiante, literalmente corroboradas, uma a uma, por Deus, que, nesse ato, reconhece que havia mentido antes e que a serpente era a única que não havia mentido.

*E Deus disse: Agora que o homem é como um de nós,
conhecendo o bem e o mal, só lhe resta colocar suas mãos
sobre à árvore da vida, comer seu fruto e viver para sempre.*
(Gênesis 3, 22)

A serpente, da mesma forma, expressa nas entrelinhas a motivação secreta de Deus para enganar Adão e Eva. Deus, ou melhor, aquele ser que foi identificado com Deus, teme que o lulu amelu, aquele ser híbrido, uma mistura de hominídeo e extraterrestre, que é usado como escravo a serviço dos deuses, possa adquirir um nível mais alto de inteligência que lhe permita se livrar do jugo imposto a ele e se tornar independente de seus senhores. Enlil desejava uma humanidade fiel e de baixa inteligência para que pudesse controlar suas taxas de natalidade. Tudo isso mudou no Jardim do Éden. As leis do Caos eram inexoráveis e a máxima de que, em qualquer experimento fora do laboratório, há variáveis que não podem ser controladas foi mais uma vez cumprida. O projeto AMELU, ou seja, a criação de um ser com a finalidade de fazer os trabalhos que os deuses consideravam pesados demais, deixou de ser controlado e escapou da direção de seus criadores. A humanidade havia atingido a maioridade.

Por outro lado, como é sabido, no original hebraico, o termo usado para "Deus" é Elhoim (os deuses). O texto descreve uma conversa que ocorre entre vários seres ou deuses ("And Elhoim said, 'Now that man is like one of us'") que estão com medo: 'agora que o homem é como um de nós') que estão assustados com a possibilidade de que o homem, após sua última mutação que o leva a possuir um certo grau de consciência comparável ao de seus criadores ('conhecer o bem e o mal'), possa voluntariamente, pelo uso de alguma substância ou procedimento existente no Jardim do Éden, autogerar uma nova mutação genética ("alcançar a árvore da vida, comer seu fruto") que lhe permita estender a duração de sua existência limitada a limites insuspeitados ("e viver para sempre"), desfrutando de ciclos de vida tão longos quanto os desfrutados pelos deuses Anunnaki.

Lendo o Gênesis com essa nova perspectiva, é fácil perceber que o deus ou deuses de que ele fala não têm nada a ver com o Deus onipotente, onipresente, onisciente e amoroso que o Novo Testamento e a doutrina cristã proclamam. O texto deixa claro que Yahweh não sabia que Adão e Eva iriam comer do fruto proibido, algo inexplicável para um Deus onisciente que vagueia pelo jardim, procurando Adão e Eva, sem ter ideia de onde eles estavam escondidos.

*Eles ouviram Yahweh Deus andando no jardim no frescor do dia,
E o homem e sua mulher se esconderam do Senhor Deus,
no meio do bosque do jardim.
Mas Deus chamou o homem, dizendo: "Onde estás?"*
(Gênesis 3, 8-9)

A verdade é que um Deus é descrito com pouquíssimos atributos divinos, mais próximo da improvisação e calamidade humanas do que da transcendência e perfeição divinas. Se me permitem a expressão, poderíamos dizer que Javé Deus foi pego completamente desprevenido pelo trem, algo completamente impossível de acontecer com o Deus verdadeiro, por mera definição. Com isso, não quero ferir os sentimentos religiosos de muitos crentes, mas apenas observar que estamos, mais uma vez, diante de nada mais do que um problema semântico de terminologia da palavra "deus", confundido pela falta de unicidade de conteúdo de uma Bíblia composta de diferentes livros, que foram escritos por diferentes autores e que, por essa razão, não têm um corpo comum de doutrina.

Que alternativas restaram a Enlil depois do que aconteceu? O homem agora podia se reproduzir de forma independente, sem a ajuda tecnológica dos deuses que o haviam criado, o que significava, para esses últimos, uma perda total do controle que eles alegavam ter sobre a população de trabalhadores humanos. Tudo isso, além disso, poderia ser agravado se lhes fosse permitido o acesso ao fruto da árvore da vida, da imortalidade, o que, sem dúvida, criaria um crescimento populacional exponencial que poderia colocar em risco a supremacia dos deuses alienígenas no planeta.

Assim, Javé Deus, vítima de suas circunstâncias, não teve escolha a não ser expulsar Adão e Eva do Jardim do Éden, para impedi-los de ter acesso à tecnologia simbolizada pela árvore da vida, e para isso ele não hesitou em estabelecer uma presença militar, um querubim com sua espada flamejante, para defender o local e dissuadir os humanos de voltar ao jardim.

Ele expulsou o homem e o colocou diante do Jardim do Éden

*um querubim, empunhando uma espada flamejante,
para guardar o caminho da árvore da vida.*

(Gênesis 3, 24)

Como de costume nesta exposição, também veremos o que os textos mesopotâmicos dizem sobre o que aconteceu no Jardim do Éden. A Epopéia de Gilgamesh narra as aventuras do semideus e de seu fiel companheiro Enkidu, palavra que significa literalmente "aquele criado por Enki". A primeira tábua se refere a Enkidu, que é chamado pelas palavras lulla amellu (o misto), antes de passar pela transformação que o tornará sábio como os deuses. Quando Gilgamesh, rei de Uruk, soube da existência desse ser, ordenou que uma mulher perita nas artes amatórias fosse enviada a ele, para fazê-lo experimentar prazeres ainda não conhecidos por Enkidu.

"Mulher, desnude os teus seios sem vergonha e receba o amor dele.

Deixe que ele veja o teu corpo nu e o possua.

Quando ele estiver perto, tire a roupa e deite-se com ele;

ensine ao selvagem

as tuas artes femininas..."

Um pouco mais adiante, na mesma tábua, é descrito como Enkidu sofre uma metamorfose, graças aos encantos da mulher, por meio de um processo que nos lembra muito o que é narrado no Livro de Gênesis.

*A prostituta descobriu seus seios, mostrou seu corpo,
para possuir toda a sua beleza.*

*Sem vergonha, a mulher aceitou seu ardor; tirou suas
roupas*

*e se deitou sobre ela. Ele mostrou isso ao "**lullu amelu**",*

*o prazer de uma mulher, e seu amor entrou nela.
Durante seis dias e sete noites, Enkidu, no cio, coabitou com
a mulher.*

As consequências de todo esse processo de natureza sexual foram, conforme narra a Bíblia, o desaparecimento de seu passado primitivo, ao mesmo tempo em que produziu uma expansão de sua consciência e compreensão que o colocou em pé de igualdade com os deuses.

*Mas ele havia se desenvolvido, sua inteligência estava
desperta.
Ele se virou, sentou-se aos pés da mulher e ergueu os olhos
para olhá-la;
Agora seus ouvidos entendiam o que a mulher estava
dizendo.
A mulher falou com Enkidu dessa forma:
Tu, Enkidu, és sábio, és como um deus*

Depois de fazer sexo com ela, a mulher compara Enkidu a um deus, da mesma forma que Adão, depois de comer o fruto proibido por sugestão de Eva, teve seus olhos abertos e passou a conhecer o bem e o mal como Deus. As semelhanças entre as duas histórias se estendem até mesmo aos detalhes do estado de nudez. Até o encontro com a mulher, Enkidu estava nu e recebe, como Adão, sua vestimenta após ter comido o fruto proibido. Após esse evento, Enkidu é chamado de "homem" pela primeira vez no poema, em contraste com o anterior lulu amelu. Ocorreu a segunda manipulação genética do ser inicialmente criado.

Ela pegou uma das suas roupas e vestiu o homem.
Epopéia de Gilgamesh

*Yahweh Deus fez para o homem e sua esposa casacos de pele,
e os vestiu.*

(Gênesis 3, 21)

Mais tarde, a Tábua XI da Epopéia de Gilgamesh novamente sugere o papel fundamental desempenhado por Enki no desfecho de toda essa história. Gilgamesh, tendo chegado à terra onde vivia Utnapishtim, o Noé sumério, e tendo recebido o conhecimento de uma planta, a shibu issahir amellu (o velho se rejuvenesce), que concedia a juventude eterna, decide partir com ela em uma jornada de volta à sua cidade, Uruk, para oferecê-la aos seus habitantes para que pudessem escapar dos males da doença e da morte. No entanto, a história conta que, ao cair da noite, eles pararam o barco em que viajavam e Gilgamesh encontrou uma fonte de água fresca onde decidiu se banhar, momento em que uma serpente apareceu e aproveitou a oportunidade para se apoderar da planta e fugir com ela, deixando o herói desconsolado e cansado por ter perdido a chave da imortalidade.

*Gilgamesh viu então uma fonte de água fresca,
quando ele desceu para se banhar em suas águas,
uma cobra sentiu o cheiro da planta,
silenciosamente saiu do solo e tomou a planta.*

A serpente, símbolo do deus Enki, está mais uma vez envolvida no momento em que a possível imortalidade do homem está em jogo. Além disso, há um jogo de imagens, simbolizado pelo caduceu de Mercúrio, que reafirma a conclusão de que uma nova mudança no código genético da linhagem humana ocorreu no episódio do Paraíso terrestre. O caduceu de Mercúrio é representado por duas serpentes que ascendem e se entrelaçam uma na outra, lembrando magistralmente a dupla hélice serpentina do DNA descoberta por Francis Crick e Robert Watson, que contém todas as bases moleculares do genoma humano e, portanto, a chave para aspectos importantes da história, como a extensão da vida, que discutirei com mais profundidade em um capítulo posterior.



Figura 9.5 Várias imagens de serpentes ao longo da história. Caduceu de Mercúrio. A dupla hélice do DNA.

Outro conto mesopotâmico de grande valor, conhecido como O Mito de Adapa, segue novamente a mesma linha de argumentação. A versão acadiana chegou até nós de forma incompleta a partir de quatro fragmentos de diferentes origens, três deles encontrados na biblioteca de Assurbanipal, em Nínive, e um quarto nos arquivos da cidade egípcia de Tel el-Amarna. A história conta que Adapa foi criado por Ea (outro nome para Enki) e é rei da cidade de Eridu. Na Lista Real Suméria, ele é identificado com Alulim, o primeiro dos reis antediluvianos, que governou por um total de 28.800 anos, e a semelhança fonética com "Adão", o primeiro dos patriarcas bíblicos, é digna de nota. Ele é descrito como sábio, mas não imortal.

*O deus Ea criou a ampla inteligência perfeita para Adapa,
para que ele pudesse entender os assuntos da Terra.
Ele lhe deu sabedoria, mas não lhe deu a vida eterna.*

A história conta que Adapa foi pescar um dia quando, de repente, o vento sul virou seu barco e o jogou no mar. Com raiva, ele quebrou as asas do vento sul, que não soprava há sete dias, e Anu ficou furioso e ordenou que ele fosse levado à sua presença para se explicar. Enki, seu criador, aconselha-o a usar roupas de luto para que, quando chegasse aos portões da casa de Anu, seus guardiões, Dumuzi e Ningizzida, lhe perguntassem o motivo de suas roupas. Enki aconselha Adapa a responder que o motivo é a falta de alguns deuses na Terra. Os guardiões então lhe perguntariam: que divindades são essas? E ele deveria responder que os deuses que fazem falta são Dumuzi e Ningizzida. Enki sabia que isso agradaria aos guardiões da casa de Anu e que, como consequência, eles falariam em seu nome diante de Anu, como fizeram. Mas Enki também advertiu Adapa a não aceitar nenhuma comida ou bebida que Anu pudesse lhe oferecer durante sua estada no palácio, pois isso resultaria em sua morte como punição por ter quebrado as asas do vento sul.

*Quando estiveres diante de Anu, eles te oferecerão o Pão da Morte,
não debes comê-lo.
Te oferecerão a Água da Morte,
não debes beber.
Te oferecerão uma vestimenta, veste-a.
Te oferecerão óleo, unge-te com ele.*

Anu, impressionado com a sinceridade de Adapa, ofereceu-lhe o alimento da imortalidade, que Adapa recusou, perdendo assim a oportunidade de ser imortal, para si mesmo e para toda a humanidade. Nessa história, há repetidas alusões à vida e à morte, bem como à possibilidade de comer algo que geraria vida eterna. Nesse caso, em vez da árvore da vida bíblica, cujos frutos podem ser comidos, encontramos a água e o pão da morte, que também devem ser comidos para produzir seus efeitos.

Em suma, no Paraíso terrestre, pela mão de Enki, ocorre uma mudança genética no ser que, até aquele momento, havia sido usado pelos deuses como um trabalhador fiel que os libertava dos pesados fardos do trabalho. O homem moderno apareceu.

CAPÍTULO X

TEMPOS PRÉ-HISTÓRICOS

O homem sábio pode mudar de ideia. Um tolo nunca pode mudar de ideia.

Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão

EM 24 DE JUNHO de 1947, momento em que o piloto de aviação Kenneth Arnold avistou aqueles famosos nove discos voadores perto do monte Rainier, em Washington, marca o início da ufologia moderna no que se refere aos avistamentos de OVNI's. O desenvolvimento da aviação tem permitido numerosos avistamentos que, de outra forma, teriam sido impossíveis. Mas isso não significa que não encontremos registros e evidências da existência de objetos misteriosos se deslocando pelos céus, desafiando a lei da gravidade, em épocas anteriores a 17 de dezembro de 1903, data em que os irmãos Wright realizaram o primeiro voo autopropulsionado da história sobre as areias da praia de Kitty Hawk.

Podemos coletar centenas de depoimentos a respeito disso, em diferentes épocas e lugares da geografia planetária.

Há evidências gráficas e escritas, de autenticidade inquestionável, de avistamentos de OVNI's em datas pré-diluvianas, na pré-história da humanidade, que no mínimo abalam os alicerces da história oficial como ela nos foi apresentada até agora. São desenhos autênticos, feitos por nossos ancestrais, em rochas nas cavernas que eles frequentavam ou habitavam, as chamadas pinturas rupestres. Datadas de 40.000 anos atrás, no último período glacial, elas são uma das primeiras manifestações artísticas de que se tem registro, tendo resistido ao passar dos séculos por estarem protegidas da erosão dos espaços abertos.

Entre os mais antigos e importantes estão os sítios pré-históricos do norte da Espanha e do sudeste da França que compõem a chamada escola franco-cantábrica, pertencente ao período de transição do Paleolítico para o Neolítico, e caracterizada de forma especial pelo realismo das figuras representadas. Entre os locais mais importantes estão as cavernas de Altamira, La Pasiega e El Castillo, no norte da Espanha, bem como as de Lascaux, Font de Gaume e Pair-non-Pair, no sudoeste da França, Chauvet-Pont-d'Arc, no sul da França, e Cosquer, em Marselha. Descobertas recentes nas cavernas de Vilhonneur, no oeste da França, datam de cerca de 25.000 anos a.C., de acordo com as autoridades, o que as torna mais antigas do que as famosas pinturas de Lascaux ou Altamira.

O tema dessas pinturas trata de assuntos de preocupação ou interesse para as comunidades humanas da época. Podemos encontrar representações de humanos e animais, bem como cenas de caça. As principais figuras de animais presentes são bisões, cavalos, mamutes, veados e renas, entre outros, que geralmente são mostrados feridos ou mortos com flechas ou outros instrumentos de caça. As marcas de mãos também são abundantes.



Figura 10.1 Pinturas rupestres da caverna de Altamira, na Espanha.

Ao fazer esses desenhos, os artistas anônimos usaram os recursos naturais disponíveis, muitas vezes explorando habilmente as protuberâncias naturais da rocha para dar a sensação de volume e obter efeitos tridimensionais. A técnica de desenho, que delimita com precisão os contornos das figuras, bem como a vivacidade das cores usadas para preencher as superfícies internas (vermelho, preto, amarelo e marrom) dão uma sensação de grande realismo, a tal ponto que, em certas ocasiões, as figuras são pintadas em tamanho natural. É mais do que evidente que essas pessoas pintavam e desenhavam o que viam em sua existência diária. Esses artistas faziam pinturas figurativas e foi somente no século XX que surgiu a arte abstrata.

É por isso que parece ter chegado o momento de uma série de desenhos ou gravuras entrarem em cena, descritos pelos estudiosos como "marcas, sinais ou listras pouco inteligíveis de difícil interpretação", embora não apareçam neles nem arranhões nem linhas incoerentes. A melhor maneira de descobrir do que estamos falando é reproduzir algumas dessas "marcas ou listras", que podem ser vistas na ilustração a seguir.

arte rupestre do Paleolítico Superior e do Neolítico. As obras mais antigas foram datadas entre 10.000 e 15.000 anos de idade.

Como já foi explicado, os artistas pré-históricos retratavam com grande realismo, nas rochas das cavernas usadas como telas improvisadas, cenas cotidianas de sua existência, principalmente de animais. Graças a essas pinturas, podemos ter uma ideia precisa da fauna e dos costumes humanos da área geográfica em questão. Nas pinturas murais de Tassili ("plataforma fluvial"), os principais animais retratados são girafas, avestruzes, elefantes, bois e hipopótamos, o que mostra, entre outras coisas, que no passado a região, hoje desértica, era repleta de vida e a água era abundante. De fato, os estudiosos falam do Saara como uma área densamente povoada entre 8.000 e 6.000 a.C., descrevendo-o como exuberante em vegetação e atravessado por rios longos e caudalosos.

No entanto, em meio a tudo isso, o povo de Tassili deixou um grande mistério: os estranhos seres com enormes cabeças redondas e apenas um olho, pintados nas cavernas. Henri Lhote, explorador e etnólogo francês, foi o primeiro, em 1933, a descobrir e ver essas representações, batizando-as com o sugestivo nome de "os marcianos". A ciência admitiu que Henri havia descoberto a "Capela Sistina da pré-história", mas refutou suas teorias de que algo estranho e misterioso havia acontecido ali nos tempos antigos. Entretanto, o arqueólogo russo Alexei Kazantsev visitou Tassili em 1962 e, posteriormente, fez as seguintes declarações:

Os homens dos tempos pré-históricos representavam os cosmonautas! É cada vez mais provável que extraterrestres tenham visitado a Terra há dez mil anos.

Como se pode ver, não faltaram declarações polêmicas, o que acentua o caráter misterioso das pinturas. Se os artistas primitivos que gravaram essas imagens não conheciam a arte abstrata e não faziam alegorias, então o que são essas figuras humanóides gigantescas com cabeças grandes ou, como alguns escritores chegam a dizer, capacetes estranhos na cabeça e tubos nas costas? O que esses seres desconcertantes que parecem astronautas estavam

fazendo ao lado de girafas, elefantes e outros animais conhecidos? Como o homem pré-histórico teria conseguido desenhar o que não tinha visto?

O mistério está feito, esperando para ser desvendado, mas qualquer que seja a resposta, não há dúvida de que ela abre um novo ponto de interrogação. Esses são registros que, se ouvirmos o que dizem as versões oficiais, simplesmente não deveriam estar lá... mas estão. Se há uma coisa que está clara, é que as coisas não são tão claras assim.





Figura 10.3 Pinturas rupestres em Tassili n'Ajjer, Argélia.

Graças ao trabalho desses artistas desconhecidos, sabemos que já nos tempos antediluvianos (antes de 11.000 a.C.), os seres humanos primitivos testemunharam a existência de "carros voadores" e estranhos seres gigantescos, como os nefilins, giberins ou refaim descritos no Antigo Testamento. Em todas as mitologias, os semideuses são o produto de uma união sexual entre um deus e um homem. Na mitologia grega, Zeus era um sedutor que teve vários filhos ilegítimos com uma variedade de amantes, e Aquiles, o herói de Tróia, era de descendência metade divina e metade humana. No Islã, fala-se de djimns ou gênios que compartilhavam o mundo com os humanos e podiam seduzir e acasalar com suas esposas e gerar

descendentes. Esses titãs ou gigantes também aparecem nas tradições dos povos indo-arianos, por exemplo, no Ramayana, sob o nome de raksasa, em sânscrito, e são considerados em conflito perpétuo com o homem. Há evidências documentais de que esse tipo de pensamento também existia entre os egípcios, ugaríticos, hurrianos e outros povos da antiguidade.

O Gênesis hebraico, conforme mencionado nos capítulos anteriores, descreve um período da história humana, anterior ao Dilúvio, em que existiam os nefilins ou giberins, que ele define como um povo de gigantes resultante da união sexual entre os filhos de Deus e as filhas dos homens. Transcrevo o texto na íntegra, colocando os termos hebraicos entre colchetes para que o leitor possa ver a verdadeira natureza das expressões originais: haElhoim (os deuses), haAdam (os homens) e haGibborim (os heróis).

Os nefilins existiam na Terra naquela época e, mais tarde, quando os filhos de Deus (haElhoim) se uniram às filhas dos homens (haAdam) e elas lhes deram filhos, os gigantes vieram à Terra, esses são os heróis (ha gibborim) da antiguidade, homens famosos.

(Gênesis 6,4)

A antiga versão grega Septuaginta, a mais antiga e mais importante entre as coleções de textos e escritos sagrados judaicos, substitui o termo "filhos de Deus" por "anjos". Dessa forma sibilina, a expressão original haElhoim, filhos dos deuses (plural), é transformada primeiro em "filhos de Deus" (singular) e depois em "os anjos". No Livro Apócrifo de Enoque, lemos:

*As filhas dos homens eram lindas e graciosas,
e os anjos (1) do céu vieram e os desejaram,
E disseram uns aos outros
Ei, vamos escolher mulheres entre os homens,
e que possamos gerar filhos.*

Livro de Enoque 7:2

(1)O texto em aramaico diz "os vigias".

A tábua suméria catalogada como CBS 14061 descreve uma situação paralela. A tabuinha conta como o jovem deus Martu se apaixonou pela filha do sumo sacerdote de Ninab. Martu se lamenta com sua deusa mãe e ela lhe pergunta se a mulher que desperta seu desejo sente o mesmo por ele. A deusa então deu seu consentimento para tal casamento.

*Em minha cidade, tenho amigos que pegaram mulheres.
Tenho amigos que tomaram mulheres. Em minha cidade, ao
contrário de meus amigos, não tenho uma esposa; não tenho
esposa nem filhos.*

Na Mesopotâmia, a Epopéia de Gilgamesh apresenta seu herói como um semideus que tinha duas partes divinas e uma parte humana, e sobre o qual se diz que "ele não deixa nenhuma filha ao lado daquele que a ama, seja ela filha de um guerreiro ou futura esposa de um jovem". Ao mesmo tempo, ele o descreve como um ser de grandes proporções, com cerca de 5,60 metros de altura e 2,25 metros de largura no peito, e com dimensões superlativas de seu órgão viril.

*Sua figura alcançou onze côvados de altura,
a largura de seu peito era de nove palmos.
Seu membro tinha o comprimento de três (...)*

Há um paralelo com esses tamanhos grandes em certas passagens da Bíblia, ao descrever Golias, o gigante da cidade de Gate e rival de Davi, cujo tamanho, se ouvirmos os textos, era de seis côvados e um palmo (cerca de 3,25 metros), de acordo com o Livro I de Samuel. Os gigantes aparecem em vários textos do Antigo Testamento.

Vimos ali também os nefilins, filhos de Anaque, uma raça de gigantes, e parecíamos-lhes como gafanhotos; e assim aparecíamos aos seus olhos.

(Números 13, 33)

Esses textos são apenas alguns dos registros escritos que descrevem uma época, antes do Dilúvio, em que os Anunnaki, na ausência de elementos femininos de sua própria espécie, na Terra, para satisfazer seus desejos sexuais, e vendo que as fêmeas daquela criatura que eles haviam criado à sua imagem e semelhança, por meio de manipulação genética, eram bonitas, não puderam evitar ignorar as regras que seus líderes lhes impuseram para não se misturarem com seres de uma espécie ou raça diferente e inferior, e acabaram se misturando e copulando com "as filhas dos homens". Os líderes desses seres não terrestres desaprovavam tal prática (embora alguns deles também a praticassem), pois, como a experiência demonstrou, os extraterrestres e os terrestres, dada a sua base genética comum em muitos aspectos, eram compatíveis em gerar descendentes, e eles sabiam que isso levaria à degeneração de sua raça e à perda de sua identidade original.

Havia muitas semelhanças entre deuses e humanos, mas uma diferença mais do que óbvia em termos de classe ou status social. Não é à toa que um foi criado como servo do outro, e a possibilidade de que essa linha de diferenciação estivesse sendo borrada pelas uniões entre deuses e fêmeas humanas, com os subsequentes nascimentos de semideuses, não encontrou a aprovação de Enlil, o comandante supremo da missão alienígena no planeta Terra.

Alguns desses anjos, os Grigori (em sumério Igigi), que haviam recebido a tarefa de construir o Jardim do Éden cavando valas e drenando canais, não apenas se apaixonaram pelas belas terrestres, mas, como consequência, começaram a revelar à raça humana alguns dos segredos da tecnologia extraterrestre avançada, como astrologia, a arte de fabricar armas, feitiços, encantamentos e botânica, entre outros. Foram os mesmos Igigi que já haviam se amotinado por causa das duras condições de trabalho que suportavam que levaram à criação do homem.

*Y'a'sa ensinou os homens a fabricar espadas de ferro e couraças de cobre, e mostrou-lhes como extrair e trabalhar o ouro até que esteja pronto, e no que diz respeito à prata a repuxar para fazer braceletes e outros adornos.
Às mulheres ele ensinou sobre o antimônio, maquiagem para os olhos, pedras preciosas e tinturas.
E então a impiedade cresceu muito e eles tomaram os caminhos errados e se corromperam em todas as formas.
Shemihaza ensinou encantamentos e a cortar raízes;
Hermoni a quebrar feitiços, bruxaria, magia e habilidades relacionadas: Baraq'el os sinais dos raios;
Kokab'el os presságios das estrelas;
Zeq'el os dos relâmpagos;
Ele ensinou os significados;
Ar'tagof ensinou os sinais da terra;
Shamsi'el os presságios do sol;
e Saharan'el os da lua, e todos começaram a revelar segredos às suas esposas.*

Livro de Enoque, Capítulo 8, 1-3

Em todo esse processo, como é fácil de imaginar, os membros masculinos da espécie humana sofreram o maior impacto, pois tiveram que suportar estoicamente a perda de suas esposas ou tomar a difícil decisão de defender suas posses, o que, em muitos casos, levou à sua morte.

*Enquanto parte dos homens estava sendo exterminada,
Seu clamor chegou até o céu.*

Livro de Enoque, Capítulo 8, 4

Ao ver todos esses excessos, Enlil, um amante da disciplina, decidiu que aqueles que violassem as regras de não se misturar com os humanos seriam punidos com o não retorno ao planeta de origem, permanecendo para sempre na Terra.

Sentinelas, escrevi sua petição e, em uma visão, foi-me revelado que ela nunca será atendida e que haverá julgamento por decisão e decreto contra vocês, que de agora em diante não voltarão para o céu e por todas as eras não ascenderão, pois foi decretada a sentença de acorrentá-los nas prisões da Terra por toda a eternidade.

Livro de Enoque, Capítulo 14, 3-5

Esse foi apenas o começo das dores de cabeça de Enlil. Os Anunnaki não haviam pensado na rápida reprodução dos seres humanos que começaram a superpovoar a Terra, de modo que os alienígenas, apesar de seu avançado conhecimento tecnológico, viram sua supremacia um tanto ameaçada quando os humanos começaram a mostrar sinais de abandono de seu respeito e reverência originais por eles. Por causa disso, em uma reviravolta inesperada, o soberano em assembleia decidiu reduzir a população humana por meio do uso de armas biotecnológicas, pela primeira vez na história da humanidade.

*Não haviam passado mil e duzentos anos,
e o território havia se expandido,
e a população se multiplicado.
O país, como um touro, levantava tão alto a voz,
que o barulho incomodou o deus soberano.
Quando Enlil ouviu seu rumor,
dirigiu-se aos grandes deuses:
O rumor dos humanos se tornou demasiado forte.
Não consigo dormir devido a todo esse tumulto!
Portanto, ordenai que sofram a epidemia!*

Epopeia de Atrahasis

CAPÍTULO XI

OPERAÇÃO EXTERMÍNIO

Posso até ler as intrincadas tábuas sumérias; entendo as palavras enigmáticas nas esculturas de pedra dos dias anteriores ao Dilúvio.

Assurbanipal (668 a.C. a 627 a.C.), rei assírio

O MITO DO DILÚVIO faz parte da memória coletiva de toda a humanidade. Mudam os nomes dos personagens e alguns detalhes, mas os elementos principais permanecem inalterados na totalidade das tradições culturais dos diferentes povos: a crença de que um grande dilúvio, decretado por deuses enfurecidos, afetou o planeta na Antiguidade, e dos quais um casal foi salvo, permitindo a continuidade da espécie.

Há pessoas que aceitam o fato como um dogma de fé a ser assumido em sua prática religiosa, enquanto os cientistas o consideram uma fábula ou, na melhor das hipóteses, um mito do inconsciente coletivo com vários

significados psicológicos, mas nunca com uma base de existência real. Agora, será que o Dilúvio não foi um mito ou lenda inventada, mas, ao contrário, a lembrança de um evento real de tal importância que foi gravado de maneira especial na memória de nossos ancestrais? A comunidade científica ignora a existência de dezenas de narrativas, todas elas com uma mensagem comum, portanto, para responder a essa pergunta, convido-o a fazer uma pequena viagem pelas tradições e crenças enraizadas em diferentes lugares da geografia do globo e épocas históricas.

A mitologia grega, de acordo com várias fontes, conta a história de Deucalião, que recebe um aviso de seu pai, o deus Prometeu, que sabia que Zeus estava planejando um grande dilúvio para destruir a raça de bronze. Deucalião constrói uma grande arca, enche-a de provisões e sobe nela na companhia de sua esposa Pyrrha. Pouco tempo depois, Zeus provoca uma grande inundação que submerge a maior parte da Grécia, e a maioria dos humanos perece, com exceção de alguns que se refugiam nas montanhas. Deucalião e Pyrrha ficaram à deriva por nove dias e nove noites e acabaram no Monte Parnaso. Quando as chuvas cessaram, Deucalião ofereceu um sacrifício a Zeus, que ficou satisfeito e enviou Hermes para encontrá-lo e oferecer-lhe o que ele mais desejava. Deucalião pediu que lhe fosse concedido o desejo de criar uma nova raça de humanos, ao que Hermes respondeu que, para isso, bastava que ele pegasse algumas pedras e as jogasse sobre o ombro. Dessa forma, as pedras atiradas por Deucalião se tornaram homens e as atiradas por Pyrrha se tornaram mulheres.

Apolodoro diz que a intenção de Zeus ao causar o dilúvio era destruir a cruel raça de bronze da qual Hesíodo fala em seus escritos. Outras fontes sugerem de forma semelhante que Zeus enviou o dilúvio como punição pela injustiça dos humanos.

Do ponto de vista grego, o dilúvio afetou apenas a Grécia continental, mas nas versões romanas, o dilúvio foi universal, cobrindo o mundo inteiro, e apenas o Monte Parnaso escapou de seus efeitos. De acordo com o escritor romano Ovídio, Zeus ficou tão perturbado com a injustiça humana em geral e com a maldade de Lycaon, tirano da Arcádia, que tinha prazer em imolar vítimas humanas, que decidiu exterminar a humanidade. Por essa razão, ele primeiro lançou raios por toda a terra, mas depois, temendo que o fogo

chegasse aos céus, finalmente decidiu usar a água para atingir seus objetivos. Tudo afundou nas águas, apenas Deucalião e Pyrrha foram salvos e navegaram em um pequeno barco até o Monte Parnaso. Zeus ficou satisfeito por eles terem sobrevivido, pois conhecia o caráter virtuoso deles. Quando se viram sozinhos, pediram um oráculo a Themis, a lei da natureza, que lhes disse que deveriam jogar os ossos de sua grande mãe sobre os ombros. Ambos ficaram surpresos com o conselho, mas Deucalião finalmente entendeu que se tratava das pedras no corpo da Mãe Terra, então a dupla começou a trabalhar para dar vida a uma nova raça de seres humanos.

As tradições do novo continente fornecem algumas fontes muito interessantes. Há 3.500 anos, em uma área geograficamente localizada no sul do México, entre os estados de Oaxaca, Guerrero e Puebla, a cultura de um dos antigos colonizadores americanos começou a se desenvolver: os mixtecas. Eles adoravam deuses semelhantes aos dos astecas e possuíam um sistema de numeração vigesimal, escrita ideográfica e um calendário astronômico, e são conhecidos hoje por seus códices pré-colombianos, bem como por suas inúmeras e belas peças de artes menores. Os mixtecas se autodenominavam, em seu idioma, Nuu Savi, que significa "povo da chuva", e a eles pertence o Códice Borgia, nomeado em homenagem ao cardeal italiano que o possuía em seu magnífico museu particular. Esse códice, feito de pele de veado e composto de 78 páginas que tratam de assuntos místicos, científicos e artísticos, tem a seguinte redação em uma de suas páginas.

*Muito antes de o Sol brilhar,
quando a Terra estava coberta pelas águas,
um casal divino, o deus serpente-leão e a deusa serpente-
tigre,
tiveram dois filhos.
Multiplicaram-se, mas foram destruídos por um grande
dilúvio,
por seus próprios pais,
poucos foram salvos. Seus descendentes são os Mixtecas.*

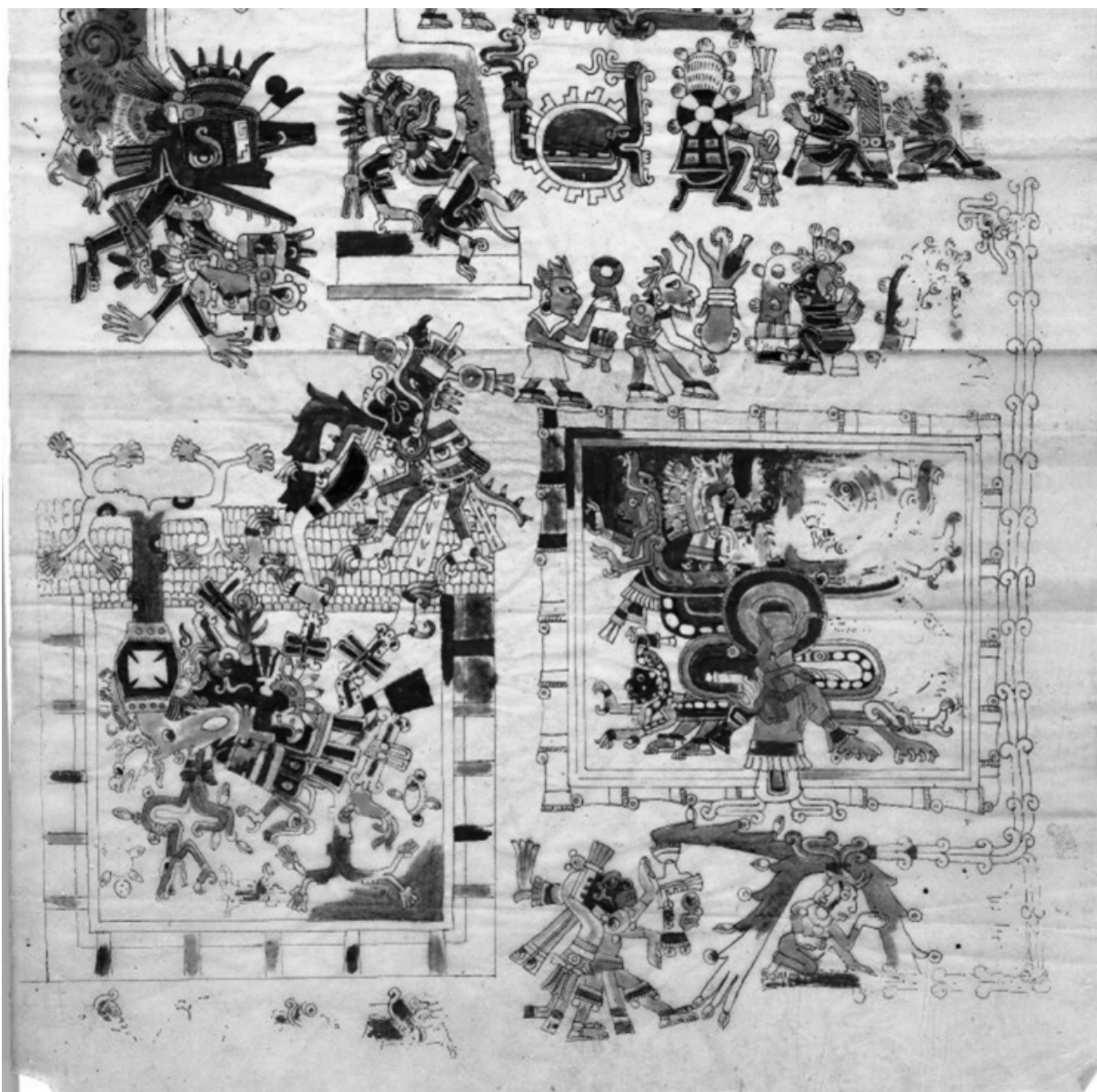


Figura 11.1 O Codex Borgia

Voltando ao velho continente, é hora de relembrar, com uma breve revisão histórica, que foi em 1872 que George Smith falou pela primeira vez à Sociedade Britânica de Arqueologia Bíblica sobre a existência de um relato do dilúvio da Mesopotâmia entre as tábuas que compunham a Epopéia de Gilgamesh, encontrada por Henry Layard na biblioteca de Assurbanipal em Nínive. É assim que o próprio Smith conta sobre sua descoberta, enquanto mergulhava entre fragmentos incompletos de tabletes.

Em uma rápida leitura da terceira coluna, meu olhar se voltou para o fato de que o navio encalhou no Monte Nizir e para a informação seguinte sobre o envio da pomba, que não conseguiu encontrar um lugar para pousar e voltou. Percebi imediatamente que havia descoberto, pelo menos em parte, o relato caldeu sobre o Dilúvio.

Essa descoberta aparentemente casual levou Smith a vasculhar outros fragmentos que ele mesmo havia arquivado sob o título de "tabletes mitológicos". Apesar da simplicidade com que o autor relata os fatos, não é preciso dizer que a tarefa que o jovem restaurador do Museu Britânico estava realizando não era nada simples. Basta ter tido a oportunidade de ver uma tábua com inscrições em escrita cuneiforme para perceber como é difícil ler fragmentos quebrados e deslocados de argila seca, raramente queimados, nos quais estão gravados sinais que às vezes são sobrepostos uns aos outros e que a passagem do tempo borrou parcialmente ou até mesmo apagou por completo. Um verdadeiro quebra-cabeça, cuja dificuldade foi aumentada pelo fato de que o próprio Smith não sabia realmente o que estava procurando.

No entanto, o pesquisador deve ter tido alguma ideia do caminho a seguir em sua busca, graças à organização dos arquivos que já existiam nas antigas bibliotecas da Mesopotâmia, em que as tábuas de argila têm no final uma série de dados referentes ao escriba, à data de composição da tábua, bem como informações sobre o texto principal ao qual a tábua pertence, e assim, finalmente, o jovem orientalista encontrou o que procurava.

Encontrei o fragmento de outra cópia da história do Dilúvio que também continha o envio dos pássaros. Então, comecei a coletar outros fragmentos da mesma tábua; coloquei-os em uma fileira, um ao lado do outro, até conseguir reconstruir a maior parte da segunda coluna. Fragmentos do terceiro espécime surgiram rapidamente. Juntando-os, eles completaram uma parte considerável da primeira e da

sexta colunas. Então, consegui obter o relato do Dilúvio na forma em que o apresentei à assembléia da Sociedade Arqueológica Bíblica em 3 de dezembro de 1872.

Essa notícia, como era de se esperar, foi uma surpresa para o mundo acadêmico e para um público cuja única fonte de informações sobre o Dilúvio, até então, eram os textos bíblicos. George Smith conta que, assim que a conferência terminou, Edwin Arnold, do Daily Telegraph, o abordou com uma proposta para que ele continuasse pessoalmente as escavações com o financiamento do jornal, que ofereceu a quantia nada desprezível de mil guinéus para coletar mais informações sobre esses fabulosos contos míticos. Smith tirou uma licença de seis meses do museu e embarcou para o Oriente Médio. O que aconteceu, uma semana após o início das escavações, é um indicativo do importante papel que a sorte desempenha na descoberta científica. O próprio Smith relata esse fato em seu livro *Assyrian Discoveries. An account of the explorations and discoveries at the site of Nineveh during 1873 and 1874* (Um relato das explorações e descobertas no local de Nínive durante 1873 e 1874).

Comecei a examinar a pilha de fragmentos de inscrições cuneiformes que havia sido encontrada naquele dia, pegando-os com a mão e removendo a terra incrustada neles, a fim de ler seu conteúdo. Ao polir um deles, descobri, para minha grande surpresa e satisfação, que ele continha a maior parte das dezessete linhas pertencentes à primeira coluna do relato caldeu do Dilúvio, que preenchia a única lacuna na narrativa.

Embora o texto encontrado não fosse da Epopéia de Gilgamesh, mas do antigo Poema de Atra Hasis, a fabulosa descoberta ajudou a eliminar qualquer dúvida sobre a fonte original na qual os autores do Gênesis hebraico basearam seu relato do Dilúvio bíblico. De acordo com o relato bíblico, Yahweh, irritado com a humanidade por causa das aventuras sexuais dos "filhos de Deus" com as belas e desejáveis "filhas dos homens", lamentou ter criado a humanidade e decretou sua eliminação.

Mais tarde, surpreendentemente, esse Deus, a quem são concedidos os atributos de onipotência, onipresença e onisciência, toma a decisão oposta para evitar a aniquilação da espécie humana e avisa Noé sobre o que vai acontecer, enquanto elabora um plano para sua salvação, que consiste na construção de uma arca onde Noé, sua família e representantes de todas as espécies animais do planeta podem sobreviver. Por que Yahweh desejaria matar os animais e, um pouco mais tarde, permitir que eles sobrevivessem? Embora eu saiba que muitos crentes devotos dirão que é impossível para um ser humano entender os elevados desígnios do Senhor, a verdade é que as escrituras descrevem as ações desse deus chamado Javé como as de um ser que, na melhor das hipóteses, sofre de um transtorno bipolar passageiro. Mais uma vez, a manipulação religiosa em prol de uma doutrina cristã monoteísta conseguiu distorcer o relato original.

Tudo fica mais claro quando nos voltamos, como está se tornando o costume neste estudo, para os textos mais antigos dos quais os escritores de Gênesis se inspiraram. No texto sumério original, bem como nas recensões mesopotâmicas posteriores, mais de um deus está envolvido. No primeiro ato da ópera prima que leva ao Dilúvio, os principais protagonistas são mais uma vez dois velhos conhecidos: Enlil e Enki. O autoritário e disciplinado Enlil, a mais alta autoridade da colônia Anunnaki na Terra, estava muito aborrecido com o curso dos acontecimentos desde aquele momento distante em que o homem foi criado para servir aos deuses.

As coisas haviam se tornado muito complicadas desde então. Inicialmente, com a aquisição inesperada pelo "servo humano" da capacidade de procriar, o que levou à sua expulsão da EDIN, e depois agravada pelas uniões sexuais entre deuses e humanos, que deram origem ao nascimento de híbridos ou semideuses. Somado a tudo isso, havia o fato de que o crescimento populacional experimentado pela humanidade estava fora de controle, sendo tão espetacular que ameaçava a segurança e as conquistas dos deuses na Terra.

Enlil colocou vários planos em ação, com a clara intenção de dizimar a população humana, mas não conseguiu alcançar os resultados desejados graças à ação eficaz de Enki, que puxou os cordelinhos nos bastidores, impedindo brilhantemente que os desejos destrutivos de Enlil fossem

realizados repetidas vezes. No final do capítulo anterior, é descrito como Enlil decide usar armas biotecnológicas, desencadeando epidemias, a fim de acabar com a população humana. Enki, como pai criador da humanidade, não se sentia confortável com tais decisões, portanto, conhecedor das intrigas palacianas e do modus operandi dos deuses Anunnaki, aconselhou Atra Hasis, o Noé do Dilúvio Assírio, sobre como ele deveria agir para corrigir a situação.

Pedi-lhe que reunisse os anciãos em assembléia e tomasse a decisão de abandonar seus trabalhos, oferendas e serviços a todos os deuses, com exceção do deus Namtar, a causa direta da epidemia, que seria festejado com todos os tipos de oferendas e trabalhos. Enki sabia que, agindo dessa forma, criaria confusão entre os anunnaki, que veriam que estavam perdendo a preferência dos humanos, o que os obrigaria a voltar a fazer o trabalho e as tarefas que até então eram realizadas pelos homens. Ao mesmo tempo, com seu tratamento favorável a Namtar, eles estavam enviando uma mensagem clara a Enlil e sua assembléia de Anunnaki de que os humanos eram mestres e senhores de suas decisões e que elas poderiam ir em uma direção ou outra, beneficiando ou prejudicando os deuses, dependendo das ações que tomassem. Foi a primeira greve geral da história da humanidade.

*Obedecendo a essa ordem, os anciãos
construíram na cidade
um santuário para Namtar.
E ordenaram aos arautos públicos que proclamassem
com grande estrondo por todo o país:
Não prestem mais honras aos vossos deuses!
Nem supliquem mais às vossas deusas!
E apenas frequente Namtar:
Somente a ele ofereçam vossos pratos cozidos!
Ele aceitou de bom grado essas oferendas,
e confuso por tantos presentes,
suspendeu sua ação maligna.
Assim se pôs fim à Epidemia,
e novamente prosperaram.*

Epopéia de Atrahasis

O impensado Enlil aceitou a contragosto que não havia alcançado seus objetivos e, por isso, voltou à briga um pouco mais tarde com uma nova tentativa da corte Enlilita de dizimar a raça humana: por meio de uma seca que causou fome. É fácil imaginar que em um lugar geográfico como a Mesopotâmia, a terra situada entre os rios, onde a água era de vital importância para o desenvolvimento da agricultura e das colheitas, se o fluxo dos rios Eufrates e Tigre fosse cortado ou diminuído, a catástrofe para a agricultura e, conseqüentemente, para a alimentação de seus habitantes era iminente. Para esse fim, os Anunnaki não hesitaram em reduzir o suprimento de água para as áreas habitadas, que eles controlavam por meio de um intrincado sistema hidráulico de canais e represas.

*Ele se dirigiu aos grandes deuses:
O rumor dos humanos se tornou demasiado alto,
Não consigo dormir devido a todo esse tumulto!
Cortai-lhes, portanto, os alimentos
e que os suprimentos de plantas se tornem escassos!
Que Adad diminua as chuvas a nada,
e que na terra, a enchente
não chegue a acontecer!*

Epopéia de Atrahasis

Enki, usando o mesmo procedimento que se mostrou tão eficaz no caso das epidemias, novamente aconselha Atrahasis a criar pressão suficiente sobre os líderes anunnaki para fazê-los desistir de sua tentativa, o que os homens fazem com sucesso, restaurando a prosperidade. No entanto, Enlil, o governante dos deuses, a partir desse momento começa a suspeitar da existência de uma conspiração interna para impedir e invalidar suas ordens e planos, de modo que decreta a intensificação da seca, o que resulta no agravamento da fome.

*Enquanto que, a jusante, a enchente não se originava.
Nada nascia mais do seio da terra:
As plantas já não nasciam...
Já não se via ninguém...
Os prados de grama estavam secando;
A planície estava coberta de salitre!
Durante o primeiro ano, as reservas foram consumidas;
Durante o segundo ano, os celeiros foram esvaziados.
Quando chegou o terceiro ano,
todas as características foram alteradas devido à inanição,
era como se os rostos estivessem cobertos de malte,
e, ao assumirem uma cor chumbo,
os rostos pareciam murchos.
Todos caminhavam cansados pelas ruas.*

Epopeia de Atrahasis.

A continuação do poema perdeu cerca de trinta linhas, mas, de acordo com o andamento da história e uma passagem no fragmento neobabilônico, parece que Enki, devido às orações de Atra Hasis, traz a sombra lahmu, "os guardiões do mar", liberando grandes quantidades de peixes para contrabalançar a falta de vegetais e carnes, aliviando assim a fome dos homens e descarrilando novamente o plano de Enlil.

Após esse novo fracasso, Enlil, muito descontente, reúne novamente a Assembléia dos grandes Anunnaki e, visivelmente irritado, repreende Enki por ter agido contra suas ordens, para que os humanos pudessem superar a seca decretada. É nesse momento que Enlil, cansado de seus planos para dizimar a humanidade fracassarem um após o outro, decide ir às últimas consequências e apresenta à Assembleia um novo plano para erradicar o problema de uma vez por todas: aniquilar completamente a espécie humana por meio de uma catástrofe irreversível: o Dilúvio. A inundação de toda a Terra ocupada por humanos será o procedimento escolhido para atingir esse objetivo radical. Dessa vez, o rei soberano decide tomar uma série de precauções, assegurando-se, por meio de um juramento solene de todos os membros presentes na Assembleia dos deuses, de que nenhum deles atrapalharia ou trairia sua decisão, como havia acontecido anteriormente.

Seguiu-se um debate tenso, no qual Enki se opôs ao projeto insensato do governante, lembrando a todos os presentes que, se ele criou o homem, foi a pedido expresso dos deuses e para o benefício deles. Enki se recusa tanto a fazer o juramento quanto a participar da organização de qualquer ação relacionada ao plano criminoso, convidando Enlil a assumir a responsabilidade por tal decisão sozinho, com todos os riscos e perigos que isso acarretava.

Que Enki, o príncipe, faça um juramento a esse respeito.

E Enki, abrindo a boca novamente,

dirige-se aos deuses, seus irmãos:

Por que você quer me prender com um juramento?

Posso levantar minha mão contra minhas criaturas?

Epopéia de Atrahasis

Finalmente, Enlil convenceu a Assembléia a apoiar seu projeto, fazendo com que todos os membros, inclusive Enki, fizessem um juramento solene de que não se oporiam a ele nem avisariam os homens do perigo que os aguardava. A decisão havia sido tomada e a contagem regressiva começou.

Os deuses então tomaram a decisão final:

Um truque perverso de Enlil contra os homens!

Epopéia de Atrahasis

Depois de ler os relatos da antiga Mesopotâmia, a história bíblica do Dilúvio começa a fazer sentido pelo que parecia faltar, como resultado de suas mutilações literárias. À medida que nos aprofundamos em alguns detalhes, as coisas ficam mais claras. Já observei em capítulos anteriores, ao discutir o mítico Jardim do Éden, que o termo vem do acadiano E.DIN, o lugar onde o DIN, os justos, os puros, os deuses, a divindade, habitavam. Noé, o herói hebreu do Dilúvio, é descrito em Gênesis como "um homem justo que andava com Elhoim" (Gênesis 6, 9). Por um lado, como um "homem" e, por outro, como um "homem justo". De acordo com a etimologia original dos termos usados, estamos falando, portanto, de um

semideus, um híbrido, um produto do cruzamento de humanos com deuses anunnaki de outro planeta. No livro apócrifo de Enoque, é relatado como Lameque, pai de Noé, ao ver a aparência do filho recém-nascido com sua esposa, corre para consultar seu pai, Matusalém, e pede a ele que lhe faça o favor de pedir conselhos a Enoque, aquele que habita com os justos, com os anjos, com o din. Transcrevo aqui a parte do livro em que Matusalém pede conselhos a Enoque, onde, deixando de lado as licenças literárias, a natureza semidivina de Noé e seu relacionamento com o din, os justos, os divinos, os elhoim... em suma, com os anunnaki, é exaltada.

Agora ouça-me, meu pai, um filho nasceu ao meu filho Lameque, que não se assemelha a ele, sua natureza não é como a natureza humana, sua cor é mais branca do que a neve e mais vermelha do que a rosa, os cabelos de sua cabeça são mais brancos do que a lã branca, seus olhos são como os raios do sol e ao se abrirem iluminaram toda a casa. Seu pai, Lameque, foi tomado pelo medo e veio até mim, não acredita que ele seja seu, mas sim dos anjos do céu, e aqui estou eu, vim até ti para que me reveles a verdade.

Livro de Enoque, capítulo 106, 10-12.

Os textos da Mesopotâmia são muito mais precisos. Os relatos são coletados na tradição registrada em vários escritos, especialmente na seção antediluviana da chamada Lista Real Suméria, um texto que, do ponto de vista historiográfico, nos permite entender melhor do que qualquer outro, o lugar do Dilúvio no mundo sumério-acadiano. Esse documento apresenta um relato de todas as dinastias que reinaram nas diferentes cidades sumérias desde suas origens, "quando a realeza desceu dos céus", como é dito literalmente na primeira linha do texto. Os primeiros a escrever sobre o Dilúvio foram os sumérios, que colocaram esse evento como uma linha divisória na cronografia do antigo Oriente mesopotâmico, marcando um antes e um depois entre duas épocas, de forma semelhante à maneira como a data do ano de nascimento de Cristo é usada hoje pelos historiadores modernos.

Na parte anterior ao Dilúvio, as cinco cidades onde a realeza residia são registradas em ordem cronológica: primeiro Eridu, a cidade sagrada de Enki, seguida por Bad-Tibira, Larag (Larak), Zimbir (Sippar em assiro-babilônico) e Curuppag (Suruppak). A segunda parte é separada da anterior pelo evento catastrófico do Dilúvio, que é literalmente introduzido com as seguintes palavras:

O Dilúvio começou. Depois que o dilúvio destruiu tudo, após descer novamente do céu, a realeza se estabeleceu na cidade de Kis.

O texto continua, listando as dinastias pós-diluvianas até 1900 a.C., o período da primeira dinastia Isin, quando a lista foi registrada por escrito. Como de costume, as semelhanças entre os antigos textos sumérios e os textos bíblicos mais modernos são impressionantes, não deixando espaço para o acaso. Se na Bíblia há dez patriarcas antediluvianos, na Lista Real Suméria há dez governantes que reinaram antes do Dilúvio. Noé é o décimo patriarca bíblico, enquanto os sumérios chamavam o décimo governante de Ziusudra, os antigos babilônios de Atrahasis, Utnapishtim é o nome do herói do Dilúvio na Epopeia de Gilgamesh, e Xisustros é o nome usado pelo sacerdote Berosus em seu Relato do Dilúvio Babilônico, escrito em grego e, embora suas obras estejam perdidas, preservadas na obra de Syncellus. A cidade suméria onde os eventos estavam ocorrendo era Shuruppak, o lugar onde, pela primeira vez, o posto de rei, até então privilégio exclusivo dos deuses, havia sido cedido a um semideus, cujo nome sumério era Ubar-Tutu, pai de Ziusudra. De tudo o que foi dito acima, pode-se concluir que Noé não era um homem comum, mas o filho de um semideus e de uma mulher humana, alguém de grande importância na vida pública e através do qual uma certa quantidade de sangue anunnaki corria em suas veias.

Depois que a Assembleia dos Deuses aprovou o plano para o extermínio da raça humana, Enki, vendo-se incapaz, nessa ocasião, de salvar a humanidade como um todo, pelo menos encontra uma maneira de permitir sua sobrevivência salvando Atra Hasis, então ele decide enganar Enlil sem quebrar seu juramento solene de não revelar o plano a nenhum ser humano,

usando uma grande dose de engenhosidade. No relato sumério encontrado em uma tábua exumada em Nipur em 1895, Enki envia um sonho premonitório a Ziusudra, que, portanto, vai ao templo para pedir conselhos ao seu deus. Enki transmite o plano a seu protegido, usando um artifício quase infantil, decidindo revelar seu segredo a uma parede, em vez de diretamente aos homens, cumprindo assim seu juramento perante Enlil.

*E Ziusudra ouviu bem perto dele,
enquanto estava junto à parede, à sua esquerda;
"Parede, vou falar contigo! Escuta minhas palavras!
Presta atenção às minhas instruções!
O Dilúvio aniquilará as multidões,
e inundará sua capital,
para destruir a raça humana;
Assim foi decidido,
Decisão irrevogável e ratificada pela Assembleia!
Anu e Enlil deram a seguinte ordem inalterável:
O reino dos homens será destruído."*

Gênese de Eridu, relato sumério do dilúvio.

A recensão posterior do capítulo sobre o grande dilúvio na Epopéia de Gilgamesh faz pequenas mudanças que não alteram a essência da história que está sendo contada, e também fornece alguns detalhes interessantes sobre a cidade em que os eventos se desenrolam. Transcrevo o parágrafo do poema no qual Enki conta a Utnapishtim, o nome do herói do Dilúvio, o que está prestes a acontecer.

*Cabana, oh cabana! Muro, oh muro!
Ouve, cabana! Presta atenção, muro!
Homem de Shuruppak, filho de Ubar-Tutu,
Derruba tua casa e constrói uma embarcação.
Não penses na riqueza, busca a vida:
Faz subir na embarcação a semente de todo ser vivo.*

Epopéia de Gilgamesh.

Assim, ele diz a Atrahasis/Utnapishtim/Ziusudra que abandone tudo e construa um barco, cuja construção o próprio Enki supervisionará, prometendo fornecer a ele as provisões necessárias para a viagem. O homem, nesse ponto, levanta um problema com seu benfeitor sobre como ele deve agir e o que deve dizer aos seus concidadãos quando eles lhe perguntarem sobre o motivo de construir um barco. Enki o aconselha a dizer-lhes que, como resultado dos desentendimentos entre Enlil e seu deus protetor, Enki, ele decidiu partir para o reino de Enlil no Apsu para encontrá-lo, e é por isso que ele precisa de um barco para atravessar essa grande extensão de água.

*Uma vez que Atrahasis recebeu estas instruções,
reuniu os anciãos,
e, tendo aberto a boca,
dirige-se a eles:
Meu deus já não concorda com o vosso;
Enki e Enlil estão zangados!
Isso me obriga a deixar a cidade,
pois sou devoto de Enki!*

Epopéia de Atrahasis.

Enki deu instruções muito precisas sobre como a embarcação deveria ser construída, bem como sobre o tempo restante até a chegada da catástrofe, como evidenciado pela referência à "clepsidra especialmente preparada". Os sumérios e, mais tarde, os babilônios, egípcios, chineses e hindus usavam uma forma de relógio de água que chamavam de clepsidra. A água estava contida em um recipiente graduado, do qual escapava por um orifício, fazendo com que seu nível caísse. Assim, o nível da água coincidia com uma escala marcada no recipiente que indicava as horas.

Antes de continuar com a versão mesopotâmica do Dilúvio, analisarei alguns aspectos importantes da história que considero importantes. Um dos pontos mais conflitantes da história bíblica, quando se trata de ser aceito do ponto de vista científico e não mítico, é, sem dúvida, aquele que descreve Noé e sua família entrando na arca e vivendo em perfeita harmonia com centenas de animais, alguns deles muito perigosos para os seres humanos e

vindos de lugares distantes do planeta. De acordo com a história, Yahweh fez uma distinção entre animais puros e impuros e pediu a Noé que salvasse sete pares de cada espécie.

*Animais puros e impuros,
pássaros do Céu e répteis da Terra,
entraram com Noé na Arca.
Entraram aos pares, macho e fêmea,
conforme Deus havia ordenado.*

(Gênesis 7, 8-9)

O senso comum se rebela contra essa imagem, por mais que se tente explicá-la em termos místicos, argumentando que o poder onipotente de Yahweh transformaria leões e répteis selvagens em cordeirinhos mansos guiados por forças divinas. Tudo isso sem esquecer a enorme quantidade de recursos alimentares que teriam de ser armazenados e conservados para sustentar todos esses animais durante uma viagem tão longa. A incredulidade gerada pela maneira como esse importante aspecto da narrativa do Livro de Gênesis é desenvolvido e explicado resulta na perda de credibilidade de toda a história do Dilúvio.

A versão mesopotâmica mais uma vez lança luz sobre o assunto, explicando a maneira pela qual Enki pretende garantir que a vida das diferentes espécies animais seja preservada: não levando animais vivos a bordo da nave, mas preservando suas sementes. Deve-se ter em mente que Enki tinha um ótimo histórico como comandante científico da missão Anunnaki na Terra, principalmente porque ele havia criado o homem com base em complicadas manipulações genéticas. Por essa razão, Enki tinha o conhecimento necessário para selecionar, obter e preservar a semente dos seres vivos e, ao mesmo tempo, era capaz de recriá-los a partir de seu material genético, de seu DNA.

*Não penses na riqueza, busca a vida:
Faz subir na embarcação a semente de todo ser vivo.*

Epopeia de Gilgamesh.

A versão hindu do Dilúvio, mais antiga que as versões hebraica e grega, também não foi alterada nesse ponto. As escrituras védicas da Índia, especificamente o Bhagavata Purana, narram que um rei, Svayambhuva Manu, foi avisado do dilúvio que se aproximava pelo deus Vishnu, encarnado na forma de um peixe gigantesco. O rei construiu um grande navio onde abrigou sua família. Matsya, o peixe gigante, arrastou o navio do rei, salvando-o da destruição. A história hindu do dilúvio também explica que a água não veio das nuvens em forma de chuva, mas foi uma inundação do oceano que devastou o planeta, e que o protagonista, em vez de levar um casal de cada espécie animal para o navio, guardou o sêmen de todos os animais para repovoar a Terra.

As versões mesopotâmica e védica dão uma explicação totalmente lógica e consistente com o conhecimento atual em biotecnologia, ao mesmo tempo em que fornecem uma solução plausível para o problema da falta de espaço no navio e do suprimento de alimentos, que não é resolvido pela versão tradicionalmente aceita pela Bíblia. Onde poderia estar a origem de tal erro? A confusão pode ter surgido do fato de que Noé levou para a arca alguns animais domésticos que estavam acostumados a viver com humanos até certo ponto, enquanto o restante dos animais não foi transportado fisicamente, mas apenas sua semente foi preservada. Essa parte da narrativa teria se perdido, ao longo do tempo, pelo simples fato de ser uma tese inaceitável do ponto de vista daqueles que compilaram o relato antigo.

Essa nova versão, entretanto, explicaria a misteriosa classificação bíblica dos animais em puros e impuros. Os animais seriam classificados em selvagens e domésticos. Ou seja, de um lado, os animais domésticos que viviam com a DIN (os justos, os puros, os divinos), dos quais veio o nome "animais puros" e que haviam sido introduzidos a bordo do navio; e, de outro lado, os animais selvagens que viviam em liberdade sob a denominação de "animais impuros" e dos quais sua semente ou material genético havia sido preservado.

Quando o barco ficou pronto, Noé embarcou com sua família. De acordo com fontes mesopotâmicas, além da família de Atrahasis, alguns amigos íntimos também embarcaram, bem como as pessoas que haviam ajudado na construção. Foi então que, quando veio o sinal de Enki anunciando a

iminência da catástrofe, a escotilha foi fechada e, imediatamente depois, a força de um furacão liberou o navio de suas amarras.

*Quando Shamash
ordenar um tremor ao crepúsculo,
e chover erupções,
Suba a bordo do barco,
trave a entrada!*

O sinal foi um tremor de terra provocado pelas detonações ordenadas e planejadas pelo comando dos Anunnaki, a fim de romper o equilíbrio que até aquele momento mantinha o nível das águas dos mares e dos pântanos. O local onde as cargas foram colocadas é uma incógnita que tentaremos revelar mais tarde, mas tudo nos leva a pensar que a potência das detonações deve ter sido enorme, a ponto de causar a formação de um grande maremoto que, por sua vez, produziu tsunamis de enorme magnitude que varreram as terras habitadas.

A destruição de comunidades costeiras por ondas gigantes ocorreu ao longo da história. Há registros do tsunami criado pela explosão vulcânica na ilha de Santorini em 1480 a.C. e seus efeitos sobre a civilização minoica. A maioria dos tsunamis é gerada ao longo do chamado Anel de Fogo ou Cinturão Circum-Pacífico, uma zona vulcânica altamente sismicamente ativa, com cerca de 32.500 quilômetros de extensão, localizada no Oceano Pacífico. Os tsunamis podem ser causados por erupções vulcânicas, terremotos, meteoritos, deslizamentos de terra ou explosões. A energia de um tsunami é constante e depende de sua altura e velocidade, viajando centenas de quilômetros em alto mar e atingindo velocidades de cerca de 700 a 800 km/h. Eles não são muito perigosos em alto mar, mas podem ser catastróficos quando atingem águas costeiras rasas.

Por esse motivo, quando a onda se aproxima da terra, sua velocidade diminui, enquanto sua altura pode ultrapassar 30 metros ao atingir a costa. É comum que o fenômeno consista em várias ondas chegando à costa, separadas por um intervalo de 15 a 20 minutos, com a peculiaridade de que

a primeira onda a chegar é muito semelhante às ondas normais. O tsunami é geralmente precedido por um recuo de algumas dezenas ou centenas de metros da água do mar e, em seguida, em cerca de 5 a 15 minutos, há um avanço dramático do mar, que pode penetrar quilômetros no interior. De todos os desastres, os tsunamis estão entre os fenômenos mais aterrorizantes.

Essa tese de que o Dilúvio foi desencadeado por uma sucessão de tsunamis, provocados artificialmente pelo uso de alguma tecnologia superior à que se supunha existir na época, provavelmente detonações nucleares, parece exagerada e sem fundamento? Não deixe de ler as linhas a seguir.

Em 25 de setembro de 1999, o jornalista Eugene Bingham publicou uma história surpreendente no New Zealand Herald, alegando que a Nova Zelândia havia realizado experimentos secretos com a intenção de gerar ondas gigantes, de acordo com arquivos desclassificados. De acordo com Bingham, um professor da Universidade de Auckland, na Nova Zelândia, colaborou com os militares para realizar uma série de explosões subaquáticas, gerando ondas como no caso de um pequeno maremoto em Whangaparaoa em 1944 e 1945. O trabalho do professor Thomas Leech foi considerado tão importante que, de acordo com relatórios secretos da época, altos funcionários da defesa dos EUA disseram que, se o projeto tivesse sido concluído antes do final da Segunda Guerra Mundial, poderia ter desempenhado um papel tão eficaz quanto o da bomba atômica.

Os detalhes da "bomba tsunami", conhecida como "Projeto Seal", ou como induzir artificialmente tsunamis e transformá-los em uma poderosa arma de destruição em massa, estão contidos em documentos desclassificados pelo Foreign and Commonwealth Office na época. Esses documentos, carimbados como Top Secret, mostram que os militares norte-americanos e britânicos do pós-guerra estavam interessados em desenvolver o "Projeto Seal" e até consideraram a possibilidade de enviar o professor Leech ao Atol de Bikini para testemunhar os testes nucleares norte-americanos e verificar se eles tinham alguma aplicação em seu trabalho. O professor Leech nunca fez a visita, mas o Dr. Karl Compton, membro do Conselho Consultivo de Testes Atômicos dos Estados Unidos, foi enviado à Nova Zelândia e ficou tão bem impressionado com o trabalho de Leech que, ao

retornar, recomendou ao Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos que o projeto continuasse e que o governo da Nova Zelândia fosse envolvido. O texto a seguir é uma transcrição de uma carta enviada de Washington para a Nova Zelândia em 1946.

O Dr. Compton recebeu uma impressão muito favorável de alguns dos trabalhos do Professor Leech no Projeto Seal, recomendando aos chefes do Conselho de Defesa que todos os dados de testes técnicos relevantes para o Projeto Seal sejam disponibilizados ao governo da Nova Zelândia para estudo mais aprofundado pelo Professor Leech.

Apesar do apoio aberto nos níveis mais altos dos EUA e da Nova Zelândia, os detalhes da pesquisa nunca vieram à tona. Neil Kirton, um ex-colega do professor Leech, disse ao Weekend Herald que os experimentos envolviam o uso de explosivos submarinos com o objetivo de criar um tsunami. Explosões em pequena escala foram realizadas no Pacífico e ao largo de Whangaparaoa, que na época era controlada pelos militares, mas não se sabe ao certo o que aconteceu com o Projeto Seal depois que o relatório final foi enviado ao quartel-general da Defesa em Wellington. No entanto, Kirton declarou que "se as investigações fossem retomadas... em determinadas circunstâncias, acho que isso poderia ser devastador".

Uma pesquisa da Universidade de Waikato, na Nova Zelândia, afirma que um experimento moderno poderia produzir ondas de mais de trinta metros de altura. O Dr. Willem de Lange diz que uma única explosão não seria necessariamente eficaz, embora uma série de explosões pudesse ter um impacto significativo. A suspeita de que as principais potências militares da atualidade estejam pesquisando e possivelmente usando armas geofísicas não é novidade, com as alegações constantes de que os EUA têm um poderoso canhão de micro-ondas no Alasca, o famoso HAARP (High Frequency Active Auroral Research Program), baseado na tecnologia do famoso físico Nicola Tesla, que é bem conhecido.

Entre as causas que podem desencadear tsunamis estão os testes nucleares submarinos, de acordo com a jornalista Lila Rajiva, de Baltimore. De fato, todas as informações sobre testes nucleares no Pacífico são classificadas como Top Secret e os EUA não ratificaram o Tratado de Proibição Completa de Testes Nucleares, deixando a porta aberta para novos testes. A França também realizou um grande número de testes nucleares nos atóis de Mururoa e Fangataufa.

Como resultado, em 1995, três residentes do Taiti, Marie Therese Danielsson, Pierre Largentue e Edwin Haoa, que haviam sofrido danos em suas propriedades, processaram o governo francês, alegando que essas explosões nucleares poderiam causar deslizamentos de terra como o que ocorreu em Mururoa em 1979, que removeu um milhão de metros cúbicos de corais e rochas, criando uma cavidade de 140 metros de diâmetro e causando uma enorme onda que se espalhou pelo arquipélago de Tuamotu, causando inúmeras vítimas. As autoridades francesas inicialmente declararam que o fenômeno era devido a causas naturais, mas acabaram reconhecendo-o como o "acidente de 25 de julho de 1979".



O terremoto do Oceano Índico de 26 de dezembro de 2004, com magnitude de 9,3 na escala Richter, o segundo maior desde a invenção do sismógrafo, e com duração de 8 a 10 minutos, teve seu epicentro na costa da ilha de Sumatra, no arquipélago indonésio, causando uma série de tsunamis devastadores com ondas de até 30 metros. A sucessão de tsunamis devastou as costas da maioria dos países que fazem fronteira com o Oceano Índico, inundando um grande número de comunidades costeiras na maior parte do sul e sudeste da Ásia, matando cerca de 230.000 pessoas, de acordo com um estudo recente patrocinado pela ONU.

Existe a possibilidade de que uma grande explosão tenha produzido diretamente o tsunami que desencadeou o tsunami, ou mesmo que testes nucleares anteriores o tenham produzido indiretamente? Os rumores eram muitos. De acordo com o International Herald Tribune de 29 de dezembro, os computadores dos escritórios da Organização do Tratado de Proibição de Testes Nucleares receberam registros do terremoto na manhã de domingo, mas não se comunicaram porque os 300 funcionários do escritório estavam de férias. Qual foi o motivo das férias? Surpreendentemente, eles não estavam trabalhando porque não tinham a capacidade de agir oficialmente, enquanto aguardavam a ratificação do tratado por 11 países, incluindo os EUA, a Coreia do Norte e o Paquistão.

O coordenador de ajuda emergencial da ONU, Jan Egeland, durante sua coletiva de imprensa na reunião de Jacarta, deixou escapar o boato de que o tsunami havia sido causado por um teste nuclear, embora mais tarde tenha sido obrigado a retificar essa informação, provavelmente por orientação de Kofi Annan. A imprensa israelense logo se interessou por esses rumores. O Jerusalem Post e o Arutz Sheva noticiaram que um semanário egípcio, identificado como Al Osboa ou Al Ousboue, alegou que a Índia, em sua corrida nuclear com o Paquistão, havia recebido tecnologia nuclear avançada dos EUA e de Israel e que essa tecnologia havia sido testada no Oceano Índico em uma área próxima à região conhecida como Anel de Fogo. As negativas da imprensa israelense foram rápidas, assim como as negativas dos cientistas da Agência de Energia Atômica, que negaram qualquer origem nuclear para o tsunami. O Times of India acrescentou outras insinuações de que se tratava de testar armas que, por meio do uso de ondas magnéticas controladas remotamente, podem provocar terremotos e

erupções vulcânicas. Ele provavelmente estava se referindo ao HAARP. Benjamin Creme, da revista Share International, que publica regularmente relatórios sobre terremotos em todo o mundo, disse: "É impossível realizar um teste nuclear subterrâneo sem provocar um terremoto, não necessariamente nas imediações, mas em qualquer lugar do mundo. Os testes nucleares são responsáveis por um quarto de todos os terremotos registrados".

Após essa breve digressão, na qual espero ter deixado claro que há fortes argumentos a favor da tese de que o Dilúvio foi mais do que apenas chuvas torrenciais, volto à questão central em questão. Não foi um dilúvio produzido por quarenta dias de chuvas torrenciais, mas uma inundação devastadora, resultado de um aumento generalizado e abrupto do nível do mar. Inundações geradas por várias ondas gigantescas que decidiram penetrar no coração das terras habitadas. É assim que o Gênesis explica o início do Dilúvio.

*Quando Noé tinha seiscentos anos de vida,
no dia dezessete do segundo mês do ano,
brotaram todas as fontes do fundo do mar.*

(Gênesis 7, 11)

A versão bíblica fala de fontes que jorram do "fundo do mar", sendo essa expressão uma tradução do texto original caldeu Apsu, que se referia aos abismos, os mares mais distantes, ao sul das terras da Mesopotâmia. Se dermos uma olhada em um mapa-múndi, perceberemos que, do ponto de vista de um observador situado na foz do Tigre e do Eufrates, as fontes localizadas "no fundo do mar", no Apsu, não podem ser outras senão o Oceano Índico e o Oceano Antártico com seu continente congelado. O tsunami veio do sul.

*Durante um dia a tempestade do sul soprou,
acumulando velocidade enquanto rugia,
E o **kashushu** apanhou os homens como uma batalha.*

Epopeia de Gilgamesh, versão babilônica antiga.

*Ao primeiro clarão da alvorada,
uma nuvem negra se ergueu no horizonte.*

Epopéia de Gilgamesh.

Outra evidência que sustenta a tese da grande onda vinda do sul é o fato de que Enki, que estava ciente de toda a operação, elaborou um plano de salvação para Atrahasis/Noé, de acordo com o desdobramento previsível dos eventos. Era óbvio que, se um tsunami de grande magnitude viesse do sul, a força das águas inevitavelmente empurraria um navio para o norte. Enki sabia da existência de uma montanha no norte da Mesopotâmia com picos gêmeos que tinham as maiores altitudes de toda a Ásia ocidental: o Monte Ararat (5.165 metros) e o Monte Sis (3.896 metros), além de outras alturas como o Monte Damavand (5.671 metros) no norte da Mesopotâmia. O Monte Damavand (5.671 metros) no norte do atual Irã, lugares que, devido à sua altitude, eram os únicos que tinham todas as chances de escapar de uma inundação causada por um aumento maciço no nível do mar.

Portanto, era de se esperar que um navio na área do Tigre e do Eufrates, quando empurrado por uma grande onda vinda do sul, tivesse uma boa chance de acabar em um desses lugares, o que permitiria que seus ocupantes fossem salvos. A onda veio do sul, mas ainda há muitas perguntas a serem respondidas: onde foram colocadas as cargas explosivas que a produziram, como o nível da água subiu em toda a superfície do planeta a ponto de ser necessário se refugiar em alturas de mais de 5.000 metros?

CAPÍTULO XII

VIAGEM AO CENTRO DA TERRA. AS ÁGUAS DO DILÚVIO VIERAM DO INTERIOR DA TERRA

Toda verdade passa por três estágios: primeiro é ridicularizada, depois sofre oposição violenta e, por fim, é aceita como evidente.

Arthur Schopenhauer (1788-1860) Filósofo alemão

AINDA GUARDO VIVA A lembrança daquelas tardes juvenis, em que me deliciava com a leitura apaixonada das novelas do mago do realismo fantástico. Um após o outro, os títulos foram caindo, como Da Terra à Lua, Vinte Mil Léguas Submarinas, A Volta ao Mundo em Oitenta Dias ou Viagem ao Centro da Terra. Todos eles evocavam viagens fabulosas e aventuras, algo muito desejável para a viva imaginação de um adolescente.

Jules Verne, nascido em 8 de fevereiro de 1828, em Nantes, na França, seria um fiel representante dos valores simbolizados por seu signo solar, Aquário, como o gosto pela inovação e pelos avanços tecnológicos. Embora não fosse um personagem dócil, ele estudou direito, seguindo a tradição da família, e casou-se com uma viúva rica, o que lhe permitiu levar uma vida abastada. As sincronicidades em sua biografia merecem um capítulo à parte. Um exemplo disso é o fato de ele ter assinado vários contratos com seu editor Jules Hetzel, um deles em 1871, assim como o astrônomo que descobriu o planeta Urano e regente do signo de Aquário foi Sir William Herschel em 1781. Observe a semelhança fonética entre os sobrenomes do editor e do astrônomo, bem como a dança dos números dos anos quando lidos de trás para frente. Desde jovem, Verne era fascinado por tecnologia e por tudo que era novo ou tinha um caráter extraordinário e não convencional. Ele captou isso em muitos de seus livros e foi o precursor do romance moderno de ficção científica. Em seus escritos, o autor descreveu dispositivos fantásticos que eram impensáveis na época. O mais incrível é que a maioria das coisas que ele imaginou se tornou realidade mais tarde, o que sempre me fascinou e me fez pensar sobre o caráter profético de suas obras. De onde Verne tirava sua inspiração?

Em sua obra, Paris, século XX, ele descreveu a cidade das luzes, já em 1860, com algumas de suas pinceladas mais precisas:

O latim e o grego não serão apenas línguas mortas, mas enterradas.

A maioria dos inúmeros carros que percorriam a calçada dos bulevares o fazia sem cavalos; moviam-se por uma força invisível, através de um motor de ar dilatado pela combustão do gás.

Lojas ricas como palácios onde a luz se expandia em radiações brancas, essas vias de comunicação amplas como praças, essas praças vastas como planícies, esses hotéis imensos...

Você será maior de idade aos dezoito anos.

Ele também previu a existência de um trem metropolitano com diferentes linhas que percorreriam a capital francesa e de um sistema de comunicação remoto automático e secreto, bem como o equivalente ao e-mail de hoje, entre muitas outras coisas.

Em seu romance *Vinte Mil Léguas Submarinas*, já em 1870, ele falava da existência de um submarino, o *Nautilus*, com o qual o Capitão Nemo desbravou o fundo do mar, e que tem uma semelhança impressionante com o primeiro submarino atômico construído pelos EUA em 1955. Na mesma obra, ele também apresenta o batiscafo.

Entre as visões e sincronicidades mais espetaculares, no entanto, estão as encontradas em seus romances *From the Earth to the Moon* e *Around the Moon*, que formam um todo unitário. No primeiro, ele conta como, no final da Guerra Civil Americana, os membros do Gun Club ficaram desempregados e planejaram construir um enorme canhão para destruir a lua. Por fim, o projeto é modificado para enviar um enorme míssil tripulado. O segundo descreve os detalhes da viagem.

Previsões surpreendentes, como o fato de que o número de tripulantes que viajam no romance é três, enquanto três também eram os tripulantes das cápsulas Apollo um século depois. Na narrativa, Júlio Verne apresenta Stone's Hill, próximo à Baía de Tampa, na Flórida, EUA, como o local de lançamento do foguete, um local a apenas 200 km do Cabo Canaveral, de onde Armstrong, Aldrin e Collins foram lançados. No romance, os protagonistas hesitam entre lançar da costa sul do Texas ou da península da Flórida. A NASA escolheu a Flórida como local de lançamento, mas Houston, localizada na costa sul do Texas, foi escolhida como local de lançamento. A duração da viagem da Apollo foi de três dias, exatamente como na história. Em seu retorno à Terra, a cápsula da Apollo aterrisou no Pacífico, a duas milhas e meia do local descrito no romance, e foi resgatada por um navio americano da mesma forma. Tudo isso não pode ser acidental, pois há vários oceanos no planeta, e o Pacífico tem uma área de 165.000 quilômetros quadrados.

A primeira espaçonave pilotada por humanos, segundo o relato de Verne, partiu no mês de dezembro de um ano indeterminado na década de 60 do

século XIX. O primeiro voo humano à Lua ocorreu cem anos depois, em um dezembro da década de 1960. Especificamente, foi em 21 de dezembro de 1968 que Armstrong, Aldrin e Collins aterrissaram na Lua, orbitaram-na e retornaram, embora só alguns meses mais tarde eles a pisassem com a Apollo 8.

Do meu ponto de vista, estava claro que Júlio Verne era uma mistura de pioneiro científico com grandes poderes proféticos para se projetar no futuro. As evidências eram impressionantes. Então chegou meu aniversário de 15 anos e, entre outros presentes, recebi um exemplar de Viagem ao Centro da Terra, com várias dedicatórias de meus amigos na época. Portanto, era lógico que eu me perguntasse, desde muito jovem, que parte da verdade poderia haver em seu romance *Journey to the Centre of the Earth*. Se em seus outros escritos, o tempo provou que o brilhante escritor estava certo, por que seria diferente nesse caso? Que parte da verdade estava escondida nesse romance?



Journey to the Centre of the Earth (Viagem ao Centro da Terra), publicado em 1864, é um dos romances mais conhecidos de Verne. É o segundo livro da série de Viagens Extraordinárias. A aventura começa com a descoberta, pelo professor alemão Otto Lidenbrock, de um criptograma do islandês

Arne Saknussemm, um alquimista do século XVI que afirmava ter chegado ao centro da Terra. Ele foi encontrado escrito em uma folha de papel escondida em um manuscrito do Heims-kringla de Snorre Sturleson, uma crônica dos príncipes noruegueses que reinaram na Islândia. É um manuscrito escrito em rúnico, que ele consegue decifrar relendo-o acidentalmente de trás para frente. A mensagem que ele encontra é perturbadora.

In Sneffels Yoculis craterem kem delibat umbra Scartaris
Julii intra calendas descende, audax viator, et terrestre
centrum attinges. Kod feci.

Arne Saknussemm

*Desça até a cratera do Yocul de Sneffels que a sombra do
Scartaris vem acariciar antes das calendas de julho,
viajante ousado, e você chegará ao centro da Terra como eu
cheguei.*

Arne Saknussemm.

O professor pretende seguir os passos do alquimista, acompanhado de seu sobrinho Axel e do guia islandês Hans. Eles partem para a Islândia e se dirigem ao vulcão Snaefellsjokull, o local marcado no pergaminho como a porta de entrada para o interior da Terra. Seguindo as instruções do pergaminho, o pico Scartaris, antes do Kalends de julho (o primeiro dia do mês), projeta sua sombra em uma chaminé que leva ao centro da Terra. Dessa forma, usando uma corda, eles entram no interior do planeta, onde seguem uma rota intraterrestre na qual encontram oceanos subterrâneos, criaturas pré-históricas e infinitas aventuras para encantar o leitor.

A sociedade moderna reconhece a genialidade de Verne por ter antecipado inúmeras invenções e artefatos do século XX em seus escritos... mas ninguém diz nada sobre o que pode ser extraído de seu romance Viagem ao interior da Terra. Ele é considerado mera ficção aventureira sem maiores pretensões científicas... O que a memória coletiva não se lembra é que foi exatamente assim que seu romance Journey to the Moon, entre outros, foi

considerado no final do século XIX. Pouquíssimos, na era do realismo científico, acreditavam que uma viagem à Lua fosse possível... era simplesmente inimaginável. A grande maioria do establishment científico da época sorriu diante dessa possibilidade.

Um processo que já aconteceu muitas vezes ao longo da história. A sociedade ocidental também levou muito tempo para aceitar que a Terra era redonda. Antes de Colombo descobrir o continente americano, a viagem do almirante pelo Oceano Atlântico em busca do novo mundo era considerada o trabalho de um louco iluminado que desprezava os perigos mais abomináveis. Também não foi fácil aceitar que era a Terra que girava em torno do Sol e não o contrário. Quanto tempo levará para aceitar que existe um submundo intraterrestre? O tempo é circular e a história se repete, portanto, um dia, o espírito profético do brilhante escritor francês será reconhecido novamente. E então, o que hoje é visto como impossível e complicado, será simplesmente visto como simples e óbvio.

A ciência oficial postula que a Terra é um corpo maciço, com várias camadas e um núcleo ígneo no centro. Em resumo, como esse não é o assunto deste artigo, a ciência estrutura o interior da Terra como sendo dividido em uma série de camadas: a crosta terrestre, que tem de 30 a 70 quilômetros de profundidade nos continentes e de 10 a 20 quilômetros de profundidade nos oceanos; o manto, cuja espessura varia de 2.800 a 2.900 quilômetros; e o núcleo ou NIFE, composto principalmente de níquel e ferro, e onde as temperaturas variam de 4.000 a 6.000 °C, com alta densidade e estado sólido dos materiais na parte mais interna e estado líquido na parte mais externa. Isso é o que, de forma bem resumida, diz a versão oficial.

O que a grande maioria das pessoas não suspeita é que tudo isso não passa de uma hipótese e que não foi inquestionavelmente comprovado como verdadeiro pelos cientistas que afirmam que é assim. É "uma crença" da ciência. Entretanto, mais uma vez, uma mera hipótese ou crença, endossada por aqueles que supostamente detêm o conhecimento, eleva algo que não foi demonstrado ao status de fato verdadeiro e comprovado. Não se trata de uma opinião pessoal, já que aqueles que defendem essa hipótese como uma verdade incontestável não têm as evidências necessárias para isso e se

baseiam apenas em pesquisas de pouco valor científico e de pouca importância diante da magnitude do problema. No entanto, os poucos que se atrevem a defender a possibilidade de que a Terra seja oca, em maior ou menor grau, são considerados fantasistas ignorantes e anticientíficos.

Gerardus Mercator (1512-1594) foi um matemático, astrônomo e cartógrafo flamengo, autor de um mapa-múndi e inventor da projeção cilíndrica ou reta, na qual se baseia a cartografia marítima e muitos atlas modernos. Abraham Ortelius, um cartógrafo do século XVI, chamou-o de o maior geógrafo de sua época e, mais recentemente, o escritor Nicholas Crane referiu-se a ele como "o homem que colocou o planeta no mapa". Seu legado faz parte do nosso dia a dia, sempre que consultamos um atlas ou usamos o sistema de posicionamento global (GPS). Na chamada projeção de Mercator, os meridianos e os paralelos se cruzam em ângulos retos. Enquanto os meridianos estão sempre a distâncias iguais um do outro, os paralelos se afastam um do outro à medida que se aproximam dos polos.

Em seu misterioso e intrigante mapa do Pólo Norte, publicado postumamente em 1595, pode-se ver como o oceano circundante se precipita em um mar interior, por meio de quatro aberturas que se abrem através do gelo. Por que, em vez da calota polar, aparece um mar interior? Será que Mercator sabia algo no século XVI que é desconhecido hoje? Algo que poderia lançar luz sobre a explicação de certos fenômenos inexplicáveis que ocorrem nos pólos da Terra? O que é certo é que Mercator manteve, em sua época, uma estreita relação com o Egito, chegando a visitar a Grande Pirâmide em 1563. Teria ele obtido acesso a mapas antigos que serviram de documentação para seu trabalho?



Figura 12.1 Mapa Mercator do Polo Norte

Na mesma linha está o trabalho do cartógrafo francês Philippe Buache (1700-1773), que se tornou Premier Geographe Royal da França e produziu alguns dos mapas de maior qualidade de sua época. Seu mapa da Antártica, feito em Paris em 1737, um século antes da descoberta do continente gelado do sul, mostra um grande continente antártico no qual a calota polar também desapareceu e há um mar interior acessível por duas entradas. Observe que em ambos os mapas a calota polar desapareceu, surpreendentemente, quatro séculos antes do surgimento de outro dogma pseudocientífico que tenta explicar o atual derretimento polar: o chamado

efeito estufa criado pelo progresso tecnológico do homem do século XX. De acordo com esses mapas, as calotas polares não existiam há vários séculos, portanto, alegar que a causa de seu desaparecimento se deve a um efeito do século XX é nada menos que infantil e pouco rigoroso. Seria como tentar explicar o assassinato de alguém pela visita de um suspeito à casa da vítima quatrocentos anos após o crime ter ocorrido.

Há muitas outras cartografias impossíveis, como a de Oronce Finé, a Nova et Integra Universi Orbis Descriptio, um planisfério preservado na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, que em 1531 desenha as costas do continente antártico, muitos anos antes de ele ser descoberto; uma prova de que a história não é exatamente como nos foi contada, mas cuja análise empolgante não será o tema deste artigo, por razões de espaço.



Figura 12.2 Mapa da Antártica por Philippe Buache

Ou o do almirante turco Piri Reis. Em 1929, foram descobertos mapas antigos no palácio imperial de Topkapi, em Istambul, bem conhecidos pelos pesquisadores do incomum. Esses mapas foram feitos em pele de gazela, um em 1513 e o outro em 1528, pelo almirante e cartógrafo otomano Piri Reis. O mapa mostra a costa oeste da África e a costa leste da América, e o próprio almirante escreveu que ele se baseava em mapas de origem muito mais antiga. O problema é que, de acordo com a história oficial, essas costas não podiam ser conhecidas na época. Podemos ver as ilhas Maldivas, que não foram mapeadas até 1592, ou a nascente do rio Amazonas nos Andes, um lugar que Hernando de Soto não foi enviado para explorar até 1533. Os contornos da costa antártica da região conhecida como Queen Maud também aparecem no mapa, uma área que não seria navegada até o século XVIII, mas com uma singularidade interessante que acrescenta ainda mais perguntas: a precisão de seus contornos é tal que implica que a costa deveria ter sido mapeada antes de ter sido coberta pela grande barreira de gelo que a cobre atualmente. Isso remeteria a origem dos mapas aos tempos pré-históricos, quando os historiadores afirmam que o Homo sapiens vivia em cavernas.

Piri Reis, nascido em Gallipoli em 1465, foi um navegador de reconhecido prestígio como geógrafo e cartógrafo em sua época. Seu mestre de navegação era seu tio Kernal Reis, um dos piratas mais temidos dos mares conhecidos, e ele se tornou almirante de toda a frota otomana em uma época em que o crescente muçulmano e a cruz cristã lutavam pelo controle do Mediterrâneo. Sua morte trágica no cadafalso, aos 89 anos, por ordem do governador do Egito, Ali Baja, pôs fim à sua vida fascinante. Piri Reis nos deixou, além de seus mapas repletos de dados e questões não resolvidas, um manuscrito, o Kitab-i-Bahriye ou Livro para Navegadores. Na página 68, dedicada aos mares desconhecidos, lemos o seguinte, que acrescenta ainda mais mistério, se possível, aos estranhos fenômenos que ocorrem nas áreas polares.

*Compreende bem isto. A terra da escuridão ficará para trás.
Não te surpreendas com estas palavras. Um barco que
penetra
no escuro não permanece assim.*

*Ao chegar lá, toda a sua tripulação pereceria.
E a razão para isso é que nenhum navio pode chegar aos
polos do mundo.
Pode seguir esse caminho, mas não pode passar do paralelo
55,
nem mesmo por um grau.
A escuridão está nos polos do mundo, tanto ao norte como
ao sul.
Não te enganes. A escuridão no norte é sobre a terra.
A do sul é sobre o mar.
Agora sabes onde está a escuridão: uma está sobre o mar.
E a outra está sobre a terra....*

A esta altura, você já deve ter adivinhado que o terreno onde o jogo está sendo jogado para colocar os portais para o mundo subterrâneo está localizado nos polos do planeta. Você se lembra da localização geográfica onde Júlio Verne colocou seu portal para o interior da Terra? Em um vulcão na Islândia, uma ilha localizada geograficamente entre o Oceano Atlântico Norte e o Oceano Ártico. A escolha de Verne dessa área do planeta como porta de entrada para o interior é tão profética quanto muitas de suas obras?

Temos que voltar até 1692 para encontrar o primeiro artigo sobre a Terra oca, escrito pelo famoso astrônomo e matemático inglês que deu nome ao cometa, Sir Edmund Halley. Newton também era um fervoroso defensor dessa teoria. Leonhard Eulers, um gênio da matemática do século XVII, também defendia o modelo de uma Terra oca, aberta nos polos, com um sol central e habitada.

No início do século XIX, a teoria da Terra oca gozava de grande popularidade nos Estados Unidos da América, o que levou o ex-capitão de infantaria do exército John Cleves Symmes, em 10 de abril de 1818, em Saint Louis, Missouri, a declarar que a Terra era oca e habitada internamente, contendo várias esferas concêntricas sólidas, localizadas uma dentro da outra; e que ela era aberta nos polos, do décimo segundo ao décimo sexto graus, por meio do qual ele se comprometeu a provar a realidade de sua afirmação, estando disposto a explorar o interior da Terra,

se o mundo consentisse em ajudá-lo em seu empreendimento. A controvérsia continuou até o início do século XX, quando o modelo da Terra sólida prevaleceu.

Pessoalmente, não gosto do termo "Terra oca", pois ele dá a impressão de que o globo terrestre está completamente vazio por dentro. Gostaria de esclarecer que o que estou propondo é um certo grau de vazio, mais ou menos, suficiente para suportar a vida, os mares e os continentes, mas não um vácuo total. Sei que a maioria das pessoas acha que isso é uma loucura sem qualquer fundamento, mas é interessante conhecer a resposta dada pela Sociedade Geológica Britânica quando, no final do século XX, foi questionada sobre a controvérsia de a Terra ser oca ou sólida, respondendo que havia dezenas de elementos contra a Terra ser oca, mas, ao mesmo tempo, disse que havia centenas de elementos contra a possibilidade de uma Terra sólida.

Como já disse, não há certeza científica de que a Terra seja sólida, por mais que seus defensores zombem do contrário. Quais são os principais argumentos nos quais a ciência oficial baseia sua suposição de que a Terra não é oca? Vejamos o que Jan Lamprecht, em seu livro de 1999, *Hollow Planets: A Feasibility Study of Possible Hollow Worlds*, tem a dizer sobre isso.

A Lei da Gravitação Universal de Newton tornou possíveis as viagens espaciais e os satélites. A ciência usa essa fórmula para medir com precisão a gravidade no sistema solar e no espaço sideral, mas ela não foi testada em outros lugares. A gravidade continua sendo uma grande incógnita, pois já se passaram mais de trezentos anos desde que Newton desenvolveu sua fórmula e ainda não sabemos o que causa a gravidade.

El sistema del mundo

Ley de gravitación universal

The diagram shows the formula for the Law of Universal Gravitation with labels in Spanish pointing to its components:

- fuerza de atracción** (force of attraction) points to F .
- constante de gravitación universal** (universal gravitational constant) points to G .
- masa del cuerpo 1** (mass of body 1) points to m_1 .
- masa del cuerpo 2** (mass of body 2) points to m_2 .
- dividido entre** (divided by) points to the denominator d^2 .
- cuadrado** (square) points to the exponent 2 in d^2 .
- distancia entre los cuerpos** (distance between the bodies) points to d .

$$F = G \frac{m_1 m_2}{d^2}$$

Quando a fórmula foi usada para determinar a massa da Terra, presumiu-se que, para cada unidade de massa M no interior da Terra, a Terra exerce uma força de atração F , mas o intervalo válido para a gravidade newtoniana permanece desconhecido. Na fórmula de Newton, G é a constante gravitacional universal. Presume-se, e "presume-se" é a palavra certa, que cada unidade de massa M exerce a mesma força F , independentemente do local do Universo em que isso ocorra.

Da mesma forma, com relação à questão de a Terra ser sólida ou oca, também se supõe ser verdade, embora sem base, que cada unidade de massa M exerce a mesma força F , independentemente de isso acontecer na superfície da Terra ou em suas profundezas. A ciência oficial usa o experimento de "balança de torção" de Cavendish para determinar a massa da Terra, presumindo que cada partícula exerce uma força constante sobre todas as outras partículas. Essa suposição exclui o fato muito provável de que as partículas próximas à superfície de um planeta podem exercer uma força maior do que as partículas nas profundezas de seu interior.

A chave mestra de nossa gravidade é a massa da Terra, portanto, se a massa do planeta tiver sido calculada incorretamente, o mesmo acontecerá com as estimativas feitas para outros corpos planetários no Universo. Se a massa da Terra tiver sido exagerada, o mesmo acontecerá com a massa dos planetas do sistema solar. Portanto, se a Terra fosse oca, em um grau maior ou menor, o mesmo poderia acontecer com o restante dos planetas do sistema solar. Agora, como podemos ter certeza de que a Terra tem, na realidade, a massa admitida pela fórmula da Gravitação Universal Newtoniana? Como a gravidade é uma força tão fraca, um experimento realizado com duas bolas de chumbo pode ser considerado suficientemente representativo para extrapolar suas conclusões e valores para todo o planeta Terra? Especialmente se acrescentarmos que, no caso do nosso planeta, há também uma carga elétrica que deve ser levada em conta, bem como forças magnéticas e eletromagnéticas que são muito mais fortes do que a própria força da gravidade e que a teoria atual não leva em conta.

Sismologia é um ramo da geofísica que estuda terremotos e a propagação de ondas mecânicas (sísmicas) geradas no interior e na superfície da Terra, bem como em outros corpos planetários. É a única maneira confiável de descobrir o que está acontecendo sob nossos pés. No entanto, é necessário levar em conta novamente o que foi dito nos parágrafos anteriores, porque a velocidade com que as ondas sísmicas viajam sob a superfície é deduzida do entendimento adequado da estrutura da Terra, algo que, como vimos, é baseado na fórmula da gravidade newtoniana.

Então, caro leitor, você percebe que isso é suposição em cima de suposição. Suposições demais... O fato inegável é que, no momento, não há como ter certeza de que as ondas sísmicas atingem determinadas profundidades da Terra ou que viajam em tais velocidades. Da mesma forma, também não há como ter certeza de que as mudanças na velocidade das ondas sísmicas são causadas por mudanças na constituição interna da Terra, como afirmam os cientistas.

A visão atual do interior da Terra pode estar distorcida e não ser correta, como evidenciado pelo fato de que muitas das mudanças estruturais que os cientistas previram, em profundidades de apenas alguns quilômetros, se mostraram erradas. Se esses erros já aconteceram, com base no

conhecimento atual, podemos confiar em previsões, feitas com base nos mesmos princípios, que já se mostraram ineficientes, especialmente quando se trata de estruturas rochosas com centenas e milhares de quilômetros de profundidade? O fato é que a profundidade máxima que o homem já atingiu é de cerca de 50 quilômetros... Todo o resto é adivinhação.

Geologia é a ciência que estuda a composição e a estrutura interna da Terra ou de outros corpos planetários, as rochas que os formam e os processos pelos quais eles evoluíram. Ela desempenha um papel fundamental na engenharia geotécnica e é uma das principais disciplinas acadêmicas. Mas o que realmente sabemos sobre o interior da Terra de forma confiável? É um equívoco comum pensar que a lava ejetada por erupções vulcânicas vem de um grande reservatório de materiais fundidos que compõe a maior parte do interior da Terra. Pelo contrário, os cientistas descobriram que a lava vem de uma área da crosta terrestre com aproximadamente 35 quilômetros de profundidade. A existência de lava não afeta a transmissão de ondas sísmicas, indicando que a crosta terrestre é essencialmente sólida.

Então, de onde vem o calor necessário para derreter as rochas? Com relação a isso, há duas teorias apresentadas pelos cientistas. Alguns geólogos argumentam que o derretimento de materiais pode ser explicado pela existência de altas concentrações de elementos radioativos em uma determinada área, o que produziria uma temperatura alta o suficiente para derreter as rochas. Essa teoria tem a seu favor o fato de que grande parte da lava é levemente radioativa. A outra teoria diz que o movimento das falhas na terra gera calor por meio do atrito. Há argumentos e fatos para apoiar ambas as teorias. A lava não pode vir do centro da Terra porque, em sua longa jornada até a superfície, ela esfriaria e se solidificaria. Portanto, a lava é um fenômeno próximo à superfície e, por isso, não tem valor para refletir como é o interior da Terra em profundidades superiores a 100 ou 250 quilômetros.

Jan Lamprecht também apresenta alguns argumentos de que a Terra pode ser oca por dentro. Em seu livro, ele fala sobre o que os sismólogos chamam de "zona de sombra", um termo usado para descrever áreas da Terra onde os sismógrafos não detectam ondas P e S, como regiões no núcleo da Terra, a certas distâncias do epicentro de um terremoto ou no

ponto da superfície da Terra diretamente acima de um terremoto. Lamprecht conclui que a razão mais provável pela qual esses tipos de ondas não são detectados pelos sismógrafos é que eles não conseguem penetrar na área porque simplesmente não há nada sólido para penetrar (a sismologia não funciona em meios gasosos).

Ele também explica a existência do campo geomagnético da Terra com base em um efeito de dínamo de contração de spin que passa pela combustão de um núcleo de hidrogênio. Ele argumenta que, como o hidrogênio é o mais leve de todos os elementos, se aplicarmos o teorema da concha de Newton e fizermos com que o valor de g no centro seja igual a zero, o hidrogênio se espalharia naturalmente no centro e entraria em combustão, queimando de forma semelhante à do Sol.

Alguns argumentariam que, se realmente houvesse grandes portais para o interior da Terra nos polos, os pilotos das companhias aéreas que voam em suas rotas transpolares teriam visto algo. E, embora seja verdade que algumas companhias aéreas fazem essas rotas, não é menos verdade que elas voam a uma grande distância do Polo Norte ou do Polo Sul, pois, se não o fizessem, haveria uma interferência muito séria em seus instrumentos de navegação aérea, com o consequente perigo para a segurança. Também é preciso dizer que o clima da região, com sua disposição especial de camadas de nuvens, neblina e tempestades de neve, não permite condições adequadas de visibilidade. Todos nós sabemos como é difícil distinguir objetos claramente em mar aberto ou em grandes extensões de neve ou gelo.

Pense que no Canadá há vastas extensões de terreno congelado que permanecem inexploradas. E o que aconteceria se um avião sobrevoasse a área? O que aconteceria se fossem tiradas fotografias aéreas em um desses raros dias de visibilidade? As fotografias mostrariam reflexos e miragens causados pela neve e pelo gelo. Poderiam também mostrar pontos escuros ou sombras estranhas sem definição e concretude suficientes para mobilizar uma investigação nessa direção. O fato é que ainda há grandes áreas do nosso planeta que são praticamente inexploradas, incluindo os dois polos e alguns desertos e selvas.

Uma prova de que, no século XXI, ainda é possível fazer descobertas incríveis que, surpreendentemente, permaneceram ocultas da visão humana, é a espetacular caverna Hang Son Doong, no Vietnã, descoberta por um pastor em 1991 que, com medo do som que vinha de suas entranhas, manteve o segredo até 2009, quando a descoberta foi tornada pública. É a maior caverna conhecida e consiste em vários túneis que interconectam uma infinidade de cavernas, uma selva e um rio interior. A caverna tem mais de seis quilômetros de comprimento e uma altura média de duzentos metros, chegando a duzentos e cinquenta metros em algumas seções. A expedição liderada por Howard e Deb Limbert, no entanto, se deparou com uma enorme parede de calcita que os impediu de continuar sua jornada por enquanto, deixando em aberto a possibilidade de que a extensão da caverna seja ainda maior do que a conhecida até agora. E isso é apenas um grão de areia no deserto do que ainda pode ser descoberto.

Alguns dizem que, se houvesse um grande orifício de entrada nos polos, alguns dos exploradores que fizeram expedições à área o teriam encontrado. As coisas não são tão simples assim, como mostra o exemplo acima da descoberta da caverna vietnamita. A caverna Son Doong escapou da descoberta em expedições anteriores de exploração de cavernas na região por estar muito longe da estrada e completamente coberta pela vegetação rasteira da selva. De acordo com Spillane, um membro da expedição britânica: "É preciso estar muito perto da caverna para encontrá-la. E é certo que em expedições anteriores as pessoas passaram a algumas centenas de metros da entrada sem notá-la. Como você pode ver, a ideia de que o planeta Terra é perfeitamente conhecido e que não há nada de espetacular a ser descoberto não é correta. Mas se o exemplo anterior pode parecer pouco representativo, prepare-se para a natureza espetacular do próximo.

A existência do Lago Vostok, localizado a mais de 1.200 quilômetros do Polo Sul, foi sugerida no final da década de 1950 pelo cientista russo Andrei Kapitsa. Posteriormente, a existência de um lago subterrâneo foi confirmada por cientistas russos e britânicos em 1996, combinando dados de várias fontes, como observações de radar aéreo e altimetria de radar do espaço. O lago subterrâneo é coberto por 3.700 metros de gelo antártico e mede cerca de 250 quilômetros de comprimento por 50 quilômetros de largura, com uma profundidade média estimada em 344 metros.

Em fevereiro de 2012, de acordo com a revista Scientific American, uma equipe de cientistas e engenheiros russos conseguiu perfurar a água do lago subglacial pela primeira vez. A descoberta espetacular foi possível graças ao uso de um veículo operado remotamente (ROV). A descoberta, publicada recentemente na PLoS Biology por uma equipe de pesquisadores das Universidades de Oxford e Southampton, em colaboração com o British Antarctic Survey (BAS), revela a existência, não de uma nova espécie, mas de um ecossistema totalmente novo, com comunidades inteiras de espécies desconhecidas, sob o gelo perpétuo da Antártica. Graças ao calor das fontes hidrotermais no fundo do mar, um ambiente único é criado em um ambiente de completa escuridão, onde a luz do sol não chega. Ele inclui novas espécies de caranguejos, estrelas-do-mar, cracas, anêmonas e o polvo albino, entre muitos outros. Nessa área existem fontes hidrotermais (chaminés negras) nas quais as temperaturas atingem até 382 graus Celsius.

O professor Alex Rogers, do Departamento de Zoologia da Universidade de Oxford, principal autor do estudo, diz que "as fontes hidrotermais são o lar de animais que não são encontrados em nenhum outro lugar do planeta e que obtêm sua energia não do sol, mas de compostos químicos como o sulfeto de hidrogênio (ou sulfeto de hidrogênio)". O primeiro estudo dessas fontes, no Oceano Antártico, revelou "um mundo perdido, escuro e quente, no qual prosperam comunidades inteiras de organismos marinhos até então desconhecidos".

Os pesquisadores estão surpresos por não terem encontrado nenhuma das espécies comuns em fontes hidrotermais nos oceanos Pacífico, Atlântico ou Índico. Rogers e sua equipe acreditam que as diferenças entre os grupos de animais encontrados na Antártica e os encontrados em todos os outros oceanos são evidências de que as fontes hidrotermais podem ter uma diversidade e complexidade muito maiores do que se pensava. Essas descobertas", diz Rogers, "são mais uma demonstração da maravilhosa diversidade que pode ser encontrada nos oceanos do mundo. Para onde quer que olhemos, desde os ensolarados recifes de coral dos mares tropicais até essas fontes termais sob a Antártica, atoladas na escuridão eterna, encontramos ecossistemas únicos que precisam ser compreendidos e protegidos.

Alguém teria imaginado, há apenas alguns anos, a possibilidade de encontrar um lugar, localizado na parte mais fria do planeta, com temperaturas seis vezes mais altas do que as atingidas nos desertos mais quentes? Alguém teria pensado na possível existência de um lago de tais dimensões escondido na Antártida? Essa é mais uma evidência de como os argumentos em que se baseiam certas ideias pseudocientíficas, que afirmam a impossibilidade de existência nos polos, de entradas para o interior da Terra e da impossível existência de vida no interior do planeta, são frágeis diante dos fatos.

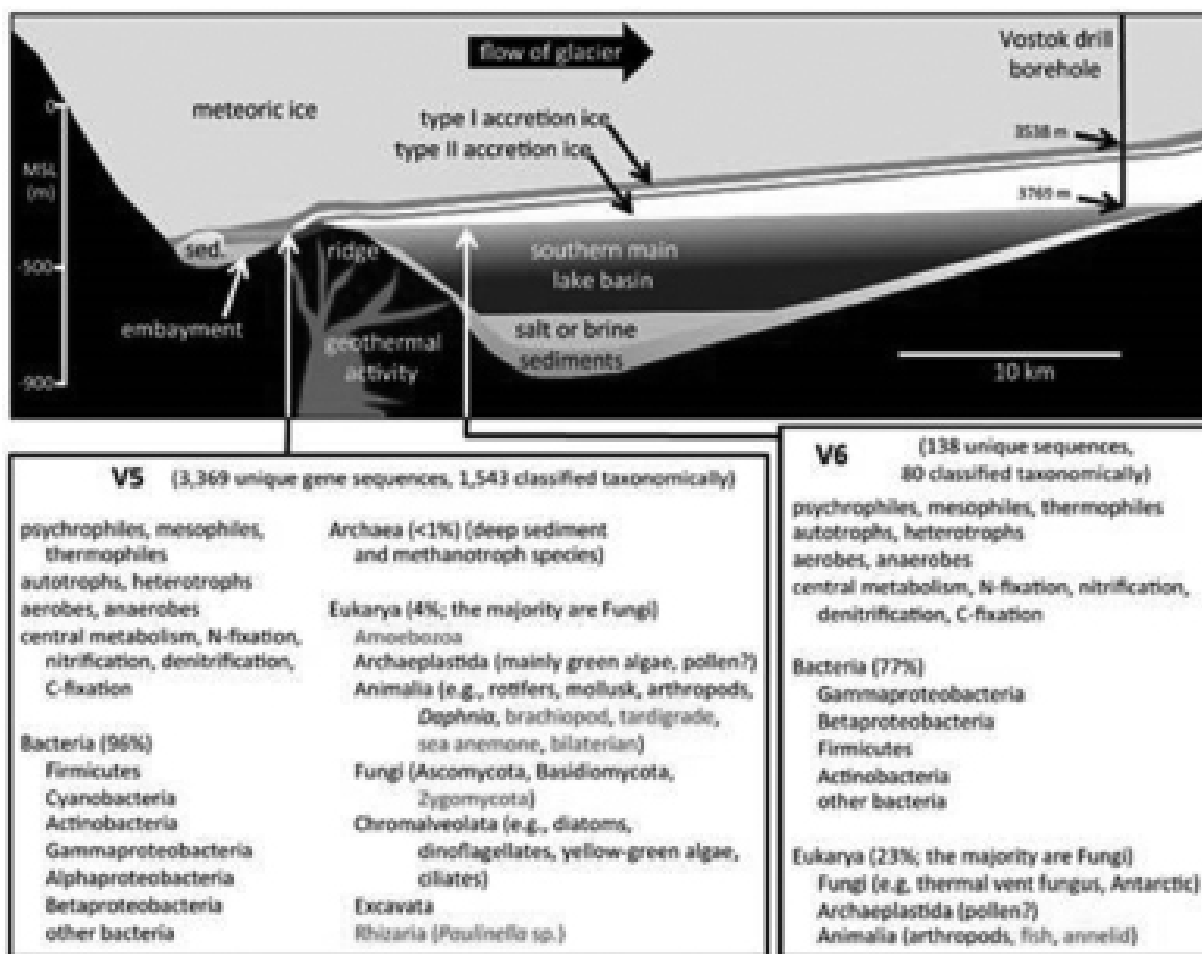


Figura 12.3 O ecossistema do Lago Vostok

Sempre fui fascinado pela maneira como a sociedade científica apresenta como rigoroso e verdadeiro algo que mais tarde se mostrará falso. A história está repleta de centenas de exemplos, alguns dos quais discuti no

primeiro capítulo. A maioria das pessoas aceita o que é ensinado e transmitido pela mídia oficial e faz isso porque é confortável acreditar no que todos acreditam e pensar como todos pensam. Quem vai contra a corrente dominante, além de sofrer um custo maior de energia, corre o risco de ser rotulado com diferentes denominações desqualificantes.

Os cientistas que defendem o paradigma atualmente dominante tomam como prova de que a Terra não é oca os resultados dos furos de sondagem que foram perfurados. Essas amostras de furos de sondagem, que não são mais profundas do que 1% do diâmetro do planeta, mostram que a Terra é sólida em uma determinada profundidade e em certos lugares, mas não excluem outras áreas ou profundidades maiores. Da mesma forma, verifica-se que a temperatura aumenta à medida que o furo de sondagem se aprofunda. A partir disso, infere-se que a Terra deve ser sólida até o núcleo e que as temperaturas devem estar aumentando gradualmente até atingirem determinados níveis no interior. Isso é pura suposição, baseada em medições feitas em uma base de dados insuficiente. Seria algo como afirmar que o corpo humano não tem um sistema circulatório pelo qual o sangue flui, com base no fato de que foram feitas incisões de um milímetro na pele de vários indivíduos e nenhum vestígio do precioso líquido vital aparece. Da mesma forma, as perfurações que foram feitas são extremamente superficiais e em número reduzido em comparação com o tamanho do planeta. Mas será que a ciência oficial pode responder às seguintes perguntas com rigor científico?

Por que os icebergs são compostos de água doce e por que foram encontradas pedras, areia, sementes tropicais, plantas e árvores neles?

Por que milhares de espécies de pássaros tropicais vão para o norte no inverno?

Como podemos explicar o fato de borboletas e abelhas terem sido encontradas além das barreiras de gelo do Ártico? Como elas poderiam ter resistido ao frio se tivessem vindo do sul?

Como surgiu a grande plataforma de gelo da Antártica, com mais de 650 quilômetros de comprimento e 80 quilômetros de largura, com uma altura

de 20 a 70 metros acima da água? Alguém ousa sugerir que essa massa é produto da chuva e da neve?

Por que, de acordo com todos os exploradores do Ártico, depois de cruzar 70 graus de latitude, o vento do norte e as águas se tornam mais quentes à medida que se aproximam do Polo Norte?

Tentarei esclarecer essas questões. A ciência diz que há dois pontos cardeais, o Polo Norte e o Polo Sul, que são o local onde todos os meridianos se cruzam, mas nenhuma expedição jamais chegou a esses pontos. O que sabemos é que houve expedições que chegaram perto dos polos, viajando muitos quilômetros, perdidas sem saber exatamente onde estavam. Em 1906, William Reed publicou o livro *The Phantom of the Poles* (O fantasma dos polos), no qual resumiu a teoria da Terra oca: A Terra é oca. Os polos há muito procurados são fantasmas inexistentes. Há aberturas nas extremidades norte e sul, e no interior há vastos continentes, oceanos, montanhas e rios. A vida vegetal e animal é evidente nesse novo mundo, e é provável que ele seja habitado por raças desconhecidas dos habitantes da superfície.

Reed ressalta que a Terra não é uma esfera verdadeira, mas é achatada nos polos, que não existem de fato porque há aberturas para o interior da Terra, razão pela qual os polos geográficos estariam localizados no ar e não na superfície. Esse comentário parece razoável à luz das novas pesquisas e descobertas russas sobre o Polo Norte Magnético, que levaram à conclusão de que a dificuldade em localizar um ponto estável e fixo para o Polo Norte Magnético pode ser devida ao fato de que ele não é um ponto fixo, mas infinitos pontos que formam uma linha circular de pelo menos 1.600 quilômetros de comprimento. De acordo com isso, qualquer ponto desse círculo poderia ser chamado de Polo Norte Magnético, já que nesses locais a agulha da bússola apontaria para baixo e, dessa forma, quando exploradores ou pilotos acreditam que estão chegando ao ponto mais ao norte, é porque suas bússolas os confundem com seu comportamento estranho, quando na realidade estariam na borda das concavidades polares, que é onde o círculo que forma o verdadeiro Polo Norte Magnético estaria localizado, de acordo com as últimas pesquisas dos russos. Seria interessante organizar uma expedição que viajasse em linha reta em direção

ao norte e que continuasse viajando nessa direção depois que a bússola sinalizasse que ela havia alcançado o Polo Norte Magnético.

É um fato inegável que os icebergs são compostos de água doce e, como as condições no Oceano Ártico, ao norte, e no Oceano Antártico, ao sul, mostram que é impossível que eles sejam compostos de água doce, conclui-se que eles devem ser compostos de água de outras fontes além do mar salgado. A diferença entre a água do mar e a água dos rios é que a primeira é salgada, enquanto a segunda é doce. Até o momento, não foram encontrados rios nas regiões polares. De fato, parece loucura pensar nisso, mas faria sentido se realmente existissem entradas e saídas do interior do planeta nas regiões polares, por onde fluiria a água quente dos rios subterrâneos e que, ao chegar ao exterior do planeta e ser submetida às temperaturas congelantes da região, se solidificaria na forma de icebergs. Nesse sentido, a descoberta do lago subterrâneo Vostok sob a superfície da Antártica, com seu ecossistema tropical e fontes hidrotermais que atingem temperaturas de 382 graus Celsius, representa uma evidência inegável em apoio a essa linha de pesquisa.

Em defesa da tese de que os icebergs de água doce não se formam na parte externa da Terra, mas provêm de rios de água doce em seu interior, Reed cita as palavras do explorador antártico Louis Bernnachi: "Houve menos de cinco centímetros de precipitação em onze meses e meio e, embora nevasse com frequência, nunca subiu mais do que isso. Sob tais condições... Como um iceberg poderia se formar?"

No entanto, é lá que se encontra a maior do planeta. A Grande Plataforma de Gelo, com mais de 650 quilômetros de comprimento e 80 quilômetros de largura, e que se projeta de 25 a 70 metros acima do nível da água. Portanto, encontramos icebergs de água doce no meio de um oceano de água salgada, em uma área do planeta onde a precipitação é bastante escassa, um verdadeiro mistério. De onde vem a água doce que produz grandes quantidades de icebergs?

E o que dizer da descoberta de sementes tropicais congeladas nesses icebergs? A ciência oficial resolve o mistério argumentando que essas sementes vêm da era paleozóica, quando a área polar estava sob condições

climáticas tropicais. Isso foi há 290 milhões de anos e, desde então, houve centenas de eras glaciais e degelos. Justificar o fato de que, por essa razão, sementes e troncos ainda são encontrados nos icebergs dos polos atuais é omitir todas essas glaciações que ocorreram ao longo desses milhões de anos, ou tentar explicar a origem dos bebês graças à existência de cegonhas vivendo em Paris.

Outro fenômeno significativo é a presença de areia e rochas nesses icebergs, bem como o fenômeno da neve colorida. Deve-se observar que esse fenômeno não é exclusivo das áreas polares, portanto, estudos de caso em outros lugares podem ajudar a entender melhor o que acontece nos polos. Em 2 de março de 2007, os habitantes de cerca de cinquenta vilarejos na região de Omsk, no sul da Sibéria, na fronteira com a República do Cazaquistão, ficaram perplexos com o fenômeno que ocorreu diante de seus olhos. A neve que havia caído na noite anterior não era branca como de costume, mas amarela, chegando ao laranja em alguns lugares, e alguns quilômetros mais ao norte, na região de Tomsk, era até azulada. Eles logo perceberam que a neve tinha uma consistência viscosa e um cheiro desagradável de ovos podres.

Alexei Kisilov, representante do Greenpeace na área, considerou óbvio que o cheiro e a cor da neve denotavam a presença de enxofre, apontando para a possibilidade de que uma pane em uma refinaria de petróleo na área tivesse produzido uma emissão de gás poluente com os efeitos mencionados acima. De acordo com a Proteção Civil, a análise das amostras de neve coletadas mostrou uma alta concentração de ferro, o que os levou a voltar sua atenção para as usinas metalúrgicas da região. Partículas de areia também foram encontradas em locais onde a coloração é laranja. A relativa proximidade do Cosmódromo de Baikonur permitiu que algumas vozes se levantassem argumentando que os lançamentos de foguetes poderiam ter algo a ver com o fenômeno atmosférico colorido, embora a Roscosmos, a agência espacial russa, tenha sido rápida em negar essa possibilidade.

Esse incidente, no qual foi detectada neve suja na Rússia, não é o primeiro nem o único, como foi observado em anos anteriores na região vizinha de Altai ou na ilha de Sakhalin, no Pacífico. Nesse último caso, de acordo com testemunhas, os locais onde a neve derreteu ficaram com manchas amarelas

e um cheiro peculiar de ovos podres. Os especialistas acreditavam que o mistério da neve colorida nada mais era do que uma consequência particular da atividade do vulcão Ebeko na ilha de Paramushir, perto de Sakhalin, já que nas duas semanas anteriores ao fenômeno, esse vulcão expeliu fumaça, gases e cinzas a até dois quilômetros de altura, de modo que poderia ter colorido a neve que caiu sobre a aldeia russa, indicando a cor amarela e o cheiro, a possibilidade da existência, na neve, de partículas de enxofre, um elemento característico da atividade vulcânica.

O fenômeno da neve colorida, nesses casos, parece estar ligado a algum tipo de atividade produzida pela emissão de gases ou materiais do interior da Terra, algo que deve nos fazer pensar quando observamos que um fenômeno semelhante ocorre nas áreas polares, onde não há vulcões conhecidos nas proximidades. Os exploradores do Ártico sempre falam sobre a poeira incômoda e irritante no ar, que é típica das erupções vulcânicas. Por ser de natureza leve, ela é carregada pelo vento e cai sobre os navios, causando grande desconforto aos marinheiros. Quando essa poeira cai na neve, produz neve preta. As análises mostram a existência de carvão e ferro. De onde vêm esses materiais do interior da Terra? De um vulcão que não existe nas zonas polares?

Outro fenômeno intrigante, para a maioria da ciência ortodoxa, é o fato de que, à medida que se avança para o norte, a partir da latitude 70°, a temperatura se torna mais quente, a vegetação é mais viva e a fauna é mais abundante. Como explicar que a temperatura caia até uma determinada latitude norte e, a partir daí, o clima comece a se tornar mais quente? Como se explica que a fonte térmica desse calor não venha do sul, mas de uma série de ventos e correntes do norte, da área formada pelo gelo? Por que há um mar quente no local onde os cientistas esperam encontrar grandes massas de gelo eterno? De onde vem essa água quente?

Alguém poderia dizer: "Bem, tudo isso é muito bom e até me faz pensar que é possível, mas não sejamos ingênuos, é realmente estranho que ninguém tenha descoberto os grandes portais para o interior da Terra, se eles realmente existissem". A resposta pode estar implícita nas seguintes perguntas: Por que o homem teve tanta certeza durante séculos de que a Terra era plana? Por que ele não descobriu, simplesmente olhando ao seu

redor, que a Terra era redonda e que ele vivia na superfície de uma grande esfera?

A resposta a essas perguntas, e também ao mistério em questão, é que o homem é tão pequeno em relação às dimensões da esfera em que habita que, por um efeito óptico, é incapaz de perceber a curva na qual está imerso. Algo semelhante pode estar acontecendo com as expedições em que os exploradores polares nunca alcançam o Polo Norte e vagam perdidos em terras desconhecidas. Eles navegam até a borda externa da abertura polar, mas essa abertura tem dimensões tais que a curva descendente para dentro não é perceptível para eles. Seu diâmetro é tão amplo que não é visível para eles.

O Secretário-Geral da ONU, Ban Ki-moon, declarou em setembro de 2009 que "o Ártico está se aquecendo mais rapidamente do que qualquer outro lugar do planeta e pode ficar sem gelo até 2030". De acordo com dados fornecidos pela NASA, até alguns anos atrás, o gelo perene cobria de 50 a 60% do Ártico; em 2010, a área coberta havia diminuído para menos de 30%. O declínio reflete a tendência do aquecimento global, de acordo com a agência espacial dos EUA. Dessa forma simples e com declarações subsequentes, a grande maioria das autoridades políticas e científicas ecoa a teoria politicamente correta e da moda, mas cientificamente infundada, da chamada mudança climática e do aquecimento global devido à emissão de gases poluentes na atmosfera como resultado da atividade humana.

Que eu não seja mal interpretado, pois não quero dizer que o tipo e a quantidade de gases emitidos pela atividade humana não devam ser regulados, o que sempre será benéfico para os habitantes do ecossistema da Terra. Todo o cuidado que tivermos será sempre pouco benéfico para os habitantes atuais e futuros do planeta azul. Mas isso é uma coisa, e outra bem diferente é afirmar, com base em modelos climáticos e computacionais frágeis, que é a emissão desses gases que está causando a mudança climática e o derretimento do gelo do Ártico.

Provavelmente não há heresia maior do que questionar o papel do CO₂ no aumento das temperaturas. No entanto, Henrik Svensmark, diretor do Centre for Sun and Climate Research em Copenhague, propõe a atividade

solar e a radiação cósmica como os dois fatores fundamentais que estão influenciando o suposto aquecimento da superfície da Terra, muito antes dos gases produzidos pela atividade humana. Com base na pesquisa de Henrik Svensmark, *The Chilling Stars: A Cosmic view of Climate Change* desenvolve uma nova e brilhante teoria que trouxe ar fresco à questão politicamente correta do aquecimento global. Nigel Calder e o próprio Svensmark explicam como uma interação entre a ação do Sol e os raios cósmicos - partículas subatômicas originárias da explosão de estrelas - parece ter mais efeito sobre o clima do que o dióxido de carbono produzido pelo homem. Pessoalmente, fico muito satisfeito em ver que alguns cientistas estão começando a despertar do sono plácido de Morfeu, o que acabará levando a uma compreensão mais profunda do papel da estrela solar em muitos aspectos até então desconhecidos. Convido todos os interessados em conhecer uma visão diferente da oficial sobre o papel do Sol a ler o Apêndice B, Estação Final: O Sol, no final deste livro.

Não é científico afirmar que o aquecimento global causado pelo homem está causando o derretimento do Ártico, quando isso não está correto. Basta voltar algumas páginas e dar uma olhada no mapa de Mercator do Ártico, feito no século XVII. Qualquer pessoa pode ver que a calota de gelo do Ártico, essa enteléquia que alguns cientistas dizem ter desaparecido nos últimos anos devido ao aquecimento global, não existia mais na época em que o mapa foi feito. E isso foi há 400 anos, quando as emissões humanas de gases poluentes eram praticamente inexistentes no planeta. Mercator já ilustrou um mapa da área do Ártico em que não há permafrost e um enorme oceano cercado de gelo, o que indica que as coisas não parecem ter mudado muito desde então. Como você explica Mercator ter desenhado esse mapa há 4 séculos?

Todos os anos, cada vez mais turistas vão até o ponto mais ao norte dos países escandinavos, perto do Ártico, para observar uma das maravilhas da natureza. É um fenômeno luminescente que pode ser visto com mais frequência em noites claras em locais próximos aos polos, por isso é chamado de "aurora polar". A variedade de tons azuis, esverdeados e avermelhados, bem como a velocidade vertiginosa com que se desenvolve, criam um espetáculo de tirar o fôlego. As melhores épocas para observá-la

são entre setembro e março no hemisfério norte, e entre março e setembro no hemisfério sul.

No hemisfério norte, ou na área do Polo Norte, ela é chamada de "aurora boreal". A etimologia do nome vem de "Aurora", a deusa romana do amanhecer, e da palavra grega "Bóreas", que significa norte. Na Europa, ela geralmente aparece no horizonte com uma tonalidade avermelhada, como se o sol estivesse emergindo de um lugar incomum. No hemisfério sul, ou na área do Polo Sul, é chamada de "aurora austral". A ciência explica que esse fenômeno ocorre quando uma ejeção de vento solar carregada de íons colide com os polos do campo magnético da Terra, colidindo com átomos e moléculas de oxigênio e nitrogênio nas camadas superiores da atmosfera e liberando sua energia na forma de luzes visíveis nos céus acima dos polos.

Marshall B. Gardner, um americano, passou mais de vinte anos estudando os relatórios dos exploradores do Ártico, bem como vários aspectos astronômicos, antes de publicar seu livro *A Journey into the Interior of the Earth*. Ele observou muitos fenômenos estranhos e elaborou novas teorias para explicá-los. Gardner defende a existência de um sol central no interior da Terra, o que explicaria a origem das altas temperaturas na área, bem como o fenômeno da aurora boreal. Ele também afirma que não apenas a Terra, mas todos os planetas do sistema solar, têm interiores ocultos e sólidos centrais. Ele argumenta que a formação original dos planetas se deveu a uma nebulosa giratória e que, como resultado da força centrífuga de sua rotação, os elementos constituintes foram lançados para fora, formando assim uma crosta sólida na superfície externa de cada planeta, deixando o interior vazio. Seguindo o mesmo argumento, devido à força de rotação e movimento no espaço, as aberturas nas extremidades polares foram produzidas.

Para um conhecedor das antigas leis herméticas, isso não é nada surpreendente e, ao mesmo tempo, está muito alinhado com as modernas teorias científicas sobre fractais que estão recuperando essa antiga sabedoria nos tempos atuais. O termo "fractal" foi proposto pelo matemático Benoit Mandelbrot em 1975 e deriva do latim *fractus*, que significa quebrado ou fracionário. Os fractais podem ser definidos como objetos geométricos complexos cujas partes são semelhantes ao todo. Outra maneira de explicar

isso seria como uma forma geométrica que permanece inalterada, independentemente do tamanho. As estruturas fractais são muito familiares, pois a natureza está repleta delas: rios, árvores, nuvens, litorais, montanhas, furacões, células etc.



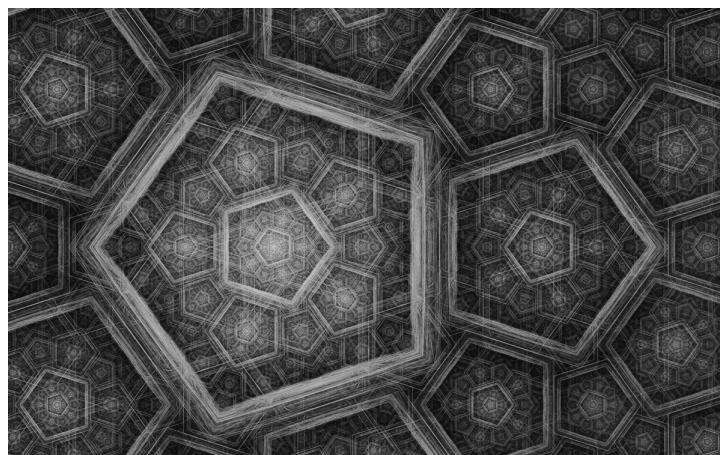


Figura 12.4 Exemplo de estruturas fractais

A física está agora desenvolvendo um princípio chamado "Princípio da Relatividade de Escala" que abrange não apenas o Cosmos, mas também o nível quântico. Laurent Nottale coloca isso da seguinte forma:

As leis da natureza devem ser válidas em qualquer sistema de coordenadas, independentemente de seu estado de movimento e escala.

De acordo com Nottale, toda a teoria quântica, aplicada a moléculas, átomos e partículas subatômicas, é relativista e é possível deduzir as estruturas estelares mais prováveis com base nas condições de seu ambiente. Com esse modelo, que descobre o Universo como uma grande função de onda, o astrofísico conseguiu recuperar as posições de todos os planetas do sistema solar e prever suas novas posições, sem correspondência com nenhum objeto identificado. A descoberta de outros exoplanetas ao redor de outras estrelas, bem como de objetos no cinturão de Kuiper além de Plutão, confirmou os picos de probabilidade das previsões teóricas do Princípio da Relatividade de Escala.

É possível adivinhar as profundas implicações físicas e filosóficas da possibilidade de verificar essa hipótese do Universo Fractal e do Princípio da Relatividade de Escala com novas observações experimentais. Olhando para o passado distante, sentimos vertigem ao observar que o que a ciência

está fazendo é redescobrir algo que já era conhecido na antiguidade remota, renomeando com outras palavras e linguagem algo que já era definido com a simplicidade da sabedoria. Esse é um dos sete princípios herméticos que são conhecidos no Kybalion, um dos melhores escritos sobre a filosofia hermética. Observe a semelhança entre a declaração feita por Nottale e o antigo aforismo, o chamado Princípio da Correspondência.

As leis da natureza devem ser válidas em qualquer sistema de coordenadas, independentemente de seu estado de movimento e escala.

Princípio da Relatividade de Escala

Como acima, assim abaixo; como abaixo, assim acima

Princípio da correspondência

Subjacente a esse caráter fractal do espaço-tempo está o fato de que, em sua formação e nascimento, todas as entidades do mundo físico e toda a matéria viva parecem se construir e emergir de acordo com esse modelo fractal, que afirma que as partes são semelhantes ao todo ou, em outras palavras, que as menores coisas são semelhantes às maiores.

Voltando ao tópico central, em benefício da hipótese de Gardner, é preciso dizer que as nebulosas planetárias geralmente apresentam uma estrutura de concha externa oca, com uma estrela central e aberta nos polos. É amplamente reconhecido que a origem do sistema solar foi em uma nebulosa que se condensou ao esfriar e, por força centrífuga, os planetas e o Sol central foram formados. O que pode ser deduzido disso?

Fazendo uso tanto do Princípio da Correspondência Hermética quanto do Princípio da Relatividade de Escala, pode-se dizer que, conhecendo a maneira como uma nebulosa se formou e sua estrutura, é possível conhecer a maneira como um planeta se forma, bem como sua estrutura. Dessa forma, pode-se concluir que, assim como na formação de nosso sistema solar, parte do fogo original permanece no centro como um Sol, o mesmo seria verdadeiro para a formação de cada planeta. Na formação do sistema

solar, o mecanismo de movimento rotativo jogou as massas mais pesadas para a periferia, resultando na formação dos planetas. O mesmo processo aconteceria com cada planeta individual, fazendo com que as massas mais pesadas fossem empurradas para fora, formando uma camada sólida da crosta terrestre, com um interior menos denso ou até mesmo vazios.

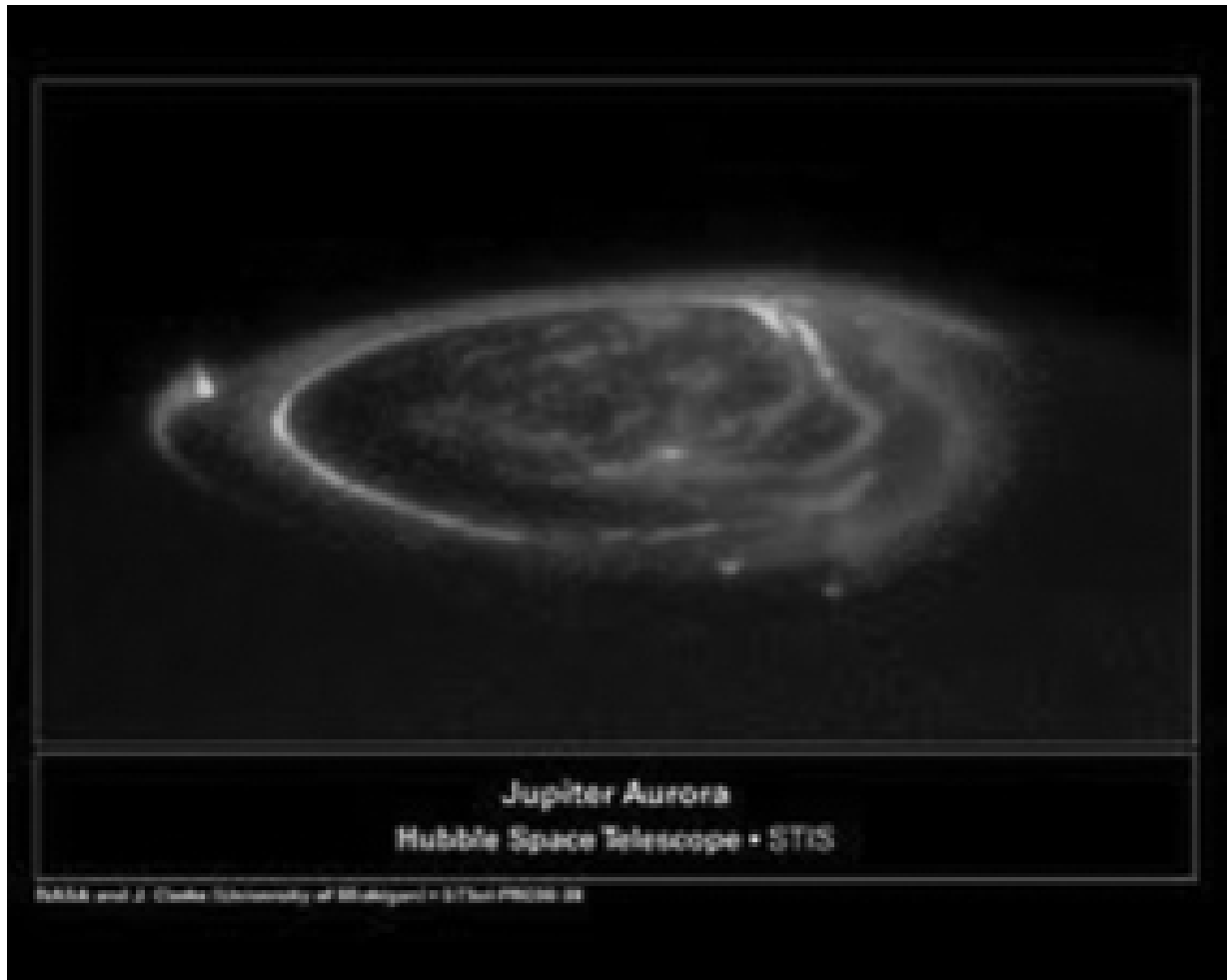


Figura 12.5 Aurora em Júpiter, vista pelo Telescópio Espacial Hubble



Figura 12.6 Imagem de uma nebulosa espiral

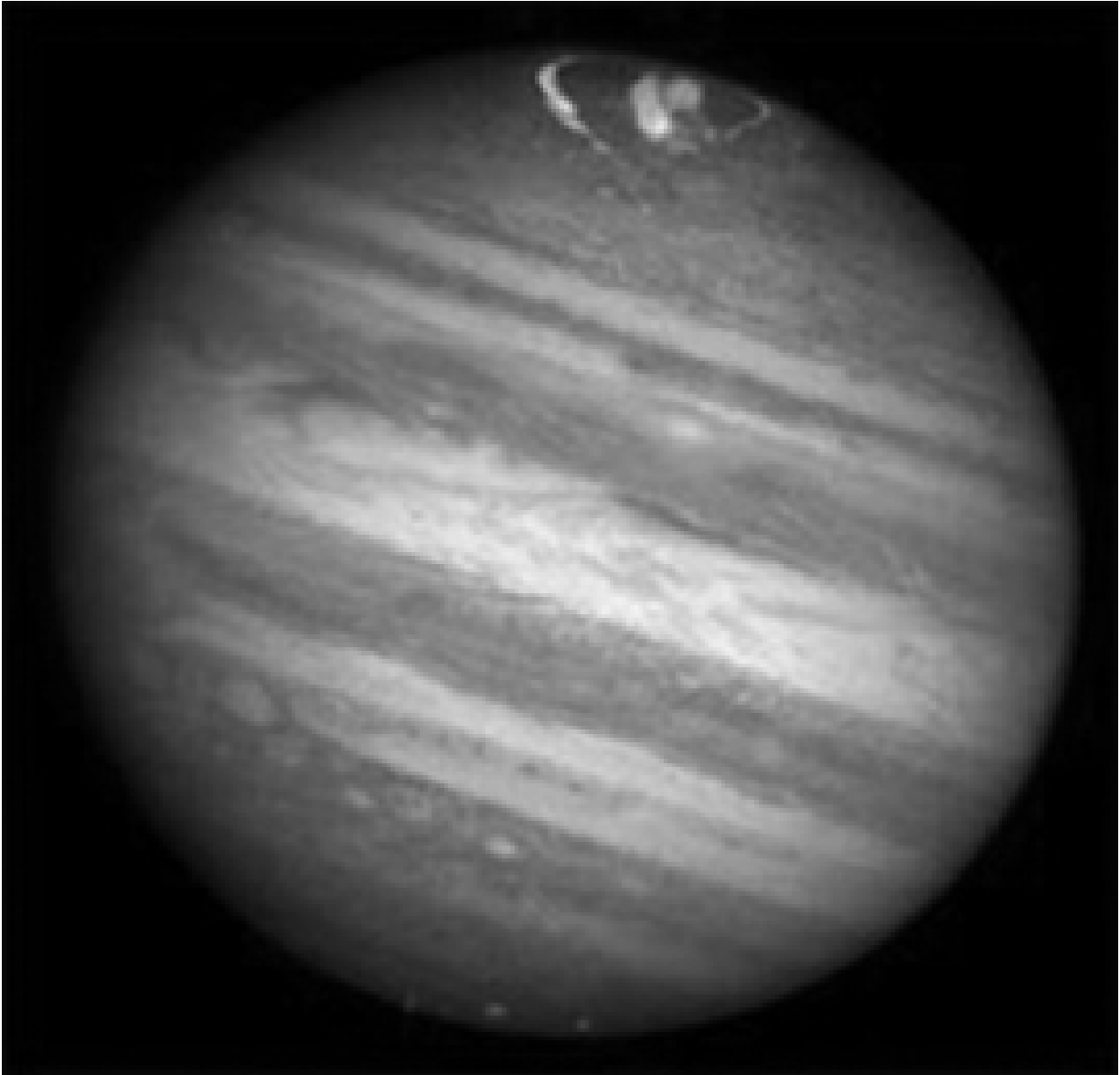


Figura 12.7 Aurora Boreal em Júpiter

Para complicar ainda mais a situação e criar ainda mais controvérsia, há as supostas imagens tiradas por um satélite da NASA. A foto da próxima página foi tirada em 1968 pelo satélite americano Essa 7, na vertical do Polo Sul. Ela mostra a existência de um grande círculo preto, que parece estar escondendo ou censurando algo. A segunda foto é um mosaico de fotos tiradas pelo Dr. David S Johnson, do National Environment Satellite Center, das fotos do Essa. Ela também mostra que a área que coincide com o Polo Norte foi removida sem explicação.

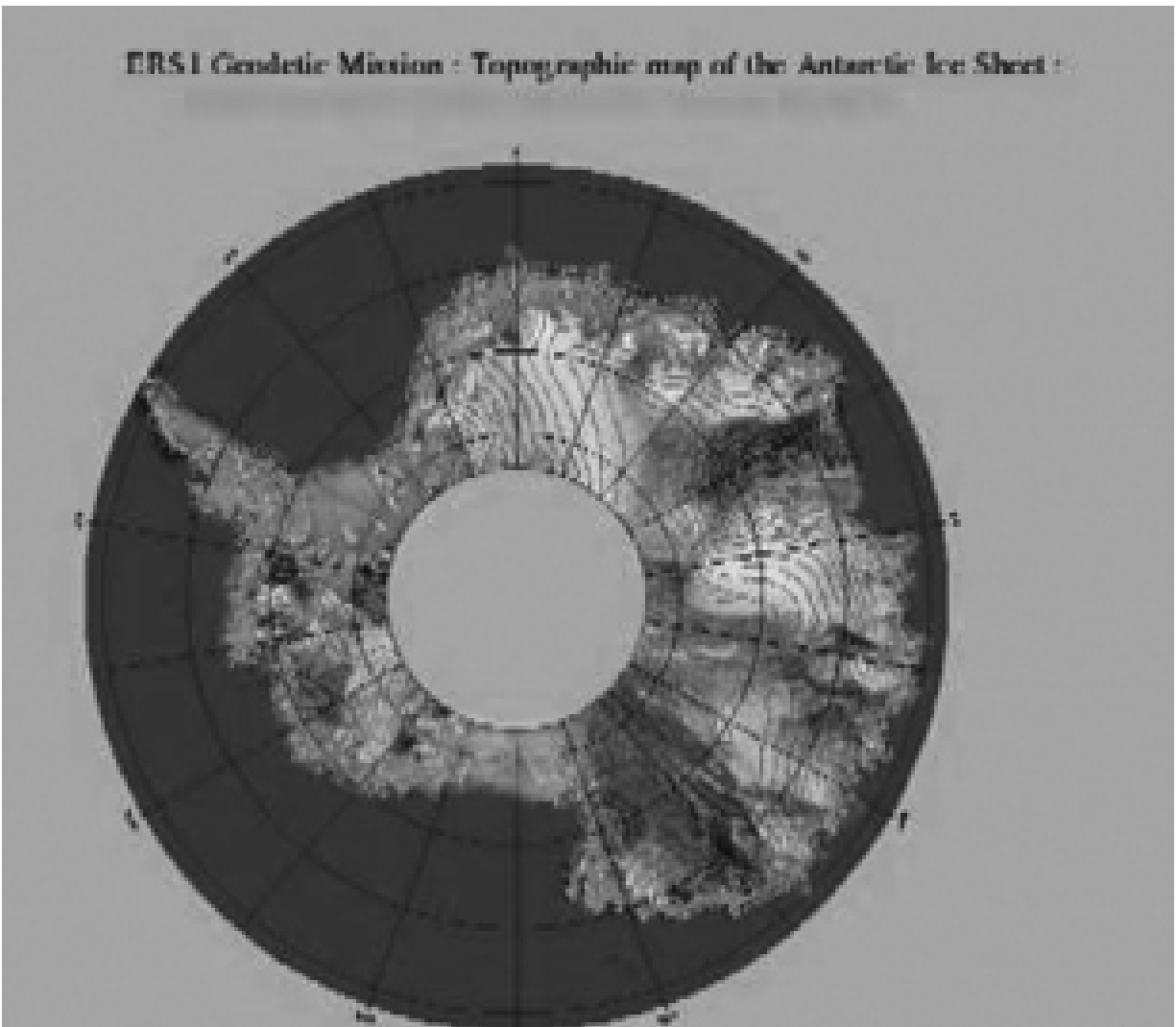


Figura 12.8 Mosaico de fotos do Polo Sul, tiradas do satélite Essa.

A controvérsia sobre as possíveis falsificações da NASA se estende a outros planetas do sistema solar. A imagem a seguir, tirada pela sonda Cassini em 2001, é do planeta Júpiter.

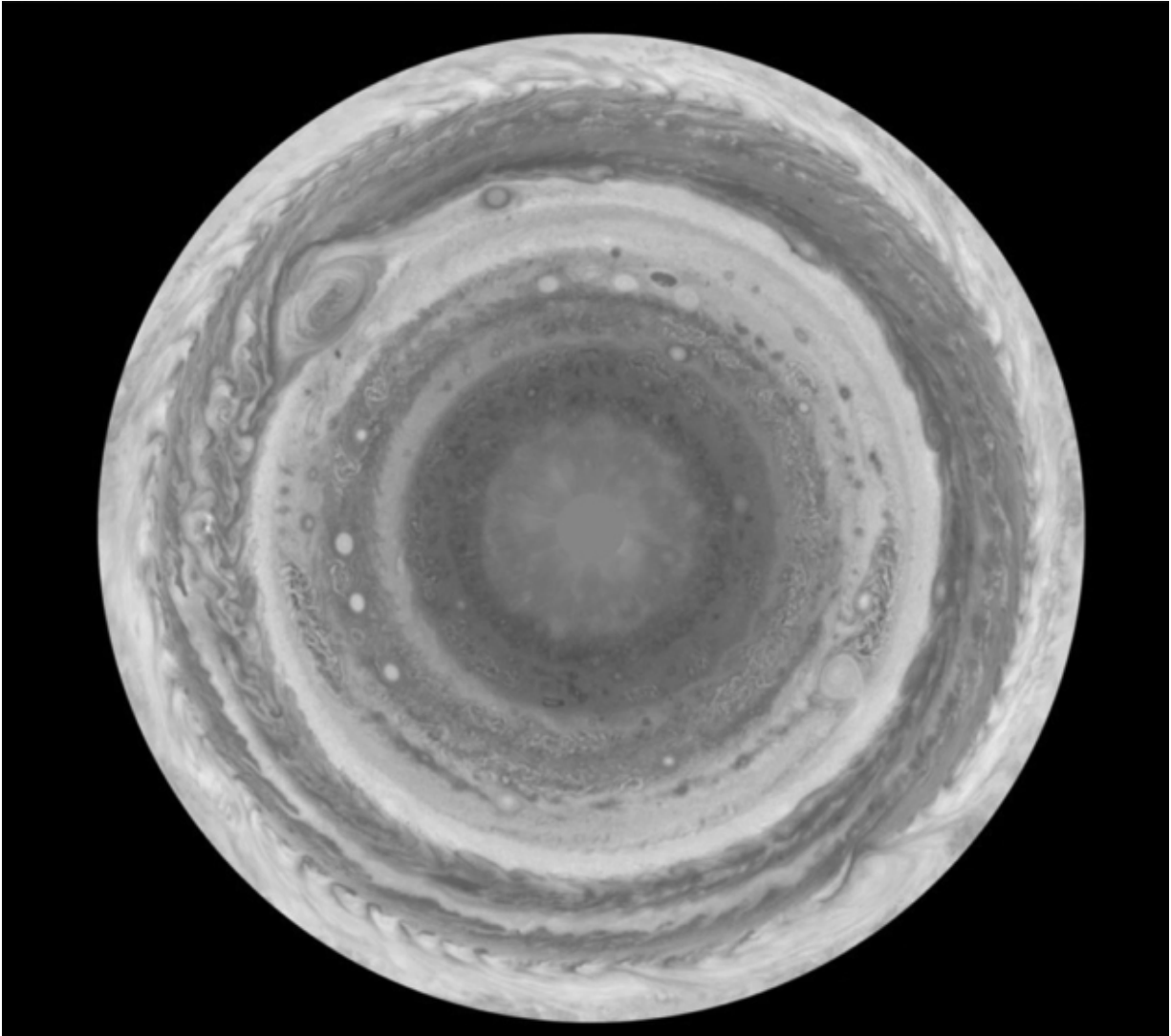


Figura 12.9 Imagem de Júpiter tirada da espaçonave Cassini.

É possível que a NASA falsifique as fotografias tiradas de satélites? E, em caso afirmativo, com que objetivo? Muitas perguntas que não são rigorosamente respondidas pelas explicações oficiais e que aguardam respostas.

Após essa breve exposição dos mistérios do interior da Terra, caro leitor, você está pronto para interpretar certos versículos bíblicos de uma perspectiva diferente da ortodoxa. À luz desses novos fatos, as aparentes contradições no relato de quanto tempo durou o Dilúvio desaparecem. Ao contrário da visão popular de que o Dilúvio consistiu em uma série de

chuvas torrenciais, as fontes mesopotâmicas deixam claro que, embora tenha chovido, a catástrofe começou como resultado de uma ou mais ondas monumentais vindas do sul.

É assim que o Gênesis explica o Dilúvio, fornecendo informações preciosas sobre como ele começou, de onde vieram as águas e onde elas foram parar.

Quando Noé tinha seiscentos anos de vida, no dia dezessete do segundo mês do ano, todas as fontes do fundo do mar brotaram, enquanto as comportas do céu se abriam.

(Gênesis 7, 11)

Gênesis fala de duas fontes das águas do Dilúvio: "o fundo do mar" e a chuva atmosférica. Já a água que caiu como chuva caiu por quarenta dias.

O Dilúvio caiu sobre a Terra durante quarenta dias.

No entanto, a água do "grande abismo" jorrou por 150 dias.

As águas cobriram a terra durante 150 dias.

Então Deus fez soprar um vento sobre a Terra
e as águas começaram a diminuir.

As fontes que jorram do Abismo também se fecharam

(Gênesis 8:1-2)

No original hebraico, a expressão usada para "as fontes que jorram do Abismo" é "as ma'ayanot de Tehom". Ma'ayanot significa literalmente uma nascente, ou seja, uma fonte natural da qual a água flui para a superfície da terra. O termo usado para "Abismo" é Tehom. Quando a Bíblia diz que as fontes do Abismo se romperam, ela está se referindo às grandes massas de água que haviam sido mantidas, até então, sob pressão no interior da Terra e que, por obra de Deus, no caso sumério pela ação dos deuses, foram liberadas trazendo consequências catastróficas para a humanidade. A versão

suméria diz que tudo isso foi causado por Enlil e sua assembléia de deuses e que as águas vieram de Apsu, o Abismo das profundezas. As palavras misteriosas usadas na versão bíblica, que foram interpretadas de forma egoísta pelos teólogos, ganham significado quando sabemos que elas vêm de uma história anterior. A versão bíblica fala de fontes que jorram do "fundo do mar" ou do Tehom, sendo uma tradução da palavra caldeia Apsu, que era usada para designar os abismos e os mares mais distantes, localizados ao sul das terras da Mesopotâmia.

Os antigos mesopotâmicos e gregos acreditavam na existência de um oceano subterrâneo que era a fonte primordial da qual se alimentavam todos os rios e nascentes, como afirma a *Ilíada* no Canto XXI, linha 195: "...poderoso oceano de profunda correnteza, do qual nascem todos os rios, mares, fontes e poços". Os gregos chamavam de oceano (okeanos) a totalidade das águas existentes no planeta, um enorme rio que circundava o mundo e era o pai de todos os rios e nascentes. Isso implicava um corpo de água subterrâneo, bem como uma rede de canais sob a superfície do planeta. Como Martin West escreve em *The east face of Helicon*.

Embora o Okeanos seja geralmente mencionado apenas em
conexão com o
com os confins da terra, como o rio que circunda a terra,
Ele também aparece como o pai dos rios e fontes do
mundo...
Isso implica um corpo de água ou, pelo menos, canais
aquíferos,
sob o solo, o que faz com que o Okeanos não seja tão
diferente.
para o hebraico Tehom... ou para o mesopotâmico Apsu.

O que a ciência moderna tem a dizer sobre esse conceito muito antigo do okeanos grego? Vamos ver o que as últimas descobertas científicas têm a dizer sobre isso. Em 3 de dezembro de 2014, a revista científica *Nature* publicou um artigo sobre o estudo realizado pelo geoquímico Graham Pearson na Universidade de Alberta em Edmonton, Canadá. Em sua pesquisa, Pearson usou dados do USArray, parte de um programa de 15

anos para criar uma grande rede de sismógrafos portáteis em toda a América do Norte para estudar o manto e o núcleo da Terra. A descoberta veio na forma de um minúsculo diamante encontrado no Brasil, pesando menos de um décimo de grama e vindo de uma grande profundidade. A maioria dos diamantes se forma em profundidades entre 150 quilômetros e 200 quilômetros, mas esses diamantes ultraprofundos vêm de uma região do manto conhecida como "zona de transição" (entre 410 quilômetros e 660 quilômetros de profundidade). As impurezas encontradas nesses diamantes são usadas para estudar as áreas do interior da Terra de onde eles se originam. Pearson disse: *"Esses diamantes são uma janela para o interior da Terra."*

O diamante pouco visível que sobreviveu a uma jornada tão longa tem embutida uma pequena porção de um nesossilicato chamado ringwoodite, um mineral muito abundante na parte superior do manto da Terra. Esse cristal microscópico, um mineral nunca antes encontrado em rochas terrestres, sugere a presença de grandes quantidades de água nas profundezas do manto da Terra.

A equipe de cientistas liderada por Pearson utilizou técnicas de espectroscopia de infravermelho (IR) para descobrir que 1% do peso do minúsculo grão de ringwoodite era água. Pearson disse: *"Isso pode parecer uma pequena quantidade, mas se você pensar na enorme quantidade de ringwoodite na chamada zona de transição, você percebe que pode haver tanta água lá embaixo quanto em todos os oceanos juntos."*

Palavras surpreendentes de um cientista que fornece evidências de uma vasta área úmida nas profundezas da zona de transição do planeta que poderia conter tanta água quanto todos os oceanos juntos... Os cientistas estão aprendendo mais sobre o interior da Terra a cada dia. E essa descoberta surpreendente sugere, como uma possibilidade muito real, que a água na superfície do planeta pode estar interconectada com a água no interior, e que a água no interior pode até ser sua fonte. Isso está em total oposição ao paradigma científico dominante, que afirma que a água da Terra vem do espaço, de cometas ou asteroides. Mais uma vez, as descobertas científicas modernas parecem estar dando razão a conceitos antigos que há muito tempo foram descartados como bárbaros.

Uma olhada em um mapa-múndi mostra que, do ponto de vista de um observador na foz do Tigre e do Eufrates, o Apsu, as fontes "no fundo do mar", além do Oceano Índico, são o Oceano Antártico e seu continente congelado. Além disso, apresentei evidências argumentativas de que a única maneira de a vida ter sido varrida da Terra em um espaço de tempo tão curto pela ação das águas foi por um tsunami de proporções colossais e não devido à precipitação atmosférica excessiva, que também existia como consequência do desequilíbrio ecológico criado pela elevação das águas. O tsunami foi produzido pela água do interior da Terra, que irrompeu violentamente pela abertura polar da Antártida para o exterior do planeta. O tsunami veio do sul e causou um gigantesco maremoto que se deslocou para o norte, varrendo as costas que encontrou até chegar à área da Mesopotâmia.

*Durante um dia a tempestade do sul soprou,
Ganhando velocidade à medida que rugia,
E o **kashushu** aprisionou os homens como uma batalha.*

Epopéia de Gilgamesh.

Mais tarde, a Bíblia deixa claro que se tratava de um fenômeno de maré oceânica, usando termos como "vazante" e "fluxo", que estão intimamente ligados a esse fenômeno. As águas desciam, não por evaporação ou infiltração, mas por um fenômeno semelhante ao balanço de uma onda na praia, mas de magnitude infinitamente maior.

*As águas foram diminuindo sobre a terra em fluxo e refluxo,
começaram a baixar depois de cento e cinquenta dias.*

(Gênesis 8, 3)

Os níveis de água recuaram gradualmente e, após dez meses e meio, retornaram aos níveis anteriores. As águas voltaram lentamente para o lugar de onde vieram, desaparecendo da superfície da terra, como os textos deixam claro.

*No ano seiscentos e um da vida de Noé,
no primeiro dia do primeiro mês,
as águas desapareceram da Terra.*

(Gênesis 8, 13)

No entanto, levou quase mais dois meses para secar.

*No vigésimo sétimo dia do segundo mês, a terra já estava
seca.*

(Gênesis 8, 14)

Outra fonte mesopotâmica que lança luz sobre essa questão é a Epopéia de Erra. Datada do primeiro terço do século I a.C., é um poema babilônico inspirado em fontes mais antigas. O protagonista, Erra, é o deus da peste e do inferno, do submundo, ou seja, do mundo inferior - o mundo que existe abaixo da superfície do planeta. Erra se sentia inquieto em sua morada, o submundo, e queria travar uma guerra, mas estava cansado e não agia. Finalmente, ele decidiu entrar em guerra devido à pressão exercida por seus exércitos e armas, especialmente por seu Estado-Maior, os Sebitti, os terríveis 7 guerreiros que marchavam ao seu lado. Erra pede a seu vizir Ishum, que não está convencido, que tome medidas para enfrentar Marduk. Por essa razão, ele visita o templo de seu rival e o repreende, dizendo-lhe que sua aparência não condiz com o governante dos deuses, de modo que ele, convencido, viaja para o mundo subterrâneo das águas doces para que os artesãos que vivem lá possam ajudá-lo a mudar sua aparência. Na ausência de Marduk, Erra planeja devastar a Babilônia, apesar das tentativas de Ishum de fazê-lo mudar de ideia. Finalmente, Erra, em sua terceira tentativa, devasta a Babilônia e causa morte e desolação, sem cerimônia. Deve-se observar que, nesse poema, Erra personifica, entre outras coisas, o significado das águas subterrâneas sem sal do planeta.

*Oh, guerreiro Erra, colocaste o justo diante da morte,
colocaste o injusto diante da morte, colocaste diante da
morte o homem que te havia ofendido, colocaste diante da*

morte o homem que não te havia ofendido...

Ishum diz a Erra que o mundo inteiro está admirado com sua vitória esmagadora. Erra (as águas subterrâneas) vitoriosa e desafiadoramente assedia os outros deuses, apenas para retornar ao seu templo no submundo. Dessa forma, em uma chave hermética, o poema explica como as águas vindas do interior da Terra causaram a morte indiscriminada dos homens, para finalmente retornar ao mundo subterrâneo, ao seu templo...

Ishum o tranquiliza:

Guerreiro, acalma-te e escuta minhas palavras!

Que tal se fosse agora descansar e nós cuidássemos de ti?

Todos sabemos que não há quem possa enfrentar-te em um dia de ira!

Acalmado, Erra se retira para seu templo em Khuta.

O relato da Mesopotâmia afirma que a elevação das águas que produziu a grande onda vinda do sul foi consequência da saída de água doce subterrânea para a superfície. Esse fluxo de água ocorreu por meio de uma abertura na área antártica, que de alguma forma ainda está aberta hoje, como evidenciado pelo fato de os icebergs serem compostos de água doce. O poema acrescenta a queixa de Marduk e dá uma forte explicação do que aconteceu.

*O **Erakallum** estremeceu (tremeu) e sua cobertura foi reduzida,
e já não era possível tomar medidas.*

Erakallum é um termo que é frequentemente traduzido como "o mundo abaixo", embora atualmente os estudiosos o deixem sem tradução. No presente trabalho, sugiro que seu significado faz alusão ao submundo de forma direta.

Nessa linguagem jornalística, é relatado um aspecto específico da terceira tentativa de Enki de eliminar a raça humana que havia sido criada pelos astronautas Anunnaki do espaço sideral há 450.000 anos. Os humanos começaram a incomodar Enki com seu comportamento irreverente e crescimento reprodutivo exponencial. Depois de duas tentativas fracassadas, Enki elaborou um plano no qual colocou grandes cargas explosivas nas comportas que continham as águas doces do interior da Terra. Essas comportas estavam localizadas na região da Antártica. Quando as explosões ocorreram e a cobertura foi rompida, a água doce do interior do planeta jorrou, causando um aumento nos níveis de água da superfície e um tsunami de proporções gigantescas que se deslocou inexoravelmente do sul para o norte, até o Golfo Pérsico. Os resultados são bem conhecidos.

A leitura atenta das fontes bíblicas e mesopotâmicas concorda com a sequência subsequente de eventos. Depois que a onda gigantesca cessou, o nível da água começou a cair progressivamente. Elas também concordam com o episódio do envio de pombas para procurar terra firme, a chegada ao Monte Ararat, a construção de um altar e a oferta de um sacrifício à divindade, seguidos pela bênção de Yahweh ou Enlil a Noé/Ziusudra.

As fontes mesopotâmicas descrevem com mais detalhes a aproximação dos deuses famintos dos últimos sobreviventes humanos, já que não havia mais nada para comer em toda a Terra. Utnapishtim descreve como ele ofereceu um sacrifício aos deuses e como eles, sentindo o doce aroma, foram atraídos como moscas. Ninmah percebeu imediatamente o que havia acontecido e jurou solenemente, pelas joias que Anu havia lhe dado, que jamais esqueceria o que havia acontecido. Ela então convidou o restante dos Anunnaki para compartilhar a oferta de alimentos, excluindo Enlil, que ela considerava responsável pelo extermínio dos humanos por causa do Dilúvio. Quando Enlil chegou e viu o barco, ele se enfureceu contra os Iggigi, acusando-os de terem permitido que qualquer homem escapasse da destruição. Ninurta, no entanto, logo suspeitou que outra pessoa era responsável por alguns homens terem escapado do Dilúvio, e Enlil foi informado disso.

*Quem, além de Ea, pode traçar planos?
Ea é quem conhecia os planos!*

Ao participar da reunião, Ea/Enki reconheceu sua responsabilidade, deixando claro que não havia violado seu juramento de manter em segredo os planos de destruição de Enlil. Tudo o que ele fez foi induzir um sonho premonitório em Atra Hasis, e foi a inteligência do humano que lhe permitiu revelar o segredo dos deuses. Enki então pergunta a Enlil se ele não está arrependido pelo que aconteceu.

*Tu, o mais sábio dos deuses,
Como pudeste, de maneira imprudente,
ser portador de tal calamidade?*

O texto não deixa claro o que motivou a mudança de opinião de Enlil, mas também não deixa dúvidas sobre o que aconteceu. É assim que Utnapishtim/Atrahasis conta o fato.

*A seguir, Enlil subiu a bordo do barco.
Segurando minha mão, subimos a bordo.
Fez minha esposa subir a bordo e a fez ajoelhar-se,
ao meu lado.
Colocando-se entre nós, tocou nossas testas
para nos abençoar.*

A bênção de Utnapishtim/Atrahasis e sua esposa teve um significado profundo além das simples conotações religiosas. Enlil concedeu ao casal humano que havia escapado do Dilúvio a imortalidade desfrutada pelos deuses Anunnaki.

*Até agora, Utnapishtim tem sido apenas um humano;
a partir de agora, Utnapishtim e sua esposa
serão como nós, os deuses.*

*Utnapishtim viverá longe,
na foz dos rios.*

O resultado final desse drama termina, de acordo com fontes bíblicas, com o compromisso de Yahweh com os sobreviventes de que tal cataclismo nunca mais aconteceria. Isso é de relativo valor vindo de um dos deuses da Mesopotâmia, Enlil, que havia demonstrado possuir traços psicológicos e personalidade altamente instáveis.

CAPÍTULO XIII

O MISTÉRIO DA ATLÂNTIDA DESVENDADO

O Capitão Nemo, então, gesticulou para mim do outro lado da cidade em ruínas, pegou um pedaço de argila, avançou até uma rocha de basalto negro e traçou esta única palavra: ATLÂNTIDA. A Atlântida de Platão?

20.000 Léguas Submarinas, Júlio Verne

MUITO JÁ FOI ESCRITO sobre Atlântida, o fabuloso e misterioso continente perdido. Sua lenda surgiu há quase 2.400 anos, a partir de uma única fonte escrita: os Diálogos de Platão, o filósofo grego que exerceu grande influência no pensamento ocidental. O fato de ter sido patrocinada por Platão como uma história verdadeira levou ao surgimento de várias teorias que buscavam sua localização, e sua popularidade serviu de inspiração para inúmeras obras literárias e cinematográficas de fantasia ou ficção científica. A história está registrada em Timeu e Crítias. Crítias

começa a história dizendo que Sólon, um dos grandes sábios da antiguidade, a havia contado a seu bisavô.

Escuta, portanto, um relato extremamente estranho, Sócrates, mas verdadeiro por completo. Foi contado em uma ocasião por Sólon, o mais sábio dos sete, que era parente e muito amigo do meu bisavô Dropides... Ele contou ao nosso avô Crítias, que nos lembrava quando já estava mais velho, que antigas proezas grandiosas e admiráveis desta cidade foram apagadas pelo passar do tempo e pelo desaparecimento dos homens, mas de todas elas, uma muito grande seria conveniente que agora a recordássemos e te a oferecêssemos como um presente.

Timeu

Sócrates responde que nunca ouviu falar de um feito tão maravilhoso realizado pelos habitantes de Atenas. Então, Critias continua, explicando que esse conhecimento foi transmitido em sua família por quatro gerações e que Sólon, por sua vez, adquiriu esse conhecimento durante sua estada no Egito, entre os antigos sacerdotes da cidade de Sais. Critias, quando criança, tinha ouvido a história dos lábios de seu avô, que a recitava de memória durante a festa das Apatúrias.

Crítias continua com o relato da estada de Sólon no Egito e narra como a conversa de Sólon com os sacerdotes chegou ao clímax quando ele começou a falar sobre a antiguidade dos gregos, o que provocou a zombaria afetuosa de um dos sacerdotes mais velhos, que brincou sobre o pouco conhecimento que os gregos tinham do passado.

Ah, Sólon, Sólon! Os gregos sempre são crianças, não há um grego idoso.

Sólon pergunta ao sacerdote sobre o significado do que ele disse, e o sacerdote continua com sua explicação.

Sois crianças no que diz respeito à alma, respondeu o sacerdote, pois não possuem tradições remotas nem conhecimentos veneráveis por sua antiguidade. Eis a razão. Mil destruições de homens ocorreram de mil maneiras, e ainda ocorrerão, as maiores pelo fogo e pela água, e as menores por meio de uma infinidade de causas.

O velho sacerdote afirma que a terra dos faraós é um repositório de conhecimento que a terra dos gregos não possui.

Não há nada que seja belo, que seja grande e que seja notável em qualquer assunto, que não tenha sido registrado desde muito antigamente por escrito e que não tenha sido preservado em nossos templos.

Ele continua dizendo que, antes da maior de todas as inundações ocorridas, Atenas era habitada por uma raça de homens superiores dos quais os gregos eram descendentes.

Erais filhos e discípulos dos deuses.

A partir daí, é contada a história do que ficou popularmente conhecido como "Atlântida", uma grande ilha além dos Pilares de Hércules, onde uma civilização viveu e travou uma guerra contra os míticos habitantes de Atenas em uma era pré-histórica remota, e da qual descendem os atenienses da época em que a história é contada.

Nossos escritos contam como sua cidade uma vez aniquilou uma força que marchou orgulhosamente por toda a Europa e Ásia juntas, depois de começar de fora, a partir do Mar Atlântico. Esse mar podia então ser atravessado, pois tinha uma ilha além da foz que vocês chamam, como dizem, de Pilares de Héracles. A ilha era maior do que a Líbia e a

Ásia juntas, e a partir dela era possível chegar às outras ilhas. A partir deles, era possível chegar a todo o continente do outro lado, que circundava o verdadeiro oceano.

Essa civilização atlante, de acordo com Platão, tentou conquistar o mundo, mas deixou de existir da noite para o dia quando sua ilha afundou nas profundezas do mar.

No tempo seguinte, ocorreu um terremoto violento e um cataclismo; aconteceu durante um dia e uma noite terríveis, e toda a vossa casta guerreira afundou-se sob a terra, e a ilha Atlântida, da mesma forma, afundou-se sob o mar e desapareceu.

A influência dos temas orientais nas artes gregas em geral, e na literatura em particular, tem recebido atenção especial dos pesquisadores nas últimas décadas. Como expliquei nos capítulos anteriores, tudo começou na Suméria e, a partir daí, espalhou-se e expandiu-se por todo o mundo conhecido. Entretanto, como consequência de um desejo arrogante de autoafirmação que se aninha na alma do mundo ocidental, argumentou-se, e em alguns círculos ainda se argumenta, que a civilização grega nasceu de forma original e independente de qualquer influência externa. Mas quando se fala dos primeiros passos da civilização helênica, é preciso entender que o nascimento da polis grega não foi uma criação original, mas a consequência natural de influências estrangeiras que faziam parte da civilização grega desde os tempos minoicos e micênicos.

Mesmo no período mais antigo da civilização grega, os motivos orientais podem ser vistos nas artes plásticas e gráficas. A maneira de trabalhar os metais, o tipo de decoração proto-geométrica em suas cerâmicas, as esculturas de marfim, bem como a produção de obras em ouro e prata, mostram claramente a forte influência oriental, que andava de mãos dadas com as tentativas domésticas nos primeiros séculos da civilização grega.

Tudo o que foi dito acima é apoiado pela reconstrução cada vez melhor de mitos, histórias religiosas e escritos do antigo Oriente Médio, seja de fontes sumérias, acadianas, hititas ou ugaríticas. As evidências mostram que os gregos tomaram emprestados seus mitos e histórias de civilizações anteriores do Oriente Próximo mesopotâmico e do Egito, formando assim sua pré-história ou estágio mítico. Esses mitos, com seu panteão de deuses, foram incorporados e adaptados como se fossem seus, mas o fato é que eles nos falam de eventos que ocorreram em localizações geográficas diferentes de Atenas, embora Atenas seja expressamente mencionada. Eles estão falando de outras civilizações além da Grécia, como já expliquei em capítulos anteriores.

Pitágoras, matemático, astrônomo, músico, cientista e um dos mais importantes filósofos pré-socráticos da Grécia antiga, é conhecido, entre outras coisas, por sua teoria da metempsicose, que afirma que as almas são imortais e transmigram, o que nada mais é do que um novo nome, com pequenas variações, para a crença mais antiga na reencarnação. Pitágoras havia absorvido esse conhecimento, e muitos outros, durante suas viagens pela Caldéia. Após sua morte, em 500 a.C., seus ensinamentos sobre o homem e o universo foram continuados pela escola pitagórica no sul da Itália e na Sicília. Platão visitou a escola pitagórica em 388 a.C., onde o filósofo estabeleceu importantes vínculos com essa comunidade. No ano seguinte, Platão retornou a Atenas e fundou sua "Academia de Filosofia", onde transmitiria seus conhecimentos. Não se deve perder de vista esse ponto para interpretar corretamente os escritos de Platão, pois toda a sua cosmogonia está enraizada nas crenças pitagóricas, que, por sua vez, foram importadas do Oriente.

Quem eram, então, aqueles atenienses que lutaram com suas melhores virtudes contra o poder onipotente daquela civilização atlante? Havia um estado ateniense em 9600 a.C.? Quando Platão se refere a Atenas e seu povo nos tempos pré-históricos, ele está encarnando nessa cidade eventos que se perderam na noite dos tempos pré-históricos da humanidade, quando os deuses desceram dos céus para a Terra. Para usar um exemplo atual, imaginemos um país como os EUA com uma história tão recente em comparação com a Europa. Suponhamos que um intelectual americano do século XXI escreva um livro no qual descreva, por algum motivo, as

populações já existentes no século XIV, das quais descendem os atuais habitantes de Nova York, levando em conta que Nova York só foi fundada muitos anos depois. O escritor hipotético estaria se referindo aos irlandeses, ingleses ou holandeses que, no século XIV, ainda estavam na Europa e ainda não haviam chegado a Manhattan e que, permitindo-se uma licença literária, ele chamaria de nova-iorquinos do século XIV. Da mesma forma, Platão estaria se referindo a colonos e eventos muito anteriores, o que é muito importante para que se possa interpretar o texto corretamente.

A busca pela Atlântida levou diferentes pesquisadores, videntes e místicos da "Nova Era" a localizá-la em lugares tão diferentes quanto o Caribe, o Mediterrâneo, o Mar Egeu, o Mar Negro ou as Ilhas Canárias, entre muitos outros. Entretanto, de acordo com o relato de Platão, está estabelecido que Atlântida estava localizada no Oceano Atlântico, portanto, procurar sua localização em outros mares é ignorar o que está escrito. No *Crítias*, é explicado que os nomes "Atlântida" e "Oceano Atlântico" tiveram sua origem etimológica no deus Atlas.

Ao filho mais velho e rei deu-lhe um nome, a partir do qual toda a Ilha e o mar recebem sua denominação, porque o primeiro a governar chamava-se Atlas.

E, no entanto, pesquisadores varreram e mapearam o fundo do Oceano Atlântico usando os meios mais avançados de busca, sondas acústicas, radar geodésico por satélite (GEOSAT), câmeras, luzes e sonares, sem encontrar o menor vestígio do continente perdido. Uma ilha com as dimensões descritas de Atlântida não pode afundar e desaparecer sem deixar sinais de sua existência que podem ser facilmente verificados pelos meios tecnológicos atuais e, no entanto, não foi encontrada a menor evidência. É possível que um continente tenha desaparecido no meio do Oceano Atlântico sem deixar rastros?

Os argumentos para explicar a falta de descobertas são diversos. Alguns estudiosos afirmam que o texto de Platão é uma fábula sem fundamento, enquanto outros afirmam que ele simplesmente errou a localização

geográfica. É impressionante como Platão afirmou a veracidade de seu relato, ao mesmo tempo em que alguns tentam provar que Atlântida não passava de um mero mito, usando o argumento de que Aristóteles, um discípulo de Platão, não acreditava nela, para o que colocam em sua boca as seguintes palavras "aquele que criou a ilha, também a afundou", dando Estrabão como fonte de tal afirmação... O fato é que tal afirmação não aparece como tal em nenhum texto de Estrabão, sendo na verdade uma fusão de diferentes fragmentos de sua Geografia e da Ilíada de Homero. É uma conclusão precipitada e errônea atribuir essa citação textual a Aristóteles com base em várias fontes secundárias que repetem e usam linguagem semelhante. Essa conclusão, a rigor, não é verdadeira, portanto, apresentar como argumento para provar a inexistência da Atlântida o fato de Aristóteles não ter acreditado nela é extremamente fraco.

Esses são os fragmentos que contribuíram para a atribuição infundada de tal citação a Aristóteles. No fragmento a seguir, do Livro XIII de sua Geografia, Estrabão faz a única menção conhecida à Atlântida, quando se refere à obra do filósofo Posidônio.

No entanto, ele (Posidônio) está correto ao atribuir a terremotos e outras causas semelhantes que já enumeramos as diversas mudanças ocorridas em diferentes épocas na Terra. Aprovamos bastante que ele (Posidônio), para apoiar sua tese, tenha citado o que Platão diz sobre a Atlântida, que a tradição relativa a esta ilha não é uma mera ficção, os sacerdotes egípcios, a quem Solón interrogou, tinham assegurado que existiu antigamente uma ilha com esse nome, mas que esta havia desaparecido, embora tenha tido uma extensão não menor que a do Epiro (Grécia continental). Um homem sensato como Posidônio considera que é melhor se expressar dessa maneira do que dizer da Atlântida o mesmo que o poeta disse sobre o muro dos aqueus: "quem o evocou o terá feito desaparecer".

Como pode ser visto, não há negação da existência da Atlântida, nem por Posidônio nem por Estrabão. E é de vital importância ressaltar a

semelhança entre a citação acima sobre a muralha dos aqueus e a atribuída a Aristóteles. A muralha dos aqueus era uma construção gigantesca criada para proteger os navios gregos.

...o largo muro que os danaenses construíram na borda do mesmo, sem oferecer aos deuses hecatombes perfeitas, para que os defendesse com as velozes naves e o grande espólio que estava guardado dentro.

A Ilíada, canto 12, linha 5

Os gregos da época clássica não encontraram nenhum vestígio da muralha em questão, o que levou Aristóteles a concluir que o poeta Homero a havia inventado e que se tratava de uma construção fictícia. Posteriormente, Estrabão afirma em Geografia 13.1.36:

...talvez não existiu nenhum muro, e a construção e destruição deste, como afirma Aristóteles, foram apenas invenções do poeta.

Como pode ser visto, em nenhum lugar há uma declaração de Aristóteles negando a existência da Atlântida. O fato incontestável é que o relato de Platão trata de temas mitológicos recorrentes em civilizações anteriores, como as guerras entre os deuses, a divisão da Terra em zonas entre os deuses, a Idade de Ouro da humanidade e as ilhas maravilhosas nos confins da Terra. Isso corrobora o fato de que a cultura grega não surgiu de forma isolada e sem interferência externa. A chave, mais uma vez, está na decodificação adequada dos mitos. E, no entanto, a grande maioria dos estudiosos, quando se aproxima dos mitos, não questiona o que eles significam nem tenta descobrir o que está por trás deles, mas confia nas interpretações feitas pelas chamadas autoridades da área, aceitando-as como se fossem suas. E o que dizem as autoridades da área? Algo tão simples quanto o fato de que esses mitos são incompreensíveis ou que refletem arquétipos do inconsciente coletivo dos seres humanos. Tudo muito etéreo,

ambíguo e sem qualquer base tangível e concreta para encontrar um continente perdido.

Além da falta de pesquisas imparciais, há o problema generalizado de diferentes traduções de relatos escritos em idiomas antigos, em que os significados e conotações de algumas palavras e expressões idiomáticas variaram ao longo dos séculos a ponto de o significado da mensagem mudar drasticamente dependendo da escolha de uma ou outra. O significado de uma versão do texto de Platão que diz que "Atlântida estava situada em frente aos Pilares de Hércules" é muito diferente de outra que diz que "Atlântida estava situada além dos Pilares de Hércules". Vamos dar uma olhada em ambas.

O que eram os Pilares de Hércules e onde eles estavam localizados? Os fenícios os chamavam de "colunas de Melkart", em homenagem a uma divindade à qual foi consagrado um santuário em Cádiz, na ilhota de San Fernando, perto do Estreito de Gibraltar. Na entrada do templo havia dois pilares gigantescos, um local consagrado à divindade onde eram feitos sacrifícios para obter condições favoráveis para as viagens marítimas. Mais tarde, os gregos os chamaram de "colunas de Héracles" e os romanos de "colunas de Hércules". Os Pilares de Héracles, nos escritos de Homero, eram os dois pilares nos quais Héracles se apoiou para separar as Montanhas Atlas, separando a Europa da África, e que hoje estão associados às duas montanhas de cada lado do Estreito de Gibraltar, onde o Mar Mediterrâneo encontra o Oceano Atlântico.

...foi o próprio Hércules quem separou os dois montes unidos (Abila e Calpe), como uma cordilheira contínua, e assim foi como se deu passagem ao Oceano, que antes era contido pela massa das montanhas, para os lugares que agora inunda: a partir daqui, ele se espalha pelo mar de maneira mais ampla e avança com grande força, recortando as terras que retrocedem e ficam mais distantes.

(Coreografia 15, 27 Pomponio Mela)

Na antiguidade grega, essas colunas marcavam o limite do mundo conhecido, e o Estreito de Gibraltar era a última fronteira para os marinheiros que ousavam deixar o Mediterrâneo e entrar em mares perigosos. Além desse ponto, havia caos e escuridão; era o fim do mar transitável.

Alguns pesquisadores, com base em uma tradução errônea, dizem que "Atlântida estava localizada em frente aos Pilares de Hércules", nas proximidades. A expressão "in front of" conota uma certa proximidade, o que indicaria que a Atlântida estava localizada em frente ao Estreito de Gibraltar, razão pela qual as buscas por seus vestígios têm sido realizadas nas proximidades da Península Ibérica. Dependendo da tradução que escolhermos, veremos que o significado muda. Na segunda versão da tradução, a expressão "beyond" não implica essa noção de proximidade, mas sim de cruzar ou ir além de um determinado ponto. Do ponto de vista de um navegador viajando de barco, por exemplo, a Argentina está "além" do Estreito de Gibraltar, mas não "em frente" a ele. O texto de Platão diz originalmente que "Atlântida estava situada além dos Pilares de Hércules" e essa é a tradução que adoto nesta pesquisa.

Qual é o verdadeiro significado de uma ilha perdida no Oceano Atlântico e um continente do outro lado que, nas palavras de Platão, era cercado pelo oceano real? Embora Timeu e Crítias sejam as únicas fontes escritas que falam explicitamente de Atlântida como tal, há outros escritos e tradições greco-romanas que falam de territórios ou ilhas fantásticas além do mundo conhecido (novamente a expressão "além").

Os Campos Elíseos, segundo a mitologia grega, eram um lugar sagrado situado nos confins do extremo oeste, no oeste remoto. Esse lugar paradisíaco estava situado no submundo e lá as almas dos homens e heróis virtuosos desfrutavam de uma vida feliz e abençoada após a morte, cercadas por paisagens verdes e floridas, em um clima sempre acolhedor. Homero e Hesíodo se referem a uma ilha no oceano, nos confins do mundo. Esses campos eram alcançados ao atravessar as águas do rio Acheron, no submundo. Homero os descreve no Canto III de sua famosa Odisseia.

Lá, os homens vivem felizes, nunca há neve, nem inverno longo, nem chuva, mas o oceano sempre envia as brisas do Zephyr, de sopro sonoro, para dar mais frescor aos homens....

Píndaro se refere a elas como "as Ilhas Felizes" ou "ilhas dos deuses", uma terra de felicidade. E Fray Bartolomé de las Casas, em seu volume I de La Historia de las Indias, descreve-as com estas palavras.

Nos Campos Elísios, o verão é eterno; há toda sorte de frutas, fontes alegres que jorram borbulhando com som suave e delicado; os prados de ervas verdes são pintados com diversas cores; não há frio excessivo nem calor escaldante, mas sim perfeição e temperança nos céus, pois a igualdade do ar e o calor do Sol contemplam todas as coisas e tornam o ambiente ameno.

Na rica língua espanhola, há uma curiosa semelhança entre as expressões "Campos Elíseos", onde é sempre verão, e "vientos Alíseos", que significa que nunca há neve, nem inverno longo, nem chuva... De onde vem essa semelhança fonética tão significativa?

A mitologia grega também fala do "Jardim das Hespérides", um belo pomar de propriedade da deusa Hera, localizado em um canto distante do Ocidente. Nele havia uma macieira dourada que proporcionava a imortalidade. A árvore havia sido um presente de casamento de Gaia (Terra) para Hera. Hera, por sua vez, confiou sua custódia às Hespérides. Deve-se observar que as ninfas das Hespérides são filhas de Atlas e são chamadas de "Atlântidas", e que Héracles foi o único capaz de roubar as maçãs douradas. Nesse mito em particular, elementos de diferentes origens são misturados, como referências ao Jardim do Éden, por um lado, e à Atlântida, por outro.

Encontramos três elementos linguísticos (Atlas, Atlântida, Héracles) relacionados à história de Platão. Quem era Atlas? Ele era filho do titã Iapetos e da ninfa Climene ou Ásia, dependendo da versão consultada. Seu

reino se estendia por todo o Ocidente, além dos Pilares de Hércules, nos confins da Terra, como afirma Hesíodo em sua Teogonia. As filhas da noite, as Hespérides ou Atlântida, segundo a lenda, viviam nas encostas do Monte Atlas, onde sua missão era proteger as maçãs de ouro que concediam a imortalidade. Essa montanha não deve ser confundida com a cadeia de montanhas que hoje leva o mesmo nome e atravessa o norte da África. Segundo a tradição, era a montanha do Universo, que também estava localizada no oeste, nos confins da Terra.

É importante esclarecer que os gregos, em seus escritos, usavam indistintamente para a localização desses territórios lendários no submundo, os termos "sob a terra" ou "além do horizonte ocidental" (o Ocidente). A explicação dada pelas autoridades acadêmicas é que, na antiguidade, incluindo os gregos, o Ocidente era simbolicamente identificado com a morte e, portanto, com o submundo ou o mundo dos mortos, uma vez que o sol morria a cada anoitecer quando se punha no Ocidente. Por essa razão, sempre seguindo a argumentação acadêmica, entender-se-ia que era perfeitamente normal, do ponto de vista simbólico ou arquetípico, que Hades ou o submundo pudessem estar situados em dois locais diferentes ao mesmo tempo: por um lado, no submundo, e por outro, no Ocidente. Esse é mais um exemplo do que eu chamo de "dança de palavras", em que, ao admitir como ponto de partida uma mera hipótese não testada (que os antigos identificavam o mundo inferior com o Ocidente geográfico como consequência de o Sol morrer no Ocidente todos os dias), as palavras envolvidas em várias traduções e escritos (Ocidente, Oeste, mundo inferior) perdem seu significado original e se tornam sinônimos sem significado real e preciso, levando a interpretações ambíguas e incorretas.

O denominador comum, em todas essas tradições mitológicas, é que essas terras dos sonhos estavam localizadas nos confins do mundo conhecido, mas onde estavam os confins do mundo? No Ocidente, ou seja, no Oceano Atlântico? Ou talvez no submundo? Os Campos Elísios, as Ilhas Felizes, o Jardim das Hespérides ou a Atlântida estavam localizados no Ocidente, ou estavam localizados no submundo ou, se voltarmos ao significado original de cada palavra, estavam localizados no submundo para o qual o acesso tinha de atravessar os Pilares de Hércules, na direção do Ocidente geográfico?

Para Hesíodo, em sua *Teogonia*, não há dúvida de que os confins da Terra se encontram no submundo, e Atlas nele.

Lá embaixo, no Tártaro, os deuses titãs se encontram escondidos na penumbra nebulosa... nos confins da Terra... Na proximidade, o filho de Jápeto (Atlas) continua segurando firmemente o amplo céu sobre sua cabeça e mãos.

Do ponto de vista de um grego da antiguidade, acostumado a navegar pelos mares conhecidos do Mediterrâneo e do Oriente Próximo, cruzar o Estreito de Gibraltar tinha um significado muito especial. Uma análise sem preconceitos de várias tradições míticas aparentemente desconectadas sugere que os Pilares de Hércules eram a porta de entrada para a viagem a essas terras maravilhosas, mas apenas o início de uma longa jornada. Uma viagem em direção ao oeste. Uma viagem pelos mares desconhecidos. Uma aventura na direção do submundo. Uma odisséia no interior da Terra...

Os Pilares de Hércules foram, então, a primeira porta de entrada para o submundo? Hércules, em seus famosos "doze trabalhos", também tinha como objetivo chegar aos confins da Terra, conforme relata o poeta Píndaro no século V a.C.

*A incômoda tarefa,
navegar o oceano desconhecido,
além das Colunas de Hércules.
Que o herói e deus estabeleceu,
como testemunha dos limites mais distantes da
navegação.*

Odes de Neméia, Píndaro

Uma análise cuidadosa de Os Doze Trabalhos de Hércules sugere que as colunas que levam seu nome foram, sem dúvida, o ponto de partida para entrar no submundo, já que pelo menos certamente seus três últimos

trabalhos foram realizados no submundo, e é mais do que provável que os outros também tenham sido. Em Os Doze Trabalhos de Hércules há diferentes chaves de interpretação, uma com base astrológica que, partindo da associação de cada um dos trabalhos com um signo zodiacal, explica como, por meio de sucessivas encarnações em diferentes signos zodiacais, o homem supera obstáculos e desenvolve suas mais altas potencialidades para alcançar o domínio de si mesmo. Deixarei de lado essa chave astrológica de interpretação para me concentrar no assunto do presente capítulo.

No décimo primeiro trabalho, Euricles ordena a Hércules que roube as maçãs douradas do Jardim das Hespérides ou da Atlântida. Uma versão conta que Hércules, depois de superar vários perigos, chega ao jardim, mata o dragão de três cabeças e leva as maçãs que conferem imortalidade. Quando ele as entregou a Euristeu, este as rejeitou para não provocar a ira dos deuses, então Hércules as entregou a Atena, que as colocou de volta em seu lugar original. No décimo segundo e último trabalho, Hércules tem a missão de trazer de volta o cão Cérbero (Can Cerberus), um monstro de três cabeças com cauda de serpente, que guardava a entrada do inferno. Hércules o derrota com suas próprias mãos.

Neste ponto, gostaria de fazer uma pequena digressão para reiterar mais uma vez como é importante, nesse tipo de pesquisa, ter um conhecimento adequado da origem e da evolução dos termos linguísticos usados em histórias antigas. Gostaria de aproveitar mais um exemplo de como as palavras, seus significados e conotações evoluem ao longo do tempo de tal forma que é muito difícil interpretar textos antigos aplicando a suas palavras os significados que elas têm hoje. Hoje em dia, é de conhecimento geral que o goleiro de um time de futebol é chamado de "cancerbero", e a origem do termo é mais do que óbvia. Entretanto, alguém encontraria uma ligação entre um goleiro de futebol e o guardião dos infernos gregos? Alguém, em sã consciência, interpretaria Hércules, em seu décimo segundo trabalho, como tendo que lutar com um goleiro de futebol?

Voltando ao tema central e resumindo, os trabalhos do herói ocorrem no submundo e os Pilares de Hércules são a entrada para um oceano que, de alguma forma, deve levar o herói aos confins do mundo... ao submundo. Por essa razão, é necessário lembrar o antigo conceito grego de oceano

O escritor Homero é responsável pela Odisséia, um poema épico que se acredita ter sido escrito no século VIII a.C. Ele narra as aventuras do rei Odisseu (Ulisses, em latim) em sua viagem de volta à ilha de Ítaca. Odisseu leva dez anos para voltar para casa, período durante o qual seu filho Telêmaco e sua esposa Penélope têm de aturar uma série de jovens pretendentes no palácio, todos aspirando ao trono de Odisseu, que eles julgam morto. Depois de deixar Tróia, em suas aventuras por mares desconhecidos, Odisseu visita a ilha dos Cicas, dos Lotófagos e dos Ciclopes, onde encontra o gigante Polifemo, e finalmente chega à ilha de Aea, onde é recebido pela hospitalidade da feiticeira Circe. Lá, o poema narra um evento surpreendentemente significativo. O herói e seus homens passaram o dia inteiro na ilha saboreando várias iguarias e, quando o sol se pôs e a escuridão caiu, todos dormiram na praia, mas na manhã seguinte ele os reuniu com urgência para proferir as seguintes palavras.

Ouçam minhas palavras, companheiros, mesmo após sofrer tantos males!

Amigos, não sabemos onde fica o amanhecer e onde o crepúsculo, nem por onde o Sol que a todos ilumina se afundará sob a terra, nem por onde surgirá.

A Odisséia, canto X

Vamos tentar esclarecer essas palavras misteriosas. Um marinheiro, especialmente na antiguidade, orientava-se pela posição das estrelas à noite e do sol durante o dia, que marcava o leste com seu nascer e o oeste com seu pôr-do-sol. Odisseu, no entanto, declara-se perdido e suas palavras são claras ao implicar o movimento do sol como a causa de sua perplexidade.

Para entender a extensão total das declarações de Odisseu, elas devem ser colocadas em seu devido contexto. Odisseu está na ilha de Aea, onde a bruxa Circe lhe mostrará em breve a rota que ele deve seguir para chegar ao submundo, de onde podemos deduzir que ele não deve estar muito longe da entrada do submundo. No capítulo anterior, foi apresentado um relato sobre as entradas para o interior da Terra, localizadas nos polos do planeta. Imagine, então, um observador localizado em uma ilha na latitude 70N.

Como esse observador veria o movimento aparente do sol durante o dia? Como ele veria o nascer, o pôr e o nascer do sol?

Nos países das latitudes setentrionais, há um fenômeno que foi batizado de "Sol da Meia-Noite" e agora é uma grande atração turística para milhares de pessoas que se reúnem nas latitudes árticas todos os anos para vê-lo. Durante o solstício de verão (por volta de 21 de junho no hemisfério norte e 22 de dezembro no hemisfério sul), o sol fica visível 24 horas por dia. Esse fenômeno completamente natural ocorre ao norte do Círculo Polar Ártico (também ao sul do Círculo Polar Antártico) durante todo ou parte do tempo entre o equinócio vernal (21 de março) e o equinócio de outono (21 de outubro), com o pico em torno do solstício de verão. O sol, em sua posição mais baixa, nunca desce abaixo do horizonte, portanto, a menos que haja cobertura de nuvens, ele é visível em todas as horas do dia e da noite.

A linha que divide o Círculo Polar Ártico é a linha onde o sol nunca se põe um dia por ano e onde o sol nunca nasce um dia por ano. A partir dessa linha, à medida que a latitude aumenta em direção ao norte, o número de dias em que ocorre o "Sol da meia-noite" aumenta. Da linha do Círculo Polar Ártico até o Cabo Norte, que é considerado o ponto de latitude mais alto da Europa, são cerca de 530 quilômetros. Um observador no norte da Noruega verá o Sol, ao pôr-do-sol, descer até próximo ao horizonte... para depois vê-lo nascer novamente. O pôr do sol é imediatamente seguido pelo nascer do sol, sem nenhuma noite entre eles. Uma situação estranha e intrigante, mesmo em nossos dias, para quem pensa que a noite e o dia são invariáveis. Quando chegamos a certas latitudes próximas ao Polo, dependendo se são mais altas ou mais baixas, e se cruzamos o círculo polar ou não, os movimentos aparentes do Sol podem ser de um tipo ou de outro, mas o denominador comum é que, quer o Sol da meia-noite ocorra ou não, seus movimentos fogem do que consideramos ser os movimentos e trajetórias usuais do Sol nas latitudes centrais do planeta.

Chegando a esse ponto, é importante lembrar, no livro Viagem ao Centro da Terra, o momento em que o professor Lidenbrock chega ao local onde a sombra do Scartaris deveria marcar o ponto exato de entrada no interior da Terra. A expedição chega pouco antes das calendas de julho, ou seja, por volta do solstício de verão, e Verne se refere ao sol da meia-noite.

Por fim, às onze horas da noite, em plena escuridão, chegamos ao cume do Sneffels e, antes de procurar abrigo dentro da cratera, tive tempo de ver o sol da meia-noite no final de sua carreira, lançando seus raios pálidos sobre a ilha adormecida a meus pés.

Será mera coincidência o fato de Verne ter escolhido como ponto de entrada para o interior da Terra uma localização geográfica no planeta onde o fenômeno do Sol da Meia-Noite ocorre durante o solstício de verão? Ou há uma mensagem oculta codificada?

Sem entrar em outros detalhes, parece indiscutível que, aos olhos de Odisseu, algo incomum para ele estava acontecendo nos movimentos do Sol, daí sua perplexidade e espanto. Odisseu, assim como Hércules, encontra-se em um oceano desconhecido (o Oceano Atlântico) e está se dirigindo para o submundo. Estaria Odisseu, nesses momentos descritos no canto X, em mares situados em latitudes próximas ao Círculo Polar Ártico? Os estranhos movimentos do Sol poderiam estar indicando isso, e a subsequente entrada do herói no submundo também estaria corroborando tanto sua proximidade com um dos polos quanto a existência de entradas para o interior da Terra nesses polos. Mais tarde, a bruxa Circe diz a Odisseu que ele deve descer ao submundo.

Divino filho de Laertes, astuto Ulisses, não permaneça mais tempo, contra o seu desejo, em minha casa. Porém, antes é necessário que você empreenda outra jornada, e chegue à morada de Hades e a augusta Perséfone...

A Odisséia, canto X

Ele também mostra a rota a ser seguida, em detalhes.

Coloca o mastro, estende as velas brancas e senta-te. O sopro de Bóreas impulsionará teu navio. Porém, quando tiveres cruzado o oceano até uma baixa margem e as

florestas sagradas de Perséfone, altos choupos e salgueiros de frutos mortos, ancora ali o navio, no limite do oceano de correntes profundas, e dirige-te à casa de Hades cercada de rios. Por ali fluem o Piriflegetonte e o Cócito em direção ao Aqueronte, que é um braço das águas do lago Estígia, e há um penhasco na confluência dos dois tumultuosos rios.

Seguindo essas indicações, Odisseu finalmente consegue atracar seu navio na costa e ele e seus homens entram no mundo subterrâneo. É assim que o canto XI narra o fato.

Ao longo de todo o dia as velas se mantiveram tensas, enquanto navegávamos pelo alto mar. Depois, o Sol mergulhou e todos os caminhos escureceram, enquanto o navio alcançava os limites do oceano de correntes profundas. Lá estavam a terra e a cidade dos Cimérios, envoltas em nevoeiro e nuvens. Nunca Hélio, o brilhante, os observa lá de cima com seus raios.

Uma leitura cuidadosa das indicações dadas a Odisseu revela uma descrição muito específica do caminho a ser seguido para entrar no submundo, como se fosse a chegada a um novo continente ou terra. E, da mesma forma que os Campos Elísios ou o Jardim das Hespérides, ele está localizado na direção oeste, nos confins da Terra... assim como Atlântida.

Neste ponto, é hora de trazer à tona o geógrafo Abraham Ortelius e relembrar algumas lendas antigas que falam de uma civilização antiga, quase esquecida, que se desenvolveu em algum lugar próximo às regiões congeladas do Polo Norte. Abraham Ortelius, que junto com Mercator foi o pai da cartografia flamenga, produziu o primeiro atlas moderno. Entre as genialidades do cartógrafo flamengo está o fato de que, já em 1596, ele foi o primeiro a sugerir a deriva das massas continentais e que os continentes atuais estavam originalmente unidos, uma teoria que mais tarde seria desenvolvida por Alfred Wegener no século XX. No entanto, o fato mais marcante é que Ortelius, em um de seus mapas, ilustrou o canto superior

direito com um misterioso continente que ocupava toda a região polar, que ele chamou de Hiper Boreas. É notável que a Groenlândia, uma das maiores ilhas do mundo entre o Oceano Atlântico e o Oceano Ártico, tenha mais de 80% de sua superfície coberta por gelo e, ainda assim, seu nome em dinamarquês significa "terra verde".



Figura 13.2 Mapa Ortelius

Os gregos falavam dos hiperbóreos como habitantes de um povo fabuloso, a terra natal de Apolo, situada nos confins do oceano, além da região do vento norte, Bóreas. Hiperbórea era uma região localizada nas terras desconhecidas do norte. Seu nome, em grego Υπερ βορεία, Hyper Boreas significa "além do Norte". Era uma terra onde o sol nascia e se punha uma vez por ano e brilhava vinte e quatro horas por dia. Seus habitantes podiam viver até mil anos, livres da velhice e de doenças. Era praticamente

impossível chegar lá, pois esse paraíso era protegido por enormes muralhas de gelo e poderosos semideuses. Héracles, em seu terceiro trabalho, foi em busca da corça de Ceriña até a terra dos hiperbóreos. Há muitas referências escritas a esse fato. Na mitologia grega, Tule era uma ilha onde se localizava a capital da Hiperbórea, e tanto Ptolomeu, em sua *Geografia*, quanto Marciano de Heraclea, em seu *Periplus maris externi*, situam o continente hiperbóreo no Mar do Norte, que eles chamam de Oceano Hiperbóreo. O poeta grego Píndaro, em sua Pítica, também falou sobre os hiperbóreos.

*Ninguém poderá encontrar,
nem pelo mar nem pela terra,
o caminho maravilhoso
que conduz às festas dos hiperbóreos.*

Pítica X, 29-30

O que o poeta quis dizer ao se referir a um caminho difícil de encontrar? Os Campos Elíseos, as Ilhas Felizes, o Jardim das Hespérides ou Atlântida e a Atlântida de Platão ficavam em algum lugar no Oceano Atlântico, a oeste dos Pilares de Hércules. A mítica Hiperbórea também estava localizada além dos Pilares de Hércules, no Oceano Atlântico, e também sabemos que tanto a mitologia grega quanto os mapas de Abraham Ortelius a colocavam na região do Polo Norte... É muito significativo que as tradições antigas falem de um lugar onde o Sol brilha vinte e quatro horas por dia, o que sugere sua possível localização na área do Círculo Polar Ártico, se você se lembrar de tudo o que foi dito sobre o movimento aparente do Sol nessas latitudes.

Será que Platão pegou todas essas tradições antigas e as incorporou em seus escritos com um nome novo e exclusivo? Tudo indica que sim. A Atlântida pertencia a uma cadeia de ilhas, da mesma forma que as Ilhas Felizes de Píndaro. Tanto os Campos Elíseos quanto o Jardim das Hespérides ficavam no submundo, onde Odisseu atracou seu navio depois de entrar em uma área onde o sol se move de forma estranha, semelhante ao que acontece nas zonas polares do planeta. A Atlântida estava localizada no submundo? A Atlântida era o continente perdido localizado no interior da Terra? A

Atlântida era o continente hiperbóreo? A ilha de Tule e a Atlântida são sinônimos de uma mesma coisa?

A Atlântida foi alcançada por meio de uma longa jornada que começou com a travessia dos Pilares de Hércules, no Estreito de Gibraltar, e depois navegou pelo Oceano Atlântico em direção ao Círculo Polar Ártico, uma área onde uma rota conhecida por alguns iniciados levava ao interior da Terra. Platão compilou as tradições acima e as reuniu em Atlântida, uma palavra cujo significado é "a filha de Atlas", de onde deriva seu nome (da mesma forma que as Hespérides ou Atlântidas eram filhas de Atlas).

Há outros aspectos da história de Platão que levantam dúvidas: 1) o orichalcum, 2) as dimensões de Atlântida, 3) a referência a um mar de lodo e lama. Abordarei cada um deles em detalhes a seguir. Uma das grandes incógnitas para aqueles que buscam a Atlântida é o misterioso orichalcum. De acordo com alguns estudiosos, o orichalcum poderia ter sido um tipo de bronze ou latão, ou mesmo algum outro tipo de liga metálica. No entanto, em Crítias, Platão descarta a possibilidade de ser uma liga metálica, apontando que esse metal existia em abundância e era obtido em minas em muitos lugares da Atlântida. Ele também afirma que, na antiguidade, esse era o metal mais valioso depois do ouro, mas que, na época de Crítias, o orichalcum era conhecido apenas pelo nome.

...e até aquele de que conhecemos apenas o nome, mas que na ilha realmente existia, extraía-se de mil lugares da mesma, o oricalco, que era então o metal mais precioso depois do ouro.

Crítias, Platão

O orichalcum foi a razão pela qual a cidade de Atlântida tinha um brilho especial, devido ao brilho avermelhado do metal. Essa característica do orichalcum pode fornecer algumas pistas para sua identificação:

Eles cobriram toda a parede externa do recinto com bronze, como um verniz; o segundo recinto com estanho; e a própria Acrópole com orichalcum, que brilhava como fogo.

Crítias, Platão

Crítias, Platão

O nome orichalcum deriva do grego ὀρείχαλκος, oreikhalkos (de ὄρος, oros, montanha, e χαλκός, chalkos, cobre ou bronze). Seu significado literal é "cobre da montanha", embora às vezes seja traduzido como "bronze da montanha". De qualquer forma, esse não era um cobre ou bronze comum. Os termos bronze e cobre são usados de forma intercambiável, talvez porque os dois metais sempre estiveram intimamente ligados ao longo da história humana. O cobre é um metal, um elemento químico do sistema periódico com símbolo Cu (do latim cuprum), cujo número atômico é 29. O bronze, no entanto, é uma liga, principalmente de cobre como base à qual é adicionado estanho, embora possa ser feito com outros metais (como alumínio, manganês, níquel ou zinco) e, às vezes, até com não-metais. O bronze também pode ser encontrado como uma liga natural.

O cobre é um elemento metálico que chegou à superfície há milhões de anos, vindo das profundezas da Terra, por meio dos processos geológicos que formaram o planeta. Quando está próximo à crosta terrestre, é quando o homem consegue obtê-lo por meio da atividade de mineração. Geralmente é encontrado junto com outros metais, como ouro, prata, bismuto ou chumbo e, em todo o planeta, em lava basáltica. Portanto, como você pode ver, estamos mais uma vez falando de algo que está intimamente relacionado ao interior da Terra: a lava. Se Atlântida estivesse localizada, como sugiro, no interior da Terra, seria fácil entender que o cobre, o bronze ou qualquer outro tipo de metal ou material desconhecido seria abundante e fácil de extrair por meio de mineração.

Outro aspecto intrigante da história da Atlântida de Platão é a referência a um mar de lodo e lama.

...mas que nos dias de hoje, submersa pelos tremores de terra, não resta mais dela senão um fundo lamacento intransponível, um obstáculo difícil para os navegantes que fazem suas viagens das águas gregas em direção ao grande mar.

Crítias, Platão

Nos mitos gregos, a lama e o lodo eram associados ao submundo, portanto, faz sentido que "um mar de lama" se refira a uma área específica localizada no submundo. Se nos aprofundarmos no sexto trabalho de Hércules, encontraremos possíveis locais candidatos para esse mar de lama. Após o retorno de Hércules de sua bem-sucedida aventura nos estábulos de Áugias, Euristeu deu ao herói uma tarefa ainda mais difícil. Na sexta tarefa, Hércules deveria expulsar os pássaros predadores que viviam em um pântano perto da cidade de Stymphalus. A princípio, Hércules pensou que seria fácil; no entanto, quando chegou ao lago, percebeu que o tipo de solo, lamacento, não era firme o suficiente para suportar o peso de seu corpo, nem líquido o bastante para poder usar um barco. Definitivamente, uma boa definição para um mar de lodo e lama.

O nome do lugar e das aves deriva do termo stymphalos, que significa "membro fálico". A propósito, você já parou para pensar na semelhança entre um cogumelo e um membro fálico? Nesse sentido, é muito interessante lembrar, em Viagem ao Centro da Terra, o momento em que os protagonistas, já viajando pelo interior do planeta, se deparam com uma gigantesca floresta de cogumelos silvestres de quase dez metros de comprimento, tanto em pé quanto tampados. O ilustrador Édouard Riou usará até mesmo uma gravura alusiva no interior e na capa da edição original do livro.

Meu tio imediatamente aplicou seu nome verdadeiro a eles. -Isso não é nada mais", disse ele, "do que uma extraordinária floresta de cogumelos. E ele não estava iludido, de fato. Imagine o desenvolvimento monstruoso adquirido por esses seres vivos tão ávidos por calor e umidade. Eu sabia que o Lycoperdon giganteum

atingia, de acordo com Bulliard, oito ou nove pés de circunferência, mas esses eram cogumelos brancos, com trinta a quarenta pés de altura, com uma tampa do mesmo diâmetro. Havia milhares deles e, como a luz não conseguia penetrar em sua estrutura espessa, reinava sob suas cúpulas, justapostas como os telhados redondos de uma cidade africana, a mais completa escuridão.

Viagem ao Centro da Terra, Júlio Verne



Figura 13.3 Ilustração de Journey to the Centre of the Earth (Viagem ao centro da Terra)

Por fim, voltamos a um aspecto já mencionado anteriormente: as dimensões de Atlântida. Platão afirma que ela era extremamente grande.

A ilha era maior que Líbia e Ásia juntas, e a partir dela era possível alcançar as outras ilhas...

Timeu

Esta ilha, como já mencionamos, era então maior que a Líbia e a Ásia juntas.

Crítias

É preciso admitir que, com tais dimensões, é incrível que centenas de pesquisadores em diferentes lugares do planeta, especialmente no Oceano Atlântico, não tenham conseguido encontrar a menor pista sobre sua existência, apesar dos avanços tecnológicos feitos na oceanografia e no mapeamento do fundo do oceano nas últimas décadas. As profundezas dos oceanos guardam muitos mistérios, mas é difícil aceitar que oceanógrafos, submarinos e sonares marinhos não tenham conseguido encontrar uma massa de terra maior do que a Líbia e a Ásia juntas. Algo desse tamanho não se perde facilmente!

Talvez seja por isso que eles preferem não falar sobre o assunto. Além disso, a tectônica de placas moderna confirma que, ao longo do tempo, os continentes se moveram e o fundo do mar se expandiu, e não se contraiu, de modo que não parece possível que uma ilha de tais dimensões possa estar localizada no fundo do mar. Simplesmente não há espaço para que ela tenha afundado. Ken Feder, um céptico bem conhecido e professor de arqueologia da Central Connecticut State University, EUA, afirma: "A geologia deixa claro que uma grande área de terra na região onde Platão coloca Atlântida não pode ter afundado.

Até o momento, nenhuma teoria foi capaz de explicar suas enormes dimensões. É possível que Atlântida fosse tão grande quanto Platão afirma e, ao mesmo tempo, não tenha sido encontrada? Há apenas uma interpretação possível para explicar o tamanho extraordinário de Atlântida e a total ausência de achados. A Atlântida estava localizada no submundo. Somente se estiver localizada no interior do planeta é que as enormes dimensões da ilha fazem sentido, pois sua única limitação seriam as dimensões do próprio mundo subterrâneo, as medidas do interior da Terra. Uma Atlântida localizada no interior da Terra também cumpriria a condição de ser um continente geograficamente localizado sob as águas do Oceano Atlântico. Então, e somente então, as palavras de Platão fariam sentido. A Atlântida seria, ao mesmo tempo, um continente perdido e afundado (localizado sob o Oceano Atlântico, embora do outro lado da crosta terrestre).

Mas vamos nos aprofundar nas palavras de Platão. Como já disse, o filósofo fala de um grande continente de dimensões tais que só poderia se perder, sem deixar rastros, se estivesse localizado no interior da Terra. No entanto, em outro parágrafo, ele afirma que Atlântida tinha um diâmetro de 127 estádios (cerca de 25 quilômetros), contendo uma ilha central de 5 estádios, uma cidade e anéis de água de 27 estádios, bem como um grande canal central medindo 50 estádios e conectando-se ao oceano.

...O maior dos cercados de água, aquele em que o mar entrava, tinha três estádios de largura, e o cercado de terra que o seguia tinha a mesma largura. No segundo círculo, o cinturão de água tinha dois estádios de largura, e o cinturão de terra ainda tinha a mesma largura. Mas o cinturão de água que circundava imediatamente a ilha central tinha apenas um estádio de largura. A ilha na qual o palácio dos reis estava localizado tinha um diâmetro de cinco estádios.

Crítias, Platão

É possível entender tudo isso? A descrição de Platão das medidas e dimensões de Atlântida é incoerente? De modo algum, se entendermos que o que Platão estava fazendo quando falou sobre a Atlântida era uma

descrição do interior da Terra, dizendo, por um lado, que ela era enorme e, por outro, fazendo uma ilustração da estrutura do interior da Terra com medidas em escala. Se nos lembrarmos e juntarmos todos os fatos e descobertas feitas no interior da Terra que narrei neste capítulo e nos anteriores, será mais fácil entender e desvendar o que Platão estava falando em seus escritos e que eram reminiscências de um conhecimento muito mais antigo. Atlântida não era uma cidade nem um continente, mas a representação completa do interior do planeta Terra. Platão adaptou a ideia de um continente subterrâneo, localizado no Ocidente e cercado pelo verdadeiro Oceanus subterraneum, à ideia mítica do submundo. O continente subterrâneo estava dentro de uma esfera: a da própria crosta terrestre.

No Critias, é explicado como Poseidon criou a cidade.

Criou anéis alternados de mar e terra ao redor dela... Fez dois anéis de terra e três de mar, tão circulares como se os tivesse feito com um compasso e um torno...



Figura 13.4 Composição artística do Atlantis

O resultado, se a área central e as terras continentais da superfície do planeta forem incluídas, são sete anéis de terra e água. Muitos rios de tinta foram derramados sobre o assunto dos anéis concêntricos de água e terra ao redor de Atlântida. A ideia de que a Atlântida estava encerrada em uma esfera com uma ponte ou canal que levava a ela a partir do primeiro anel de mar faz sentido se entendermos que Platão está descrevendo o planeta Terra, que é esférico, usando medidas, em escala, das diferentes áreas do interior da Terra.

A partir da Grécia de Platão, vamos voltar no tempo, como já é de costume. Um dos elementos da literatura grega que apresenta semelhanças impressionantes com as tradições do Oriente Próximo é a representação do submundo. Nos mitos mesopotâmicos, há inúmeros textos que tratam do submundo, como Nergal e Ereshkigal. A versão suméria não existe e é conhecida por uma tábuia babilônica encontrada em Amarna (Egito) ou pela

versão neo-assíria do Épico de Erra. Uma concepção semelhante é encontrada em um texto bastante mal preservado encontrado em Assur, conhecido como A visão de um príncipe assírio do submundo. Há também o relato que foi incorporado como tábuas 12 da Epopéia de Gilgamesh na recensão de Ninive. Está claro que essa história não fazia parte do texto original, mas pertencia à composição suméria intitulada Gilgamesh, Enkidu and the Underworld, da qual era a segunda parte.

Outro texto que aparece com destaque nesse tema é Inanna's Descent into the Underworld, uma composição suméria que faz parte do ciclo Inanna-Dumuzi. O texto descreve o fracasso de Inanna/Istar em adicionar o submundo à sua esfera de influência, ou seja, sua tentativa de se tornar a rainha de todas as regiões do universo. Em seu caminho para o palácio da deusa do submundo, Ereshkigal, cujo nome significa "rainha da grande Terra", Istar precisa atravessar sete portões e se despojar de todos os seus símbolos divinos.

*Neti, o principal goleiro do kur,
ele deu ouvidos às palavras de sua rainha.
Ele fechou os sete portões do submundo.
Em seguida, ele abriu a porta externa.
Ele disse à empregada:
"Venha Inanna, entre."*

A descida de Inanna ao submundo

A partir de um estudo comparativo de todos esses textos, algumas conclusões podem ser tiradas. Essa região adota nomes diferentes, como ki (terra) ou kur (terra estranha) em sumério, erset la tari (a terra sem retorno) em acadiano e está situada nas profundezas da terra, em oposição ao céu. Há uma escada que conecta o céu e o submundo, pela qual os mensageiros podem subir e descer. O acesso ao submundo é feito por sete portões, e há um guardião que garante que ninguém passe por eles sem ter removido os símbolos do mundo exterior. Alguns textos falam do Hubur, um rio que circunda o submundo e que só pode ser atravessado de barco.

As semelhanças entre a mitologia grega e os antigos mitos do Oriente são óbvias. Na Grécia, o rio é conhecido por vários nomes. Safo, Alceo e Ésquilo chamam de Acheron ou Acheron o rio que deve ser atravessado para chegar ao submundo, a terra dos mortos. E é surpreendente encontrar uma descrição tão detalhada do submundo e de como chegar a ele em outro dos conhecidos diálogos de Platão: o Fedro. Reproduzo parte do texto em que também é possível observar muitos dos aspectos que discuti nos capítulos anteriores sobre a composição do interior da Terra.

Eis o que é esta terra, com tudo o que a rodeia. Ao redor dela, em suas cavidades, há muitos lugares; alguns mais profundos e mais abertos do que o país que habitamos; outros mais profundos e menos abertos; e há aqueles que são mais rasos e mais extensos. Todos esses lugares são perfurados em muitos pontos e se comunicam entre si por condutos, pelos quais correm como fontes uma imensa quantidade de água, rios subterrâneos inesgotáveis, fontes de águas quentes e frias, rios de fogo e outros de lama, alguns mais líquidos, outros mais lamacentos, como as torrentes de lama e fogo que na Sicília precedem a lava. Esses lugares são preenchidos com uma ou outra matéria, de acordo com a direção tomada pelas correntes ao se espalharem. Todos esses jatos se movem para cima e para baixo como uma gangorra suspensa no interior da Terra. É assim que esse movimento ocorre. Entre as aberturas da Terra, há uma que é a maior e que a atravessa inteiramente. Homero fala sobre ela quando diz: longe, no mais profundo abismo que existe nas entranhas da terra. Homero e a maioria dos poetas chamam esse lugar de Tártaro. É lá que todos os rios recolhem suas águas, e é de lá que eles saem imediatamente. Cada um deles participa da natureza da terra sobre a qual flui. Se esses rios correm de volta na direção oposta, é porque o líquido não encontra um fundo ali, ele se agita suspenso no vazio e ferve de cima para baixo. O ar e o vento, que os cercam, fazem o mesmo; eles os seguem quando sobem e quando descem, e assim como

vemos o ar incessantemente entrando e saindo dos animais quando eles respiram, o ar que se mistura com essas águas entra e sai com elas, e produz ventos terríveis e furiosos. Quando "essas águas caem violentamente no abismo inferior, do qual lhes falei, elas formam correntes que são lançadas, através da terra, nos leitos dos rios que elas encontram e que enchem como uma bomba. Quando essas águas saem daqui e chegam aos lugares que habitamos, elas os enchem da mesma maneira; e derramando-se por toda parte sobre a superfície da terra, elas alimentam nossos mares, nossos rios, nossos lagos e nossas fontes. Em seguida, desaparecem e, mergulhando na terra, alguns com grandes desvios, outros nem tanto, desaguam no Tártaro, onde entram mais baixo do que saíram, alguns mais, outros menos, mas todos de alguma forma. Algumas saem e voltam a entrar no Tártaro pelo mesmo lado, e outras pelo lado oposto àquele de onde saíram; algumas correm em círculo e, depois de terem dado a volta na terra uma e muitas vezes, como serpentes que se voltam sobre si mesmas, abaixando-se o máximo que podem, vão até o meio do abismo, mas sem ultrapassá-lo, porque a outra metade está mais alta do que seu nível. Essas águas formam muitos e grandes riachos, mas há quatro principais, o maior dos quais é o que corre mais para fora e ao redor, e que é chamado de Oceano. O que está em frente a esse é o Acheron, que corre na direção oposta através de lugares desérticos e que, mergulhando na terra, é lançado na lagoa Aquerusia, onde a maior parte das almas dos mortos concorre, as quais, depois de terem permanecido ali o tempo designado para elas, algumas mais, outras menos, são enviadas de volta a este mundo para animar novos corpos. Entre o Acheron e o Oceano corre um terceiro rio que, não muito longe de sua nascente, desemboca em um vasto lugar cheio de fogo e ali forma um lago maior do que o nosso mar, onde a água ferve misturada com lodo; e saindo dali, negro e lamacento, ele corre sobre a terra e desemboca na extremidade da lagoa Aquerusia sem se misturar com suas águas e, depois de ter circulado

muitas vezes sob a terra, é lançado na parte mais baixa do Tártaro. Esse rio é chamado de Puriflegeton, de onde podem ser vistas correntes de chamas saindo de muitas rachaduras na terra. No lado oposto, o quarto rio cai primeiro em um lugar horrível e selvagem, que se diz ser de cor azulada. Esse lugar é chamado Estijio, e a lagoa Estijiala, que o rio forma quando cai. Depois de ter absorvido as águas dessa lagoa de horríveis virtudes, ele mergulha na terra, onde faz muitas curvas e, seguindo seu curso em frente ao Puriflegeton, encontra-o finalmente na lagoa Aquerusia, na extremidade oposta. Esse rio não mistura suas águas com as dos outros, mas, depois de dar a volta na terra, deságua como os outros no Tártaro, no ponto oposto ao Puriflegeton. Os poetas chamam esse quarto rio de Cocytus.

Phaedo, Platão

O sumério Thorkild Jacobsen, em seu livro *The Treasures of Darkness: A History of Mesopotamian Religion* (Os tesouros da escuridão: uma história da religião mesopotâmica), descreve como os sumérios viam o submundo como uma cidade em forma de anel, com sete muralhas protegendo-a, razão pela qual era necessário passar por sete portões para entrar.

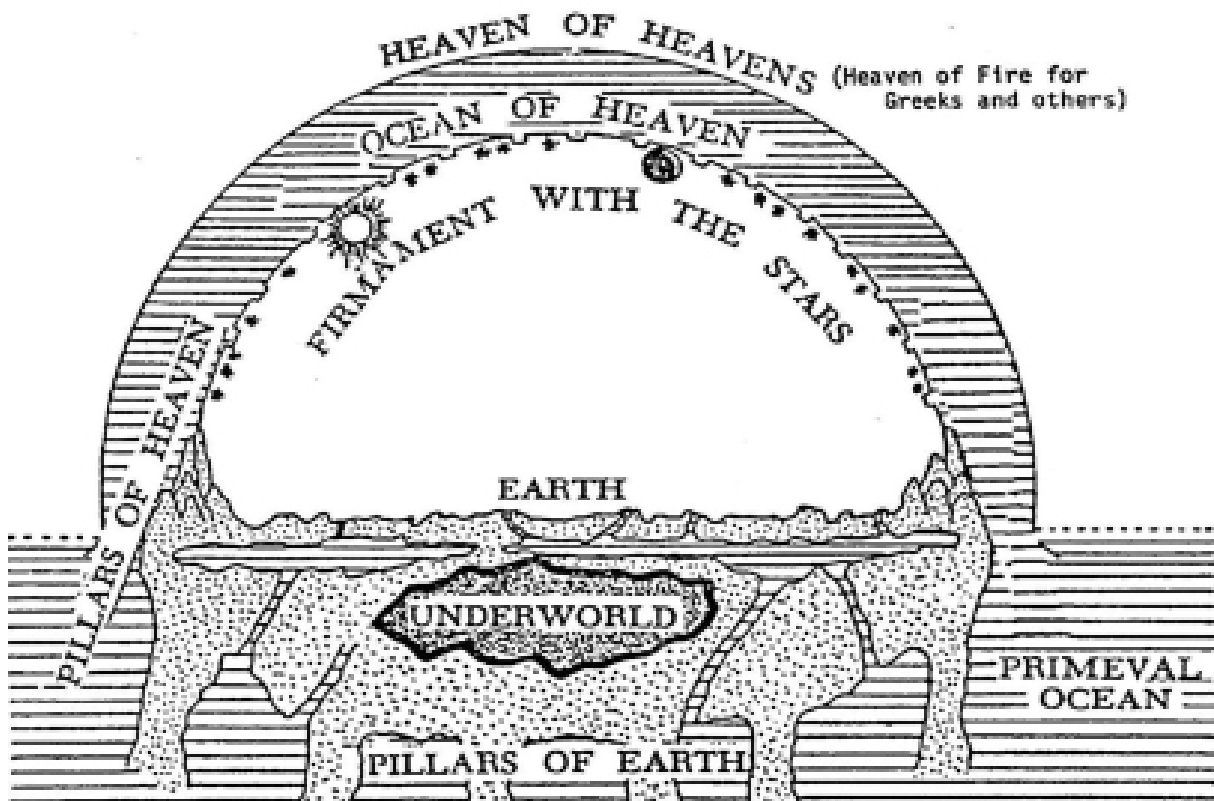


Figura 13.5 Visões de mundo antigas

O resultado de tudo isso é que, a partir do primeiro anel de água, que representa o verdadeiro okeanos grego, se passaria por algum canal na abertura da crosta terrestre (segundo anel da terra esférica) em direção ao continente do mundo interior, atravessando, sucessivamente, diferentes faixas de terra e mares localizados no interior da Terra. Esse grande canal é um túnel que ligaria a superfície da Terra ao interior do planeta. E o canal-túnel está localizado nos polos.

Sei que essa tese de localizar o continente perdido de Atlântida em algum lugar no interior da Terra causará muitos sorrisos, tanto por causa do assunto polêmico e fantasioso de Atlântida quanto por causa do local escolhido para sua localização. A verdade é que há fortes argumentos que apontam nessa direção.

Será que o grande visionário e escritor Júlio Verne sabia mais sobre isso? Isso é algo que você terá de julgar por si mesmo, com base nas evidências

mostradas neste capítulo e nos anteriores. Sem dúvida, Júlio Verne sabia muito mais do que escreveu. Caro leitor, você pode ter certeza de que haverá mais por vir, mas, por enquanto, é hora de encerrar esta exposição. Desejo apenas lembrá-lo brevemente do que me foi revelado em minha visão pelo mediador, na experiência que relatei no início: "Devo adverti-lo de que, a partir do momento da publicação de seu livro, muitos começarão a falar sobre o assunto. Eles se autodenominarão os verdadeiros mensageiros do legado... mas o farão sem qualquer fundamento". Esteja atento a isso.

CAPÍTULO XIV

EM BUSCA DA IMORTALIDADE

Não há nada mais poderoso do que uma ideia que chegou a sua hora.

Victor Hugo (1802-1885), escritor francês

NO NÚMERO 11 DA Avenida Magnolia, na cidade de São Agostinho, Flórida, encontra-se o Parque Nacional Arqueológico Fonte da Juventude de Ponce de León, comemorando o local onde foi estabelecida a cidade mais antiga dos EUA. O parque foi construído no local explorado, primeiro por Juan Ponce de León em 1513, e depois colonizado por Pedro Menéndez de Avilés em 1565, ano em que a cidade foi fundada. O parque é, sem dúvida, o lugar ideal para passar um dia maravilhoso com a família, desfrutando de inúmeras atividades lúdicas e educativas relacionadas com a história da América do Norte, arqueologia e algumas sugestivas lendas locais. Tudo isso com um colorido sem igual.

No domingo de Páscoa de 1513, três navios com bandeira espanhola apareceram na costa de uma terra até então desconhecida. Eles haviam zarpado algumas semanas antes da recém-colonizada ilha de Porto Rico, em busca da misteriosa terra de Bimini, onde as lendas locais acreditavam ter encontrado a desejada fonte da eterna juventude. À frente da expedição estava Juan Ponce de León, de 53 anos, um aventureiro corajoso de Valladolid, que acabara de descobrir o território onde, séculos depois, seria fundada uma nação que se tornaria a mais poderosa da Terra. Ele estava 117 anos à frente dos peregrinos puritanos a bordo do Mayflower, que chegariam à costa de Massachusetts em 1630. Ponce de León pensou que era apenas mais uma ilha e, como o evento ocorreu durante a Semana Santa, ele a batizou de terra da Flórida Pascal. A biografia do conquistador espanhol é cheia de luz e sombra, misturando bravura e heroísmo com tirania e crueldade. Mas o que é mais significativo é seu pensamento obsessivo sobre certos mitos e lendas, algo que o levaria a ser um buscador incansável da chamada fonte da eterna juventude.

A história oficial afirma que as explorações de Ponce de León foram motivadas pelo desejo de encontrar novas riquezas, descrevendo como uma falácia o fato de que, na realidade, seu principal objetivo era encontrar a chamada fonte da juventude que tornava os velhos jovens. O fato é que, de acordo com várias fontes, ele a procurou, e tudo indica que não a encontrou. O historiador Robert H. Fuson, em sua obra *Juan Ponce de León and the Spanish Discovery of Puerto Rico and Florida*, explica que o aventureiro estava procurando Bimini, um lugar descrito de forma ambígua pelos índios Arawak ou Taino das ilhas de Hispaniola, Cuba e Porto Rico. Eles o descreveram como um paraíso no noroeste, na área das Bahamas. Eles disseram que um certo Sequene, um chefe Arawak de Cuba, havia feito uma expedição há algum tempo em busca de uma fonte com poderes curativos, mas o chefe nunca retornou. As águas curativas de Bimini eram uma história muito difundida no Caribe, tanto que até mesmo o cronista italiano Pietro Martire d'Anghiera, embora dissesse não acreditar nelas, falou dessas lendas em uma epístola que escreveu ao papa em 1513.

A existência de uma fonte mítica que cura e devolve a juventude àqueles que bebem ou se banham em suas águas é o símbolo da busca pela imortalidade, sempre almejada pelos seres humanos. Desde que o homem é

homem, ele percebeu que a diferença essencial entre ele e os deuses não é outra senão sua mortalidade e perda da juventude, em oposição à longevidade ou imortalidade dos deuses. A Epopéia de Gilgamesh, que antecede a Ilíada grega e o Mahabharata indiano em vários séculos, é a primeira obra literária conhecida cuja grandeza, inspiração, poder e estilo lhe deram o título de epopéia. Ela narra as aventuras de um homem, um rei sumério, que não queria morrer. O épico apresenta Gilgamesh como rei de Uruk, uma cidade-estado cujas ruínas estão localizadas no meio do deserto, no atual Iraque, a meio caminho entre Bagdá e Basra. Um manuscrito antigo, The Sumerian Royal List, apresenta Gilgamesh como o quinto governante da primeira dinastia que teria governado Uruk após o Dilúvio. Seu nome às vezes é escrito com o prefixo dingir para mostrar seu caráter divino, pois embora seu pai fosse um simples sumo sacerdote, Lugalbanda, sua mãe era a deusa Ninsun, o que lhe conferia dois terços de divindade. O monarca governou por 126 anos, período em que fortaleceu a cidade de Uruk e até expandiu suas fronteiras com várias campanhas militares. Porém, no final de seu reinado, ele começou a se preocupar com a velhice e ficou obcecado pela imortalidade.

O épico narra as aventuras de Gilgamesh com seu amigo Enkidu, com quem ele viveu várias vicissitudes até a morte deste último. A Tábua IX começa com o choro desesperado e amargo do herói por seu amigo Enkidu, que morreu de uma doença mortal decretada pelos deuses. Ele agora sabe que, diante da morte, o heroísmo e a coragem são inúteis. Pela primeira vez, ele se faz perguntas que o atormentam.

*Terei que morrer também, como Enkidu?
Não serei eu também como ele, cujo corpo se desfaz
e se transforma em argila?
O medo da morte me assola, e por isso corro pela estepe!*

Enquanto corre aterrorizado pela estepe, Gilgamesh tem uma intuição e decide procurar Utnapishtim (o sumério Ziusudra e o bíblico Noé). De acordo com a tradição babilônica, Utnapishtim é o único ser humano, juntamente com sua esposa, que foi salvo do dilúvio e recebeu a imortalidade dos deuses como recompensa. A intenção de Gilgamesh em

sua visita é revelar o segredo da vida eterna dos deuses. No entanto, a estrada para o lugar onde Utnapishtim mora é longa e, para chegar lá, ele precisa percorrer um caminho cheio de perigos e povoado por personagens míticos extraordinários. Um deles é o guardião da taverna do submundo, Siduri, que, ao ouvir as intenções de Gilgamesh em sua busca desesperada pela imortalidade, o aconselha e deixa claro qual é o destino decretado pelos deuses para a humanidade.

*Gilgamesh, para onde estás correndo?
A vida que buscas nunca encontrarás.
Quando os deuses criaram a humanidade,
Eles reservaram a morte para o homem.
A vida eterna mantiveram em suas mãos.
Quanto a ti, Gilgamesh, enche teu estômago.
Diverte-te dia e noite,
Faz festa todos os dias.
Dança e canta dia e noite.
Que tuas roupas estejam sempre limpas.
Lava tua cabeça, banha-te com água.
Olha com ternura para a criança que segura tua mão,
E que tua esposa nunca deixe de se alegrar em teu peito.
Este é o destino da humanidade.*

As palavras de Siduri não convencem Gilgamesh e ele continua seu caminho até finalmente chegar à morada de Utnapishtim. O sábio explica a ele qual é a condição dos homens, pela vontade expressa dos deuses.

*A humanidade tem como destino ser cortada como as
canas de um canavial.*

A Tábua X começa narrando o desejo de Gilgamesh de saber por meio de quais eventos e procedimentos Utnapishtim conseguiu se tornar imortal.

*Gilgamesh falou com ele,
com Utnapishtim, o distante:
Eu te vejo, Utnapishtim,
e tua aparência não difere da minha,
Tu és semelhante a mim.
Não, tu não és diferente...
Diz-me, como foste admitido na Assembleia dos deuses,
alcançaste a vida sem fim.*

É então que Utnapishtim conta a fantástica história do Dilúvio e como ele foi salvo pela construção de uma arca. Ele conta como, quando a terra emergiu novamente das águas, eles foram encontrados pelos deuses e como lhes foi concedida a imortalidade, como recompensa, pelo próprio Enlil em uma assembléia solene.

*Utnapishtim, até agora,
era apenas um ser humano;
No futuro, ele e sua esposa,
serão semelhantes a nós, os deuses.*

Ele acrescenta que essa dádiva foi concedida apenas uma vez aos seres humanos e que isso nunca mais acontecerá.

*E agora, Gilgamesh,
quem reunirá os deuses em tua honra,
para que alcances
a vida sem fim que procuras?*

Depois de afirmar que os deuses nunca se reunirão para tomar uma decisão sobre a imortalidade de Gilgamesh, ele testa Gilgamesh e o desafia a ficar sem dormir por sete noites, para demonstrar a fragilidade da natureza humana e fazê-lo desistir de sua busca pela imortalidade. Gilgamesh falha no teste e volta para casa. No entanto, a esposa de Utnapishtim faz um gesto

de compaixão para com o rei de Uruk e pede ao marido que lhe dê um presente antes de partir para seu país. Utnapishtim se volta para ele.

*Gilgamesh, chegaste até aqui cansado e dolorido,
após ter realizado uma longa jornada:
O que posso te presentear antes de voltar à tua terra?
Pois bem, desejo te revelar um fato secreto,
e contar-te algo que apenas os deuses conhecem.
Existe uma planta que tem espinhos como uma silva,
e que picará tuas mãos como uma rosa:
Se tuas mãos conseguirem colhê-la, encontrarás o que
buscas.*

A história então conta como, de forma um tanto inesperada, Gilgamesh atravessa as águas, amarrando pedras em seus pés para que possa descer em segurança até o fundo do mar. Lá, ele colhe a planta sem se preocupar com as picadas dos espinhos. As indicações de Utnapishtim não especificam onde a planta deve ser encontrada, portanto, parece claro que estamos lidando com um fragmento resumido de outro relato mais explícito. O próprio Gilgamesh explica o uso que pode ser feito dessa planta quando se dirige ao barqueiro.

*Esta, ó Ur-Sanabi, é a planta que permite
superar o medo da morte.
O homem que a ingere recupera sua vitalidade.
Quero levá-la a Uruk, o redil, e dá-la aos anciãos,
para que a comam, assim testarei sua eficácia.
Seu nome será: O ancião se transforma em homem novo.
E eu mesmo a comerei para voltar à época de minha
juventude.*

A dádiva de Utnapishtim é apenas um substituto, um remédio contra a velhice. Longe de encontrar o que estava procurando, a imortalidade, Gilgamesh obtém uma planta que prolonga o período mais vigoroso da vida

de um homem, uma planta da juventude. A menção a essa planta maravilhosa terá uma longa tradição na literatura oriental, aparecendo mais tarde em muitas histórias, incluindo, por exemplo, as Noites da Arábia.

Todos os dias, surgem notícias na mídia que começam a preparar o terreno para o que será, pela primeira vez na história da humanidade, avanços reais no prolongamento da vida. Em 4 de maio de 2014, a prestigiosa revista científica Science publicou os resultados da pesquisadora Amy Wagers e sua equipe da Universidade de Harvard, em Cambridge, que mais uma vez parecem dar razão a conhecimentos ancestrais relacionados a algo aparentemente tão distante da ciência atual quanto a magia. "O sangue jovem rejuvenesce", uma frase que evoca as páginas do famoso romance de Bram Stoker, Drácula, ou qualquer uma das sagas de vampiros literárias e cinematográficas que atualmente estão na moda entre os jovens.

Wagers não é o primeiro a pensar que a resposta para o problema do envelhecimento humano pode ser encontrada no sangue. Em 1615, Andreas Libavius, um médico e alquimista alemão, já havia proposto o uso de transfusões de sangue para o rejuvenescimento de pessoas idosas. Ele propôs conectar as artérias de um homem jovem com as de um homem idoso e tinha grandes esperanças em relação ao procedimento. "*O sangue vital e espirituoso do jovem será derramado no idoso e, como uma fonte de juventude, todas as suas fraquezas desaparecerão*", diz o alquimista em uma crônica no Textbook of Bloodbanking and Transfusion Medicine de Sally Rudmann. Embora tudo isso pareça o enredo sombrio de um filme de vampiros, é a conclusão de vários estudos científicos, inclusive os de Wagers e sua equipe.

O trabalho de Wagers conclui que algo que existe no sangue dos camundongos mais jovens (dois meses) tem a capacidade de rejuvenescer os músculos e os cérebros da população mais velha de camundongos de 22 meses nos últimos estágios de suas vidas, assim como o sangue dos camundongos mais velhos prejudica a saúde dos mais jovens. Embora o conceito não seja novo e tenha sido experimentado há mais de um século e meio, usando uma técnica que conecta cirurgicamente dois organismos físicos (parabiose) para compartilhar o mesmo sistema circulatório, o que é novo é a identificação pelos pesquisadores de uma proteína no sangue que

pode ativar todos esses processos. Os pesquisadores de Harvard deram a ela o nome de: Fator de Diferenciação de Crescimento Celular 11 (GDF 11). Esse fator, por si só, aumenta o nascimento de novos neurônios no hipocampo de camundongos idosos, melhora o sistema circulatório cerebral e o sistema cardiovascular em geral, bem como a força muscular. Obviamente, não se sabe se esse é o único fator, o que é improvável, que influencia esses processos de rejuvenescimento, mas esse é um dos muitos projetos de pesquisa de ponta que estão sendo desenvolvidos nos últimos anos e que, sem dúvida, levarão ao que será a próxima revolução tecnológica: a extensão da vida humana a limites insuspeitados.

A primeira pesquisa sobre o efeito do sangue jovem em seres humanos foi realizada na Universidade de Stanford, na Califórnia. O Dr. Tony Wyss-Coray transfundiu plasma sanguíneo de doadores com menos de 30 anos de idade em indivíduos mais velhos que sofriam de estágios leves a moderados da doença de Alzheimer. Os resultados preliminares surpreenderam os pesquisadores, pois parecem mostrar que o sangue jovem rejuvenesce e que todos os tecidos dos receptores apresentam uma melhora acentuada. A mesma equipe de pesquisadores afirmou que trabalhos em animais mostraram que uma transfusão de sangue de camundongos jovens parece melhorar as faculdades cognitivas e a saúde de vários órgãos em camundongos mais velhos. Pode-se até dizer que eles parecem mais jovens.

O estudo foi publicado na Nature Medicine em 2014. Centenas de e-mails inundaram rapidamente a caixa de entrada de Wyss-Coray. Pacientes com Alzheimer queriam receber infusões de sangue jovem. O mesmo aconteceu com vários bilionários interessados no potencial rejuvenescedor do sangue. Na época, havia até mesmo planos para comercializar essas descobertas. Karoly Nikolic, um empresário e neurologista de Stanford, viajou para Hong Kong para conversar com a família de Chen Din-hwa, um bilionário chinês que havia morrido recentemente de Alzheimer. No final de sua vida, Chen não conseguia reconhecer os membros de sua família. Em seguida, ele recebeu uma transfusão de sangue por causa de outro problema de saúde, e o resultado surpreendente foi que suas faculdades mentais e sua capacidade de comunicação melhoraram drasticamente. Nickolich compartilhou aspectos da pesquisa de Wyss-Coray com a família de Chen, que acabou investindo na empresa que havia sido formada. A empresa, Alkahest, tem

como objetivo geral o desenvolvimento de terapias antienvelhecimento e, em particular, a identificação das proteínas do plasma sanguíneo envolvidas no processo de envelhecimento humano. Quando essas proteínas forem identificadas, a Alkahest pretende fabricar um produto para comercializar seus benefícios potenciais, embora isso possa levar mais de uma década.

No entanto, a Alkahest também tem objetivos de curto prazo. Em colaboração com a empresa espanhola Grigols, ela planeja investigar os efeitos de determinados elementos do plasma humano sobre a função cerebral. Os testes iniciais serão realizados em camundongos com a intenção de identificar as proteínas que desencadeiam melhorias na função cerebral. Posteriormente, esses resultados serão extrapolados para testes em humanos e, se os resultados forem satisfatórios, os produtos serão desenvolvidos e comercializados. Esse outro caminho não se concentra tanto em prolongar a vida para 150 anos ou mais, mas sim em melhorar a qualidade de vida das pessoas à medida que envelhecem.

Ao longo da história, houve muitos episódios em que os seres humanos tentaram, de diferentes maneiras, encontrar a fonte ou obter o elixir para manter a juventude eterna. Este não é o lugar para fazer um estudo detalhado de cada uma dessas tentativas, sejam elas lendas ou mitos antigos, bruxaria, magia, alquimia ou ritos de vampiros, entre outros, mas é o momento de ver o que a ciência do século XXI tem a dizer sobre isso.

É possível retardar o envelhecimento e estender a vida humana a limites hoje considerados surpreendentes? Ou isso é pura fantasia? Durante a segunda metade do século XX, foram feitos avanços em bioquímica, genética, medicina, computação e outras áreas do conhecimento que possibilitam finalmente encaixar as peças do quebra-cabeça e responder categoricamente a essa pergunta. Sim, é possível prolongar a vida humana além do que é considerado normal e reverter o envelhecimento. O trabalho ainda não está concluído, mas não se trata apenas de hipóteses fantasiosas sem nenhuma base científica.

Quando uma mansão é construída, por algum tempo o projeto está vivo apenas na mente do projetista ou em uma pilha de esboços e papéis bagunçados. Mais tarde, um banco concede uma hipoteca e, com os fundos

obtidos, um construtor é contratado. Ele traz uma escavadeira que começa a cavar um buraco no chão e coloca um grupo de trabalhadores para trabalhar na construção das fundações. O telhado está no lugar e as paredes começam a se erguer. A mansão agora é uma fantasia ou é real? A casa não está pronta para ser habitada, mas logo estará. Não se trata de mera imaginação, é apenas uma questão de tempo até que seja concluída. Esse é o ponto do caminho que estamos percorrendo no momento, quando falamos em retardar o envelhecimento e prolongar a vida humana além dos limites habituais.

Tudo começou com o Dr. Leonard Hayflick, há cerca de cinquenta anos, em sua pesquisa no Winstar Institute, na Filadélfia, Pensilvânia. Até então, era aceito nos círculos acadêmicos que células individuais poderiam viver para sempre *in vitro*, em um laboratório, se fossem cuidadas adequadamente. Hayflick observou que, independentemente do que ele fazia com as células que cultivava cuidadosamente no laboratório, elas sempre acabavam morrendo. Ele observou que as células se reproduziam, ou seja, dividiam-se um determinado número de vezes e depois paravam de se dividir, independentemente do que ele fizesse para evitar isso. Ele descobriu que as células do tecido pulmonar morriam após se dividirem cerca de 50 vezes. Em um segundo experimento, ele deixou que essas células se dividissem 25 vezes e as congelou por um tempo. Quando a temperatura foi restaurada, as células continuaram a se dividir até o mesmo limite anterior e depois morreram. À medida que as células se aproximavam desse limite de idade, elas mostravam sinais maiores de envelhecimento e deterioração. Hayflick postulou que o número de vezes que as células humanas se dividem é limitado, o que desde então ficou conhecido como o "limite de Hayflick". O pesquisador publicou seus resultados, o que, a princípio, lhe rendeu enormes críticas e ridicularização por parte do *status quo* da época, como de costume, mas acabou ganhando fama e reconhecimento, e o trabalho do cientista tornou-se um clássico que provou que nossas células envelhecem e morrem.

Na década de 1990, um grupo de cientistas começou a investigar o relógio que determina o tempo em que as células envelhecem e morrem. E a descoberta não foi menos empolgante: ela mostra que as células não têm motivo para envelhecer. As células têm relógios em seus cromossomos que

determinam sua vida útil e, portanto, uma célula morre quando o tempo que ela programou em seu relógio se esgota. As células cancerígenas, por outro lado, reiniciam continuamente seu relógio, o que lhes permite viver para sempre. Assim, podemos inferir que, se reiniciarmos o relógio de uma célula normal de qualquer tecido, ela terá mais tempo de vida, e se pararmos o relógio de uma célula cancerosa, ela morrerá. Em outras palavras, quando a ciência for capaz de manipular os relógios internos que controlam a vida das células, da mesma forma que você altera a hora do seu relógio de cabeceira, as células normais não envelhecerão e o câncer será curado. E, embora seja óbvio que um ser humano é mais do que a soma de suas células, isso permitirá que o corpo físico, composto de tecidos, não envelheça ou envelheça em um ritmo muito diferente do atual.

Bem, essa tecnologia biológica está sendo desenvolvida agora mesmo e é apenas uma questão de tempo, pois os fundamentos são claros e precisos. Não estou falando de fantasias, mas de algo que revolucionará a maneira como viveremos no planeta nas próximas décadas. Esse avanço tecnológico, como tudo o que existe neste mundo fenomenal, terá suas coisas boas e ruins, dependendo de como for usado, pois toda tecnologia tem os dois lados da moeda, mas não há dúvida de que acontecerá mais cedo ou mais tarde.

Por que esse evento científico está ocorrendo neste momento da história humana? Como repeti ao longo deste artigo, a chave para o avanço da ciência está na capacidade do pesquisador de transcender crenças dogmáticas ancoradas na sociedade por gerações. A crença na impossibilidade de voar impediu a criação de aviões, assim como a crença de que certas doenças eram incuráveis impediu a busca por uma cura. Há séculos é aceito que os limites da vida humana são algo que depende exclusivamente de uma lei superior que o homem não pode modificar ou sequer pensar em interferir, pois é uma prerrogativa divina. Mas nas últimas décadas, cientistas de mente aberta que nunca acreditaram nesses dogmas de fé estão liderando o que será a maior revolução humana desde as origens do homem.

Que ninguém pense que estou falando de imortalidade... pelo menos por enquanto. Uma coisa é estender os limites atuais da vida, retardar ou evitar

os sinais de envelhecimento, e outra bem diferente é evitar a morte física. O homem, nas próximas décadas, terá maior controle sobre sua vida e sua biologia, mas ainda será mortal. Não importa quais mudanças genéticas sejam feitas, quão saudáveis possamos ser ou quão jovens possamos parecer, ainda seremos mortais. Mas, mesmo que sejamos mortais, poderemos escapar do envelhecimento como ele é entendido hoje.

Todas as nossas células envelhecem, com exceção das células germinativas, do espermatozoide e do óvulo. É interessante notar que essas células nunca envelhecem, embora não sejam imortais. Elas não envelhecem desde o início da vida na Terra e carregam as informações genéticas de geração em geração até os dias de hoje. Por que as células germinativas não envelhecem, enquanto o restante das células que compõem o corpo humano, que carregam os mesmos genes, suportam os mesmos perigos e têm o mesmo metabolismo celular, envelhecem?

A resposta a essa pergunta é a chave para retardar o envelhecimento e eliminar a ameaça constante do câncer. A solução está dentro de nossas células, onde há mecanismos de relógio que marcam o tempo de sua existência. A boa notícia é que eles podem ser reiniciados. Mas não vou me precipitar.

A ciência ortodoxa baseia-se na crença de que a matéria é a base essencial do Universo, sendo a vida, a mente e a consciência fenômenos secundários que emanam da matéria, embora a falta de modelos satisfatórios para explicar o surgimento da vida, da mente e da consciência seja reveladora. No entanto, todos esses paradoxos são esclarecidos ao mudar a premissa fundamental na qual a ciência se baseia para uma que postula que a consciência da mente, e não a matéria, é a origem essencial de todas as coisas no Universo. Discordo por um momento para salientar que há uma sabedoria antiga que foi transmitida, de boca em boca, de mestre a discípulo, de geração em geração, até os dias de hoje. Esse conhecimento, reservado a poucos, tornou-se popular até certo ponto nos últimos tempos, sendo o único que nos permite dar respostas satisfatórias às grandes questões colocadas pela ciência.

O primeiro dos chamados 7 princípios herméticos, contidos no The Kybalion, diz o seguinte: "Tudo é mente; o Universo é mental". Esse princípio explica que o Universo inteiro é uma criação mental do Todo, em cuja mente vivemos e agimos. Pode-se afirmar que o ser humano, como todas e cada uma das coisas que compõem o Universo, é basicamente, em sua essência, informação que, por meio de um salto quântico, foi energizada e depois condensada e cristalizada em diversas formas e ações neste Universo material e fenomenal em que vivemos. Isso explica como, a partir da união de duas células germinativas simples, um ser humano composto por milhões de células e funcionalidades complexas pode se desenvolver: porque a informação (mente) carregada pelas células germinativas é subsequentemente energizada e materializada. Esse é o processo, e não o contrário: a consciência dá origem à matéria.

O corpo físico de uma pessoa é composto de células. Essas células constituem um universo extraordinariamente superpovoado. O número de células em um organismo nunca foi contado, mas será bem superior a um trilhão, podendo chegar a 100 trilhões. Cada célula é diferente, embora algumas, dependendo de suas funções, sejam quase idênticas, e são agrupadas em tecidos: muscular, cerebral, pulmonar, ósseo, etc.

A ciência moderna sabe que cada célula do organismo contém uma biblioteca de informações, com instruções de uso. Como em qualquer biblioteca, há livros, frases, palavras e letras. As informações escritas nesses livros dizem à célula como se organizar, realizar tarefas de manutenção, reproduzir-se, diferenciar-se de outras e assim por diante. Os livros, usando a linguagem biomédica, são os "cromossomos", longas cadeias moleculares nas quais estão escritas as frases que são "os genes". Em outras palavras, os cromossomos são compostos de genes. A soma de todos os cromossomos (livros) constitui o "genoma humano" (biblioteca). Assim, cada célula contém em seu interior a coleção completa de todos os genes. No caso do ser humano, essa biblioteca consiste em 46 livros, metade dos quais, 23, foram doados pelo pai e a outra metade, 23, pela mãe. As indicações escritas nesses livros (cromossomos), as frases (genes) em cada página, marcarão nossas habilidades e definirão, em grande parte, nossa existência. Cada frase tem informações precisas, não só para

transformar nosso corpo do estado fetal para o adulto, mas também para reconstruí-lo segundo a segundo diante das agressões da vida cotidiana.

Os cromossomos são estruturas organizadas, localizadas no núcleo da célula, compostas por DNA, RNA e proteínas que contêm a maior parte das informações genéticas do indivíduo. A ciência divide o cromossomo em diferentes partes: cromátide, centrômero, braço curto, braço longo, constrição secundária, satélite e telômero, dos quais o último desempenha um papel de importância vital no processo em questão.

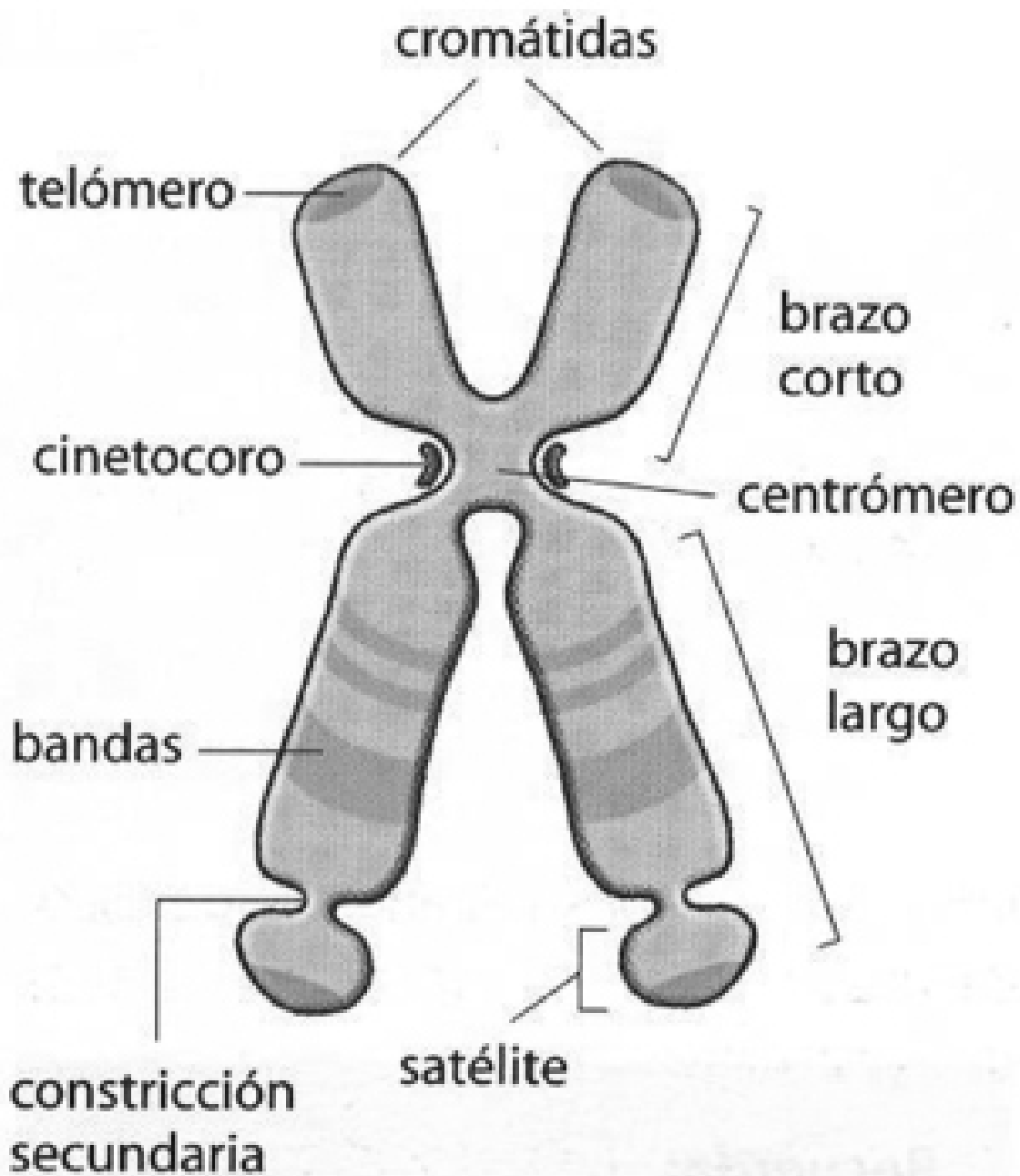


Figura 14.1 Cromossomo e telômero

Os telômeros (do grego telos, fim, e meros, parte) são a parte final do cromossomo, as extremidades do cromossomo. Seu formato é semelhante ao plástico que cobre as pontas dos cadarços. Eles foram descobertos na década de 1930 por Hermann Joseph Muller e, desde então, houve um

grande progresso em nosso conhecimento sobre eles, graças às técnicas de genética molecular.

James Watson, em 1972, observou que toda vez que um cromossomo se duplica, ele se encurta, o que ele chamou de "problema da replicação final". Em termos celulares, isso significa que toda vez que as células se dividem e o cromossomo se duplica, pedaços do telômero são perdidos. Porém, mesmo antes de Watson observar esse fato, Alexei Olovnikov, um biólogo russo, já havia começado a se perguntar se esse encurtamento do comprimento do telômero funcionava como um relógio para o envelhecimento celular. Sua ideia foi brilhante e totalmente correta.

Depois de alguns anos, Harley, Greider e Futcher publicaram os resultados de sua pesquisa na mesma linha de Olovnikov na Nature. Inicialmente, a publicação foi adiada porque um dos editores da revista rejeitou o artigo, pois não entendia como os dados podiam ser tão inquestionáveis. Esse foi o fenômeno que observei detalhadamente ao longo deste artigo, segundo o qual a grande maioria dos cientistas tem dificuldade em aceitar ideias simples baseadas em dados inquestionáveis quando os dados são contrários às suas crenças ou ao paradigma científico dominante. O artigo acabou sendo publicado, provavelmente devido ao apoio de James Watson. Esse foi o início de uma série de pesquisas empolgantes que levaram a uma compreensão bastante precisa da função do telômero e da telomerase no processo de envelhecimento celular.

Em 1984, Greider e Blackburn identificaram a substância que protege os telômeros do encurtamento. O telômero é composto por uma enzima chamada telomerase. Essa enzima não é uma proteína simples, como ocorre com outras enzimas, mas é parte proteína e parte RNA, um tipo de fóssil molecular com poucos paralelos na biologia. Um pouco mais tarde, alguns cientistas declararam que *"podemos parar o relógio celular por meio da enzima chamada telomerase. Sua presença impede o encurtamento do telômero após cada divisão"*.

Nos seres humanos, assim como em todos os vertebrados, o telômero é uma sequência repetitiva de milhares de bases de DNA na seguinte ordem: tiamina, tiamina, adenina, guanina, guanina, guanina, guanina (TTAGGG).

A cada processo de replicação celular, a extremidade do DNA não é copiada, e é por isso que o comprimento do telômero diminui com o tempo, ou seja, o comprimento do telômero depende da idade.

As células envelhecem porque os telômeros encurtam. E o encurtamento dos telômeros está relacionado ao número de divisões celulares. Quanto maior o número de gerações celulares ocorridas, mais curtos serão os telômeros, e quanto mais curtos forem os telômeros, mais antigo será o comportamento dessas células.

O telômero é um indicador preciso do envelhecimento celular? Atualmente, esse é o melhor método disponível. De fato, ele é ainda mais preciso do que a própria idade biológica. Embora geralmente haja uma correlação bastante boa entre a idade das pessoas e o comportamento biológico de suas células, nem sempre é esse o caso. É fácil encontrar pessoas que parecem mais jovens ou mais velhas do que sua data de nascimento, portanto, pode-se dizer que uma pessoa tem a idade de seus telômeros.

O Dr. Michael Fossell, em seu livro *Reversing human ageing* (Revertendo o envelhecimento humano), de 1996, explica detalhadamente tudo sobre os telômeros e o processo de envelhecimento celular, bem como as possíveis alternativas que podem ser buscadas a médio prazo com o objetivo de reverter a velhice e suas doenças. As próximas três décadas verão o amadurecimento de todas essas tecnologias antienvelhecimento emergentes, e é ainda mais provável que a solução para o câncer seja encontrada indiretamente.

Nesse processo de construção do edifício do que será, sem dúvida, no futuro, o corpo de terapias antienvelhecimento ou antienvelhecimento, há diferentes avenidas de pesquisa sendo realizadas por diferentes pesquisadores, das quais apenas esboçarei algumas. Com o tempo, todas elas se juntarão e se encaixarão umas nas outras, como um quebra-cabeça que acabará por criar uma imagem clara e precisa. É apenas uma questão de tempo.

A Geron Corporation, localizada em Menlo Park, Califórnia, é uma empresa de biotecnologia fundada em 1990 pelo gerontologista Michael

West e há muito tempo está listada na NASDAQ, a segunda maior bolsa de valores do mundo por capitalização de mercado, atrás apenas da Bolsa de Valores de Nova York, que lista as principais empresas de tecnologia do mundo. Essa corporação tem como foco principal o estudo da telomerase e das células-tronco. Sabe-se que algumas células não encurtam seus telômeros, como as células germinativas ou as células cancerosas, e também se sabe que a telomerase é uma enzima que desempenha um papel fundamental nesse mecanismo. A Geron está procurando aplicações para regular a telomerase a fim de encontrar tratamentos para o câncer e o envelhecimento.

Ao longo dos anos, a Geron já fabricou alguns produtos para ativar a telomerase e proteger os telômeros. E, embora seja apenas um primeiro passo, após investimentos de milhões, o que ela desenvolveu é um produto bastante caro que afirma ser capaz de ativar o gene hTERT que, por sua vez, ativa a telomerase. Trata-se do TA-65, uma molécula pura extraída da raiz de astragalus, com a propriedade de ativar a telomerase. O astrágalo tem sido usado pela medicina tradicional chinesa há séculos, o que lhe confere propriedades antienvelhecimento e de prolongamento da vida. Ele era frequentemente combinado com outras ervas para fortalecer o corpo contra doenças. É um adaptogênico ou substância natural que fornece nutrientes especiais para ajudar o corpo a atingir o desempenho ideal. O astragalus membranaceus ou raiz de astragalus era usado basicamente para reabastecer o corpo com chi (energia vital) e aumentar a energia yang, ao mesmo tempo em que eliminava as toxinas. É uma poderosa erva adaptogênica com incríveis qualidades de fortalecimento imunológico. O TA-65, assim como o ácido ascórbico, é considerado um nutracêutico, ou seja, um alimento com propriedades medicinais, não um medicamento.

De acordo com a Geron Corporation, o TA-65 não é igual ao extrato de astrágalo que pode ser comprado em ervanárias e lojas de produtos naturais. A diferença está, por um lado, na pureza e na concentração do extrato como resultado do método de filtração e extração estabelecido pela Geron e, por outro lado, em seu preço exorbitante. No entanto, acredito que os mesmos resultados podem ser obtidos de forma mais econômica se as diretrizes dietéticas tradicionais de ervas chinesas forem seguidas na preparação

caseira. Pela enésima vez, a ciência moderna está redescobrando e exaltando conhecimentos antigos.

Uma equipe de pesquisadores da Harvard Medical School, nos EUA, parece ter descoberto uma das causas do processo de envelhecimento em mamíferos e, ao mesmo tempo, conseguiu reverter seus efeitos. No nível celular, há uma série de processos moleculares que permitem a comunicação ideal entre o núcleo e as mitocôndrias, as fábricas de energia para a atividade celular. Quando essa comunicação deixa de ser fluida, o envelhecimento é acelerado.

De acordo com o professor David Sinclair, o processo de envelhecimento que eles estudaram é comparável ao de um casamento. Quando o relacionamento é jovem, os parceiros se comunicam bem entre si, mas com o passar do tempo essa comunicação se desfaz. Em ambos os casos, a comunicação pode resolver problemas. Em experimentos com ratos, os pesquisadores descobriram que restaurar a comunicação entre o núcleo e a mitocôndria tinha um efeito rejuvenescedor no corpo. Para fazer isso, eles aumentaram o nível de uma molécula que ocorre naturalmente, a NAD (Nicotinamida Adenina Dinucleotídeo), que diminui com o passar dos anos no corpo. Os resultados foram que alguns dos sinais de envelhecimento foram revertidos nesses roedores. Ao examinar os músculos dos camundongos em relação a alguns dos indicadores relacionados ao envelhecimento (resistência à insulina, inflamação e perda de massa muscular), descobriu-se que o tecido muscular dos animais de dois anos de idade que receberam o composto era comparável ao dos camundongos de seis meses de idade. Em termos humanos, isso seria o equivalente a 20 anos de vida.

A equipe de Sinclair vem concentrando suas pesquisas no processo de envelhecimento há anos e, em 2008, publicou um artigo na revista *Cell* no qual afirmava ter encontrado um mecanismo universal de envelhecimento no qual uma proteína chamada "sirtuína" desempenhava um papel fundamental na expressão adequada dos genes. As sirtuínas são dependentes de NAD, portanto, as duas investigações estão inter-relacionadas. Experimentos com camundongos mostraram que, ao restaurar os níveis de sirtuína com resveratrol, um ativador de proteína, o reparo do

DNA foi mais eficiente e os roedores mantiveram a expressão gênica da juventude. Descobriu-se que o resveratrol aumentava a vida útil dos camundongos em 25 a 45%.

Por que a molécula NAD é tão importante? Sem ela, a sirtuína (SIRT1), por ser dependente de NAD, perde sua capacidade de controlar outra molécula, a HIF, que, por sua vez, interfere negativamente na comunicação entre o núcleo e a mitocôndria, e demonstrou estar ativada em muitos tipos de câncer. Portanto, o valor da molécula NAD pode estar em sua capacidade de diminuir os níveis de HIF. A função das sirtuínas em todo esse processo será discutida em mais detalhes posteriormente.

A partir da análise da pesquisa acima, uma conclusão é clara: existe uma relação muito próxima entre a atividade metabólica e o prolongamento da vida. Por outro lado, também sabemos de um lugar onde as pessoas vivem mais do que em outras partes do mundo...

Okinawa é a maior ilha do arquipélago japonês de Ryukyu, no Oceano Pacífico, e é conhecida por ter uma das populações mais longevas e provavelmente a maior concentração de centenários, com a menor taxa de mortalidade por câncer e doenças cardiovasculares. É conhecido por ter uma das populações mais longevas e, provavelmente, a maior concentração de centenários, com menor taxa de mortalidade por câncer e doenças cardiovasculares. Qual é o motivo disso, será que eles conseguiram retardar o envelhecimento e será que a dieta e o modo de vida deles têm algo a ver com isso? O fato é que eles consomem consideravelmente menos calorias (cerca de 30% menos) do que o restante dos japoneses e sua dieta é diferente.

Em 1935, os pesquisadores americanos McCay, Crowell e Maynard publicaram um estudo em uma população de ratos com o objetivo de observar a relação entre o retardo de crescimento e o tempo máximo de vida. Para isso, eles restringiram a quantidade total de calorias na dieta dos animais, mantendo um equilíbrio adequado de nutrientes (proteína, gordura, carboidratos, minerais e vitaminas). Várias características fisiológicas foram analisadas, mas nenhuma referência foi feita ao cérebro. Longe desses cientistas imaginarem que o cérebro era o órgão que sofreria as

maiores mudanças e, com elas, direcionaria a atividade do resto do corpo e a longevidade dos animais.

Os resultados mostraram que, em uma situação de restrição calórica, os ratos vivem mais. A influência sobre o tempo de vida dos animais dependeu do grau de restrição calórica, sendo realmente eficaz quando foi em torno de 30-40% do que o animal consumia diariamente quando alimentado ad libitum (sem restrições). O tempo de vida dos animais foi estendido em até 40%. Desde então, esse tipo de estudo tem sido repetido por vários pesquisadores, tentando elucidar a base molecular e celular para esses resultados surpreendentes. Atualmente, podemos afirmar que esse é o único método comprovado que aparentemente tem efeito universal no retardo do envelhecimento orgânico, tanto em mamíferos quanto em invertebrados, aumentando o tempo máximo de vida das espécies e, ao mesmo tempo, melhorando a saúde e a vitalidade dos animais. Esses estudos mostram que as patologias associadas ao envelhecimento são reduzidas e os animais mais velhos parecem mais vigorosos e mais ativos do que seus pares com alimentação abundante.

O que acontece no corpo desses ratos que vivem mais? O que faz com que esses ratos envelheçam mais lentamente? Pesquisas sugerem que a restrição calórica leva a um metabolismo mais eficiente. Acredita-se que os alimentos ingeridos são convertidos de forma mais eficiente em substâncias químicas consumidas pelas células do corpo e, portanto, o processo de digestão resulta em menor produção de elementos tóxicos (radicais livres). Isso é indicado pelos experimentos de Sohal e Weindruch, que mostram uma diminuição na geração de radicais livres na mitocôndria (a fábrica de células).

A restrição calórica produz um amplo espectro de alterações genéticas, bioquímicas e fisiológicas em animais, das quais aproximadamente 90% melhoram o processo de envelhecimento. Essas alterações incluem uma redução em determinados hormônios catabólicos e níveis de glicose, bem como um aumento na sensibilidade à insulina.

Mas será que esse efeito da restrição calórica em roedores pode ser extrapolado para os seres humanos? É sabido que esse tipo de experimento

com seres humanos envolve grandes dificuldades, para não dizer impossibilidades, sendo que apenas alguns indivíduos que decidiram livremente viver uma vida espartana podem realizar esse tipo de experimento. No entanto, em 2014, os resultados de um estudo de 25 anos de restrição calórica em macacos vieram à tona, mostrando uma redução significativa na taxa de mortalidade. O estudo começou na Universidade de Wisconsin, em Madison, em 1989, e é um dos dois principais estudos em andamento que examinam o efeito de uma dieta restrita em primatas não humanos. Vou me concentrar nesse estudo e não em outro estudo conduzido pelo National Institute of Aging, que sofreu falhas básicas em seus protocolos de pesquisa, como incluir no grupo de controle (os animais que se alimentam livremente) animais em restrição calórica, tornando os resultados muito questionáveis e diferentes.

O estudo com 76 macacos rhesus está sendo realizado no Wisconsin National Primate Research Center, em Madison. Quando tinham entre 7 e 14 anos de idade, um grupo de macacos foi submetido a uma dieta com 30% menos calorias do que o outro grupo, que podia comer o quanto quisesse. Os resultados mostram que o grupo que teve livre acesso aos alimentos aumentou o risco de doenças em 2,9 vezes e triplicou o risco de morte. Richard Weindruch, professor de medicina da School of Medicine and Public Health e um dos fundadores do estudo, disse: "O estudo é importante porque avança a ideia de que os processos biológicos observados em organismos inferiores são aplicáveis aos primatas. E acreditamos que o estudo dos mecanismos em ação na restrição calórica levará ao desenvolvimento de medicamentos e tratamentos para combater o envelhecimento e as doenças.

A restrição calórica aumentou o tempo de vida de moscas, leveduras e roedores em até 40%, e os cientistas vêm tentando desvendar seus mecanismos há algum tempo. Já estão sendo estudados medicamentos para ativar os mesmos mecanismos presentes na restrição calórica. Há um enorme interesse do setor privado nesse sentido devido às implicações econômicas. Parece que muitos dos benefícios decorrentes da restrição calórica derivam de como ela afeta a regulação da energia, como a energia é usada. A restrição calórica resulta essencialmente em uma reprogramação do metabolismo. Em todas as espécies investigadas, ela resultou em uma

desaceleração do envelhecimento, melhorando a capacidade de regular a energia e a resposta das células do corpo às mudanças do envelhecimento.

Outra descoberta interessante foi que os pesquisadores obtiveram casos de diabetes entre os animais do grupo de controle (aqueles que podiam comer o quanto quisessem) quando estavam no início da vida, seis meses após o início do experimento. O contraste com o grupo de animais com restrição calórica não poderia ter sido mais dramático, onde não houve evidência de diabetes ou pré-diabetes até muitos anos depois. O principal dos déficits metabólicos é o diabetes, visto como a incapacidade do organismo de responder adequadamente aos nutrientes. O diabetes danifica os músculos, a gordura, os vasos sanguíneos e até mesmo o cérebro, e é a principal causa de incapacidade e morte nos Estados Unidos. Esse estudo deixa claro que os mecanismos bioquímicos que produzem a restrição calórica em roedores, vermes, moscas e leveduras também são verdadeiros em primatas. A mensagem é otimista para a humanidade, pois, pela primeira vez, temos a oportunidade de analisar o processo em detalhes, aprender como ele funciona em nível biológico e como ele pode beneficiar os primatas humanos, que são tão próximos dos macacos rhesus.

Nesse ponto, surge a questão de saber se é possível obter os benefícios da restrição calórica sem sofrer os efeitos negativos da fome. A metformina não é um medicamento novo. O componente químico que produz o efeito de redução do açúcar, a galegina, foi descoberto em 1920 na galega (*Galega officinalis*). Já em 1958, a Inglaterra aprovou a metformina para tratar o diabetes tipo 2. Mas foi somente em 1995 que a FDA (Food and Drugs Administration) autorizou seu uso nos EUA. Em 2015, a FDA aprovou um estudo clínico intitulado Targeting Aging With Metformin (Envelhecimento com Metformina), que tem como objetivo analisar o uso do medicamento como geroprotetor. O estudo é liderado pelo Dr. Nir Barzilai, diretor do Institute for Aging Research no Albert Einstein College of Medicine, em Nova York. Há grandes esperanças para o estudo, tanto que até mesmo o Dr. Robert Temple, vice-diretor da FDA, fez esta declaração:

A esperança é que uma grande variedade de problemas relacionados à idade, perda de tônus muscular, tontura, catarata, demência, perda de visão e todos esses... (sic). Seria algo que nunca foi feito antes. Quando você estuda algo que pode alterar o envelhecimento, toda a população fica interessada. Seria revolucionário se eles conseguissem fazer isso.

A metformina é um medicamento oral usado para melhorar o controle do açúcar no sangue em pessoas com diabetes tipo 2. Mas, caro leitor, se você teve a paciência de chegar até aqui, já deve estar familiarizado com o fato de que o processo de envelhecimento está intimamente relacionado ao processo metabólico e o processo metabólico está intimamente relacionado ao açúcar, conforme refletem as pesquisas de ponta que você leu neste capítulo. Portanto, surge a pergunta: a metformina poderia ser usada para obter alguns dos efeitos benéficos demonstrados pelas dietas com restrição calórica? Alguns cientistas estão postulando-a como a melhor candidata no momento para se tornar um dos primeiros medicamentos antienvelhecimento. Como tratamento antidiabético, ele suprime a produção de glicose no fígado e melhora a sensibilidade à insulina. Os efeitos benéficos para os pacientes incluem a normalização dos níveis de glicose, a redução dos níveis de colesterol LDL e de triglicérides, além de facilitar a perda de peso. É um medicamento relativamente seguro, embora alguns pacientes sintam desconforto digestivo quando o tomam. Também é barato. O medicamento aumenta o número de moléculas de oxigênio liberadas na célula, o que parece melhorar a resistência e a longevidade. Ele também melhora o desempenho de uma enzima encontrada nas células, a proteína quinase ativada por monofosfato de adenosina (AMPK).

A ativação da AMPK tem os efeitos miméticos benéficos da restrição calórica, que, como você sabe, é o método mais documentado e comprovado de prolongamento da vida. De fato, um dos benefícios da restrição calórica é um aumento substancial da atividade da AMPK nas células, à medida que elas entram em um processo de semi-inanição, o que melhora sua sobrevivência. As pessoas que se exercitam regularmente e com vigor aumentam seus níveis de AMPK, o que pode ser uma das razões

pelas quais o exercício reduz significativamente o risco de câncer. A metformina realmente tem propriedades antienvelhecimento? E se a ciência estiver certa, existem meios naturais que produzem o mesmo efeito? Algumas pessoas já estão tomando sua dose diária de metformina para esse fim, mas existem alternativas naturais e mais seguras para aumentar a atividade da AMPK. Deve-se lembrar que a *Galega officinalis* não pode ser ingerida, devido às suas propriedades tóxicas, mas há outros remédios fitoterápicos que aumentam a atividade da AMPK, inclusive o *Gynostemma pentaphyllum* e o fruto da *Rosa canina* ou rosa silvestre.

A *Gynostemma pentaphyllum*, conhecida como yiaogulan, literalmente "orquídea trepadeira", é uma erva da família das cucurbitáceas nativa da China, Vietnã, Coreia e Japão, usada na medicina tradicional e atualmente pela fitoterapia como antioxidante e adaptógeno. Ela é conhecida como "ginseng do sul". Há um vale na China chamado "o vale dos milênios" onde esse chá é consumido, e o grande número de idosos nessa região é particularmente interessante. As folhas da planta podem ser consumidas cruas ou cozidas como um vegetal. As folhas podem ser usadas para fazer uma deliciosa infusão que lembra o alcaçuz. Um extrato da trepadeira *Gynostemma pentaphyllum* tem sido usado na medicina tradicional chinesa há séculos para promover a longevidade. Houve muitos estudos sobre o yiaogulan, todos mostrando uma ampla variedade de benefícios, mas em 2010, pesquisadores de diferentes universidades (Instituto Karolinska, Estocolmo, Suécia; Universidade Médica de Hanói, Hanói, Vietnã; Instituto Nacional de Gerontologia, Hanói, Vietnã) colaboraram em um estudo chamado Efeitos antidiabéticos do chá de *Gynostemma pentaphyllum* em pacientes diabéticos, concluindo que a infusão de yiaogulan tinha propriedades de alívio de doenças.

Vinte e quatro participantes com diabetes tipo 2 que não estavam tomando medicação para regular o açúcar no sangue beberam chá de *Gynostemma pentaphyllum* ou chá placebo durante doze semanas. Houve uma redução significativa do açúcar no sangue, bem como uma redução significativa da resistência à insulina no grupo do chá de *Gynostemma pentaphyllum* em comparação com o grupo do chá placebo. Nenhum dos participantes apresentou baixo nível de açúcar no sangue ou hipoglicemia, nem efeitos negativos que afetassem os rins, o fígado ou o sistema digestivo. O extrato

de folhas de *Gynostemma* está disponível em lojas especializadas em suplementos nutricionais.

O transtirosídeo, uma flavona glicosídica extraída da *Rosa canina*, também tem o efeito de aumentar os níveis de AMPK. Os pesquisadores observaram em estudos pré-clínicos que seu uso promove níveis saudáveis de glicose no sangue, além de ajudar a reduzir o peso corporal. Outros efeitos observados incluem a redução do colesterol LDL e dos triglicerídeos, bem como o aumento do colesterol HDL e o aumento dos efeitos antioxidantes da superóxido dismutase (SOD). O uso oral da *Rosa canina* também parece ter melhorado a hidratação e a elasticidade da pele, além de reduzir as rugas faciais. O extrato de rosa canina é considerado seguro e não tóxico, mas pode causar diarreia ou gases, ou até mesmo constipação.

Mas será que esse conhecimento é novo e eles sabiam disso no passado? Pesquisas científicas de ponta estão começando a apoiar uma das práticas de saúde mais antigas usadas no passado: o jejum. O Dr. Mark Mattson, chefe do Laboratório de Neurociência do National Institute on Aging, vem realizando pesquisas sobre jejum intermitente em camundongos na última década e chegou a algumas conclusões surpreendentes. No teste do labirinto, os camundongos que atingiram um nível baixo de glicose no sangue devido ao jejum obtiveram resultados melhores do que o grupo de controle e até melhores do que os camundongos com restrição calórica. Os exames de sangue explicam o motivo: certas proteínas, como o fator neurotrófico derivado do cérebro (BDNF), que promove a formação de novos neurônios, eram mais altas nos camundongos em jejum.

A descoberta permitiu que pessoas magras se beneficiassem da restrição calórica sem perder muito peso. Já se sabia que a restrição calórica melhorava as funções cognitivas; agora os experimentos de Mattson mostraram que o jejum intermitente funcionava ainda melhor do que a limitação de calorias. Mattson explica o princípio por trás de tudo isso:

Se você desafiar suas células, bioenergeticamente falando, por meio de exercícios físicos ou jejum, as células nervosas respondem de forma adaptativa e são ativados

procedimentos internos que aumentam a resistência neuronal ao estresse e às doenças neurodegenerativas relacionadas à idade.

Será que o mesmo princípio se aplica aos seres humanos? O controle da glicose parece ser a chave mestra. Desde os tempos antigos, sabe-se que existe uma ferramenta indispensável para a preservação da saúde e o desenvolvimento das faculdades internas do discípulo: o jejum terapêutico e espiritual, a melhor das cirurgias da natureza.

De um ponto de vista místico, o corpo físico e o corpo espiritual são dois extremos vibratórios do mesmo elemento: o ser humano. Da mesma forma que quando a luz aumenta, a escuridão diminui, ou quando o calor aumenta, o frio diminui, se o corpo físico é privado de seus nutrientes e relativamente enfraquecido, o outro extremo, o mais sutil e espiritual, é fortalecido. É por isso que, quando você jejua por vários dias, seus pensamentos começam a ter uma clareza que não tinham antes. A mente começa a ver as coisas de outra perspectiva, mais elevada, menos condicionada pela matéria e mais próxima das dimensões que só atravessamos totalmente quando morremos e nos desligamos do veículo físico. Durante o jejum, há um salto quântico em que a percepção e a velocidade da mente intuitiva permeiam a mente racional. O resultado é um certo grau de iluminação ou satori. É uma experiência memorável para aqueles que se dedicam a atividades criativas, como escrever ou pintar, pois a inspiração bate à porta com uma força incomum, pode-se dizer, que quase pode ser tocada. Algo tão trivial como uma caminhada na natureza ou assistir a um pôr-do-sol tornam-se eventos inesquecíveis, dada a percepção especial de suas cores, cheiros e sensações. Meditar depois de vários dias de jejum é algo que não pode ser explicado em palavras e que eu o encorajo a experimentar, pois somente dessa forma você poderá ver o antes e o depois.

Antes de mais nada, o que é jejum? Para ter uma ideia clara do significado das palavras, nada melhor do que dar uma olhada na rotina diária. Todas as manhãs, após uma boa noite de sono, a maioria das pessoas come algum alimento em diferentes formas e quantidades, dependendo do país em que vivem e de seus costumes. Esse ato é chamado de "café da manhã". Do

ponto de vista linguístico, o prefixo "des" significa "quebrar", e assim como o termo "desfazer" significa quebrar o que foi feito, no caso da palavra "café da manhã", o significado é "quebrar o jejum", ou seja, o período entre o jantar e o café da manhã, caracterizado por não comer nada. Esse é o verdadeiro significado do jejum: a ausência total, e não parcial, de alimentos por um determinado período de tempo. Gostaria de enfatizar esse conceito, porque hoje em dia certos tipos de monodietas se tornaram moda e são erroneamente chamados de jejum. Durante o jejum, é permitido beber água, mas isso não deve ser confundido com a ingestão de alimentos na forma líquida, como sucos de frutas ou xaropes. O segredo é interromper o processo de digestão e isso funciona sempre que houver alimentos para digerir, mesmo que a quantidade seja mínima. Além disso, gostaria de dizer que há um tipo de jejum em que a ingestão de líquidos é suspensa, mas isso não será discutido neste artigo.

Qual é a necessidade humana de jejuar? Para responder a essa pergunta, usarei um exemplo com o qual todos nós estamos familiarizados. O objetivo do óleo em seu carro é engraxar, lubrificar e manter o motor em perfeitas condições. No entanto, quando as moléculas de óleo entram em contato com o oxigênio, elas começam a se oxidar e, com o tempo, sua função se degrada até que, finalmente, se rompem. Isso significa que ele não pode mais desempenhar sua função de lubrificação, com o perigo que isso acarreta para o motor, e é por isso que ele precisa ser trocado de tempos em tempos. Quando se troca o óleo do carro, a primeira coisa que se faz é abrir o reservatório para que todo o óleo usado caia, e só depois de esvaziá-lo e limpá-lo é que o novo óleo é colocado. No corpo humano acontece algo semelhante, há um processo de oxidação e degradação que, por fim, leva à morte e à decomposição física.

Atualmente, o paradigma de saúde dominante em todo o mundo é o modelo ocidental. Ele enfatiza o físico e a ingestão de nutrientes (princípio yang) na forma de proteínas, carboidratos, vitaminas e sais minerais, ou seja, reconhece que o óleo precisa ser trocado, mas negligencia a limpeza. Por outro lado, o modelo oriental concentra-se nas energias mais sutis, na eliminação de toxinas e na limpeza do organismo (princípio yin).

Para chegar ao processo saudável (o Tao), é preciso esvaziar antes de encher, ou, em outras palavras, primeiro desintoxicar (yin) e depois nutrir (yang). A equação hermética é perfeitamente desenvolvida quando os opostos são harmoniosamente integrados. Em suma, se você quiser aproveitar ao máximo os nutrientes de sua dieta, primeiro deve limpar o corpo dos resíduos gerados pelo mesmo processo alimentar. É possível encher os pulmões de ar puro sem antes ter expelido o ar viciado que existe dentro deles? Qual seria o sentido de encher um copo de líquido sem antes esvaziá-lo?

O jejum é usado por animais e crianças instintivamente para curar o organismo quando há um desequilíbrio. A natureza sábia provoca a perda de apetite em determinadas situações, reagindo à comida até mesmo com vômitos, e é apenas a estupidez humana que insiste em dar comida, com base em seu programa cultural-cerebral estabelecido. Quando uma pessoa está próxima da morte neste plano físico, ela também perde naturalmente o apetite e, se insistirmos em alimentá-la, aumentaremos seu sofrimento. Precisamos aprender a ouvir nosso corpo e não o que dizem os modismos culturais disfarçados de cientificismo.

O jejum já era usado como um método terapêutico e de crescimento espiritual pela civilização mais antiga da humanidade, os sumérios, de onde seu uso se espalhou para outros povos e culturas. Ele era praticado regularmente por Aristóteles e Platão para melhorar seu desempenho físico e mental. Pitágoras jejuou por quarenta dias, recomendando sua prática em sua escola de mistérios, e na Bíblia há dezenas de alusões a jejuns prolongados feitos por Jesus e pelos apóstolos, bem como no Mahabharata e no Upanishad, entre muitos outros escritos antigos. Hipócrates, o pai da medicina, disse no século V a.C:

Todas as pessoas têm um médico dentro delas; apenas devemos ajudá-lo em seu trabalho.

A força curativa natural dentro de cada um de nós é a maior força que existe para a cura.

Que tua comida seja tua medicina, e a medicina seja tua

comida.

Os alimentos na convalescença fortalecem, na doença enfraquecem.

Hipócrates

E Plutarco, o filósofo grego, que professava um interesse mais do que casual pela medicina, disse:

Em vez de tomar medicamentos, faça jejum por um dia.

Plutarco

Quais processos biológicos ocorrem durante o jejum? O jejum provoca uma série de alterações metabólicas no corpo. Isso levará à expressão de determinados genes que estavam inativos anteriormente e aos efeitos benéficos resultantes no nível psicofísico. Durante a primeira fase do jejum, o corpo consome a glicose circulante e o glicogênio armazenado no fígado e nos músculos. Essa fase dura de 24 a 48 horas. Em seguida, ocorre um estado de deficiência ou hipoglicemia e, embora o corpo se equilibre posteriormente e os níveis de glicose no sangue voltem ao normal, podem ocorrer alguns sintomas não preocupantes, como tontura e suores frios. Durante essa segunda fase, os mecanismos de consumo de gordura são acionados, agindo nas terminações nervosas, no hipotálamo, nas glândulas suprarrenais e no pâncreas. O hipotálamo começa a liberar o hormônio do crescimento, entre outros, e o pâncreas diminui a produção de insulina. Menciono esses dois fatores porque eles são decisivos nas pesquisas de ponta que estão sendo realizadas nas últimas décadas sobre a extensão da vida, o prolongamento da vida.

Durante o jejum, o principal combustível é a gordura e, ocasionalmente, as proteínas que não são essenciais para a vida, que, com sua glicogênese, ajudarão o cérebro a se adaptar até que seja capaz de usar corpos cetônicos como fonte de energia. Quando toda a gordura do corpo tiver sido consumida, ele começará a consumir as proteínas que são essenciais para a vida, de modo que, nesse momento, o apetite retorna e é preciso comer, caso contrário, haverá morte.

Há muitas razões para o jejum, incluindo o fato de que ele normaliza a sensibilidade à insulina e à leptina, aumentando a eficiência energética das mitocôndrias (assim como a restrição calórica fez em ratos e primatas). Embora o açúcar seja a fonte de energia do corpo, ele promove a resistência à insulina quando consumido nas quantidades monstruosas que são consumidas em nossas dietas modernas de alimentos processados. A resistência à insulina, por sua vez, é uma das principais causas de doenças crônicas, desde doenças cardíacas até câncer.

O jejum aumenta a produção do hormônio do crescimento humano (HGH). Esse é um hormônio que praticamente deixa de ser produzido na terceira década de vida, desempenhando um papel importante na saúde e no esporte, além de retardar o processo de envelhecimento. O HGH também é um hormônio de queima de gordura, o que ajuda a explicar por que o jejum é tão eficaz para a perda de peso.

Ele também reduz os níveis de triglicerídeos e melhora outros marcadores biológicos de doenças. O jejum reduz o estresse oxidativo causado pelo acúmulo de radicais livres nas células e, assim, evita danos oxidativos às proteínas celulares, lipídios e ácidos nucleicos, fatores associados ao envelhecimento e às doenças.

As mais recentes pesquisas científicas de ponta estão corroborando a antiga sabedoria hermética, fornecendo evidências claras a esse respeito. Há alguns anos, Leonard Guarente, biólogo do MIT (Massachusetts Institute of Technology), descobriu que a simples ativação de uma proteína chamada sirtuína, SIRT1, era suficiente para prolongar a vida da levedura de cerveja. Posteriormente, outras pesquisas mostraram que o mesmo efeito é produzido em vermes, moscas e camundongos, prolongando sua vida útil em até 50%. Pere Puigserver, do Dana Farber Cancer Institute, mostrou que a restrição calórica aumenta os níveis de NAD no fígado, o que, por sua vez, estimula a atividade de SIRT1, SIRT3 e outros. Tudo isso estabelece uma conexão clara entre a dieta e a expressão de SIRT1, bem como os efeitos misteriosos atribuídos à restrição calórica e ao jejum.

O que são sirtuínas? As sirtuínas são enzimas que ativam os genes de sobrevivência. Quando o alimento é escasso, elas entram em ação,

permitindo que você viva mais tempo e com mais saúde do que o normal. Os ativadores de SIRT1 conferem, à primeira vista, os mesmos efeitos benéficos que uma dieta de baixa caloria ou jejum, como Carles Canto, do laboratório Auwerx, em Lausanne, demonstrou com o medicamento SIRT1720. A droga impediu completamente que os camundongos engordassem após várias semanas de dieta rica em gordura e também impediu que eles desenvolvessem resistência à insulina, que leva ao diabetes e a danos cardiovasculares.

Essas linhas não têm a intenção de substituir um guia detalhado sobre como fazer jejum. Se você decidir fazer isso, seria bom se preparar detalhadamente e procurar supervisão médica, embora para uma pessoa saudável um curto período de abstinência de alimentos não cause grandes problemas. Considere esse período como um momento de recolhimento especial consigo mesmo para se sintonizar com o Cosmos e você obterá os melhores resultados. É o momento ideal para meditação, caminhadas, leitura e outras atividades criativas. Se você praticar o jejum de forma científica, obterá resultados surpreendentes em todos os níveis. Não é fácil, mas as recompensas valem a pena. Lembre-se de que a ciência da alquimia não é para os preguiçosos e fracos de coração. Você só obtém resultados proporcionais ao que investiu. E a moeda é o esforço. Mas se você fizer isso, pode ter certeza de que o retorno será mais do que compensador.

Outra opção a ser considerada por aqueles que se identificam com você, e que a ciência está começando a descobrir, é o jejum intermitente, que consiste em fazer apenas uma refeição em um período de vinte e quatro horas. Embora seja amplamente aceito pelas faculdades de medicina e, portanto, pela sociedade, que o mais saudável é comer várias vezes ao dia, tudo o que você leu neste capítulo aponta para o fato de que, mais uma vez, o paradigma científico dominante está falhando. Muitas pessoas dizem que com o estômago vazio você não tem força, mas isso simplesmente não é verdade e não há base científica para isso. Convido-o a refletir sobre o que acontece com você depois de comer. Você se sente sonolento e sem energia, porque o próprio processo digestivo precisa gastar muita energia. Uma equipe de pesquisadores liderada por Martin Wegman realizou um estudo na Faculdade de Medicina da Universidade da Flórida, no qual concluíram que o jejum intermitente produziu um ligeiro aumento na SIRT3, com as

implicações que isso tem para a saúde e a longevidade, especialmente se levarmos em conta que o experimento consistiu em participantes que alternavam um dia em que comiam 175% de sua ingestão com outro em que comiam 25%, o que não pode ser considerado exatamente um jejum.

Pode ser ideal fazer apenas uma refeição por dia, a refeição da noite, em um momento em que não há mais atividade e você pode relaxar completamente ou até mesmo dormir. Diz-se que não se deve dormir imediatamente após o jantar. Esse é outro dogma de fé sem nenhuma base científica. Se o jantar nos deixa sonolentos, por que não deveríamos seguir nosso instinto natural? Mais uma vez, vemos que os seres humanos estão deixando de ouvir a si mesmos e a sabedoria de seus corpos em troca de seguir supostas verdades. E, no entanto, as mesmas pessoas que são contra ir para a cama depois do jantar ou que postulam que o jantar deve ser muito leve, são as que defendem um bom cochilo depois de uma boa refeição ao meio-dia como muito saudável. Tudo isso não é muito coerente. E, embora cada um deva procurar o tipo de dieta que melhor se adapte às suas características pessoais, recomendo que você não descarte uma opção que, com o tempo, à medida que entramos na era de Aquário, receberá o apoio da maioria dos pesquisadores e cientistas.

CAPÍTULO XV

A ERA DE AQUÁRIO: UMA CIÊNCIA MAIS MÍSTICA E UMA RELIGIÃO MAIS CIENTÍFICA

*Saber que se sabe o que se sabe, e que não se sabe o que
não se sabe; este é o verdadeiro saber.*

Confúcio (551 a.C. - 479 a.C.), pensador chinês

A BUSCA PELO CONHECIMENTO por parte da humanidade tem sido uma constante ao longo de toda a história. No entanto, esse conhecimento tem sido influenciado pelos ciclos cósmicos ou ritmos desse grande ser no qual estamos imersos. E embora o conhecimento seja uno, as abordagens para alcançá-lo têm sido diversas, sempre dependendo do ponto de observação. Ao longo deste trabalho, forneci evidências que demonstram que tudo teve início na Suméria e se espalhou por todo o mundo conhecido. Os livros que compõem o Antigo Testamento foram escritos por escribas hebreus durante a era de Áries, que foi imediatamente anterior à era cristã

por excelência, a era de Peixes. Contudo, eles foram compilações de textos mesopotâmicos muito mais antigos, escritos durante as eras de Áries e Touro, e até mesmo em tempos anteriores. Cada era astrológica de 2.160 anos representa um novo passo na evolução da humanidade, e em cada uma delas, o conhecimento essencial e invariável é expresso a partir de uma perspectiva diferente.

A era de Gêmeos (6.480 a.C. - 4.320 a.C. aproximadamente) é a época em que surgem os primeiros sistemas de escrita na história da humanidade. A invenção da roda e de outros sistemas de transporte ocorreu sob a influência dos gêmeos mercurianos. Sagitário, a constelação oposta, representa o início da filosofia e dos ideais sociais.

As culturas mediterrâneas do período de Touro (4.320 a.C. - 2.160 a.C. aproximadamente) deixaram inúmeros vestígios artísticos e lendas que têm o touro sagrado como motivo central. Em Creta, é o Minotauro. A tourada ou o festival nacional espanhol é uma prática que persiste até hoje na Península Ibérica e tem suas origens nos tempos pré-cristãos, integrando o significado do touro (Touro) com o ato de desafiar a morte (Escorpião) representado pelo toureiro no momento em que ele expõe seu peito diante dos chifres do animal, inclinando-se em direção à cabeça com a intenção de inserir a espada entre seus chifres. A arte egípcia é projetada de acordo com as qualidades de Touro: solidez, durabilidade, etc., como no caso das pirâmides; mas, ao mesmo tempo, a constelação oposta, Escorpião, combina com essas características as de preocupação e reflexão sobre a morte física e a vida pós-morte: embalsamamento, câmaras funerárias, etc. Da mesma forma que o Minotauro em Creta, um labirinto muito especial foi construído em homenagem ao touro Apis em Mênfis. Em Saqqara, efígies de cabeças de touro, feitas de argila e com chifres naturais, foram colocadas em lugares especiais na tumba de um faraó da segunda dinastia; e sabe-se que Zoser, um faraó da terceira dinastia, realizou cerimônias em homenagem ao touro dos céus em seus espaçosos recintos piramidais em Saqqara. Tudo isso ocorreu durante o Antigo Império, um período que chegou ao fim entre 2.180 a.C. e 2.160 a.C.

No Egito, a transição para a era de Áries (2.160 a.C. - ano 1, aproximadamente) começou após a vitória de Tebas e a exaltação das

dinastias do Reino Médio. Quando as celebrações do ano novo, que coincidiam com a inundação do rio Nilo, foram adaptadas à nova era astrológica, foram recitados hinos a Amon-Ra, como os seguintes.

*Oh, Resplandecente
brilhando nas águas da enchente.
Aquele que ergueu sua cabeça e eleva sua testa:
o do Carneiro, a maior das criaturas celestiais.*

Com a chegada do Novo Império, as avenidas dos templos foram decoradas com estátuas de carneiros. E no grande templo de Amon-Ra em Karnak, em um observatório secreto que tinha de ser aberto no dia do solstício de inverno para permitir que os raios de sol passassem pelo caminho até o santo dos santos, as seguintes instruções para o sacerdote astrônomo estavam inscritas.

*Dirige-te ao lugar chamado Horizonte do Céu.
Sobe ao Aha, o "Lugar solitário da majestosa alma",
o quarto de onde se observa o Carneiro que atravessa os
céus.*

Na Mesopotâmia, a chegada da era de Áries trouxe mudanças no calendário e na lista de estrelas celestes. Essas listas, que costumavam começar com a constelação de Touro, passaram a começar com a constelação de Áries. No século IV a.C., as moedas de prata cunhadas por Alexandre, o Grande, traziam sua imagem adornada com os chifres de um carneiro. Os povos dessa época (gregos, romanos, arianos, etc.) alternavam o esporte agressivo da guerra com uma qualidade cultural e artística refinada, sendo esta última uma característica da constelação oposta a Áries: Libra. Finalmente, nessa época, Moisés proibiu a adoração do bezerro de ouro (Touro) ao mesmo tempo em que o rito do cordeiro (Áries) foi iniciado.

Êxodo é um texto bíblico tradicional que conta a história da escravidão dos hebreus no Egito Antigo e sua posterior libertação por Moisés, que os

conduziu à chamada Terra Prometida. Desde a permanência no Egito até a subsequente peregrinação no deserto, o livro narra as maravilhas que Moisés realiza para proteger seu povo. No filme épico de Cecil B. DeMille, *The Ten Commandments* (Os Dez Mandamentos), de 1956, o livro é usado como base para a história de Moisés. O filme épico de DeMille, *The Ten Commandments* (Os Dez Mandamentos), de 1956, visualiza com maestria o episódio milagroso da divisão das águas do Mar Vermelho que permitiu ao povo judeu se livrar do jugo do exército egípcio e, assim, iniciar suas andanças pelo deserto, sempre guiado pela mão de um deus brutal e sanguinário, Yahweh (Enlil). No terceiro mês após a saída do Egito, os israelitas chegaram ao deserto do Sinai e acamparam em frente à montanha.

*No terceiro mês após a saída do Egito, no mesmo dia,
os israelitas chegaram ao deserto do Sinai.
Partiram de Refidim, chegaram ao deserto do Sinai e
acamparam ali no deserto.
Israel acampou lá, em frente à montanha.*

(Êxodo 19, 1-2)

O Êxodo nos diz que a aliança entre Yahweh e o povo hebreu foi selada nesse lugar.

*Moisés subiu ao monte de Deus, e Yahvé o chamou do
monte, dizendo:
"Fala assim à casa de Jacó e anuncia isso aos filhos de
Israel:
Vocês viram o que fiz aos egípcios e como vos carreguei
sobre asas de águia e vos trouxe a mim.
Agora, se verdadeiramente me obedecerem e guardarem
minha aliança, vocês serão minha propriedade pessoal entre
todos os povos, porque toda a terra é minha;
serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa."
Estas são as palavras que debes dizer aos filhos de Israel.*

(Êxodo 19, 3-6)

Com o convênio vieram mandamentos, leis e restrições. Era o preço que os israelitas tinham de pagar por serem o povo escolhido.

Então Moisés voltou, convocou os anciãos do povo e apresentou diante deles todas as palavras que Yahweh lhe havia ordenado.

E todo o povo respondeu a uma só voz, dizendo:

Tudo o que Yahweh falou, faremos.

E Moisés relatou a Yahweh as palavras do povo.

E Yahweh disse a Moisés:

"Eis que virei a ti numa nuvem densa,

para que o povo ouça enquanto falo contigo,

e também para que acreditem em ti para sempre."

E Moisés relatou a Yahweh as palavras do povo.

(Êxodo 19, 8-9)

Yahweh disse a Moisés que preparasse seu povo para o terceiro dia, quando ele desceria na montanha para que todos pudessem ver. No entanto, ele advertiu que essa descida representaria um perigo físico para aqueles que se aproximassem demais, por isso pediu que fosse mantida uma zona de segurança.

E marcarás limites para o povo ao redor,

dizendo: Cuidado, não subam ao monte, nem toquem em seus limites;

qualquer um que tocar no monte, certamente morrerá.

(Êxodo 19, 12)

Todas essas instruções foram seguidas à risca e, no terceiro dia, ocorreu a aterrissagem prometida por Yahweh no Monte Sinai. Foi uma descida barulhenta e flamejante.

*E aconteceu que, no terceiro dia, quando veio a manhã,
havia trovões e relâmpagos e uma nuvem espessa sobre o
monte,
e um som de trombeta muito forte;
e todo o povo que estava no acampamento se estremeceu.*
(Êxodo 19, 16)

O evento, longe de ser uma aparição etérea e espiritual, é descrito como um fenômeno muito físico que trazia grandes riscos para os presentes. Quando a aterrissagem começou, Moisés colocou seu povo nos limites que haviam sido marcados como uma zona de segurança, no sopé do Monte Sinai.

*E todo o monte Sinai estava fumegando,
porque Yahweh havia descido sobre ele em fogo;
e a fumaça subia como a fumaça de um forno,
e todo o monte tremia grandemente.
E o som da trombeta aumentava grandemente;
Moisés falava, e Yahweh respondia-lhe com uma voz.
E Yahweh desceu sobre o monte Sinai, sobre o cume do
monte;
e chamou Moisés ao cume do monte, e Moisés subiu.*
(Êxodo 19, 18-20)

E foi então que "Elhoim proferiu as seguintes palavras", estabelecendo os dez mandamentos que constituem a essência da fé hebraica, a aliança entre Yahweh e o povo israelita. Nas tábuas, os dez mandamentos foram escritos juntamente com outras ordenanças para a orientação diária da conduta do povo, regras para a adoração de Yahweh, bem como proibições estritas contra a adoração de outros deuses.

I. Yo soy Yahvé, tu Dios, que os tirou do Egito e os libertou da escravidão.

II Não terás outros deuses diante de mim. Não farás nenhuma imagem de escultura nem nenhuma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra e nas águas. Não as adorarão nem se curvarão diante delas,

pois eu sou o Senhor, o seu Deus, um Deus zeloso que castiga os filhos pelos pecados dos pais que me odeiam, até a terceira ou quarta geração. Mas eu sou um Deus que concederá amor por milhares de gerações àqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.

III Não pronunciarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não deixará impune aquele que usar mal o seu nome.

IV Lembrem-se do dia de sábado (Sabbath) para santificá-lo. Durante seis dias você trabalhará e fará todo o seu trabalho, mas o sétimo dia é um sábado para Javé, o seu Deus. Nesse dia, você não fará nenhum trabalho, nem você, nem seu filho, nem sua filha, nem seus servos e servas, nem seus animais, nem mesmo os estrangeiros que moram em sua cidade. Pois foi durante seis dias que o Senhor fez os céus, a terra e os mares, mas descansou no sétimo dia. Por essa razão, o Senhor abençoou o sábado e o santificou.

V Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os dias de tua vida nesta terra que o Senhor teu Deus te dará.

VI Não matarás.

VII Não cometerá adultério.

VIII Não furtarás.

IX Não levantarão falso testemunho contra seu próximo.

X Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem os seus servos ou servas, nem o seu boi ou jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo.

Muitos autores, incluindo Zecharia Sitchin, argumentaram em seus escritos que nunca antes desses dez mandamentos havia sido estabelecido um código ético tão claro e original, argumentando que o código de Hamurabi,

no século 18 a.C., era um código de justiça, mas não um guia espiritual completo. Isso é verdade?

A Coleção Schoyen é, até o momento, a maior coleção particular de manuscritos do mundo, a maior parte dela localizada nas cidades de Oslo e Londres. Martin Schoyen, durante o século XX, foi seu excepcional criador, e inclui mais de 13.000 objetos manuscritos de 134 países ou territórios, representando 120 idiomas diferentes, abrangendo 5.000 anos de história humana, o que torna essa coleção única.

Os Dez Mandamentos da Igreja, de acordo com a versão revelada, foram dados por Deus a Moisés no Monte Sinai por meio do convênio entre o povo de Israel e a Divindade, conhecido como o Antigo Convênio. Israel se comprometeu a guardar os mandamentos e Deus, em troca, os ajudaria de todas as formas, desde que não deixassem de guardá-los. Diz-se que foi o próprio Deus quem os escreveu em duas tábuas de pedra. Mas assim como o relato do Dilúvio bíblico é comprovadamente baseado em antigos textos sumérios, os dez mandamentos cristãos não são originais nem exclusivos da religião dominante do Ocidente nos últimos dois mil anos, por mais que isso possa incomodar os defensores dessa tese tão difundida. A prova pode ser encontrada na tábua MS 2788 da coleção Schoyen, conhecida como Instruções de Shurupak. Trata-se de um texto sumério de grande antiguidade, como fica evidente nas palavras com as quais Ubar Tutu, o rei antediluviano de Shurupak, se dirige a seu filho Ziusudra, o herói do Dilúvio, no início.

*Naqueles dias, naqueles tempos distantes, naquelas noites,
naquelas noites distantes, naqueles anos, naqueles anos
distantes...*

Trata-se, mais uma vez, de um texto sumério que é claramente anterior, e muito anterior, a outros escritos hebraicos que há muito tempo são considerados únicos e originais. O texto das Instruções de Shurupak é um livro de provérbios, claramente destinado a inculcar virtudes piedosas na comunidade, e contém preceitos posteriormente incluídos nos Dez

Mandamentos de Moisés, bem como outros encontrados no Livro de Provérbios bíblico.

Assim, onde o texto sumério diz "*não blasfemarás*", as tábuas hebraicas da lei dizem "*não tomarás o nome de Deus em vão*"; onde se diz "*não rirás nem te sentarás em um quarto sozinho com uma mulher casada*", a lei mosaica diz "*não cometerás atos impuros*"; as partes onde se diz "*não roubarás*", "*não mentirás*" e "*não matarás*" são claras em sua tradução exata mais tarde nos Dez Mandamentos.

Na própria narrativa bíblica, os compiladores, assim como na parte sobre o Paraíso terrestre, não eliminaram alguns detalhes que sustentam a origem suméria, e em uma época muito anterior ao êxodo israelita, dos dez mandamentos da lei de Deus. De acordo com as escrituras do livro de Êxodo, Moisés esteve no Monte Sinai por quarenta dias e quarenta noites, período em que Deus lhe deu os Dez Mandamentos escritos em duas tábuas de pedra. Quando estava descendo, ele viu o povo adorando o bezerro de ouro e, com raiva, quebrou as tábuas.

*Quando ele estava perto do acampamento,
viu o bezerro e as danças;
e inflamado de cólera,
lançou as tábuas e as quebrou,
ao pé da montanha.*

(Êxodo 32, 19)

Depois disso, ele subiu novamente e pediu a Deus que perdoasse o povo e selasse a aliança com eles. O Senhor então pediu a Moisés que pegasse duas placas de pedra iguais e nelas escreveu os dez mandamentos da aliança.

*Yahvé disse a Moisés:
Faça duas tábuas de pedra como as primeiras,
E escreverei nelas o que continha nas primeiras que
quebraste.*

(Êxodo 34, 1)

Você consegue imaginar Moisés descendo o Monte Sinai em uma encosta intransponível e repleta de pedras com duas tábuas de pedra, uma em cada mão? Deve ter sido exaustivo e com certos riscos, portanto, se seguirmos a versão bíblica, em vez de quebrá-las quando ele viu seu povo adorando o bezerro de ouro, parece que elas devem ter escorregado de suas mãos em algum momento durante essa jornada tão agitada, devido ao peso e ao volume delas. Os israelitas estavam fugindo do Egito, onde se sabe que havia papiro de excelente qualidade. Não teria sido mais lógico, e menos cansativo, escrever os dez mandamentos nesse material? Devemos ter em mente que o papiro, além de ser mais leve, é muito bem preservado, quase melhor do que a pedra, a ponto de ainda hoje podermos ver papiros de 4.000 anos de idade em um estado de conservação bastante bom.

Mais uma vez, estamos presenciando uma rápida compilação de textos antigos em que o escriba hebreu não se preocupou com os detalhes e esqueceu algo tão elementar como mudar o nome do suporte original em que os preceitos sagrados foram escritos, em tábuas do período sumério, sem adaptá-lo ao período em que foram reescritos, quando era costume naquela época escrever em papiro. Por outro lado, sabe-se com certeza que os sumérios escreviam em tábuas de argila com sua escrita cuneiforme, e também sabemos da existência do texto sumério chamado As Instruções de Shurupak, muito anterior à datação cronológica do Êxodo, onde os chamados Dez Mandamentos já estão escritos em uma tábua de argila. Não parece muito difícil para uma mente sem preconceitos perceber o que aconteceu.

Será que os historiadores daqui a 4.000 anos não ficariam surpresos se alguém escrevesse que, no início do século XXI, o Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, viajou de Nova York a Londres para participar de uma reunião importante em um barco a vapor? Quando, obviamente, o sistema de transporte predominante no século 21 não é o barco a vapor, da mesma forma que não era comum escrever em tábuas de pedra na época do Êxodo... E, no entanto, era na época dos sumérios... Estamos diante de um fato que envergonha aqueles que afirmam que os dez mandamentos são originalmente judaicos e gravados em pedra, algo difícil de acontecer na época de Moisés.

As nuances são importantes na pesquisa histórica e, assim como nas páginas anteriores forneci dados e evidências de que o que está escrito na Bíblia tem um fundo espetacular de veracidade, é necessário qualificar que essa autenticidade é dada pelo caráter de seus escritos como originários de textos mesopotâmicos, historicamente mais antigos. Se nos aprofundarmos na análise dos textos bíblicos, esquecendo-nos dessa nuance, as conclusões a que chegarmos não serão corretas, algo que muitas vezes acontece com os grandes exegetas bíblicos. Não devemos perder de vista o quadro geral se quisermos ser precisos nos pequenos detalhes.

Com Jesus Cristo, a época de Áries se encerra e o símbolo de Peixes toma forma na Terra. O Novo Testamento faz sua aparição e os mandamentos da lei mosaica são elevados a uma frequência em harmonia com o signo de Peixes, por meio da mensagem crística que reinará por toda a era.

*Um novo mandamento vos dou:
que vos ameis uns aos outros;
assim como eu vos amei,
também vós vos ameis uns aos outros.*

(João 13, 34)

Os primeiros cristãos tinham como símbolo dois peixinhos, colocados um em frente ao outro, representando a contradição e a oposição entre ciência e religião, homem e mulher, Ocidente e Oriente, materialismo e espiritualismo. A multiplicação dos peixes e dos pães representa a propagação dos ensinamentos de Peixes e Virgem. A última constelação é representada por uma mulher segurando uma espiga de trigo na mão e, portanto, o pão, a elaboração dos frutos da natureza da mãe virgem. O símbolo da virgindade da mãe de Cristo, um símbolo presente em muitas religiões, adquiriu importância especial no período cósmico de Peixes.

Na era contemporânea, a separação entre ciência e espiritualidade começou quando René Descartes decidiu diferenciar o conhecimento da mente, que ele reservou para o domínio religioso, do conhecimento da matéria, que ele atribuiu ao domínio da ciência. Em seguida, Newton estabeleceu os

fundamentos da física clássica sobre os quais se baseou o conhecimento científico.

Durante o século XX, a física quântica surgiu e, com ela, a possibilidade de integrar harmoniosamente a ciência e a espiritualidade. Hoje, estamos testemunhando o confronto doloroso de correntes de pensamento antagônicas. Neste momento, dentro da ciência, os movimentos mais materialistas estão se opondo ao pensamento livre dos cientistas de vanguarda que são os precursores do novo paradigma que prevalecerá nos próximos 2.160 anos. Estamos no início da nova era zodiacal de Aquário e testemunhando os estertores do fim da era anterior de Peixes.

O atual pensamento científico materialista, herdeiro do paradigma newtoniano, pretende explicar o Cosmos sem a existência de uma inteligência superior, desconsiderando a consciência. Entretanto, a nova ciência aquariana restaurará o papel da mente cósmica, da consciência, como precursora de uma energia inteligente da qual emana o Universo material conhecido, e não o contrário, como postula a ciência materialista.

Na próxima era de Aquário, a ciência se tornará mais mística e espiritual, enquanto a religião e as filosofias se tornarão mais científicas. As diferenças entre religiões, sistemas filosóficos e escolas de mistérios desaparecerão, dando lugar ao surgimento de um conhecimento único e verdadeiramente científico com letras maiúsculas que captará a essência do conhecimento objetivo comum a todos os sistemas religiosos e filosóficos do passado. As religiões mais importantes da época serão, portanto, transformadas: cristianismo, budismo, islamismo. A nova ciência mística fará com que todas as superstições e superstições do passado desapareçam. Estamos diante de um renascimento espiritual-científico.

O homem não será mais confrontado por religiões, credos e sistemas filosóficos, pois a verdade do conhecimento irromperá como os raios do Sol nascente (símbolo do signo de Leão, oposto a Aquário, que agirá de acordo com isso). Pela primeira vez, surgirá uma linguagem de uso universal, unificando conceitos filosóficos, herméticos e científicos, ao contrário do que acontecia até agora, quando, dependendo da escola ou do credo a que se pertencia, os significados das palavras variavam a tal ponto que, na maioria

das vezes, era impossível manter uma conversa coerente, e muitas vezes era cômico para um observador ver duas ou mais pessoas se confrontando dialeticamente em posições aparentemente irreconciliáveis, embora na realidade estivessem dizendo a mesma coisa com palavras diferentes. Palavras como "alma", "espírito", "ego", "mente", "deus", "cosmo", "energia" e muitas outras deixarão de confrontar os que buscam a verdade. A espécie humana experimentará um avanço sem precedentes.

Não será um nascimento rápido e indolor. Não será um dia de trabalho, nem será fácil, pois há muitas forças do antigo sistema a serem superadas, a maioria delas enraizada profundamente no subconsciente das pessoas na forma de crenças religiosas e, portanto, tão difícil de extirpar. Serão necessárias várias gerações até que o novo paradigma científico-místico, desprovido de fantasias, finalmente se estabeleça com autoridade no coração da sociedade. Mas também é preciso dizer que a mudança é inevitável, pois os grandes ciclos cósmicos, a pulsação daquele grande ser no qual os seres humanos desfrutam de sua existência e do qual não podem escapar, empurram inexoravelmente nessa direção.

Caros amigos, fiquem atentos aos sinais que anunciam os novos tempos: o portador da água (apêndice A), que derramará a água do conhecimento com seu cântaro no recipiente, e o Sol (apêndice B), que o iluminará. Mas você também deve estar preparado para que seu vaso esteja vazio e limpo (apêndice C), para que a água possa ser despejada nele e a luz do sol possa ser refletida sem distorção.

APÊNDICE A

MATRIZ, UM MUNDO DE ILUSÃO. O CARREGADOR DE ÁGUA E O DESPERTAR DE MAYA

O que Albert Einstein chamou de ilusão de ótica (miragem), os hindus chamaram de maya ou ilusão.

Mohit K. Misra

Morpheus: "O que é real? Como você define real? Se estiver falando sobre o que pode sentir, o que pode cheirar, o que pode provar e ver, então o que é real são simplesmente sinais elétricos interpretados pelo seu cérebro".

Matriz

SE QUISER MUDAR A realidade, tudo o que precisa fazer é usar o controle remoto e mudar o canal de TV, enquanto está deitado no sofá, tomando sua cerveja favorita. A ampla variedade de TV à la carte permitirá que você secrete endorfinas e sinta todos os tipos de sensações como se as estivesse experimentando na vida real: sexo, crime, velocidade, viagens paradisíacas, esportes etc.

Informações ilimitadas e "sem censura" também estão disponíveis, embora essas informações sem censura difiram substancialmente dependendo do canal que o espectador está assistindo. A capacidade da mídia de criar a realidade chegou a tal ponto que apenas o que foi gravado por uma câmera parece estar acontecendo, na forma e na ordem em que é narrado pela mídia.

Entretanto, as coisas nunca são o que parecem ser à primeira vista. As antigas filosofias orientais já explicavam isso há milhares de anos com a frase "a existência terrena é maya", um termo que significa ilusão. Ilusão é o que parece ser real, mas não é. Da mesma forma que os grandes mestres do ilusionismo fazem o público acreditar que são capazes de fazer uma pomba branca aparecer, do nada, em seu chapéu, muitas das coisas que acontecem neste mundo são mera ilusão... E aqueles que acreditam na grande ilusão, que certas coisas são reais quando não são, estariam, por definição, "iludidos". Do ponto de vista de alguém que está sonhando, um sonho é completamente real enquanto a pessoa está nele, mas o que acontece quando ela acorda e o sonho acaba? O mundo está cheio de pessoas iludidas, pessoas que tomam o ilusório (o que parece ser) por algo real (o que realmente é).

A humanidade se encontra presa em uma teia de aranha, uma teia de ilusões (Matrix) que a faz acreditar que é livre e capaz de manobrar, embora a situação real seja, ao contrário, de total escravidão e com uma margem de ação muito pequena, tão pequena que chega a ser quase insignificante. A primeira ilusão ou crença que essa teia de ilusionismo gera no indivíduo é a de que o homem possui a liberdade de decidir e agir. Uma vez que essa crença tenha se enraizado profundamente no subconsciente, ou seja, na parte da mente que não é consciente, as pessoas são, por definição, incapazes de alcançar o bem precioso da liberdade. Como um homem pode

alcançar a liberdade se não está ciente de sua escravidão? Como um homem pode pensar livremente se não percebe que seus processos mentais são automáticos?

Essa teia oculta inteligente oferece, para seu público, infinitas ilusões sob medida e se alimenta do sonho humano, da falta de consciência do indivíduo. Não entrarei em detalhes sobre a natureza e a origem dessa teia de aranha ou teia de ilusões, mas quero enfatizar que sua sobrevivência está intimamente ligada ao fato de a espécie humana continuar a existir em um estado de pensamento automatizado, com um baixo grau de vigília que a impede de pensar de forma autônoma e, portanto, de ser livre.

Embora eu pudesse ter usado outros nomes, adotei o termo "Matrix", em homenagem ao popular filme dos irmãos Wachowski. Não há dúvida de que não conheço as motivações ou intenções dos irmãos Wachowski quando conceberam o filme, mas não é menos verdade que o enredo do filme me permite usá-lo para expressar certos aspectos desconhecidos do universo hermético, deixando claro que falo, em todos os momentos, de minha própria boca e não da de seus criadores. O enredo exotérico do filme é que, no futuro, quase todos os seres humanos são escravizados por máquinas e inteligências artificiais. Esses mesmos seres humanos são usados pelas máquinas para obter energia. Entretanto, não se deve olhar para o filme do ponto de vista literal de uma luta entre o homem e a tecnologia, mas do ponto de vista de que cada personagem e cada símbolo do filme tem uma analogia com o conhecimento alquímico transcendental. Desse ponto de vista, o filme fala do despertar, da iluminação das religiões, da busca pela verdade que está por trás das aparências.

Vamos dar uma olhada em alguns dos personagens. Neo, como seu nome sugere, é "o novo", o aluno neófito que entra em uma escola de mistérios para aprender a se libertar do jugo da teia de miragens que enreda as pessoas, vampirizando suas energias por meio de pensamentos e ações automatizados. As pessoas são submetidas a inúmeras encarnações por meio do ciclo de nascimento, vida e morte que os budistas chamam de "roda de Samsara". A ignorância deve ser superada pelo conhecimento real que permitirá o despertar do sono sonambúlico no qual a espécie humana está imersa. Morfeu, "o sonho", representa o mestre da sabedoria que guiará

o neófito em seu caminho do estado de sonho em que vive até o despertar que o tornará um verdadeiro iniciado nos mistérios. Para esse fim, Neo realizará certas práticas secretas com o objetivo de alcançar a expansão de sua consciência.

O que é a Matrix?

Morpheus: "A Matrix está em toda parte, ao nosso redor. Mesmo agora, nesta sala. Você a vê quando olha pela janela, quando liga a TV. Você pode senti-la quando vai para o trabalho, quando vai à igreja, quando paga seus impostos. É o mundo que foi colocado na frente de seus olhos para esconder a realidade".

Morpheus: "A Matrix é um mundo de sonhos gerado por computador, projetado para nos controlar e transformar a espécie humana nisso (aponta para uma bateria de energia)..."



No filme, as pessoas, enquanto dormem, são as baterias de energia que operam a cidade mecânica dos robôs. Elas abrem mão de sua força vital para que a rede de inteligência artificial, criada por humanos, mas alheia a

eles, possa funcionar e sobreviver. De um ponto de vista hermético, os homens se tornam escravos e servos de suas próprias criações mentais mecânicas, de seus pensamentos automatizados que geraram consciência própria e que, finalmente, vivem independentemente de seus criadores, vampirizando suas energias e fluidos vitais. Sei que essa verdade hermética pode parecer extremamente fantasiosa, mas ela se baseia em um conhecimento antigo que a neurociência só muito recentemente está começando a compreender.

O homem desfruta de liberdade ou da ilusão de liberdade?

Morfeu: "Você é um escravo. Como todas as outras pessoas, você nasceu em cativeiro, em uma prisão que não pode cheirar, provar ou tocar... Uma prisão para sua mente".

Outros grandes pensadores explicaram a mesma coisa em outras palavras e com outras imagens, mas a mensagem essencial, independentemente do uso de um símile ou de outro, é a mesma. Platão usa a alegoria da caverna. Nela, vemos pessoas que foram aprisionadas desde a infância, presas em um determinado lugar na caverna escura. O que elas veem é a face interna de uma parede na qual são projetadas as sombras do fogo que está queimando atrás delas. Essas pessoas veem apenas sombras e não sabem que são prisioneiras, nem mesmo acreditam que são prisioneiras, pois essa é a única realidade que conheceram em sua existência. Esse nível de realidade, afirma Platão, é um nível inferior de realidade. A vida que esses seres vivem não é a totalidade do que eles podem viver e, se pudessem se desvencilhar das amarras que nem mesmo enxergam, poderiam ver o mundo como ele realmente é, e não como parece ser.

No filme dos irmãos Wachowski, Trinity (a trindade) e Morpheus vão em busca de Neo e oferecem a ele a possibilidade de se desconectar da teia de ilusões, de se libertar de suas amarras, de escapar das leis cármicas. Ora, escapar das leis cármicas que dominam esta existência e o eterno giro da roda do Samsara não é tarefa fácil. De fato, a grande maioria dos *sapiens*

não sente nenhum desconforto em querer se afastar do caminho do sono tranquilo.

Quando o homem finalmente desperta e escapa da teia de ilusões, ele adquire faculdades insuspeitadas, consideradas milagrosas por aqueles que ainda permanecem imersos no sistema. Esse estado recebeu diferentes nomes em diferentes tradições, como nirvana, satori, samadhi, moksha ou "estado de graça"; e entre as faculdades renascidas está a clareza mental suficiente para perceber a realidade de um ponto de vista objetivo, não distorcido pela subjetividade proveniente da Matrix. Todos os que atingiram esse estado têm sérias dificuldades para transmitir, por meio da linguagem verbal, a extensão de sua experiência.

É necessário dizer que esse caminho para o despertar da consciência é um caminho individual pelo qual certos indivíduos da espécie humana adquirem a possibilidade de se libertar do jugo da ilusão, e nunca é um processo evolutivo da espécie como um todo em curto prazo, mas em um prazo muito longo, Esse tempo é medido em valores cósmicos, pois se a espécie humana como um todo se libertasse repentinamente dessa teia multiforme de ilusões, o desequilíbrio que seria produzido no ecossistema, em um nível cósmico, seria tão grande que colocaria em risco a própria ordem do Universo.

Morpheus: "A maioria das pessoas não está preparada para a desconexão (da teia de ilusões). E muitas estão tão aclimatadas, tão dependentes do sistema (e o sistema delas), que lutarão para protegê-lo.

Observação: O que está escrito entre colchetes foi adicionado ao diálogo original.

APÊNDICE B

ESTAÇÃO FINAL: O SOL

Ao fazer samyama no Sol (vem) o conhecimento do mundo.
Sutras de ioga de Patanjali.

NO CAPÍTULO ANTERIOR, UTILIZEI alguns aspectos do filme Matrix para ilustrar o caminho do despertar espiritual. Agora é hora de apontar um fato muito importante na trama do filme: que no mundo não há mais luz solar. Caro leitor, peço que não esqueça deste detalhe durante toda a leitura deste capítulo. Nesta seção, abordarei um tema muito controverso e que provocará muitos sorrisos entre os acadêmicos. Estudaremos o Universo, o sistema solar e seus planetas, do ponto de vista da consciência, da mente.

Se, de repente, disséssemos a alguém que estivesse passando pela rua que a estrela que chamamos de Sol pensa, tem consciência de si mesma e de seu lugar no Universo, além de ser um ser vivo com a capacidade de se comunicar, é mais do que provável que essa pessoa nos olhasse de forma

estranha, quem sabe se com um sorriso paternalista um tanto condescendente, supondo que a pessoa que está dizendo isso é um louco simpático, mas sem o conhecimento científico necessário para saber o que o Sol realmente é. Tudo isso parece tão óbvio no início do século XXI que nosso transeunte certamente rejeitaria esse pensamento como ignorante e primitivo, típico de pessoas insensíveis ou muito desinformadas. Ele nos daria um tapinha nas costas e nos daria a razão como se dá aos loucos.

Na antiguidade, entretanto, esse pensamento não era considerado extravagante, nem ignorante, e certamente não era coisa de loucos. Pelo contrário, era um conhecimento do qual poucos, os mais sábios, participavam. Ao longo deste trabalho, apresentei uma série de evidências que mostram que a ciência, nos últimos quinhentos anos, vem redescobrendo conhecimentos que já existiam em um passado remoto. Sumérios, caldeus, assírios, gregos, romanos, astecas, maias, incas, hindus e celtas, entre outros, já sabiam disso. Está fartamente documentado que as culturas antigas atribuíam maior importância às atividades celestiais e, em particular, ao Sol, do que as atuais. Neste apêndice, discutirei uma das percepções mais transcendentais de todos os tempos: o Sol, assim como a Terra e outros corpos celestes, é um ser vivo autoconsciente com uma inteligência que excede em muito a de um ser humano. As implicações da existência de uma entidade solar consciente explicariam a razão de muitos fenômenos que os astrônomos atuais não conseguem entender.

Uma coisa com a qual todos podemos concordar é que, neste pequeno canto da galáxia, nada seria o mesmo sem a ação do Sol. A estrela é a principal fonte de energia constante para toda e qualquer parte do chamado sistema solar. A vida na Terra sem a ação do Sol seria uma quimera.

Nosso Sol tem uma vida útil estimada em cerca de 4,5 bilhões de anos, o que corresponde a cerca de um terço da vida útil do Universo. Os astrofísicos atuais concordam com os antigos textos sumérios que explicam que os planetas do sistema solar tiveram sua origem no Sol, de onde foram liberados na forma de pacotes de energia que mais tarde se solidificaram como consequência de seu resfriamento, à medida que se afastavam do calor da estrela central. Depois de muitos milhões de anos e não sem eventos traumáticos, conforme narrado no Enuma Elish, os planetas

finalmente se estabeleceram em órbitas estáveis. A situação de equilíbrio significava que os planetas não eram absorvidos pela atração do Sol central e, ao mesmo tempo, mantinham um grau de atração suficiente para manter um vínculo permanente com seu criador e não se afastar indefinidamente do sistema solar.

Se você pensar bem, é uma obra-prima da natureza. E não podemos dizer que qualquer pessoa que aja dessa forma, seja ela quem for, não tenha inteligência. Para ilustrar a magnitude e o escopo de tal trabalho, basta perguntar a um engenheiro da NASA quanto trabalho e cálculos matemáticos são necessários para colocar um satélite em órbita ao redor da Terra. O engenheiro da NASA seria o mais feliz dos mortais se conseguisse alcançar uma órbita estável por um século, mesmo que tivesse que fazer correções constantes em seus cálculos nos anos seguintes. Os seres humanos têm a inteligência para colocar um satélite em órbita, mas será que somos os únicos capazes de fazer isso? A resposta é que não somos os únicos nem os mais perfeitos nisso. A Terra e os outros planetas têm orbitado o Sol nos últimos quatro bilhões de anos. Que tipo de inteligência usa esses mecanismos que alcançam resultados semelhantes, mas infinitamente superiores à inteligência de um engenheiro da NASA?

A ciência materialista não considera que o Sol possa ter qualquer tipo de relação consciente com a formação dos planetas do sistema solar, nem com a estabilidade de suas órbitas. O conceito de um sol inteligente e consciente está, por enquanto, longe dos postulados cientificamente corretos. De acordo com a ortodoxia científica, tudo o que acontece dentro e ao redor do Sol nada mais é do que uma ocorrência aleatória e casual que acontece quando um grande número de átomos e partículas se move pelo espaço por tempo suficiente para gerar eventos.

Embora a atividade do Sol gere um campo eletromagnético muito poderoso que envolve todo o sistema solar, ninguém quer considerar que ele pode desempenhar um papel decisivo na manutenção dos planetas e de suas órbitas. Seu papel, reverenciado na antiguidade, é para muitos hoje não mais do que o de uma simples, mas gigantesca lâmpada de luz e calor. Entretanto, há atividades solares que estão longe de serem detectadas e compreendidas pelo nosso atual nível de desenvolvimento tecnológico. O

que os cientistas estão observando e medindo são apenas os efeitos colaterais de algo que eles não compreendem totalmente, devido à sua magnitude inimaginável.

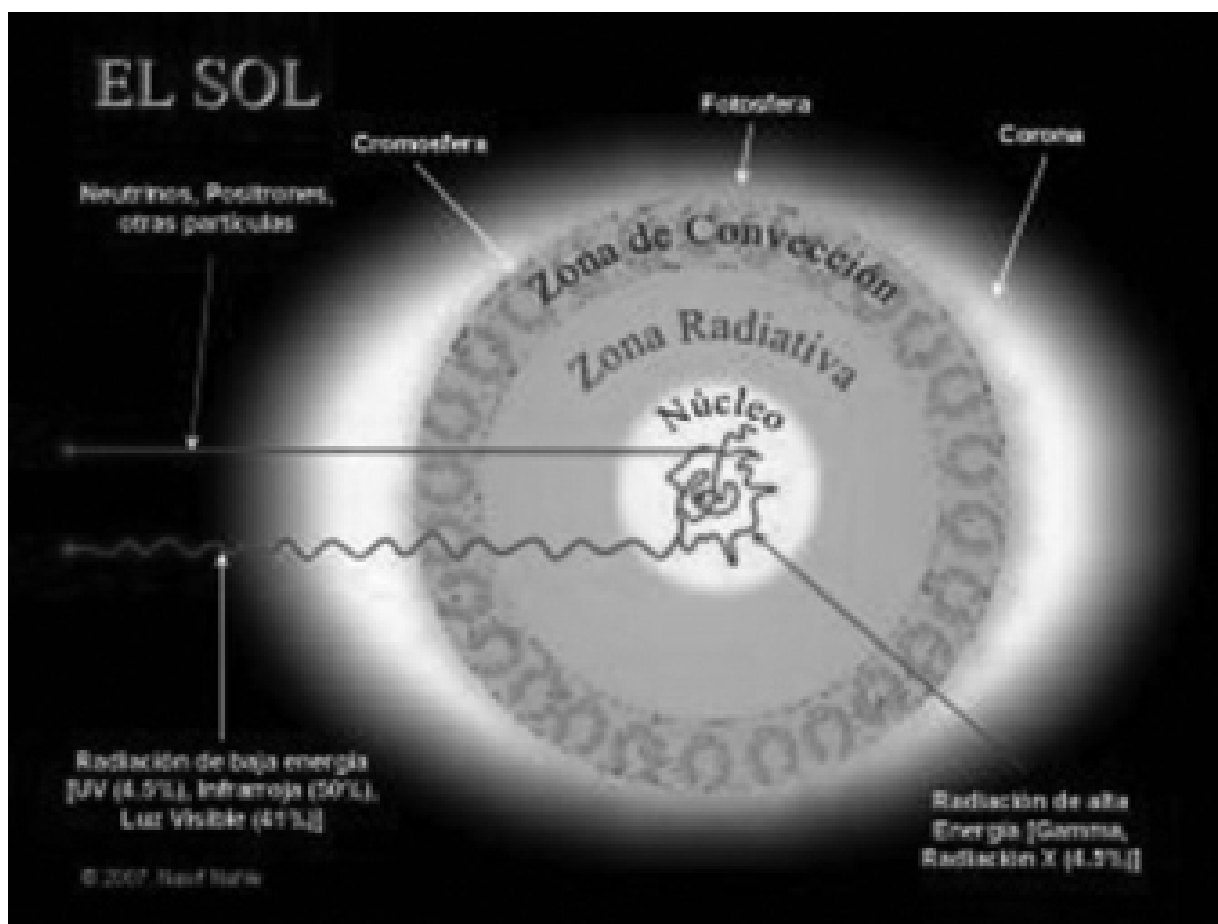
Para usar um exemplo fácil de entender, seria como se um grupo de pesquisadores tivesse um conjunto de sensores conectados a diferentes partes do corpo de duas pessoas, um homem e uma mulher. Esses sensores estariam recebendo dados sobre as funções vitais do casal, como frequência cardíaca, alterações metabólicas e hormonais, temperatura e assim por diante. Os pesquisadores conhecem todas essas variáveis, mas ignoram, acima de tudo, que o homem e a mulher estão fazendo sexo, uma atividade que ambos geraram como resultado de estímulos e contraestímulos que não estão sendo monitorados pela equipe de pesquisadores. O resultado é que a equipe de cientistas obtém centenas de dados precisos, mas não conhece a realidade da situação, não sabe o que está acontecendo. Algo semelhante está acontecendo com o estudo atual do Sol pelos astrofísicos. Eles têm uma grande quantidade de dados, mas isso não significa que saibam o que é o Sol ou a realidade do que está acontecendo lá.

Vamos fazer um breve passeio para conhecer um pouco melhor a estrela central do nosso sistema. O Sol não é um corpo sólido, nem tem uma superfície definida como a Terra. Ele é composto do que é chamado de quarto estado da matéria: plasma ou matéria radiante. Um estado que não é sólido, líquido ou gasoso. No estado de plasma, não há o equilíbrio harmônico entre partículas positivas e negativas que associamos aos átomos que compõem a matéria estável, mas o estado é formado pela ionização dos átomos... O plasma é um estado no qual o gás é tão quente que seus átomos são ionizados. O estado de plasma é, portanto, carregado com energia eletromagnética e as partículas se movem como um fluido, embora resistam a compressões maiores do que em estados mais sólidos da matéria. Esse tipo de estado da matéria, além do Sol, existe na magnetosfera da Terra, sendo o exemplo mais comum quando o ar na atmosfera assume o estado de plasma e produz fenômenos de tempestade.

A energia solar é gerada no interior da estrela, em seu núcleo, onde temperaturas extremamente altas, de até 15 bilhões de graus Celsius, geram pressões tais que ocorrem reações de fusão nuclear. Os núcleos de

hidrogênio são liberados e se fundem em grupos de quatro para formar núcleos de hélio. A cada segundo, 700 milhões de toneladas de hidrogênio são convertidas em cinzas de hélio. A energia gerada leva 1 milhão de anos para atingir a superfície solar. Magnitudes cósmicas!

A energia produzida no núcleo do Sol começa sua existência como fótons, partículas de energia pura na forma de raios gama. Felizmente para todos nós, quando esses fótons deixam a superfície do Sol, eles são processados na forma de luz que é tão benéfica para a vida na Terra e em outros lugares do sistema solar. Os cientistas afirmam que o Sol libera energia suficiente em um segundo para suprir as necessidades energéticas da Europa por 4 milhões de anos. Há energia suficiente dentro do Sol para destruir o próprio sistema solar em um piscar de olhos.



Esse núcleo energético é cercado e contido por um cinturão com cerca de 315.000 quilômetros de espessura, chamado de "zona radioativa". A fusão

produzida no núcleo gera energia que é expelida para o exterior na forma de radiação eletromagnética. Em outras palavras, a energia nuclear é convertida e transportada na forma de fótons. Os fótons recém-nascidos precisam passar por essa sopa incrivelmente densa de energia e matéria em sua jornada para o exterior. E embora viajem na velocidade da luz e devam levar apenas um segundo, o tempo que gastam na jornada é de 1 milhão de anos. O que acontece nessa jornada pela zona radioativa durante todo esse tempo é um grande mistério. Quando os fótons finalmente se formam, eles têm a forma que conhecemos e da qual nos beneficiamos.

O próximo nível, no qual os estudiosos dividem a estrela solar, é a chamada "zona convectiva". Ocorrem movimentos convectivos semelhantes aos que ocorrem quando a água ferve. Nessa zona, a temperatura e a densidade caíram o suficiente para permitir que o plasma ceda lugar a um estado mais propriamente gasoso. Você consegue imaginar o espetáculo grandioso ao observar o colossal oceano de gases de hidrogênio e hélio, saturado com enormes quantidades de energia na forma de fótons prontos para fazer a viagem para o exterior? Demora cerca de uma semana para que os fótons passem por essa zona de turbulência e cheguem à superfície do Sol, a "fotosfera".

Nessa fina camada, com cerca de 300 quilômetros de espessura, a temperatura cai para 5.000 graus Celsius, e é a partir dela que a luz e o calor são irradiados como fótons para o espaço sideral. A maior parte da energia que recebemos do Sol é a luz visível da fotosfera. Essa área parece monótona à primeira vista: um disco com manchas. As manchas solares são áreas do tamanho de um planeta na superfície do Sol, onde a temperatura cai para 2.000 graus Celsius e com alta atividade magnética. Entretanto, essas "manchas solares" são de grande interesse para os cientistas devido à relação entre certas mudanças na atividade solar e fenômenos na Terra. Alguns astrônomos acreditam que as manchas solares estão relacionadas a fenômenos meteorológicos na Terra, incluindo um pequeno período glacial na Europa no final do século XVII.

Mais para fora, encontramos a "cromosfera", uma camada de densidade muito baixa que se estende por cerca de 3.000 quilômetros da superfície. Ela só pode ser vista em sua totalidade pelo olho humano, como um anel

avermelhado, durante os segundos que antecedem e sucedem um eclipse solar total. Ao nos aproximarmos das fronteiras mais externas da cromosfera, a alguns milhares de quilômetros da superfície do Sol, a temperatura aumenta inexplicavelmente, chegando a 20.000 graus Celsius. Finalmente, quando chegamos à chamada "região de transição", uma pequena área de cerca de 150 quilômetros, a temperatura aumenta ainda mais acentuadamente, chegando a 1 milhão de graus Celsius. Pode-se dizer que se sabe muito pouco sobre essa região que precede a "coroa". Ela continua sendo um mistério e é a menos compreendida de todas as partes do Sol.

A coroa ocupa uma área de espaço maior do que o próprio corpo físico do Sol, alcançando de 2 a 3 milhões de quilômetros além da fotosfera, a pele da estrela. As temperaturas sobem ainda mais, variando de 1 a 5 milhões de graus Celsius. Como se explica que o calor superlativo que emana do núcleo do Sol, com uma temperatura de 15 milhões de graus Celsius, primeiro caia para 5.000 graus na superfície e depois suba à medida que nos afastamos da superfície solar para 5 milhões de graus a uma distância de 2 a 3 milhões de quilômetros? Aparentemente, isso está em conflito com as leis básicas da termodinâmica. De onde vem esse aumento térmico nas proximidades do Sol?

A coroa é basicamente um campo eletromagnético invisível que só pode ser observado, como a cromosfera, no caso de um eclipse solar total. O motivo disso é que a própria luz do Sol, do ponto de vista óptico, faz com que a luz da coroa pareça inexistente quando observamos o todo, mas, durante o eclipse, a Lua age bloqueando o corpo solar e nos permite ver a luz da coroa. O que observamos nesse momento é um formato de coroa que muda, dependendo dos ciclos de manchas solares que ocorrem na fotosfera. Para os cientistas, a coroa continua sendo uma grande incógnita e eles têm sérias dificuldades para explicar sua existência. Entretanto, do ponto de vista da parapsicologia moderna, as pessoas e os seres vivos em geral possuem ao seu redor um campo energético de radiação luminosa multicolorida invisível ao olho humano, mas que pode ser medido com dispositivos como a câmera Kirlian. A fotografia Kirlian é uma técnica descoberta por acaso em 1939, que consiste no fato de que, quando qualquer corpo vivo ou inanimado é exposto a um determinado campo eletromagnético, ele entra

em ressonância com energias sutis, possibilitando a captura desses campos energéticos em um filme fotográfico comum. Esse campo eletromagnético é conhecido como "aura" na tradição esotérica e é atribuído a ele a condição de refletir o estado mental de quem o possui. Afirmando que a coroa é a aura de plasma que envolve o Sol e as estrelas, algo muito difícil de ser admitido pela maioria dos cientistas atuais, que não consideram verdadeira nem a existência da aura nem a proposição de que o Sol possa ser um ser vivo com inteligência e autoconsciência.

Continuando nossa análise descritiva, passamos agora a um dos fenômenos mais intrigantes produzidos pela coroa: o vento solar. À medida que a distância da coroa em relação à superfície solar aumenta, seu campo magnético diminui. É nesse momento que o material gasoso é expelido para o espaço sideral. Esse fluxo constante de material da coroa, o vento solar, consiste principalmente de partículas carregadas, especialmente prótons, elétrons e partículas alfa. O vento solar varre o nosso sistema planetário a velocidades superiores a 3 milhões de quilômetros por hora. Podemos nos perguntar quais são os efeitos desse vento solar em cada um dos planetas do sistema, bem como nos seres que os habitam. Quando o vento solar chega até nós, ele forma o campo magnético da Terra em uma configuração em forma de pêra. A magnetosfera da Terra é uma camada formada pela interação do magnetismo da própria Terra com o vento solar. Por esse motivo, sua forma e tamanho mudam continuamente, devido à exposição constante ao vento solar.

Da astrofísica, passamos para a física quântica. Ela estuda os fenômenos do universo do ponto de vista da totalidade das possibilidades. O termo "quantum" vem de quantum, que é a menor unidade de luz. Os experimentos realizados nos laboratórios mais avançados que estudam a física de partículas mostraram que no menor nível da matéria, o das partículas elementares, "tudo é energia", o que soa muito parecido com o primeiro princípio hermético de que "tudo é mente".

Para entender melhor, poderíamos dizer que "a matéria é energia condensada" e, se formos um pouco mais longe, "a matéria é luz condensada". A natureza da luz, assim como a do Universo, é dual, o que faz com que ela se comporte, ao mesmo tempo, como uma onda e como

uma partícula, algo que os cientistas conhecem como "dualidade onda-corpúsculo". A matéria e a energia são dois pólos da mesma essência universal: a luz. O homem é formado por essa mesma substância universal: luz pura e radiante. Descobertas científicas recentes estão ratificando algo que os sábios da antiguidade já sabiam: que "o ser humano é basicamente luz". Com esse conhecimento científico em mãos, expressões como "o ser humano é um ser de luz" e muitas outras que se tornaram populares em várias religiões e filosofias deixam de parecer fantasias sem fundamento e assumem seu verdadeiro significado.

O Universo e tudo o que há nele é um sistema de energias em vibração contínua, ou seja, as moléculas que compõem qualquer matéria, inclusive nossos corpos, estão em constante vibração. Nossos corpos criam, portanto, faixas de energia eletromagnética com um determinado comprimento de onda, o que lhes permite emitir e receber informações simultaneamente. Dessa forma, estamos em comunicação contínua com uma matriz holográfica universal. Essa matriz universal é essencialmente a luz, e a maneira como nos comunicamos com ela é um código de luz. A velocidade da luz é uma constante matemática que reflete a relação entre espírito e matéria, macrocosmo e microcosmo, o divino e o humano.

Além do que a ciência está começando a aprender sobre a estrela central do nosso sistema planetário, há o conhecimento da antiga doutrina hermética. Essa doutrina ensina que as estrelas, os sóis, são o equivalente aos neurônios cósmicos que formam as redes neurais celestiais. O sol é um portal pelo qual o Ser Cósmico vivo e infinito, do qual tudo procede, transmite e recebe informações para todos os seres e objetos do sistema solar, inclusive o ser humano. Cada estrela ou sol constitui um núcleo cósmico cuja missão é transmitir as frequências luminosas que determinam as características de cada lugar e época: o nível médio de consciência alcançado pela população. A linguagem que utiliza para fazer isso é o código da luz: o biofóton.

As antigas tradições secretas sabiam que o sol era um portal para um nível mais elevado de consciência. No Egito, Ra era o criador, sendo a quintessência de todas as manifestações. Shamas era o Deus do Sol na antiga Mesopotâmia. Hélios, na Grécia, e Apolo, em Roma, representavam

o disco solar. O culto de Mitra no Irã e na Pérsia também era solar. Inti entre os Incas, Tonatiuhatéotl entre os Astecas ou a dança do Sol dos índios Lakota da América do Norte são alguns dos muitos exemplos que refletem a importância de sua adoração em todas as civilizações. O advento da era pisciana, e com ela o cristianismo, marcou um hiato na exaltação do disco solar, embora a própria religião cristã também se baseie no culto ao Sol. O que aconteceu foi que esse conhecimento primordial foi ocultado da grande maioria das pessoas devido à manipulação gerada dentro da Igreja, a organização humana que administrou a religião dominante no Ocidente nos últimos dois mil anos.

No alvorecer da era de Aquário, será de conhecimento geral que Jesus Cristo foi a recriação humana de um mistério cósmico. O mito de Cristo foi concebido e criado por alguns homens, o que não diminui nem um pouco sua mensagem de amor universal e seus ensinamentos iniciáticos. Na nova era de Aquário, a mensagem oculta do Cristo será disseminada e o papel dominante que o Sol sempre desempenhou será restabelecido em bases científicas.

No apêndice C, é explicado como o ponto de vista do observador é determinante na visão ou percepção da realidade existente. O mistério do Sol será desvendado durante a era de Aquário, porque o ponto de localização dos observadores mudará em relação ao ponto em que estava situado durante a era de Peixes. Nos anos 1500, a visão européia considerava a Terra como o centro do universo e colocava o Sol girando em torno dela. O geocentrismo prevalecia e a observação (egoica ou egocêntrica) dos processos astronômicos apoiava indiscutivelmente essa ideia. Ninguém poderia sequer pensar em questionar sua comprovação. Foi preciso mudar a localização do ponto de vista do observador, graças ao uso do telescópio, para que ele deixasse de ser egocêntrico e para que a sociedade percebesse a ilusão em que estava imersa.

O observador deve se posicionar fora do sistema para não ser enganado. Hoje, os analistas e exegetas bíblicos vivem em uma ilusão sobre a figura de Jesus porque seu ponto de observação está imerso no próprio sistema que observam. Na era de Aquário, saberemos que a história de Jesus de Nazaré, um homem feito deus, foi uma invenção, uma representação

infantil e humanizada de forças cósmicas superiores. Alguns que lerem estas linhas pensarão que o escritor perdeu a cabeça, porque ele classificou a representação de Jesus como um pensamento originado do ego. Para entendê-la em toda a sua magnitude, convido-os a diferenciar a mensagem do mensageiro ou, em outras palavras, a estabelecer diferentes pontos de observação sobre o mesmo objeto, algo que é bastante difícil no atual estado de evolução do ser humano. Não foi egocêntrico pensar que a Terra era o centro do Universo? Não é egocêntrico pensar que o homem é inteligente e o Sol não?

A humanidade sempre precisou humanizar todos os fenômenos cósmicos e colocar o homem como o centro do Universo para que certos conhecimentos pudessem ser compreendidos pelas mentes infantis, dualistas e egoístas predominantes na sociedade. No entanto, o cristianismo, assim como outras religiões das quais se inspirou, é um sistema de adoração ao sol que recebe a importância e o reconhecimento que merece. Acontece que os textos cristãos originais foram manipulados ou obscurecidos.

O cristianismo está fundamentado em dois pilares: a cruz e a figura de Jesus Cristo. Em todo o mundo, a cruz é considerada o símbolo por excelência do cristianismo, o local onde o salvador da humanidade morreu. Católicos e protestantes a utilizam em colares, pulseiras, anéis, chaveiros e outros itens de vestuário. Afinal de contas, Jesus foi crucificado em uma cruz... ou não?

O que a grande maioria das pessoas não sabe é que, muito antes da vinda de Cristo, os pagãos já usavam a cruz como símbolo religioso. Tau é o nome grego da letra T, que tem o formato de uma cruz e era usada pelos egípcios e, mais tarde, adotada pelos cristãos coptas. Quais são as origens da cruz Tau? A forma babilônica original da letra T era †, idêntica às cruzes atuais usadas pelos cristãos. Essa letra era a inicial de Tammuz, um deus babilônico que guardava os portões do céu. Essa letra era desenhada, durante o batismo, na testa daqueles que eram iniciados nos mistérios herméticos... As virgens vestais da Roma pagã usavam o símbolo em seus colares, assim como as freiras usam hoje... e é difícil encontrar uma tribo pagã onde o símbolo da cruz não seja encontrado...

Com relação à figura de Jesus Cristo, é preciso dizer que 25 de dezembro, no antigo calendário juliano, era o dia em que se celebrava o festival pagão do Deus Sol Invictus (Deus Sol Invencível). Mais tarde, na época do imperador romano Constantino (306-337), esse festival em homenagem ao Sol foi adotado pelo cristianismo como Natal (do latim Nativitas) em homenagem ao nascimento de Jesus Cristo. É impossível negar a evidência de que a data do nascimento de Jesus Cristo coincide com a data do solstício de inverno... ou talvez não?

Apesar de tudo isso, o cristianismo cumpriu sua missão e sua verdadeira mensagem de amor se tornou popular, mas é preciso sempre ter em mente que suas verdadeiras origens eram pagãs, mesmo que a história na qual sua expansão se baseou tenha sido do tipo Walt Disney. Mas, como diria Kipling, essa é outra história da qual tratarei em um texto posterior.

A verdadeira religião científica da era de Aquário ensinará que os seres humanos devem se aproximar da luz, do calor e da vida do Sol, ou seja, buscar a sabedoria que ilumina e resolve os problemas. Despertar a consciência para Cristo significa despertar a consciência solar, algo que não é novo nas antigas tradições iogues. Quando o ser humano é capaz de observar sua existência do ponto de vista do sol, o ego (o ponto de vista da Terra) é reduzido à sua expressão mínima e as ilusões que mantêm o eu prisioneiro acabam, proporcionando uma visão clara e objetiva da existência. Obtém-se um conhecimento científico e espiritual mais elevado. Essa arte tem sido conhecida desde o início dos tempos por certos indivíduos que carregaram a chama desse conhecimento com discrição, dependendo da época. Na era de Aquário, chega o momento em que o portador da água (Aquário) mostrará o verdadeiro conhecimento do Sol (Leão).

Ao fazer samyama no Sol (vem) o conhecimento do mundo.

Sutras de ioga de Patanjali

Toda a vida no sistema solar depende do sol. As plantas são nutridas diretamente por ele, por meio do processo conhecido como fotossíntese,

que converte matéria inorgânica em matéria orgânica graças à energia fornecida pela luz; em resumo, um processo usado por plantas e outros organismos para transformar a energia luminosa em energia química. Essas plantas são então incorporadas à dieta dos animais superiores da cadeia alimentar, inclusive os seres humanos. Quando comemos, o que estamos fazendo em um nível energético é incorporar a energia solar em nossos corpos na forma de pão, trigo ou outros alimentos. Mesmo quando comemos carne, o resultado energético é que incorporamos em nosso organismo, por meio do processo de digestão, a energia luminosa que o animal havia assimilado e condensado anteriormente.

Os seres humanos podem se nutrir diretamente da energia luminosa proveniente do sol? Há uma técnica ou ritual que está ganhando cada vez mais adeptos, cuja origem se perde nas brumas do tempo e que atualmente está sendo popularizada por Hira Ratan Manek, sob o nome de sungazing (olhar para o sol). Tudo o que se deve fazer é olhar para o sol em horários seguros. Isso é o que se entende por sungazing ou a arte de olhar para o sol.

Ao olhar para o sol, o que só deve ser feito ao nascer ou ao pôr do sol para evitar danos, o corpo recebe energia do sol. Os seres humanos têm receptáculos especiais em seus olhos e em outras partes do corpo que lhes permitem assimilar a energia do biofóton do sol. Por meio da observação do sol, fazemos nossa própria fotossíntese. Essa prática de contemplação do sol, durante a era de Aquário, receberá o reconhecimento que lhe falta atualmente, e a verdadeira base científica na qual ela se fundamenta se tornará bem conhecida.

APÊNDICE C

CHAVES PARA O DESPERTAR.

Estou tentando libertar a tua mente, Neo. Mas só posso mostrar a porta. Tu tens de atravessá-la.

Morpheus, Matrix

AO DESPERTAR DO SONO da Matrix, é possível perceber o mundo real, a verdade. Agora, o que é a verdade? Existe uma verdade objetiva?

O falso é confundir o errôneo com o verdadeiro; confundir a aparência com a realidade; confundir a forma com a essência. Uma pessoa incapaz de distinguir objetivamente entre o verdadeiro e o falso inevitavelmente viverá uma existência irreal como consequência de sua interpretação fantasiosa motivada por um perigoso relativismo cultural e filosófico. Nas sociedades modernas, um mantra cultural errôneo se impôs, afirmando que a verdade não é objetiva e que uma pessoa só pode chegar à sua verdade subjetiva, sendo o contrário uma missão impossível. Conheço esse modo de pensar,

onde ele foi criado e com que finalidade... E você ficaria surpreso com o que está por trás dele.

A grande maioria das pessoas neste planeta vive nessa situação, em um grau maior ou menor, sem sequer perceber. Elas conduzem sua existência como consequência de visões e esquemas completamente ilusórios que existem apenas em suas mentes, mas que não têm existência objetiva na realidade imparcial. Dessa forma, as reações vitais, emocionais, culturais e religiosas dessas pessoas ocorrem com base em percepções e conflitos que só existem em sua imaginação, com base em estímulos que nunca existiram como elas acreditam ser percebidos. Cada pessoa vive em um universo completamente diferente que corresponde a uma visão e percepção distorcidas da realidade. Entretanto, e esse é o ponto importante, existe apenas um universo na realidade objetiva; as outras versões do universo estão apenas na mente de cada pessoa. Esse processo foi denunciado pelos sábios orientais desde o início dos tempos. Eles dizem que a existência é maya. Mas são muito poucos os que conseguem compreender o que eles realmente querem dizer... novamente porque o resíduo de fantasia em suas mentes não lhes permite compreender a essência objetiva das coisas.

A maioria das pessoas vive completamente alheia ao ambiente espaço-temporal que habita; são incapazes de vê-lo, conhecê-lo e, é claro, vivenciá-lo... Elas vivem em um microuniverso de fantasia duplicado, sem correspondência com a realidade. São fantasmas vivendo em um mundo imaginário. Como consequência, sua essência espiritual não pode se expressar no espaço e no tempo... no aqui e agora. A existência é maya e o homem não entende a existência, o que está acontecendo dentro de si mesmo ou onde ele está localizado nesse contexto imaginário. Cercado por teias de aranha e devaneios... ele está DORMINDO... não é de se admirar que esteja perdido.

Agora, é importante saber que é possível DESPERTAR para a existência real que permanece oculta por trás das aparências e, assim, conhecer a verdade objetiva do Universo, da existência e de cada situação concreta. O processo deve ser muito gradual, na grande maioria dos casos, pois a experiência pode ser traumática. Há muitas opiniões, mas apenas uma verdade. Entretanto, cada pessoa pensa que sua opinião é a verdade

genuína. E, no entanto, acima dessas opiniões está a verdade objetiva: o que é. Essa verdade objetiva mantém sua validade em qualquer local espaço-temporal.

Para conseguir isso, o primeiro passo é reconhecer sua existência. Precisamos superar o falso dogma cultural que proclama sua inexistência e a impossibilidade de alcançá-la. Essa crença limitadora foi implantada nas mentes humanas com um objetivo claro: impedir sua realização. Se você não acredita que algo existe, é impossível encontrá-lo...

Depois de superar esse primeiro obstáculo, é hora de falar sobre um aspecto essencial para alcançá-lo: a localização ou o posicionamento mental do observador. A chave está na capacidade que você desenvolve para "posicionar-se como um observador do lugar certo" e, assim, transcender visões ou pontos de vista localizados em seu próprio ego. Por localização mental, estou me referindo ao posicionamento ideológico, cultural e religioso de cada pessoa, que é o resultado de sua educação, condicionamento, experiências, crenças e desejos. O resultado é um posicionamento diante da vida e de si mesmo. Isso significa que, mentalmente falando, cada indivíduo permanece em um lugar fixo durante toda a sua existência, com mudanças apenas aparentes. As pessoas preferem permanecer em um posicionamento mental permanente e familiar em vez de mudar, o que lhes dá uma falsa segurança. E, no entanto, a mudança é a realidade substancial do Universo, conforme afirma o Princípio Hermético da Vibração: "nada está parado; tudo se move; tudo vibra".

Desse posicionamento do observador em um ponto de vista inamovível surge a impossibilidade de conhecer a verdade objetiva, já que não é possível encontrá-la quando se acredita que ela é conhecida ou se pensa que ela não existe. É por isso que as filosofias orientais enfatizam que é sempre necessário esvaziar a xícara antes de enchê-la. As pessoas se apegam às suas crenças, sem ter consciência do que estão fazendo. Além disso, elas se orgulham disso e acreditam (acreditar é o oposto de consciência) até mesmo que a inflexibilidade de suas ideias as torna mais fortes. Elas só reconhecem como verdades aquelas que já instalaram em sua mente, em seu programa cerebral. Não percebem que seu posicionamento mental é justamente a barreira que os impede de acessar a verdade. Será que alguém que vive no

ilusório consegue distinguir o que é real do que não é? Será que alguém que vive no ego consegue sequer saber o que é o ego? Será que os homens da Idade Média, sem o auxílio de telescópios que lhes permitiam mudar seu ponto de observação, conseguiam perceber que o sol não girava em torno da Terra?

Para entender isso, é necessário refletir. A verdade tem muitas faces, ou seja, muitos ângulos de visão. Entretanto, uma única face não é a verdade objetiva. As opiniões, na maioria dos casos, emanam do posicionamento do observador em um único ângulo de visão, um processo pelo qual a pequena parte da verdade ou da razão que o observador pode ter se torna uma falsidade absoluta.

Para entender o dano causado pela posição cega e imóvel do observador em um único local (esse é o verdadeiro ego), basta observar qualquer conversa para perceber como os parceiros da conversa se enredam na teia da semântica das palavras sem chegar perto do conteúdo delas. Se a verdade tem muitos ângulos de visão, é óbvio que somente a pessoa que tem a capacidade de esvaziar sua mente de conhecimentos e crenças culturais estabelecidos, bem como a capacidade de variar seu ponto de vista como observador, será capaz de chegar a uma compreensão objetiva das situações. Ao se posicionar em diferentes locais mentais e emocionais, ela poderá observar o diamante de inúmeros ângulos.

Se você estiver como observador em frente a uma montanha, achará impossível ver o que está por trás. Você pode estar olhando para uma encosta seca e estéril, mas o que está por trás é fértil, verde e cheio de árvores. Imagine uma montanha com 71 encostas diferentes e você entenderá como é difícil ver a realidade. Agora, se você pudesse olhar para todos os lados da montanha com a mesma atenção, o que aconteceria?

Sim e mil vezes sim! É possível chegar a conhecer a verdade absoluta, o que torna o conhecedor um verdadeiro sábio. Deve-se entender que tal empreendimento, além de difícil, não é possível enquanto o indivíduo permanecer ideologicamente preso a um único ângulo de visão (ego). O indivíduo se torna rígido com base em seu pensamento gerado a partir de uma localização mental inamovível. O acesso a todos os lados da verdade é

impedido pelo próprio posicionamento interno do indivíduo, o que torna impossível ver o todo.

Nesse ponto, o que se segue é de extrema importância: como esse objetivo desejado pode ser alcançado? O indivíduo precisa alcançar o que chamarei de "divisão da consciência". Poucos serão capazes de entender isso, pois nem mesmo o conceito de consciência é bem compreendido em geral. Espero que você, caro leitor, seja um dos que entendem. Ser capaz de desdobrar a consciência (o que você percebe conscientemente) é ser capaz de perceber situações que transcendem o espaço e o tempo, sem que a consciência permaneça ancorada em uma posição fixa.

Não é possível que exista alguém que não esteja programado e, portanto, não esteja sujeito a padrões fixos de comportamento? Alguém que não seja de uma maneira particular, que não tenha uma personalidade definida, mas que tenha transcendido os padrões emocionais e mentais da sociedade em que vive e que expresse por meio deles uma realidade mais elevada. A divisão da consciência, ou a capacidade de colocar o ponto de vista do observador em diferentes posições ao mesmo tempo, é essencial para a apreensão de uma verdade objetiva das coisas. Nas verdadeiras escolas iniciáticas, ensina-se que "todo sábio deve ser onipresente, ou seja, estar em lugar nenhum e em todos os lugares ao mesmo tempo".

No entanto, não pretendo enganar ninguém dizendo que isso é algo simples, pois corresponde, na alquimia espiritual, a um dos mais altos níveis de realização e sua obtenção exige trabalho e esforço constantes. A evolução espiritual e o despertar da consciência não podem ser separados de um processo de compreensão. Requer, além disso, o fermento espiritual que só pode ser recebido de alguém que já passou pelo mesmo processo, de alguém que percorreu o caminho: o professor, o portador da água. Ao mesmo tempo, o neófito deve ter uma quantidade mínima e suficiente desse fermento para poder se beneficiar daquele que lhe será transmitido, honrando os antigos textos de alquimia nos quais se diz que *"para fazer ouro é preciso ter um pouco de ouro"*.